



JOSY STOQUE

ILHA
DE
Ar



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JOSY STOQUE

ILHA
DE AR

Saga OS QUATRO ELEMENTOS

Volume 3

Edição Digital

2013

Revisão – Gisele Galindo
Direito Autoral de Imagem – Alex Anna Buts 2013
Usado sob licença da Shutterstock.com

Copy right ©2013 Josy Stoque

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução o de qualquer parte desta obra, qualquer que seja a forma utilizada – tangível ou intangível –, sem o consentimento escrito da autora.

ÍNDICE

PRÓLOGO

CARNAVAL

DÚVIDA

CINZAS

SUSPEITA

IDEIA

TREINAMENTO

BALADA

PREPARAÇÃO

ÁGUA-MARINHA

FORÇA

FAMÍLIA

LIVRE

REVIGORADO

CONECTADO

ORGANIZAÇÃO

RECONHECIMENTO

ESTRATÉGIA

RESSENTIDA

RESPONSÁVEL

INTUITIVA

FANFARRÕES

INSEPARÁVEIS

SEPARADOS

DESAPARECIDO

DESERTO

MIRAGEM

TRANSTORNO

GUARDIÃ

EPÍLOGO: PAPAI

PRÓLOGO

PEIXES

BIOGRAFIA

Para você, meu ar.

Ar

*É da liberdade destes ventos
que me faço.*

*Pássaro-meu corpo
(máquina de viver),
bebe o mel feroz do ar
nunca o sossego.*

OLGA SAVARY

PRÓLOGO

Lembranças. Não quaisquer, mas as que doem mais. Aquele cenário branco embaixo, azul infinito à frente e verde atrás traziam à tona recordações dolorosas para mim. Minha mente se agitou convulsiva enquanto me mantinha paralisado, permitindo apenas que elas me assultassem e, por fim, me deixassem prosseguir.

Primeiro flash.

Tenho apenas um ano. Não posso enxergar direito. Protejo meus olhos com o braço fino contra o reflexo do sol. É muito branco. Muito claro. Dói. Está muito quente. Meu suor e lágrimas se misturam e sinto seu sabor salgado e amargo em minha língua. Picadas salpicam minha pele exposta, ricocheteadas pelo vento. Um brilho intenso no branco ofusca minha visão. Tento pegá-lo e descubro uma pedra azul-esverdeada. É tão linda.

Segundo flash.

O branco é gigantesco. Forçando a vista, só vejo o chão claro ao meu redor. Muito longe, meus olhos divisam o azul. Uma linha sutil o separa em dois tons, um mais claro e outro esverdeado. Gosto do azul, mas está tão distante e estou sozinho. Sou tão pequeno. Como poderei alcançá-lo? A espuma branca corre em minha direção com leveza, me convidando. Lágrimas continuam a verter de meus olhos. Por que estou só?

Terceiro flash.

Um homem se aproxima de mim e me pergunta se estou bem. Não consigo responder. Ele é bom. Leva-me, me dá comida e água. Paro de chorar. Não estou mais sozinho. Ele promete que nunca mais ficarei. Sinto-me feliz quando me leva para morar com ele. Uma casa muito grande. Um quarto cheio de brinquedos para mim. Ele é meu pai agora. A mulher bonita não fica feliz quando me vê, mas ele me ama e cuida de mim.

Quarto flash.

Vivi apenas treze anos ao lado de meu querido e amado pai. Deus o tirou de mim cedo. Nunca mais conseguirei ser feliz de novo. O que vai ser de minha vida sem ele? Minha mãe não me ama. Estou só outra vez. Isso não é justo! Meu pai havia prometido que isso não aconteceria de novo. Ele descumpriu sua promessa. Não, ele estava velho e doente, precisava descansar. Preciso entender e continuar vivendo como me ensinou.

Último flash.

Mamãe também não ficou feliz com a morte de papai. A gente não conversa há muito tempo, mas hoje resolveu quebrar o silêncio. Teria sido melhor que nunca mais tivesse falado comigo. Por que veio descontar toda sua raiva e tristeza em mim? Será que ela não vê que

também estou triste? Também o amava! Por que inventou agora que não sou filho deles? Por que me mostrou o documento de adoção?

Respirei fundo ao término da sequência de lembranças amargas para me recompor. Por fim, as recordações tinham o poder de me tornar mais forte para enfrentar a vida, as dificuldades e as surpresas. Minha história não começou perfeita, mas tinha o controle sobre mim mesmo e poderia conquistar um grande desfecho.

Meu momento solitário terminara.

CARNAVAL

Mal chegou ao camping na Vila Itaúnas – em Conceição da Barra, Espírito Santo – e Nicolas Bertoldi já estava a caminho do Parque Estadual de Itaúnas preparado para um de seus passeios preferidos. Todo ano, durante o carnaval, era a mesma cerimônia, porém o cenário mutável das dunas sempre lhe garantia uma paisagem diferente para observar.

Com cerca de trinta metros de altura, a areia proporcionava um mirante natural para a contemplação do lugar. À frente, o mar infinito e agitado se encontrava com o céu, pintando a paisagem de azul. Atrás e ao redor das dunas, remanescente da Mata Atlântica emoldurava o cenário paradisíaco, recortado pelas águas escuras do rio Itaúnas.

Parado diante da exuberância daquela reserva natural de fauna e flora da costa brasileira, Nicolas era uma miragem no deserto, um oásis nas areias infinitas. O cabelo negro agitado pelo vento, os olhos azul-turquesa fixos no horizonte além das dunas, o rosto sem expressão, de traços angulosos e bonitos, coberto por uma barba curta e bem aparada. A boca vermelha em destaque.

O corpo musculoso, forte e alto, vestia uma camiseta cavada branca e uma bermuda bege. Seus pés calçavam uma sandália confortável e leve. Sua pele era muito clara apesar de frequentar praias com regularidade. Era um homem bonito demais para passar sem ser notado.

Além da beleza do cenário, Nicolas olhava para dentro de si mesmo. Foi naquele lugar que sua vida começou, há trinta anos quando Ângelo Bertoldi, empresário do setor metalúrgico que possuía uma casa de praia na badalada Conceição da Barra, o adotou. Tudo levava a crer que fora abandonado pelos verdadeiros pais.

Aos cinquenta e seis anos, Ângelo ainda não tinha herdeiros. Sua mulher, Celeste, de apenas vinte e oito, depois de tentativas naturais, se submetera a um tratamento de fertilidade infrutífero que revelara sua esterilidade, causada por uma doença incurável no útero. Era jovem, mas infeliz porque não poderia realizar o maior sonho de seu marido.

A adoção de Nicolas era uma benção para Ângelo e um pesadelo para Celeste. O casamento se deteriorara a partir daí. A atenção e o amor do empresário se voltaram exclusivamente para Nicolas e a mulher vivera longos e solitários treze anos. Ela, apenas um bibelô que o marido exibira em festas e eventos sociais.

Nicolas não sabia o que era ter uma mãe amorosa. Apenas o pai – que o amara e mimara demais –, adorara. Fizera todas as suas vontades e desejos. Tentara imitá-lo em tudo e prometera seguir seus passos quando adulto. Ângelo buscara no filho a vontade de herdar a fábrica de aço inox, sediada em Vitória, capital do estado, onde residiam.

O que mais atormentava Celeste era perceber o quanto seria fácil amar Nicolas. Desde o primeiro dia, notara a amabilidade e o carisma próprios de sua personalidade marcante. Fazia amiguinhos com facilidade e conquistava os adultos com sua doçura, alegria e curiosidade. Mas isso só a fazia se irritar mais com ele.

O teto desabara na casa dos Bertoldi quando o patriarca morrera de uma doença degenerativa. Nicolas, com apenas quatorze anos, perdera sua referência e seu exemplo e Celeste se vira entre a burocracia e a falta do marido. Com raiva, descontara toda sua frustração no filho. Culpara Nicolas de ter roubado o amor de Ângelo e muitos anos de felicidade. Fora a pior discussão entre eles.

– Também o amava, mãe! – respondera Nicolas. – Ele era meu pai!

– Para de repetir isso, moleque! – retrucara Celeste. – Você não é nosso filho!

Chorando, a mãe contara sobre a adoção. Daquele dia em diante, Nicolas se transformara. Sua personalidade revolucionária tomara as rédeas da vida do adolescente. Foram longos quatro anos de mudanças radicais, em relação ao visual e aos ideais. Rock, Greenpeace e música eletrônica, onde finalmente se encontrou.

Tocar era uma terapia, além dos esportes radicais que o faziam literalmente flutuar. Amava a sensação de liberdade que vivia nesses momentos e quanto mais livre se sentia, mais Celeste tentava aprisioná-lo; e quanto mais ela tentava, mais longe ficava de conseguir. Fora no verão depois de sua formatura de segundo grau que a tênue linha que ligava mãe e filho começou a se romper. Nicolas se apaixonara por uma menina de Conceição da Barra e lhe dera uma joia que pertencia a Celeste.

Irritada, a mãe exigira que o filho voltasse com ela imediatamente para Vitória, se inscrevesse na faculdade de administração e estagiasse na siderúrgica. A faculdade se tornara uma longa parte de sua vida, quase uma extensão de sua casa desde então. Apesar de sua inteligência e perspicácia, Nicolas era inquieto e criativo. Tinha milhões de ideias. Por isso, o curso de administração durara apenas um semestre, mas lhe dera um grande e inseparável amigo, Giovanni Pagotto.

Depois de se matricular em mais quatro cursos diferentes, voltados mais para a ciência, e não se formar em nenhum deles, Celeste deu um ultimato ao rapaz, agora um adulto de vinte e seis anos: ou ele virava um homem ou que se virasse sozinho. Isso fez com que saísse de casa e dividisse um apartamento com o amigo.

Enquanto o filho não se decidia por qual caminho seguir, Celeste Bertoldi se via diante de acionistas, burocracia e relatórios que não entendia da fábrica de aço. Depois de muito teimar e quebrar a cabeça, a mulher resolveu assumir a presidência da empresa com os cinquenta por cento herdados do marido.

No início, Nicolas colaborara e apoiara a mãe – na medida do possível – com ideias e com suas próprias ações que permitiram a ela controle acionário da fábrica. Como tempo, Celeste aprendera a lidar com as dificuldades do cargo e passou a ser uma grande conhecedora do mercado metalúrgico. Depois do rompimento definitivo, Celeste chamara o filho à empresa. Fria como uma mulher de negócios, fora direto ao ponto.

– Como acionista desta empresa você tem o direito de participar das reuniões do conselho e de receber o valor referente à sua porcentagem nos lucros. Porém, agora que assumi a empresa e você é maior de idade, gostaria de lhe propor que me venda suas ações para que fique livre das obrigações nesta empresa. Com o dinheiro, poderá viver por muitos anos mantendo o nível de vida ao qual está acostumado.

Nicolas não precisara pensar muito para responder.

– Obrigado, mas não gostaria de me desfazer das ações.

Pensou que eram a única coisa que sobrara de seu pai, por mais que até o momento não fizera nada do que prometera a ele, nem se descobrira na vida ainda.

– No entanto, gostaria de mantê-las sob sua custódia provisória. Assim poderá permanecer na presidência. – Não perderei o patrimônio que meu pai me deixou, concluíra em pensamento.

O rosto bronzeado e com marcas de idade da elegante mulher do outro lado da mesa se contraíra. Os olhos da cor da terra se estreitaram. Os lábios finos se apertaram, tornando a linha ainda mais rígida e dura. Como uma mulher tão pequena consegue parecer tão assustadora?, refletira o filho.

– Bem, se é assim que deseja – respondera finalmente. – Mas terá que comparecer às reuniões quando convocado.

O tom era mais como um aviso do que uma observação.

– Faça questão de acompanhar o andamento da empresa de nossa família.

Celeste Bertoldi tentara, em ocasiões posteriores a essa, convencê-lo a vender as ações. Mas continuara irredutível na decisão e no pouco interesse tanto pela presidência quanto pela fábrica. No início, ela temera que ele reivindicasse seus direitos como um dos maiores acionistas, mas nunca o fizera.

Fora em uma conversa com Giovani que Nicolas finalmente descobriu o que fazer da vida. Como filho do maior fabricante de chocolate do país, o melhor amigo tinha um sentido nato de empreendedor e finalizara o curso de administração, o MBA em Marketing e agora cursava MBA Executivo e Inteligência em Negócios, módulo presidencial, em uma das instituições mais conceituadas de Vitória.

Giovani era sensível à habilidade enrustida de Nicolas. Como idealizador, tinha muitas

ideias e pouca prática. No entanto, várias que trocaram deram certo e por isso, o amigo passara a consultá-lo mais vezes. Em outras oportunidades, levava questões de outros ramos e de colegas.

– Por que você não se torna um consultor de ideias? – perguntara Giovani no meio do papo durante um almoço.

Primeiro, rira da sugestão. Rira bastante, mas o amigo permanecera impassível, absorto na própria ideia. O rapaz tinha a mesma idade de Nicolas, porém, como era bem bronzeado – amante de praia e surf – parecia mais velho. Os olhos castanhos eram descontraindo e francos. Também usava barba aparada, o que deixava seu rosto de queixo pontudo menos alongado. Apesar de ser pouca coisa mais baixo que o amigo, tinha ombros e peitoral mais largos. Nicolas engolira em seco antes de responder.

– Você está falando sério, não está? – Giovani confirmara com um aceno.

– Bem, nunca ouvi falar de uma profissão assim, mas alguma coisa me diz que pode dar certo.

– Tenho certeza que vai, apesar de que é você que sempre tem essa certeza – retrucara sorrindo, aumentando ainda mais as maçãs salientes do rosto. – Mas pelo que conheço dessa sua capacidade de dizer se uma ideia vai dar certo ou não, posso apostar que será um sucesso entre os executivos.

A partir desse dia, Giovani passara a conseguir os clientes e Nicolas a atendê-los. Como empresários ricos e renomados, a clientela do rapaz exigia um tratamento vip. Não precisava de um escritório. Como era um negócio pouco convencional, normalmente acontecia em um ambiente descontraído, durante um almoço ou um jantar.

A vida de Nicolas ficara tão agitada quanto sua personalidade inquieta exigia. Acordava por volta das dez horas, tomava um café da manhã leve e saía para correr na praia a um quarteirão de seu apartamento ou na Ilha do Papagaio, uma reserva ecológica situada em um pico à beira-mar na Enseada do Suá, bairro nobre de Vitória, onde morava. Ao meio-dia, almoçava com algum cliente em um restaurante luxuoso. Aproximadamente às quatro horas da tarde, ia para a academia treinar musculação. Às dezessete ou vinte horas, depois de um banho revigorante, jantava com outro cliente. Depois disso, encontrava-se com os amigos em alguma balada ou cumpria sua agenda social em uma festa. Aos finais de semana, curtia a praia, o voo livre nas montanhas, passeios para outras cidades em turma, aproveitando shows, baladas e, claro, tocava em boates ou festas privadas.

Giovani tentava acompanhá-lo na maioria das noites. Porém, desde que começara a namorar, se dividia entre um e outro. Era grato por Milene Agostini também ser animada e festeira, como eles, e por isso se enturmara muito rápido. Mas sempre havia momentos que não dava para dividir com os amigos e com a namorada ao mesmo tempo.

Nicolas era uma pessoa totalmente provida de amigos. Seu jeito comunicativo facilitava

fazer amigos em qualquer nível ou com qualquer tipo personalidade, era impressionante. Havia quatro que estavam em qualquer lugar no qual estivesse.

Daniela, Michele, Leonardo e Augusto também eram filhos de pais ricos e se conheceram na faculdade. Eram alguns anos mais novos que Nicolas. Os quatro haviam se formado nos cursos de Ciências Biológicas, Engenharia Ambiental, Oceanografia e Zootecnia respectivamente, dando vazão ao idealismo desenfreado da juventude, assim como o próprio Nicolas o fizera. No final, nenhum exercia as profissões e viviam à custa da mesada dos pais.

Naquela sexta-feira de carnaval, após o almoço, estacionaram a caminhonete Hilux cabine dupla na entrada do prédio de Nicolas fazendo a maior algazarra. Ele descera e colocara suas coisas na caçamba, junto com pranchas de *surfe* barracas para camping e colchonetes.

Sentara na frente com Augusto enquanto Leonardo se acomodara atrás entre Daniela e Michele, e passava os braços ao redor de seus ombros. Eram pouco mais de duzentos e cinquenta quilômetros de Vitória até Conceição da Barra, litoral norte do estado, próximo à divisa com a Bahia.

Atravessaram a ilha, a partir da Baía Vitória, cruzando a ponte que ligava a ilha principal ao continente, depois o aeroporto até chegarem ao município de Serra. Seguiram por Fundão, Ibiraçu, João Neiva, Linhares, Sooretama e São Mateus até Conceição da Barra.

Passaram direto pela cidade e seguiram mais vinte e nove quilômetros por uma estrada de terra até a Vila Itaúnas, distrito da cidade litorânea e sede do parque mais importante do estado. Nicolas observara e aspirara profundamente o aroma dos paredões de eucalipto às margens da estrada.

A pacata vila se reerguera depois de um soterramento histórico pelas dunas do parque, que também afetou o rio Itaúnas, transformando-o em um imenso alagado entre a cidadela e o parque.

Os turistas, já habituados aos modos daquele povo simples movido pela pesca e pelo turismo, encaminharam-se direto ao camping, desocuparam a caçamba da caminhonete e partiram novamente, dessa vez, direto para o Parque Estadual de Itaúnas.

Já tinham planejado ocupar as próximas horas com atividades que amavam naquele paraíso. Deixaram a caminhonete no estacionamento e partiram a pé até os quiosques de atendimento aos turistas. Os quatro jovens se decidiram pelo passeio que descia o rio Itaúnas até o rio Angelim em caiaques.

Nicolas os viu partir, dizendo que não queria água e que faria alguma coisa mais seca. Sozinho, caminhara despreocupadamente pelas dunas e passarelas de madeira até alcançar o ponto mais alto da colina de areia. Lá de cima, pudera ver os parques turistas na praia e contemplar a imensidão do oceano. Inspirar fundo o ar úmido que vinha do Atlântico e caíra em

suas próprias lembranças.

Aquele lugar marcara os eventos mais importantes de sua vida. Recompuesto, voltou sem nenhuma pressa para os quiosques. Estava pronto para comprar seu passeio quando uma voz o chamou. Voltando-se, viu um rapaz moreno e franzino, de cabelos bem curtos e encaracolados, correr em sua direção com um sorriso enorme e brilhante. Usava camisa e calça social, algo parecido com um uniforme.

– Luis Dalbosco! – exclamou quando o rapaz estava a três passos.

– Nicolas Bertoldi! – riu o jovem. – Quanto tempo, cara!

Cumprimentaram-se. Eram amigos de infância desde quando fora adotado por Ângelo. Nos feriados, finais de semana e férias, sempre que Nicolas ia a Conceição da Barra, eles brincavam juntos. Na adolescência, badalaram e azararam muito.

– Tem razão – respondeu. – Deve fazer um ano desde a última vez que nos vimos.

– Com certeza, um ano, cara – concordou Luis. – No carnaval do ano passado. E então, o que mudou em sua vida nesse tempo? Casou?

Nicolas riu faceiro.

– Não, não me casei – respondeu.

– Você não estava namorando aquela moça, como ela chama mesmo? – pensou um pouco antes de se lembrar – Michele!

– Ah, não, Michele é só uma amiga – riu Nicolas. – Nunca namoramos.

– Cara, sinceramente não te entendo. Vi você pegando aquela gata. Bem, tudo bem, não importa. Era carnaval, não é?

Nicolas apenas balançou a cabeça positivamente.

– Mas e Lara, você a tem visto?

O sorriso sumiu do rosto de Nicolas. Por que foi lembrar dessa mulher agora?, pensou.

– Faz um tempo que a vi em um evento social em Vitória – respondeu friamente.

– Eu a vejo quase todo o final de semana. Ela sempre vem para Conceição da Barra ver os pais e os avós.

– Hum – resmungou Nicolas.

Percebendo a distância do amigo, Luis resolveu cutucá-lo.

– Ei, cara, desculpa aí, não sabia que ia ficar tão perturbado em falar de uma ex-namorada.

– Não estou perturbado – retrucou com pressa. – Só não tenho nada a dizer sobre ela. Já era. Acabou há muito tempo.

Luis preferiu deixá-lo em paz e mudou de assunto.

– Que passeio você vai fazer?

– Vou de *buggy* até a praia do Riacho Doce – respondeu mais descontraído.

– Ótima escolha.

Um chamado, meio distante, os interrompeu. Luis acenou em resposta.

– Bem, hora de voltar para o trabalho – se despediu. – Essa vida de carregar turista não é fácil. Ainda bem que o ônibus tem ar condicionado. A gente se vê.

Nicolas o viu correr em direção a um grupo de pessoas que subiam no veículo e outras que grudavam o rosto nas janelas lacradas. Voltou para o quiosque e fechou seu passeio. Acompanhou o motorista e mais dois turistas até o automóvel que os transportaria através das areias de Itaúnas.

As maravilhas daquele cenário totalmente natural, feito pela mão de Deus e conservado pelo homem, tinha o poder de curar minhas feridas. Ao mesmo tempo em que as dunas me feriam – com lembranças dolorosas – também me curavam e me davam fê no amanhã.

Apreciei a brisa provocada pela velocidade em que o buggy corria pela areia. Protegi meus olhos com óculos de sol e deixei que o resto de meu corpo fosse chicoteado pelos grãos. Estava em paz, livre e exatamente onde gostaria.

Apesar de afirmar isso para mim mesmo, não sabia para onde estava indo. Aquela fora uma manhã estranha, cheia de inquietações, mas não sabia o que era. Apenas tinha certeza de que ir para Conceição da Barra e visitar o Parque Estadual de Itaúnas ainda era uma boa ideia.

Minha inquietude não era motivo para cancelar nossos planos. Ao contrário. Era o que devia fazer. Sem ciência de para onde estava sendo levado – nem pelo o quê – insisti em ficar sozinho. Sabia que meu instinto estava sempre certo. Já o havia seguido muitas vezes.

Por isso estava tranquilo. Não que a agitação tivesse desaparecido. Apenas esperava encontrar a resposta ao fim do caminho. Afinal, apreciava aquele lugar, um santuário de vida, e amava festas, estar com meus amigos e fazer novas amizades. Não era nenhum sacrifício estar ali agora.

Meu pai havia me ensinado a amar a natureza. Desviara-me tanto do caminho que trançara para mim, mas não conseguia me arrepender. Tinha certeza de que, se estivesse vivo, entenderia minhas escolhas e me deixaria fazê-las livremente.

Além de meu pai, nunca vi uma pessoa que me entendesse mais do que Giovanni, meu melhor amigo. Compreendia a minha necessidade de ser livre, de vida social, de realização profissional e pessoal. Era uma unidade complexa de tudo isso funcionando junto.

Às vezes era difícil para eu mesmo me entender. Ideias contraditórias me impulsionavam vez ou outra e me confundia frequentemente com lados opostos de um mesmo caminho. Como andar por dois caminhos contrários e permanecer o mesmo?

Também tinha mania de teorizar. Minha mente funcionava há um milhão por hora, sem

descanso. Mas no fim, sempre conseguia conciliar razão e emoção. A maior prova disso era estar no parque naquele momento e frequentá-lo com assiduidade sempre que possível.

Não tinha o hábito de fugir de um desafio, me reinventava ou antecipava o que aconteceria. Não costumava caminhar às cegas. Sempre tinha alguma ideia do que me esperava do outro lado. Era um ótimo observador.

Mas não dessa vez. Algo me chamava. Algo que desconhecia. Quando Luis tocou no nome de Lara, não foi ela que me perturbou, mas sim aquela sensação inquietante se acentuando, quase gritando comigo. Afinal, o assunto 'Lara Costa' não era incógnito para mim, mas a sensação, sim, era nova.

Algo me dizia que não era exatamente ela, a pessoa, ex-namorada, que estava ligada a esse chamado. Mas com certeza tinha a ver com ela e era isso o que mais me perturbava. Há muito nos tornamos quase estranhos e ao mesmo tempo, íntimos. Era difícil de explicar e de compreender.

Estranhos no sentido de convivência. Até hoje, o tempo máximo que ficamos juntos fora dois meses. E íntimos no sentido de pele. Ela exercia uma atração tão forte e irresistível sobre mim que muitas vezes tinha que lutar para não agarrá-la quando a via.

Algumas vezes não conseguia me segurar. E era perturbador como ela não negava. Era tão forte que me assustava. Saía com muitas mulheres, mas dificilmente mais de uma vez com a mesma. Talvez estivesse me tornando nostálgico e apenas revivendo meu primeiro amor.

Terminamos o passeio antes que finalizasse meu pensamento. O sol estava pouco acima da linha da areia no horizonte e em pouco tempo tocaria o mar. Observando, perdi o fôlego diante do cenário. Até agora trafegávamos por uma extensa linha de areia cercada de um lado pelo mar e do outro por um paredão de rocha misturado a areia e restinga.

Agora o paredão se abria em uma fenda larga e funda por onde o Riacho Doce serpenteava em busca do oceano. O manguezal e a formação de corais completavam o espetáculo. Crianças brincavam nos alagados rasos e escuros do riacho enquanto casais se protegiam do sol no quiosque coberto por secas folhas de coqueiros.

Um reflexo chamou minha atenção e me fez respirar novamente por um momento muito breve. Meus olhos encontraram a portadora do objeto. Vestida com uma saída de praia laranja sobre o corpo mulato e sexy – os olhos caramelos tão claros como o sol, o cabelo marrom curto e encaracolado coroadando o rosto liso, a boca marcante e sorridente com dentes brancos e brilhantes–, Lara vinha em minha direção sem que tivesse notado minha presença.

Estava linda e acompanhada. Do lado direito, o irmão caçula Lorenzo, um mulato forte e troncudo, mas bastante semelhante à irmã, principalmente os traços bonitos do rosto. À esquerda, Pietra, era mais baixa e cheia do que a melhor amiga de infância Lara, e sua cor era mais bronzeada do que natural. Não era feia, mas não tinha nem a metade da atratividade da outra. Eles

conversavam animados. Estavam a cavalo, chegavam de um passeio pelas praias.

No pescoço, o objeto que me chamava. Um cordão de ouro contínuo e trabalhado, de onde pendia um pingente de água-marinha, uma pedra verde-azulada translúcida. Não estava lapidada e eu não precisava ver mais de perto para reconhecê-la. Aquele era o colar com o qual a havia presenteado no dia em que fizemos amor pela primeira vez.

Fazia tanto tempo e, no entanto, parecia que acontecera ontem. Tinha dezessete anos e estava aproveitando as férias de verão na casa de praia da família com minha mãe. Em uma tarde ensolarada, à beira-mar, avistara aquela menina bonita, de pele sedosa e sorriso genuíno caminhando na praia com a mesma amiga de agora. À época, tinha menos corpo, era mais comprida e magra, e estava com quinze anos. E me vi apaixonado por ela. Lara me notara quase que imediatamente e seus olhos dourados brilharam. Com minha coragem de adolescente, me apresentara e passamos o resto do verão juntos.

Minha mãe fora contra porque me achava muito novo para namorar. Vivia insistindo que devia estudar e estagiar na fábrica de aço antes de pensar em ter um relacionamento sério com alguém. Mas não a ouvira.

Frequentara assiduamente o sítio onde Lara morava com a família e conhecera todos eles. Seus pais, Eugênio e Margarida, foram perfeitos anfitriões e, apesar da filha ser muito nova, não colocaram empecilho em nosso namoro.

Lorenzo era o irmão caçula pentelho que não desgrudava da gente, quer fosse para nos vigiar – a mando dos pais – ou porque gostava muito de mim. Acreditara que era pelos dois motivos.

Os avós eram os mais divertidos. Contavam histórias antigas sobre a cidade e o país. Amava conversar com eles. Ambos viúvos há muito tempo, mudaram-se para o sítio dos filhos. Dona Teresa Casagrande era mãe de Margarida e o senhor Francisco Costa, pai de Eugênio. Também tinham altas discussões que me faziam rir muito.

Na última semana de férias, Lara e eu entramos em crise. Antecipamos a dor da separação. Quase não falávamos mais. Ficávamos apenas abraçados, nos beijando, nos acariciando, como para prolongar o tempo que nos restava.

Vendo a nossa tristeza, a família nos deixara em paz. Começava a matutar o que lhe dizer, como reconfortá-la, mas não havia palavras que pudesse aliviar a minha dor. Fora nesse momento que decidi lhe dar um presente que personificaria a minha presença em sua vida para sempre.

Ao contrário do que minha mãe pensava, a gema de água-marinha era minha. Eu a encontrara no dia em que fora abandonado nas dunas. Mas o que eu faria com aquela pedra? Por isso, minha mãe mandou fazer um cordão e a manteve junto com suas joias.

Durante a noite, me esgueirei no quarto de minha mãe enquanto estava na sala, distraída

com suas revistas de moda ou programas de TV. Procurei a grande caixa, com cadeado, onde sabia que as gemas mais valiosas ficavam.

Estava no maleiro do guarda-roupa. Saí pelas portas dos fundos para que minha mãe não me visse e, de bicicleta, pedalei até o sítio dos pais de Lara. Eu a chamei na janela de seu quarto e ela saiu ao meu encontro. Com medo de sermos vistos, nos escondemos na Gruta do Balão, nas dunas do parque.

Em meio ao desespero, o presente só fez aumentar nossa dor. Ficamos agarrados por tanto tempo que nem saberia dizer. Com medo de perdê-la, acariciei e a beijei intensamente. Lara correspondeu ao meu carinho e no fim estávamos fazendo amor. Uma experiência inesquecível para mim.

Passamos a noite na gruta e fomos encontrados pela manhã por turistas. Acordamos assustados, mas já era tarde demais para que nossos pais não soubessem. Foi a última vez que vi a pedra. Naquela mesma tarde, minha mãe estava me arrastando de volta para Vitória. Não saberia dizer se estava mais brava por ter dormido fora de casa, ou por ter transado com Lara, ou por ter lhe dado o colar. Acho que por fim foi multiplicada por três.

E agora estava diante dela novamente. Havia me esquecido como era bonita. Respirei fundo como se a sensação de tranquilidade invadissem meu corpo pelo ar. Toda a inquietude de antes se fora. Minha mente estava clara. Eu me sentia muito bem-disposto, mais ainda. Sorri.

Sem perceber, minhas pernas me levaram até ela. Minha cabeça, acima do cavalo, que parou provavelmente quando Lara notou minha aproximação. Meus olhos presos na pedra quando me detive ao lado dela. Tive que me segurar para não estender a mão e tocá-la.

O silêncio ao meu redor era perturbador. Demorei algum tempo para perceber que eles esperavam que falasse primeiro. Engoli em seco e encarei Lara. Ela estava séria, seus olhos caramelos brilhantes de ansiedade. Instintivamente, pensei que não fora uma boa ideia me aproximar. Ao mesmo tempo sabia que era exatamente isso que precisava ter feito.

– Olá – cumprimentei com um sorriso simpático.

O trio desmontou para que nossa conversa fosse mais confortável. Responderam meu cumprimento com timidez e hesitação. Talvez estivessem pensando nos motivos que me fizeram me aproximar de modo tão estranho.

– Quanto tempo não nos vemos, não é, Lorenzo, Pietra? – acrescentei me sentindo um idiota. O que estava dizendo? – Como estão?

– Muito bem, obrigada por perguntar. – Somente Pietra foi capaz de responder. – E você?

– Estou bem também – fui cordial. – O passeio a cavalo deve ser melhor que de buggy.

– Sinceramente, não sei dizer-riu. – Mas adorei! Foi Lara quem teve a ideia. – Bateu na testa e acrescentou. – Nossa, perdi a noção do tempo. Está na hora de voltar para a cidade, senão chego atrasada ao meu turno na recepção da pousada.

Olhou para o irmão da amiga. O rapaz estava com os braços cruzados sobre o peito me analisando. Desviei o olhar.

– Lorenzo, você também vai se atrasar – continuou falando pelos cotovelos.

– Tchau, Lara. A gente se vê depois.

Saiu arrastando Lorenzo com um braço e as rédeas do seu cavalo com o outro. Sozinhos, continuamos calados. Estava ficando nervoso com aquele silêncio. Não era assim, o que estava acontecendo comigo?

– E então, Lara, como você está? – tentei começar a conversa. – Ainda no marketing da Vale?

– Sim – respondeu com sua voz suave. – Fui promovida há alguns meses a gerente do departamento.

– Parabéns!

Senti necessidade de me mover. A agitação só não me consumia porque ainda sentia aquela tranquilidade mística irradiando ao meu redor. Tentei pelo menos parecer mais dono de mim. Dei um passo e Lara me acompanhou como puxada por um imã.

– E você, ainda longe da empresa de seu pai? – perguntou a moça depois de uns instantes de silêncio e alguns passos.

– Sim – respondi. – O negócio de consultoria está indo muito bem. Estou feliz com este trabalho.

Conversar com Lara era muito fácil. Ela tinha uma inteligência aguçada, era sensível e receptiva. Muito boa para trocar ideias. Apreciava sua companhia de muitas maneiras, percebia agora. Porém, hoje não fluía com a mesma naturalidade.

– Você está hospedado na vila? – perguntou.

– Sim, no camping. À noite vamos para a cidade pular carnaval.

– Acho que já está na hora, então.

Olhei ao redor. Nem havia percebido que o crepúsculo chegara. As poucas luzes artificiais pouco fizeram para amenizar o anoitecer. Nós andávamos sem rumo, mas já estávamos nos afastando do grupo que se dispersava devido à chegada da escuridão. Parei perto do quiosque e me virei para o mar onde o sol se escondia, tingindo a água, antes azul-esverdeada, de laranja. Lara parou ao meu lado contemplando o espetáculo junto comigo.

Enquanto o sol deixava a terra, o calor do corpo de Lara irradiava em minha direção, despertando em mim um fogo interno que conhecia bem. Olhei para ela, seguindo algo dentro de mim mais forte que qualquer vontade própria. Admirei sua pele sedosa. Meus dedos na maior comichão de senti-la.

Seus olhos brilhantes tocaram os meus e arderam em resposta ao encontro. Nossas mãos

se uniram. Eu me curvei sobre ela e, com a mão livre, puxei sua boca para a minha com avidez. Não havia mais lusco-fusco para nós. Nossos corpos eram como um dia quente e ensolarado. O aroma de praia, sal e água apimentado com desejo. A textura sedosa de um pêssego, saborosa e irresistível.

Sabia que parar seria impossível. Esgueiramo-nos pela mata a fim de nos afastar do pouco movimento que ainda havia nas margens do riacho. Conhecíamos os lugares mais isolados e seguros. Nossas mãos não se soltavam. Somente as estrelas testemunharam nossa união. Sob o céu salpicado de pontos brilhantes fizemos amor como a primeira vez. Era muito especial e único. Lara sempre seria uma mulher irresistível para mim?

Enquanto nos amávamos, uma luz branca e intensa irrompeu entre nossos corpos. Boquiaberto, notei que a água-marinha cintilava como um astro no colo escuro de Lara. Antes que pudesse questionar minha sanidade ou a causa daquele fenômeno, o brilho se extinguiu.

Fiquei sem coragem de comentar sobre isso depois. O silêncio pairou entre nós enquanto mantinha seu corpo em meus braços. Meus pensamentos viajaram para o setor sentimental de mim mesmo e antes que eu pudesse organizá-los, adormeci.

Acordei no meio da noite ouvindo à distância o som dos blocos de carnaval e dos foliões. Procurei por Lara, mas não estava em parte alguma. Senti-me desolado e abandonado. A inquietação voltou a me atormentar.

Pensei que precisava tomar uma decisão definitiva quanto a Lara naquele momento, mas não sabia se seria capaz. Portanto, resolvi primeiro ir para a festa que não me aguardara para começar.

DÚVIDA

Fazia quase vinte dias que Lucca Gonçalves Tosquini havia fugido de Corumbá, no Mato Grosso do Sul, com uma índia princesa a tira-colo. Deixara para trás sua família adotiva e seu emprego como arqueólogo para seguir a verdadeira irmã rumo a um destino incerto, reservado para eles, no retorno para casa. Mainá Kadiwéu largara sua herança e sua tribo para segui-lo como prometida do filho da terra.

Ameaçado de morte pelo coronel José Cruz – fazendeiro rico e influente na capital do Pantanal – pela humilhação pública de sua única filha, Vitória, ao abandoná-la no altar, Lucca não tivera escolha. Forçado a um casamento rápido sem amor, não haveria argumentos que convenceriam o velho a desistir do compromisso depois do longo namoro de sete anos.

Não se sentia satisfeito com a decisão que tomara, porém fora preciso. Prático e racional como era, não percebera o engano que estava cometendo até conhecer Mainá. A sensibilidade da indígena conseguira romper a barreira que envolvia seus sentimentos e ajudá-la a compreendê-los e externá-los. Essa experiência despertou nele o verdadeiro amor que nutria exclusivamente a ela.

O mistério do ônix, que a índia Kadiwéu carregava em seu colo, foi solucionado com a chegada providencial de sua irmã legítima, tão semelhante a ele – ruiva, branca, olhos verdes –, à aldeia onde estava escondido com Mainá. Tamires Tosquini do Valle chegara em um helicóptero acompanhada dos dois cunhados: o moreno Alexandre do Valle e o loiro Marcel Vieira.

Desde então, só falara com a mãe adotiva, Isabel Gonçalves, apenas uma única vez. Não era seguro, visto que o fazendeiro sanguíneo não desistiria tão facilmente de encontrá-lo e cumprir sua ameaça. Não podia nem pensar em escrever uma carta contando direito para sua família o que acontecera. Saiu apenas com a roupa do corpo e os documentos.

Largar o emprego no auge da carreira, a maior loucura que fizera. Geria um grande grupo de arqueólogos e historiadores em Corumbá. Trabalhavam em um sítio no Parque Marina Gatass, onde encontraram artefatos como lanças, cerâmica e representações religiosas indígenas. Com seu trabalho ajudava a contar a história da própria origem do povo pantaneiro.

Às vésperas de seu casamento e de sua fuga, Lucca e sua equipe acabaram de escavar e identificar um grande objeto que os colocaram na mídia nacional. Com inscrições em relevo, o pedestal contava a origem do povo Guaikuru – ancestrais dos Kadiwéus – segundo suas lendas religiosas. Esse povo fora historicamente importante à época da colonização do Brasil por participar da Guerra do Paraguai.

Nas últimas duas semanas, ouvira com calma toda a história de sua verdadeira família, de onde vieram, por que foram separados, como foram encontrados, todos os detalhes e as versões omitidas anteriormente pela imprensa da situação. Conheceu sua irmã caçula, Suzane Vieira, e ficara comovido com sua fragilidade. Tão pequena e debilitada. Desde quando chegara ali, nunca a vira se levantar da cama.

A casa de veraneio era grande como as antigas construções do arquipélago. De frente para a praia, possuía vários quartos, uma vasta cozinha e inúmeras salas. Era aconchegante como coração de mãe. Fora fácil acomodá-los ali como se tivesse sido escolhida para recebê-los. Enquanto não fizeram compras, Alexandre e Tamires lhes emprestaram algumas roupas.

Aos trinta e dois anos, Lucca considerava a oportunidade que a vida lhe dera um recomeço. Nova família, novo amor, novos amigos, nova casa, novo estado. Adorou o clima seco da nova cidade. Apesar de quente, como o Pantanal, ali ventava muito mais. Ao invés da terra alagada, seus pés tocavam areia fofa. E o mar, imenso e bravio, era tão diferente da calmaria do Rio Paraguai.

Inseparável, Mainá o acompanhava na contemplação da beleza natural do lugar. Sentados sobre uma rocha de mãos dadas, pés descalços, roupas leves e claras, assistiam ao pôr do sol no horizonte azul. Aves marinhas cortavam o céu, golfinhos saltitavam nas ondas, pássaros piavam na mata atrás. Lucca se virou para a índia e admirou sua beleza acariciada pela maresia.

Sentiu o olhar dele sobre ela e se voltou sorrindo timidamente. Ainda não se acostumara ao modo como a olhava. Em outra situação, como nas escolas dos brancos, por exemplo, sabia que ficavam surpresos quando percebiam que era indígena. Mas agora era diferente. Ele a olhava com adoração, apreciando uma beleza que ela mesma não acreditava que possuía.

Ele era tão lindo. Ainda não acreditava que aquele deus realmente estava apaixonado por ela, uma simples índia, com nenhum atrativo real. Mainá tinha a pele avermelhada, cabelos pretos lisos, olhos oblíquos castanho-chocolate, boca marcante e corpo firme e bem torneado. Era uma pessoa de atitude, temperamento forte e destemido, e altamente espiritualizada.

Quando ficara ciente de seu destino, como prometida do filho da mãe Terra e de Tupã, jamais imaginara que poderia realmente ser feliz. Aceitara esse caminho por não estar em suas mãos decidir, apenas cumprir. Somente depois, quando pousara os olhos sobre ele, percebeu o quanto aquela promessa poderia lhe custar. Se fosse rejeitada, seria amaldiçoada e infeliz.

Porém, seus olhos verde-oliva lhe diziam que isso jamais aconteceria. Por mais que ele tivesse lutado contra esse amor por ser comprometido – e acima de tudo um homem correto –, estava ali agora, sob o reflexo do sol que se despidia daquele recanto do planeta para nascer em outro lugar. Havia sido criada para acompanhá-lo, aonde quer que ele fosse. Seu lugar era ao lado do filho da terra.

Sabia quatro línguas diferentes e, no entanto, nenhuma delas era mais profunda e verdadeira do que aquela conexão visual que falava por ela. Mainá se sentia vivendo uma extensa lua de mel naquele paraíso da natureza. Foram as duas melhores semanas de sua vida. Apesar da sombra do medo e da insegurança do amanhã pairar constantemente sobre suas cabeças.

Tentava afastar esses pensamentos angustiantes o máximo que podia para que Lucca não os lesse. Ele não falava de suas inquietações sobre a missão que lhe fora proposta e aceita de prontidão, mas que era tão obscura e incerta quanto um túnel longo, sombrio e desconhecido. Para ela, não importava qual seria o desfecho dessa história. Se morresse, que fosse ao lado de quem amava.

Piscando os olhos de um chocolate derretido, a índia desanuviou os pensamentos velozmente e se aconchegou ainda mais nos braços daquele homem forte e musculoso. Desviou o olhar a tempo de ver a última porção do sol se esconder na linha longa e escura do mar. O céu, muito claro, iluminado pela lua cheia, sem nuvens e pontilhado de estrelas brilhantes, era um tapete azul-marinho infinito.

Fechou os olhos e seus pensamentos se voltaram para sua atual situação. O último elemento que faltava e as pedras roubadas – tanto a ametista de Tamires quanto o ônix de Lucca – eram necessários quando o alinhamento finalmente chegasse para que pudessem abrir o portal para o novo e velho mundo para o qual estavam indo. Novo para eles, porém tão antigo quanto a formação do planeta.

Pensou que aquela era agora sua nova família e sentiu saudades de seu pai, o cacique Piatã, seu irmão mais velho Apuã, e até do pajé da tribo, Unaí. Sabia que estariam pedindo aos espíritos que os protegessem nesse caminho sem volta. Lucca puxou seu rosto para que pudesse mergulhar em seus olhos novamente e antes que pudesse ler suas angústias, Mainá o beijou.

Sentada na varanda da antiga casa, a vários metros de distância da rocha onde o casal protagonizava um encontro romântico, Tamires observava o irmão e a índia cunhada, como a apelidara. Encontrá-lo havia lhe proporcionado uma alegria imensa, porém assistir diariamente, com breves intervalos, a felicidade do novo casal, lhe causava uma dor aguda.

Era uma mulher sensível e dedicada ao amor. Primeiro pela família que nunca conheceu – em Foz do Iguaçu, Paraná, viveu em um orfanato dos três anos até a maioridade. Em seguida, pela melhor amiga Carolina Silva, com quem dividiu um minúsculo apartamento depois que saíram do abrigo. Gustavo do Valle entrou em sua vida pouco depois e lhe deu de presente seu maior tesouro, a filha Sofia.

Sentia muita falta deles. Tinha que se lembrar todo dia que aquela distância fora provocada por ela mesma. O próprio Gustavo usara seu livre arbítrio e não a seguira no caminho

de volta ao lar. E era essa separação que lhe doía. Enquanto o tempo passava, mais irreversível a situação se tornava. Sua única esperança era rever a filha antes que fosse definitivamente embora.

Enquanto Suzane tinha Marcel, e Lucca, Mainá, Tamires suspirava por seu único amor sabendo que ele acabara há quase dois meses, quando ela escolhera sua origem a manter sua felicidade intacta. Muitas palavras foram ditas no calor da emoção. Muitas atitudes erradas foram confrontadas durante a decisão e em nenhum momento se arrependia do caminho que escolhera.

Ao seu lado estava sua verdadeira família, maior do que poderia ter imaginado e não podia se esquecer do apoio incondicional do irmão de seu marido, Alexandre. Ele sim fora capaz de largar sua vida em Foz e segui-la até o outro lado do país a fim de lutar por sua causa. Desde lá a protegera dos perigos que a assombraram enquanto era marcada a fogo.

Aquele homem alto, forte, moreno, com olhos tão escuros e profundos quanto a noite, lindo e irresistível para qualquer mulher, estava ali por um único motivo: ele a amava e escolhera ficar ao lado dela sem pedir nada em troca, mesmo sabendo que amava outro homem – fisicamente muito parecido – e que não estava aberta para uma nova relação, por mais deteriorada que a sua com Gustavo estivesse.

Apesar de saber racionalmente de tudo isso, não conseguia explicar a forte atração que o cunhado exercia sobre ela. Demorou seis anos para reparar nele, mas agora não conseguia pensar direito quando estava por perto, o que acontecia o tempo todo. Só não dormiam juntos, do resto, estavam sempre dividindo seu tempo, lembranças e pensamentos.

As duas semanas passaram lentas e arrastadas para Tamires. Se tivesse apenas Marcel para conversar, como antes, estaria se descabelando, mas com Alexandre era sempre mais calmo. Se queria conversar, ele estava disponível. Pensar, ele não a importunava. Preocupar-se, ele estava lá para acalmá-la.

Também sabia que a tranquilidade se dava ao fato de Marcel e Suzane ainda não terem encontrado o último membro de sua família perdida. Algo lhe dizia que não demoraria muito agora e todos estariam reunidos. Faltava muito pouco para o verão terminar. Algumas semanas e o outono chegaria e traria o sinal que esperavam. Só ansiava por um milagre que trouxesse de volta as pedras perdidas. Sem elas, como abririam o portal para que pudessem voltar para casa?

Desviou a atenção do casal a distância e procurou o olhar sereno do moço ao seu lado, sentado em uma cadeira de varanda. O rapaz correspondeu imediatamente e lhe deu um sorriso discreto. O da moça foi tão sem graça que o cunhado esticou o braço e apertou sua mão.

Com um suspiro, ela a agarrou com força e se debruçou na cadeira, aproximando seu corpo do calor dele, mesmo distante alguns centímetros. O vento que vinha do mar, depois do anoitecer, passou a soprar gelado. A roupa curta de verão que usava não a protegia mais.

Vendo o braço da cunhada se arrepiar de frio, ele se levantou – já era de casa – e voltou rápido com uma manta. Ela agradeceu com um sorriso enorme que o desconcentrou e o hipnotizou, como sempre. Sentiu, com prazer, os dedos gelados dela se enroscarem de novo entre os seus.

Antes de se sentar, ele deu um pequeno chute na cadeira para aproximá-la mais da outra. Ficaram encostadas. Agora sim podia sentir o calor da pele do braço dela contra o seu. Seu aroma delicioso invadindo seu corpo lhe proporcionava uma torrente de prazer.

Nunca planejara se apaixonar pela mulher de seu irmão mais velho. Tanto que convivera anos com ela sem nem mesmo notá-la de verdade. Somente depois que a vida conjugal de Tamires e Gustavo virara de pernas para o ar – consequência dos acontecimentos místicos que ela presenciara – que finalmente percebera a mudança ocorrer.

A beleza que irradiava dela era impossível passar despercebida. Qualquer mortal – ou imortal – que tivesse olhos a notaria e todas as tentativas de não se envolver com ninguém foram por água abaixo quando pousou os olhos sobre ela naquela noite de réveillon.

Não tivera escolha e agora estava perdidamente apaixonado por ela a ponto de brigar com o irmão, enganar Carolina – que nutria uma paixão platônica por ele – e se mudar para o outro lado do país porque não podia viver sem ela. Mesmo sabendo que não sentia o mesmo por ele.

Porém, desde que a reencontrara, percebia que ela se aproximava sutilmente. Talvez por carência ou por solidão. Mas gostava de pensar que era pela atração. Percebia seu olhar perdido quando se encaravam. Muitas vezes ela se deslumbrava e isso significava mais do que amizade.

Não fora atrás dela mendigar seu amor ou perturbar sua paz, mas oferecer o apoio que seu irmão negara. Não podia conceber a atitude de Gustavo, já que dizia que a amava tanto e quase morrera para salvá-la. Era tão contraditório e egoísta. Era para ele estar ali ao lado dela, incondicionalmente.

Mas a deixara partir e o coração de Alexandre ficara inquieto. Depois de tudo o que fizera para protegê-la em Foz e depois da briga horrível que tivera com Gustavo, não tinha mais porque continuar esperando por notícias de Tamires. Precisava saber como estava e se precisava de ajuda.

Por fim, exigira o que relutava tanto em dividir. Ela queria saber os detalhes do lugar de onde vieram, e para onde pretendiam voltar, já que fora o último a sair. Sem alternativa, ele lhe contara tudo o que precisava saber para conhecer melhor o campo minado onde pisariam em breve.

Sua atitude descompromissada ganhou a confiança não só de Tamires, mas também do

restante da família. Na fuga de Lucca, sua perspicácia e ação rápida foram imprescindíveis para que houvesse êxito. Sua opinião agora era solicitada inclusive por Marcel, o primeiro a organizar os resgastes. Hoje, tinham um bate-papo franco e aberto, onde todos opinavam. E se orgulhava de ter sido aceito na equipe.

Satisfeito com os resultados de seus esforços, sorriu sozinho e buscou a cumplicidade do olhar de Tamires. A moça o encarou de volta, imitando sua expressão. Sem perceber, o rapaz se aproximou da cunhada, inclinando a cabeça em direção a sua boca vermelha que o convidava.

A porta de entrada se abriu abrupta e ruidosamente, assustando o casal na varanda. Marcel irrompeu pela passagem, anunciando, quase aos berros.

– Nós o encontramos!

Tamires até se esqueceu de ficar brava com o cunhado loiro depois da declaração. Levantou-se impulsiva, abandonando a mão de Alexandre e seguiu-o para dentro da casa. O moreno foi atrás e logo depois Lucca e Mainá cruzavam a porta também.

– Seu nome é Nicolas – começou a contar Marcel quando todos já estavam sentados ao seu redor na pequena sala de estar. – Ele está em um parque no litoral do Espírito Santo. A pedra está perto dele, mas...

Tamires já estava quase roendo as unhas de ansiedade e o cunhado ainda fazia suspense.

– Qual é o problema? – perguntou. – Fala logo!

O loiro franziu o cenho. Tinha que ser sempre a mais apressadinha.

– Não sei ainda o que é. Mesmo estando com Suzane, não consegui identificar a outra força mística que estava com ele. Era diferente. Nunca senti nada assim antes.

Lucca viu Tamires corar fortemente e perguntou à irmã o motivo em um murmúrio discreto. A moça achou melhor contar a verdade. Então se aproximou do sofá onde o irmão estava e cochichou em seu ouvido. O rapaz também ficou vermelho e de boca aberta em choque enquanto ela voltava para seu lugar ao lado do cunhado moreno. Alexandre tentava tirar mais informações sobre a energia nova que Marcel havia sentido.

– Não sei bem. É forte, como se fosse uma barreira, uma fortaleza. Ao mesmo tempo em que parece transparente e penetrável, é dura como rocha – suspirou o loiro percebendo que não compreendia suas referências. – Quando sinto qualquer um de vocês, a energia é palpável, detectável e nítida. Por exemplo, Tamires para mim é uma energia vermelha e intensa. Consigo medir sua força. Por outro lado, você, Alexandre, para mim, é uma energia branca e brilhante. – Refletiu por um instante antes de acrescentar. – É como se essa força estivesse preparada contra meus poderes. Como se ela conseguisse me bloquear.

O moreno paralisou imediatamente tenso. A ruiva o acompanhou por instinto. Também não a agradou a última frase do cunhado. Lucca achou a conversa intrigante e tentava imaginar o

que aquilo significaria para eles. Mainá não sabia o que concluir, mas algo lhe dizia que não era bom.

– Suzane? – sussurrou Tamires quebrando o silêncio.

– Adormeceu em seguida – disse também em voz baixa sentindo a pressão no ar. – Nunca a vi se esforçar tanto como dessa vez. Das outras, bastava a pedra acender que ela já via. Dessa vez não foi tão simples assim. Nem comigo junto...

– Tudo bem, que ela descanse – cortou com a voz irritada.

– Essa energia pode significar um inimigo? – perguntou Lucca voltando ao assunto.

– Receio que sim – concordou Alexandre.

Marcel tentava absorver as dúvidas levantadas. Precisava de mais informações para poder concluir o raciocínio objetivamente.

– O que você sabe sobre essa energia? – questionou.

– Nunca vi nada semelhante antes – esclareceu o moreno. – Apesar de que não tenho sua capacidade de rastrear. Apenas sinto a energia quando está próxima, mas elas são praticamente iguais para mim, mudando em um ou outro detalhe sutil que me permite distinguir entre as pessoas que conheço.

– Como acontece comigo – acrescentou Tamires.

– Então por que me perguntou como era essa energia? – tentou entender Marcel.

– Porque eu esperava que você pudesse dizer mais. Pelo pouco que fala, percebi que a forma que seu dom identifica as energias é diferente da nossa. Você sempre sabe dizer quem é quem, mas nunca havia explicado melhor.

– É, Marcel não tem facilidade em falar – riu a ruiva.

Ela sempre conseguia irritar o loiro mesmo quando não tinha motivo.

– Pode ser verdade, mas pelo menos sou uma pessoa que penso antes de agir, não ajo por impulso.

– Não – retrucou a ruiva com raiva. – Com certeza. Você pensa tanto que não age nunca!

O clima ficou pesado enquanto os cunhados se encaravam ferozmente. *Que gênio têm esses dois!*, pensou Lucca revirando os olhos. Já se habituara com aquelas cenas típicas. Sua irmã não era uma pessoa que deixava algo passar e sempre questionava a opinião alheia.

– Tudo bem, pessoal – interveio Alexandre, o apaziguador. – Essa não é a discussão principal, ok? Vamos voltar ao que interessa.

– Já falei tudo o que sei – concluiu o loiro irritado.

– Acho – retomou a ruiva – que devemos nos preocupar a partir de já com Nicolas e nos prepararmos para viajar o quanto antes. Precisamos ficar o mais perto possível dele.

Marcel preferiu nem opinar, porque sabia que ela diria isso. Sempre desesperada e preocupada. Impaciente demais. Será que ela não via que precisavam de mais informações antes de partir? Nem sabiam onde ele morava.

– Talvez – refletia Alexandre em voz alta. – O que me preocupa é se essa força tiver alguma coisa a ver com o desaparecimento das pedras. Se for mesmo um sabotador, terei que concordar com Tamires.

Com espanto, Marcel encarou o rapaz moreno e alto. Sentiu-se traído. Em seguida, pensou: *O que mais poderia esperar dele? Afinal, está na cara que é caidinho por ela. É claro que faria qualquer coisa para agradá-la, inclusive concordar com suas loucuras.* Segurou para não bufar antes de cortar aquela conversa. Odiava exageros.

– Ok, ok. Agora peço a palavra. Ainda não sei onde ele está. Sei apenas que é um parque no litoral do Espírito Santo. Tem dunas enormes e um rio que deságua no mar assim que elas acabam. Alguém se habilita a adivinhar?

O silêncio pairou na sala por um tempo longo demais. Todas as mentes trabalhavam em busca de uma resposta satisfatória. Estava se sentindo um vencedor quando Lucca quebrou o silêncio.

– Podemos pesquisar na internet.

Bufou dessa vez e se adiantou antes que alguém concordasse com aquilo.

– Tudo bem, podemos. Mas você já pensou que a descrição pode nos dar milhares de resultados? Se quiser aproveitar seu tempo livre, ótimo, pesquise. Mas vou continuar rastreando, que é a melhor coisa que posso fazer, para encontrar a resposta certa.

– Ei, é carnaval, gente. Pode ser que este lugar nem seja onde ele mora – falou pela primeira vez a índia.

Ninguém foi capaz de falar alguma coisa, porque Mainá estava certa e isso dava motivo para Marcel se vangloriar já que sua opinião ainda era a mais sensata no grupo. Vencida, Tamires falou.

– Tudo bem. Acho que esperar mais um pouco pode mesmo ser melhor.

– É o melhor – enfatizou o loiro.

– Como estava dizendo antes de ser interrompida – fuzilou o cunhado com o olhar –, pode ser melhor se houver uma garantia de que Nicolas ficará bem até que se descubra mais sobre ele.

Marcel gargalhou alto antes de responder.

– Ah, posso te garantir que ele está ótimo.

– Como? – duvidou Tamires.

– Ele estava acompanhado por uma mulher. Uma tremenda mulata.

– Uma mulher – dizia a ruiva para Alexandre de volta a varanda. – Será que Nicolas estava aproveitando a primeira noite de carnaval?

– Pelo tom de Marcel, acho que sim – respondeu o cunhado.

– Não sei. Não tenho uma boa intuição sobre isso.

Ficaram em silêncio por um tempo que foi quebrado pelo rapaz.

– Não consigo imaginar guardiões negros rondando Nicolas. Como eles o acharam antes de nós?

– Não sei e não gostei do termo que usou. Até tive um calafrio. – Ele a estreitou nos braços para aquecê-la. – Não vou conseguir ficar parada aqui enquanto Nicolas está em algum lugar desprotegido.

– Eu sei – falou em meio a um sorriso. – Não ficaremos parados.

– Você tem algo em mente?

– Para dizer a verdade, ainda não, mas pensarei em algo.

Tamires apreciou o carinho que lhe fazia no braço, subindo e descendo. O calor acompanhando seu gesto. Era tão bom.

– Ale, mas concorda comigo que temos que ir mais cedo atrás dele?

– Sim. Assim que soubermos para onde.

Quarta-feira de cinzas, um bom termo. Era exatamente assim que me sentia. Uma fogueira consumida até o fim. Cinzas. Pó. Nada. Não era bem exaustão física, mas um esgotamento psíquico. Estava cansado de lembrar aquele primeiro dia. Repassar cada momento em minha mente, buscando cada vez um detalhe a mais. Nenhuma distração fora o bastante para apagar as lembranças. Amigos, bebidas e mulheres não foram capazes de me desconectar. Pulei atrás do trio arrastado pela turba a minha volta.

Mesmo agora, deitado em minha cama, apenas duas coisas não saíam de minha cabeça. Lara Costa e a água-marinha. Eu me lembrava muito bem de cada detalhe daquele fim de tarde, no Riacho Doce.

A beleza da mulata sob a luz do entardecer, seu corpo esbanjando elegância e curvas sensuais. Seus olhos dourados brilhando ao me verem. Sua boca sexy, de sorriso franco, me convidando para beijá-la. Não pude resistir. Sem perceber, já estávamos sobre o chão, escondidos pela mata, nos beijando enlouquecidos. Não tivemos nem o que dizer um ao outro. Era isso que nossos corpos e nossas mentes desejavam.

A pele de Lara quase tinha gosto de chocolate. Saborosa e viciante. Sempre era bom demais prová-la. Mas como na sexta-feira, nunca havia sido. Como se algo nela tivesse mudado para melhor. Minha língua ainda guardava a lembrança de seu sabor, meus olhos de sua beleza, minhas mãos do calor de seu corpo, meu nariz o aroma de seu cabelo e cada parte de mim sentia falta, como se tivesse se partido em dois.

Eu a beije e a enlacei como se quisesse me fundir a ela e Lara correspondeu com o mesmo desejo. Nunca me senti tão bem em ser correspondido como naquele momento. Aquela mulher despertava em mim uma ânsia diferente. Um fogo contínuo e impressionante. Uma chama que ardia e corroía por dentro. Hoje só sobrava o buraco vazio onde queimara.

Seu corpo se encaixava junto ao meu como um quebra-cabeça. Eu a apertei, meus braços saciando a ânsia que meus dedos tinham de tocá-la, descobri-la e apreciá-la. Sentados sob a sombra de uma árvore, escondidos pelo início da noite, beijava-a enquanto minhas mãos lhe despiam o corpo palpitante. Suas mãos também tiraram minhas roupas.

– Nicolas... – seus lábios arfantes sussurraram em meu ouvido.

Minha resposta foi encaixar seu corpo no meu finalmente e amá-la com paixão. Meus lábios sempre buscando os dela, minhas mãos sempre em contato com seu corpo.

E, como mágica, uma luz se acendeu entre nós como o sol. Ofuscou a minha visão. Por um segundo fiquei cego, meus olhos enfim se acostumaram com a claridade e vi, entre os seios

jovens e firmes de Lara, a água-marinha cintilando.

Uma onda de sensações me inundou ao mesmo tempo, enquanto o desejo ardia em minhas veias. Primeiro, a tranquilidade, depois o bem-estar e, finalmente, a felicidade. Minha mente clareou naquele momento. Meu espírito estava ligado ao de Lara.

Aquele breve fenômeno perdeu sua importância assim que a luz se extinguiu e o fogo voltou a ditar o ritmo de nossos corpos em movimento. A urgência foi tamanha que não pude lutar contra nem mais um minuto sequer. Em meus braços, senti-a estremecer e perder o fôlego enquanto se aproximava do clímax. Aquilo me motivou ainda mais a alcançá-lo com ela e me movi mais depressa. Ela me acompanhou e chegamos ao ápice da paixão juntos, ofegantes e exaustos e ainda assim não queria deixá-la.

Perdi a noção do tempo enquanto a possuía.

Os minutos seguintes se passaram sem que eu percebesse, estava totalmente sintonizado com a mulher em meus braços. Permaneceu em silêncio, muito quieta, o braço pousado sobre meu peito. A cabeça descansando despreocupada em meu ombro. Adormeci.

Quando despertei, ela não estava mais lá e não a vi de novo. O vazio nasceu no meu peito e cresceu durante todo o feriado. Agora, sobre minha confortável e espaçosa cama, ele era o centro do meu pensamento. Em segundo plano, a água-marinha. Questionei se não havia imaginado aquela luz. Talvez fosse o reflexo de alguma lâmpada que bateu na pedra quando Lara moveu o corpo. Só podia ser. Foi dessa maneira que encerrei a dúvida.

Depois de repassar esse momento em minha memória pela milésima vez, tentei afastá-lo enfrentando o novo dia. Estava na hora de lavar as cinzas que restavam em mim.

Levantei só de cueca boxer preta e saí da minha suite. Cruzei um curto corredor até a sala e entrei em uma porta lateral que levava à cozinha. Abri a geladeira e peguei uma garrafa de suco e geleia. Sobre a mesa, uma fatia de pão integral e uma maçã.

Depois de comer, voltei para o quarto e me vesti com um short de corrida e uma camiseta cavada. No banheiro, escovei os dentes, lavei o rosto e penteei o cabelo. Desci os oito andares até o térreo pelo elevador do condomínio.

– Bom dia, Paulo – cumprimentei o porteiro.

– Bom dia, Nicolas – respondeu cordial. – Como foi o feriado?

– Muito bem, obrigado. E para você?

– Passei com a família. Fazia tempo que não levava meus filhos à praia.

Na calçada, vi do outro lado da rua a conhecida Praça do Papa e seus símbolos. A Cruz Reverente, de aço curvilínea com uma pomba representando o Espírito Santo no alto e a Rosa dos Ventos que coincidia com a posição geográfica da ilha como o norte da navegação trazendo uma esfera de inox ao centro, formavam o monumental principal.

Ao fundo, depois da Baía de Vitória, o Convento da Penha no alto do morro e a cidade de

Vila Velha fechavam a vista. Adjacente à praça, uma trilha levava à Reserva Ecológica Ilha do Papagaio para onde caminhei.

Ao alcançá-la, acelerei o passo para uma corrida leve. Era íngreme e estreita, cercada pela Mata Atlântica preservada. Levava para o pico da ilha onde havia um mirante com vista privilegiada para o azul plácido da baía. Árvores altas e tão antigas quanto o próprio lugar limitavam o caminho serpenteado, recortando o céu aqui e ali.

Com os pensamentos e sentimentos tumultuados, corri em busca de uma calmaria. Enquanto subia, a maresia batia contra meu corpo. Inspirei fundo e apreciei o aroma salgado. Meu peito quietou e minha mente clareou. Senti que podia ser dono de mim mesmo novamente para alcançar o entendimento do que acontecia comigo e a harmonia de meu coração e de minha razão.

Quanto mais subia, melhor me sentia. O ar ficava mais agitado e meu cabelo balançava ao seu sabor. Meus músculos se contraíam e se estendiam conforme movimentava minhas pernas. Correr sempre me fazia bem. Tanto física quanto psiquicamente. Meu coração batia compassado em um ritmo acelerado. Meus pulmões se enchiam com vontade. Eu me sentia cada vez mais forte e revigorado.

A corrida aqueceu meu corpo e comecei a transpirar. Aspirei o ar limpo. Podia quase sentir o aroma do oxigênio, se infiltrando em minhas células, limpando meu organismo e alcançando meu cérebro.

Minha mente estava flutuando no nada. O calmo e plácido ar. Sempre quando precisava espairar, não havia forma ou lugar melhor para encontrar paz mental. O verde se erguia majestoso ao meu redor como um abraço aconchegante. O céu ensolarado me cobria. Corria, cada passo mais largo, porém mais íngreme e difícil. A dificuldade só me impulsionou a prosseguir. O topo estava a cada passada mais próximo.

Era uma corrida puxada. Meus pulmões forçavam ar para dentro, como se estivesse rarefeito. Meus músculos quiseram fraquejar, mas os motivei com minha mente. Faltava pouco para o fim. Três largas passadas à frente e estava sobre a rocha no topo. O cenário se abriu esplendoroso em um infinito azul recortado pela cidade vizinha Vila Velha, que despontava entre dois morros.

Entre as duas, a Baía de Vitória e seu incrível verde-azulado. Sobre a água, a terceira ponte fazia a ligação entre o arquipélago e o continente. Assisti daquele mirante a beleza do cenário enquanto recuperava o fôlego. A natureza vivia pacificamente ornamentada pelas criações do homem. A Mata Atlântica, o oceano, os arranha-céus e as vigorosas arquiteturas se uniam harmoniosos.

Com sua geografia acidentada, Vitória era limitada em expansão territorial. Isso fazia o

valor dos imóveis da cidade subirem vertiginosamente. Por isso, as cidades próximas, como Vila Velha, tornavam-se o subúrbio populoso ao redor do grande centro que era a ilha-capital.

Conhecia muitas pessoas que moravam em Vila Velha e trabalhavam em Vitória. Era o caso da namorada de Giovani, Milene Agostini, secretária pessoal do meu amigo na indústria de chocolate de seu pai, o velho Pagotto.

Pensar em Giovani me fez lembrar que havia prometido almoçar com ele. Não havia clientes agendados, portanto tinha o dia livre. Apreciei o ar puro e invisível que invadia meus pulmões. Meu corpo estava praticamente recuperado da corrida, mas não podia esfriar ainda.

Chegar ao topo da Ilha do Papagaio deixou minha mente livre e não pensava mais em minhas obsessões. A sensação era quase tão tranquilizadora quanto aquela que me sobreveio ao reencontrar a água-marinha.

Amava alturas. Olhar a cidade de cima, a baía de água plácida, a areia muito branca e as pessoas e automóveis sempre fazia com que me sentisse acima das coisas pequenas. Não que me sentisse superior. Ao contrário, quando estava lá, o resto estava tão distante que não podia me atingir. Os problemas como minha mãe, Lara e a água-marinha, por exemplo. Normalmente não tinha com o que me preocupar. Às vezes só precisava de um tempo sozinho e era lá em cima que encontrava sossego.

A manhã estava clara e quente, o que me apressava já que ela chegava ao fim. Corri o caminho de volta. Antes que alcançasse a Praça do Papa, me embrenhei na mata rasteira onde caminhos foram abertos para chegar a curta praia.

Não havia ondas quebrando na areia, apenas uma fina espuma esbranquiçada a tocava quando o mar, calmamente, se movia em sua direção. Poucos banhistas se refrescavam ali.

Sem parar de correr, passei pela estreita faixa de areia fofa enquanto tirava minha camiseta e tênis. Larguei tudo antes que meus pés tocassem a água fria. Depois de alguns passos com o mar até os joelhos, mergulhei. O choque térmico estimulou todos os meus nervos sensitivos e aguçou meus instintos. O toque gelado sobre meu corpo quente lavou minha alma. Emergi limpo e renovado.

Sentei na areia para secar o corpo e a bermuda antes de voltar para casa. Nunca me cansava de admirar aquele cenário. Será que haveria lugar melhor e mais bonito para viver do que Vitória? Tinha uma vida repleta de regalias, morava no melhor bairro da cidade, estava próximo a inúmeras praias e parques preservados. Mesmo no estado, havia lugares tão dignos de louvor quanto aquele arquipélago.

Era realizado. Não queria mudar absolutamente nada do que tinha. Tudo estaria em completa harmonia se não fosse aquela inquietação irritante que me cutucava desde sexta-feira. Seria a causa de minha recaída com Lara? Mas encontrá-la me acalmou. Principalmente depois que vi a água-marinha. Ainda estava muito confuso com esse assunto e odiava ficar assim.

A tranquilidade que sentira por um breve momento, se fora, enfim. E estava só com minhas perturbações. Talvez trabalhar teria me dado pouco tempo para pensar nelas. Seria uma ótima distração agora.

Ainda inconformado, me levantei limpando a areia no calção, peguei a camiseta e o tênis e caminhei de volta para meu prédio do outro lado da avenida, atravessando a Praça do Papa. A cidade fervia e despertava do feriado prolongado.

Subi direto para meu apartamento e conferi as mensagens no celular e no telefone fixo. Havia quatro de Giovani me lembrando do nosso almoço. Sorri ao pensar que meu amigo me tinha como um desleixado. Jamais esqueceria nosso compromisso.

Sempre que não havia reunião e Giovani estava sozinho porque a namorada não podia estar com ele no horário de almoço, a gente fazia essa refeição juntos. Era o melhor momento para conversarmos abertamente, apesar de morarmos no mesmo apartamento.

Nossos horários não batiam muito e, na maioria das vezes, mal nos esbarrávamos em casa. Os finais de semanas eram sagrados para as amizades, porém era sempre em grupo e Milene também participava.

Eram poucas as ocasiões em que podíamos falar sem interrupção ou barulho ensurdecedor. Desde o início do carnaval não conseguimos ter esse tipo de conversa. Primeiro sumi em Conceição da Barra. Depois ele desapareceu com a namorada. Era a primeira vez que nos víamos depois do feriado apesar de termos ido para o mesmo lugar.

Fui direto para meu banheiro, me despi completamente e entrei debaixo do jato quente. Por melhor que fosse um mergulho no mar, somente a água doce podia remover o sal e a areia.

Eu me peguei pensando de novo em Lara e na pedra. Era engraçado como as duas se tornaram associadas na minha mente. A jovem era portadora do colar, afinal. E sentia uma falta violenta de ambas. Era exatamente este o termo. Estava perturbado por sentir saudade de duas coisas que nunca me foram tão importantes. Nem quando me dizia apaixonado por ela – era muito jovem para entender de amor – e me afastei, não me senti como agora.

Eu me desfiz da água-marinha com a mesma facilidade. Por mais que era um objeto que marcava o primeiro dia da minha existência – o ponto de onde me lembrava –, não sentia saudades dela nem das lembranças que me trazia. Talvez eu não fosse uma pessoa que superasse a dor, como pensava. Talvez somente tentava escondê-la em algum recanto. Mas era forte, a enfrentava quando ela me assaltava e sempre vencia.

Difícilmente era pego desprevenido. Um exemplo disso eram minhas lembranças nas dunas. Sabia o que aconteceria quando pisasse naquelas areias. Só não sabia o que o destino me preparara no Riacho Doce.

Saí do banho tentando deixar para trás os pensamentos, porém foi inútil. Estava preso

àquela ideia fixa de encontrá-las novamente, em breve. Mas como? Não sabia onde Lara morava. Uma nova luz se acendeu. Mas sabia onde trabalhava.

Não, não e não! Antes que se firmasse em minha mente, a afastei aliviado. O compromisso com Giovanni ia me ajudar a resistir à tentativa de procurá-la. Como era doloroso ter tempo livre para pensar!

Nu, voltei para meu quarto e entrei em meu closet. Não me preocupei com o que ia vestir já que era um almoço com um amigo. Estava muito quente então mantive uma bermuda, camiseta pólo e sapatênis. Penteei o cabelo meio bagunçado, como gostava de deixá-lo. Quando conferi no espelho, gostei do resultado final. Estava bonito. Não podia negar que sabia da minha beleza, abençoada beleza, que chamava a atenção de muitas mulheres.

Era muito vaidoso para um homem e totalmente consciente disso. Era muito preocupado com a aparência, com a linha de roupas e sapatos que comprava, com a imagem que passava para as pessoas. Apreciava ostentar meus bens. Como meu apartamento luxuoso, meu carro potente e meu cargo no conselho da Siderúrgica Bertoldi. O nome que meu pai me dera já era uma porta de entrada para grandes eventos, festas e diversão.

Gostava de pensar que sabia viver e me divertir. Nada era um empecilho. Nem ninguém. Minha mãe facilitou as coisas e parou de falar comigo, não que concordasse, mas já que era assim que preferia lidar com a situação, que fosse feita a sua vontade. Não tinha namorada, nem mulher, nem filhos.

Mas tinha muitos amigos, de todos os tipos. Não saberia viver sozinho. Já havia perdido meu pai – o grande homem que era meu exemplo – e minha mãe – a mulher que deveria me amar incondicionalmente depois dele, mas era controladora e ranzinza demais para ser amorosa. Não tive irmãos. Então só podia contar com os amigos, que eram como família para mim.

Desci direto para a garagem, peguei meu carro e saí do apartamento com destino ao restaurante onde deveria me encontrar com Giovanni. Hora de me distrair com coisas boas e afastar as ruínas da mente.

Com dez minutos de atraso, Giovanni Pagotto entrou no restaurante do Hotel Ilha do Boi, localizado de frente a marina. Nicolas Bertoldi já o aguardava em uma mesa reservada com antecedência para o almoço.

Especializado em culinária regional, nacional e internacional, o lugar era *clean*, em um estilo bem contemporâneo. A parede de vidro revelava a incrível vista para a piscina e, mais adiante, o cenário inesquecível do arquipélago.

Os amigos se encontraram com um abraço e se sentaram de frente um para o outro. Ao contrário de Nicolas, Giovanni estava vestido de terno e gravata já que vinha do escritório. Antes

que pudessem trocar meia dúzia de palavras, o garçom se aproximou para anotar os pedidos. Somente depois que saiu os dois puderam conversar mais a vontade.

– Nem parece que a gente mora no mesmo apartamento – brincou Giovani. – Faz dias que não te vejo.

– Pois é – entrou na onda Nicolas. – Acho que a partir de agora vou precisar agendar uma hora para conversar com você, o homem de negócios.

– Nossa, cara, que dia! – desabafo. – Nem parece que vivemos dias felizes em Conceição da Barra.

– Dias felizes? – riu. – Não vi nada demais nesse carnaval.

Por dentro, queria gritar. Enquanto estivera se martirizando por tanto tempo, seu melhor amigo estava nas nuvens. Não tinha o direito de sentir essa inveja inocente, mas não pode evitar.

– Vai me dizer que não pegou ninguém!? – chocou-se Giovani. – Você, Nicolas, o pegador! Não, impossível!

Dessa vez, Nicolas se sentiu mais leve. Era uma bobagem como o apelidaram, mas sabia que era verdade.

– Algumas – respondeu sem modéstia. – Mas nem por isso chamaria esse feriado de especial.

Nicolas quase se arrependeu da defensiva. Havia se esquecido que o amigo não podia ler seus pensamentos, nem saber de suas tormentas.

– Mas para mim – disse orgulhoso – foi muito especial.

Giovani mostrou a mão direita para que Nicolas visse a aliança dourada em seu dedo anular. Ela cintilou sob a luz do sol que entrava pela parede de vidro.

– O quê? – surpreendeu-se. – Você ficou noivo? – e depois riu alto.

– Sim – sorriu feliz.

– E no carnaval! – acrescentou ainda rindo.

– Não havia data melhor! – explicou-se o amigo.

– Não, com certeza não – retrucou dando risada. – Isso explica seu afastamento da turma no camping.

Giovani piscou para Nicolas.

– Você entende, não é? Estávamos adiantando a lua-de-mel.

Riram juntos dessa vez antes que Nicolas acrescentasse.

– Isso é bem sua cara!

– Por quê?

– Carnaval não é bem a época mais romântica para um pedido desse tipo.

– É, mas não sou o tipo romântico – contestou.

– Não mesmo – respondeu rindo mais. – Ainda bem que Milene é tão festeira quanto

você para entender sua iniciativa.

– Ela já me conhece há tempo suficiente para compreender. Mas você precisava ver a cara de surpresa dela – sorriu com a lembrança.

– Imagino. – Nicolas estava feliz com a notícia, por fim. – E para quando é o casório?

– Nós ainda não decidimos. – Esse detalhe não diminuiu seu momento de alegria. – Mas será ainda este ano. Hoje à noite vou jantar na casa dela. Milene quer fazer uma festinha de noivado em família.

– Meus parabéns, cara! – cumprimentou efusivo.

A bebida chegou e os rapazes brindaram.

– Ao casamento! – exclamou Giovani.

– À festa! – gracejou Nicolas.

Sorveram um generoso gole das bebidas antes de voltarem a conversar sobre o que fizeram no feriado. Giovani omitiu os detalhes sórdidos do pedido de casamento, porém fez uma descrição detalhada das reações da noiva.

Nicolas estava contente pelo amigo. Percebia como ele estava animado com os planos. Sua vida estava bem encaminhada. Era um passo importante, mas sabia que Giovani estava preparado. Quando chegou sua vez, fez um resumo do pouco que se recordava do carnaval. Omitiu tudo sobre o primeiro dia, suas lembranças e seu encontro com Lara. Não queria externar todo o tumulto que o sufocava.

Tentou parecer o mais natural possível, porém, muitas vezes, se pegava controlando os gestos e as palavras. Nessas horas, uma ruga se formava entre os olhos de Giovani, mas entrava em um assunto qualquer e ela sumia.

Os pratos chegaram e os amigos diminuíram a conversa para que a comida não esfriasse. Concentraram-se em assuntos sem importância como o calor, a vista, o restaurante, a bebida e a boa gastronomia do lugar.

– Tem alguma reunião mais tarde? – perguntou enquanto os garçons tiravam os pratos da mesa.

– Não – suspirou enfadado. – Hoje estou totalmente livre.

– Não parece muito satisfeito com isso.

– Está sendo um dia meio entediante e cinzento – revirou os olhos em resposta.

Giovani riu. Tomou mais um gole de sua bebida antes de acrescentar.

– Tenho dois convites para a inauguração de uma loja de grife masculina para hoje à noite. – Tirou-os do bolso interno do paletó que estava pendurado na cadeira. – Não poderemos mesmo ir. Que tal um pouquinho de diversão?

– Obrigada – respondeu pegando os convites sobre a mesa. – Quem poderia convidar?

Giovani riu alto dessa vez.

– Você está brincando, Nicolas? O que há com você hoje? Sua agenda é tão lotada de mulheres como uma cidade inteira!

– Que exagero! – gargalhou e deu de ombros. – Talvez por isso mesmo esteja em dúvida.

– Bem, quer meu conselho?

– Por favor!

– Chame a Michele.

Nicolas fez uma careta.

– Qual é, já cansou de pegar a garota? – questionou sorrindo.

– Você sabe que adoro amizades coloridas. Só não havia pensado nela.

Nicolas queria se bater. Por que estava pensando tanto em Lara?

– E pensou em quem?

– Ninguém – apressou-se em responder. – Mas acho que a Michele não vai me perdoar se eu não convidá-la para essa inauguração.

– Não mesmo – fingiu seriedade. – Ela ama eventos sociais e para você, também é uma ótima oportunidade de fazer contatos.

– Tem razão. Vou ligar para ela depois.

Os amigos se separaram no estacionamento do hotel. Seguindo um chamado silencioso e misterioso, Nicolas dirigiu direto para o bairro onde Lara Costa trabalhava. Chegou a passar em frente ao prédio da empresa. A mão esquerda oscilando sobre o pisca e o pé esquerdo no freio. Quase cedeu. Para vencer àquela sensação sedutora e envolvente, pisou com força no acelerador e arrancou cantando os pneus. Ignorou os motoristas que gesticulavam furiosos contra ele.

Nicolas Bertoldi se apressou em estender o convite para a amiga Michele antes que sucumbisse à tentação de procurar por Lara. Comprometido, seria mais fácil resistir. Ali mesmo, do carro, ligou para ela, que aceitou empolgadíssima.

Inquieto e impaciente, resolveu não ficar de bobeira em casa. Estava nublado demais em sua mente. Foi direto para a academia e passou a tarde toda treinando e conversando com o *personal* e conhecidos que frequentavam o lugar.

Mais tarde, os amigos Augusto e Leonardo também apareceram e monopolizaram a conversa contando suas conquistas do feriado para o distraído Nicolas, presente apenas de corpo, porém sua cabeça estava muito longe dali.

SUSPEITA

Do outro lado do país, o feriado prolongado fora bastante apreensivo e sem novidades. Impaciente e ativa que era, Tamires manteve seu temperamento forte e decidido no comando de seus sentimentos oscilantes. A ansiedade provocada pela espera não a deixava ficar quieta.

Dividiu suas inquietações com Lucca, contando-lhe com detalhes o motivo de sua briga com o marido, Gustavo. O empresário havia sequestrado a própria filha a fim de obrigá-la a sair do Brasil antes que Tamires pudesse descobrir a verdade sobre si mesma. Sua pedra desapareceu e ele lhe deu de presente uma cópia falsificada.

Contou que, depois que a ametista – sua amada gema lilás – se acendeu, a maneira como via as pessoas mudara e, conseqüentemente, pode perceber o quanto Gustavo estava apreensivo e se sentia culpado por algo que não assumia. Antes de se separarem, o marido confessou seu maior erro para a mulher.

Com água nos olhos, narrou ao irmão a última conversa que teve com Gustavo e a verdade de seus sentimentos quando lhe confessava sua participação, bem lá atrás, na separação de sua verdadeira família. Disse como aquilo a havia ferido, e também no perdão que entalara em sua garganta durante a despedida.

Lucca ficou inquieto com o relato da ruiva. Honesto e introspectivo que era, ruminou suas próprias ideias. Não pode esconder sua ansiedade de Tamires, assim como ela não pode encobrir seus pensamentos dele e por prudência, não externou suas conclusões a respeito.

A história da irmã o comoveu bastante e ambos choraram um nos braços do outro. Dois sentimentos antagônicos cresceram nele. Primeiro, uma grande aversão por Gustavo e seus meios de construir a felicidade a qualquer custo. E segundo, uma grande empatia por Alexandre exatamente por agir contrário ao irmão.

Também era preocupado com os outros, mas era um homem de concretizar com as próprias mãos, ao invés de esperar que a vida lhe desse algo de presente. Ficar parado esperando não era bem de seu feitio e por isso era completamente solícito a Tamires.

Mainá ponderava com cautela os pontos positivos para tentar tranquilizá-los. Sua força e praticidade nada puderam fazer para ajudá-los. Com sua característica generosidade, permitiu que os irmãos compartilhassem suas histórias, alegrias e sofrimentos.

Fora obrigada a passar algum tempo com os outros. Não foi um sacrifício. Fazer amizades era bom, mas tinha um espírito diferenciado e não gostava de tomar partido. Quando conversava com Marcel, ele ficava reclamando de Tamires. Por isso, gostava mais de ficar com Alexandre.

O moreno tinha um temperamento mais parecido com o seu. Media as palavras antes de pronunciá-las, era equilibrado e realista. Gostava mais de ouvir do que de falar, principalmente quando o assunto era ele mesmo. E a diferença entre eles era a espiritualidade que na índia era uma característica acentuada.

Alexandre deixou os irmãos se curtirem mais, porém manteve vigilância. Onde os dois estavam, também permanecia, mantendo uma distância confortável, que sustentasse seu coração sereno. E muitas vezes, a índia fora uma boa companhia, também deixando-os a sós. Afinal, Lucca e Tamires tinham muito para conversar e compartilhar. Foram trinta anos distantes um do outro.

A preocupação de todos era Nicolas. Foi o único assunto durante os últimos dias. Mesmo dividido, o grupo se concentrara nele. Só as visões eram diferentes. Lucca e Tamires pensavam nas dificuldades que ele enfrentaria em breve, como – ou diferentemente – do que acontecera com eles há pouco tempo.

Alexandre e Mainá questionavam a parte prática da descoberta, a viagem e o encontro com o rapaz. Marcel e Suzane vigiavam incansavelmente, procurando novidades e informações mais concretas, mas passaram o feriado com a visão nebulosa.

A conversa de Tamires e Lucca se aprofundou bastante.

– Do que você sente mais falta? – perguntou a ruiva.

Sentados na areia da praia sob um guarda-sol, contemplavam o ir e vir das ondas. O rapaz jogou um galho seco quando a água se aproximou e o observou ser carregado antes de responder.

– Do meu trabalho. Era uma pessoa muito ativa em Corumbá. Às vezes, dedicado até demais a minha função.

– Você tinha amigos?

– Sim, meu melhor amigo era o Carlos – riu ao se lembrar. – A gente era tão diferente, mas ele me entendia. – Deu de ombros. – E eu compreendia seu modo meio imaturo de encarar responsabilidade. Ele trabalhava comigo no sítio arqueológico. Era muito competente, mas no quesito relacionamento, era uma pessoa sem limites nem compromisso. – Mudou o foco da conversa, não gostava de ser o centro das atenções. – E você? Aposto que sua vida social era bastante agitada em Foz do Iguaçu.

Tamires o presenteou com um sorriso tímido, porém tão lindo quanto ela mesma era. Lucca ficava admirado com sua beleza toda vez que excedia. Perguntava-se como era possível que ficasse ainda mais linda.

– Não. Era obrigada a conviver socialmente por causa de meu marido. Trabalhar, só quando era solteira e antes de conhecer Gustavo. Mas tinha uma amiga inseparável, desde o

orfanato. Ainda tenho, na verdade-riu. – Carolina mantém contato comigo sempre, via carta, e me envia notícias sobre minha filha e ele – a voz da ruiva tremulou. – Sofia é tão pequena ainda. Meu coração se partiu em vários pedaços quando tive que vir embora.

Sem saber o que dizer, Lucca apenas a abraçou pelos ombros e Tamires repousou a cabeça em seu corpo.

Assistindo a cena, Alexandre e Mainá se entreolharam timidamente. A índia estava inquieta.

– Sei que pode parecer ciúmes – pensou em voz alta a indígena –, mas eu gostaria de saber sobre o que eles estão falando. Queria tanto poder confortá-los.

Suas palavras morreram e se passaram vários segundos antes que Alexandre quebrasse o silêncio.

– Sei o que quer dizer, mas tudo o que está ao nosso alcance, já estamos fazendo. Estamos aqui. É de apoio que eles precisam agora.

A índia baixou a cabeça frustrada.

– Odeio vê-lo sofrer – suspirou a fim de se acalmar. – Quando o vi pela primeira vez, ele não sofria, mas também não era feliz. Era um homem bem-sucedido que tinha prazer somente no trabalho. Sua vida emocional era vazia. Porém é um homem tão admirável e tão fácil de amar. – Fez nova pausa que não foi preenchida pelo companheiro. – Ainda tenho medo do que deixamos para trás.

– Não tema – finalmente falou o outro. – Não há a menor possibilidade de o coronel encontrar vocês.

– O que Lucca fez foi muito mais do que fugir de um casamento, Alexandre – retrucou a indígena. – Ele desafiou a autoridade do fazendeiro e zombou dela. É uma questão de honra. Lucca abriu uma comporta. Outros podem sentir o mesmo direito de desafiá-lo e apostou que isso ele não tolerará.

– Tem razão – respondeu balançando a cabeça o rapaz. – Mas se todos se unirem contra ele, duvido que consiga vencer.

– Gostaria que Lucca entrasse em contato novamente com Corumbá para termos certeza. Já se passou muito tempo.

– Mas não o suficiente nesse caso – apressou-se em dizer o moreno. – Tenha paciência. Vamos lidar com um problema de cada vez. Acredito que o coronel não apareça nesse meio tempo.

Mainá sorriu. Seu tom fora brincalhão demais em um assunto tão sério. Resolveu mudá-lo.

– Você consegue ouvir o que eles estão falando, não é? Está tão concentrado.

Alexandre apenas balançou a cabeça em uma afirmativa quase com vergonha de

admitir que estava bisbilhotando a conversa alheia há vários metros de distância.

– Não se preocupe. Se eu pudesse, também ouviria – acrescentou.

– Eles estão falando de casa e do que deixaram – dividiu.

– Também sinto falta de minha tribo. Eu me adapto muito fácil, acredito por ter sido criada nos dois meios, tanto na aldeia quanto entre os brancos. Mas enquanto estava em Corumbá, sabia que era só pegar meu cavalo e galopar até em casa que em pouco tempo os veria.

– Alguém próximo que sinta mais falta?

– Sim – respondeu em um sussurro. – Meu pai, meu irmão mais velho e até o líder espiritual da tribo-riu. – Não sei porque sinto tanta falta do meu irmão. Ele sempre pegou tanto no meu pé. – Mudou o foco. – E você?

Alexandre ficou em silêncio, meio engasgado. Engoliu em seco a fim de fazer o bolo na garganta descer.

– É complicado. Procurei meu irmão durante anos. Era a pessoa mais importante para mim durante toda a minha infância. Fiquei obcecado em encontrá-lo e quando eu consegui, nossa harmonia durou um tempo curto demais. A missão tratou de nos colocar em lados opostos novamente. – Deu de ombros. – Agora só duas pessoas importam. Minha sobrinha, de quem eu sinto muita falta, e Tamires.

A conversa acabou novamente e os dois jovens permaneceram calados, absortos em seus próprios pensamentos, com os olhos presos nas pessoas mais importantes de suas vidas.

Alexandre virou a cabeça e olhou na direção da casa, centenas de metros atrás deles. Mainá seguiu seu gesto consciente apenas do barulho do mar, mas sabia que o rapaz moreno tinha ouvido mais do que isso.

Marcel vinha ao encontro deles. Nos últimos dias, mal o viram. Passara a maior parte do tempo, inclusive durante as refeições, com Suzane. Ergueram-se esperançosos. Lucca e Tamires se juntaram a eles rápida e silenciosamente.

– Novidades, pessoal – anunciou com seu jeito sabichão. – Boas e más.

Alexandre imediatamente olhou para Tamires. Seus olhos estavam vermelhos, porém seu cenho franzido indicava que a fúria viria à tona depressa.

– Finalmente encontramos Nicolas de novo – continuou o loiro grandalhão. – Foi breve e estranho. Não satisfatório, mas suficiente.

Tamires revirou os olhos impaciente e Lucca riu da ruiva.

– Nicolas está em Vitória, capital do Espírito Santo. Ele é um mauricinho, desculpe, Tamires, e mora em um apartamento muito luxuoso em frente à praia com um amigo. Acorda tarde, corre em trilhas e se refresca no mar. Almoça e janta em restaurantes chiques. Tem um

carro esportivo caro e só anda vestido com roupas de marca. Não sei se ele vai querer deixar tudo isso para nos acompanhar.

– Sem comentários imbecis, Marcel – interrompeu brava Tamires. – Continue e diga somente o que interessa.

Estreitou os olhos insatisfeito com o comentário da ruiva.

– Ele é consultor executivo e tem uma vida social bastante animada, repleta de festas e eventos. Também é herdeiro de uma siderúrgica de aço inox. Mas hoje é a mãe quem administra a empresa e ele apenas participa como acionista. Parece pouco interessado no negócio que o pai deixou.

– Ah, o pai dele morreu! – sussurrou mortificada Tamires.

– Sim, quando ele era adolescente. A relação com a mãe não era boa e ficou pior. No feriado, ele estava com os amigos no Parque Estadual de Itaúnas, no litoral norte do estado. Foi lá que a pedra acendeu e logo adormeceu novamente. Eu a senti de novo agora por um breve período e depois ela sumiu de novo.

– Essa é a notícia ruim? – perguntou Alexandre.

– Não – respondeu pensativo. – Aquela força diferenciada que senti sexta-feira, também havia desaparecido, mas agora a senti bem perto dele.

Todos ficaram apreensivos.

– Será que está cercando Nicolas? – perguntou Lucca.

– Não sei dizer – respondeu Marcel. – Depois a energia simplesmente se afastou. Não consegui ver o que era de novo.

O silêncio que se fez foi necessário para que todos ponderassem sobre as novas informações.

– Você ainda consegue encontrar Nicolas? – perguntou de repente Tamires.

Marcel fechou os olhos. Sua mente sintonizou o jovem que pouco conhecia, tentando localizar sua energia particular e distinta. Azul e leve. Era tão sutil que demorou mais tempo do que o normal para encontrá-la, por mais que estivesse conectado a ele há poucos instantes.

– Sim – respondeu e em seguida acrescentou. –, mas com alguma dificuldade.

– Será que estão tentando escondê-lo de nós? – perguntou Alexandre.

– É possível – refletiu. – A energia dele é meio nevoenta, espalhada, como se estivesse fluando por aí.

Alexandre desatou a rir diante das palavras do jovem anfitrião. Marcel se sentiu ofendido, mas não tinha coragem de brigar com ele. Sabia que perderia. O cara era durão.

– Desculpe – pediu quando percebeu a cara do rapaz e ficou sério. – Depois dessa descrição, não tenho certeza de que seja uma força externa.

Percebendo a interrogação nos rostos ao redor, explicou-se melhor.

– Pensem um pouco nas experiências de Tamires e Lucca. Verdade que não foram iguais, mas tiveram um mesmo propulsor.

– O zodiaco – respondeu a ruiva.

– Exatamente – sorriu deslumbrantemente Alexandre. – E o elemento que rege o signo de Nicolas é ar. Então, se eu entendi bem sua explicação, Marcel, sobre a forma como você vê ou sente as energias, imagino que só pode ser esse o modo como a força dele é vista por você.

– Talvez você tenha razão – não parecia totalmente convencido. – Ainda assim, tenho minhas dúvidas. Por mais que essa seja a manifestação da energia de Nicolas, foi difícil encontrá-la como se ela estivesse fraca.

– Ou você não está familiarizado com ela – retrucou ainda Alexandre.

– Ou alguma força ou magia, talvez essa mesma que não consigo identificar, esteja atrapalhando propositalmente.

Alexandre preferiu pensar melhor antes de continuar discutindo com o teimoso Marcel. O resto permaneceu em silêncio, trocando olhares aflitos. Lucca e Tamires se olharam por um curto tempo, porém o rapaz perguntou.

– Qual é o dom dele?

Tamires encarou o rapaz novamente em silêncio, o cenho franzido.

– Foi você quem pensou nele primeiro – continuou falando Lucca.

– Do que é que vocês estão falando? – irritou-se Marcel. Odiava essas conversas privadas e silenciosas. Já virara um mau hábito.

– Não é nada, não é, Lucca? – respondeu suplicante Tamires.

O ruivo ficou em silêncio olhando a irmã nos olhos verdes por um tempo que pareceu longo demais para o restante da roda.

– Tenho o direito de saber, Tamires – falou, por fim.

A ruiva baixou os olhos e não respondeu. Lucca se voltou então para Alexandre e repetiu a pergunta anterior.

– Qual é o dom de Gustavo?

Alexandre se virou para Tamires. A ficha sobre a conversa silente dos dois começou a cair.

– Por que isso agora? – questionou em vez de responder.

Vendo-se ignorado, se voltou para o loiro. Sabia que dele dificilmente teria a resposta negada.

– Marcel, por favor?

Engoliu em seco sabendo que estava comprando uma briga das bravas, mas incapaz de se negar a ela.

– Se estou entendendo aonde quer chegar, você quer saber se Gustavo pode estar por trás dessa energia. Estou certo?

Balançou a cabeça afirmativamente.

– Bem, o dom dele não é capaz de esconder ninguém, mas sim de enfraquecer.

– Marcel! – exclamou Tamires.

– Ei, não me culpe por seus próprios pensamentos! – defendeu-se o loiro.

A ruiva cruzou os braços e fechou a cara.

– Então – Lucca continuou pensando em voz alta –, é realmente possível que ele esteja por trás disso. Inclusive do desaparecimento das pedras.

Desta vez, Tamires não pode conter sua fúria.

– Deixe Gustavo em paz, Lucca! – vociferou. – Ele está fora dessa guerra.

– Errado, Tamires – retrucou firme o irmão. – Ele não está do nosso lado!

– Como!? – enfureceu-se ainda mais.

Seu rosto se tingiu de vermelho e ela sentiu o corpo estremecer e esquentar. A energia que circulava em seu corpo desejando saltar para fora e atingi-lo por sua insolência.

– Tamires está certa – tentou apaziguar Alexandre. – Não havia como Gustavo ter acesso a nós e a Nicolas.

Lucca encarou Alexandre. Toda sua mente voltada para a parte prática e racional daquela conversa.

– Como você pode me dizer isso? Não está aqui? Assim como você conseguiu a informação de onde estávamos, ele pode ter conseguido.

– Você está extrapolando os limites! – insistiu nervosa Tamires, tentando segurar a própria fúria.

Mainá ficou alerta e não apreciou o modo como a ruiva falou com Lucca. Aproximou-se dele e o tocou no braço, pronta para tirá-lo do caminho caso Tamires tentasse atacá-lo.

– Você não entende – continuou na defesa Alexandre. – Carol é nossa aliada em Foz. Está vigiando Gustavo e se ele tivesse feito algo fora do normal, ela teria nos avisado imediatamente. Não pode ser ele.

Lucca pôs a mão sobre o ombro de Alexandre antes de prosseguir seu raciocínio.

– Entendo que vocês dois, como irmão e mulher dele, tentem defendê-lo. Mas ele já deu provas de ser capaz de qualquer coisa para impedir nossa missão.

Tamires estava vermelho-tomate. Virou-se e se afastou tão depressa que Mainá perdeu o movimento completo, por mais que estivesse com os olhos presos nela. Alexandre correu para alcançá-la.

– Foi ela quem pensou nele, Marcel – se explicou Lucca vendo-a se afastar furiosa. – Se

pensou, é porque também tem dúvida. Ele fez tantas coisas absurdas para impedi-la de estar aqui. Por que ainda o defende?

Todos olhavam na direção onde, seguida por Alexandre, sumia no horizonte infinito de areia.

– Porque – respondeu Marcel sem desviar o olhar – ela ainda o ama.

Chorando, Tamires corria de forma inumana para longe daquela verdade avassaladora sem se preocupar se havia olhos curiosos. Sabia que Alexandre a seguia, mas ainda não estava pronta para se deixar alcançar. Com os olhos turvos, avistou o porto e sem opção – já que voltar estava fora de cogitação no momento – se atirou no mar da pedra, com o impulso da corrida.

Alexandre pulou atrás dela sem diminuir o passo, poucos segundos depois, seguindo as braçadas que Tamires dava a sua frente contra as ondas. Alcançá-la não foi difícil na água já que ela perdeu o ritmo, provavelmente porque estava com dificuldades. Amedrontado, aproximou-se e a enlaçou pela cintura com um dos braços.

– Você está bem? – perguntou.

– Não! – choramingou apoiando parte de seu peso contra o corpo másculo do rapaz.

Não estava cansada. Seu corpo era forte o bastante para suportar aquele esforço extremo que, anteriormente, jamais conseguiria executar. Sentindo a raiva passar, tão rápido quanto viera, as lágrimas diminuindo, Tamires se sentiu melhor para falar, enquanto ainda boiavam em alto-mar, abraçados.

– Sabe o que me deixou mais furiosa, Alexandre? – perguntou a ruiva de repente, tranquilizando o rapaz. – Lucca tem razão! Pensei nele porque ele pode ser o culpado! E isso me tortura!

– É pouco provável que seja ele, Tamires – tentou convencê-la. – Não se machuque à toa.

A ruiva encarou o jovem por um momento antes de prosseguir vendo em seus olhos escuros e profundos toda a preocupação que ela lhe provocava.

– Você disse uma vez que a pessoa que estava sabotando a gente o fazia através de magia – falou. – E Gustavo foi treinado pelo maior mago de nossa terra. Você não acha que ele poderia nos enganar sem que percebêssemos?

Alexandre ficou em silêncio. Não tinha resposta para aquela pergunta. O silêncio era quebrado somente pelo barulho da água do porto, a certa distância. Um barco os avistou e se aproximava a fim de resgatá-los. Tamires e Alexandre foram içados e levados de volta à terra firme.

Ensopados, voltaram para casa, caminhando de mãos dadas. Não trocaram mais nenhuma palavra, apreciando somente a companhia um do outro. Depois da angústia, Tamires

estava aliviada por ter com quem dividir aqueles sentimentos. Acima de tudo, alguém que a compreendia.

Já Alexandre, estava controlando a vontade de tomá-la nos braços de novo e beijá-la. Sempre era difícil demais ficar tão perto e não poder tocá-la como seu corpo desejava. Seu aroma, misturado com o sal, era ainda mais atrativo. Seu cabelo molhado lhe dava um ar desamparado que só o fazia querê-la mais perto de si.

Não se contendo, puxou Tamires mais próximo e a apertou contra seu corpo, encaixando a mão grande e forte na curva de sua cintura. Pensou como ela se acomodava tão perfeitamente a ele. Queria tanto tê-la conhecido em outra época e antes de Gustavo. Poderia tê-la feito feliz.

A mente de Tamires estava dividida entre sua fidelidade ao marido e aquele desejo crescente que pulsava em seu corpo quando estava próxima assim de Alexandre. Às vezes pensava que ser fiel não significava mais nada já que estavam separados. Mas, em seguida, o agravante da ligação de sangue entre eles dissipava esse pensamento.

Não queria e não podia dar uma chance a ele. Mas a cada dia ficava mais difícil e mais vulnerável. A maior prova de sua instabilidade estava naquela cena ridícula com Lucca. Teria que pedir desculpas assim que o alcançasse. Afinal, chegara muito perto de atacá-lo.

Com os pensamentos divididos entre as várias pessoas que amava e queria bem, permaneceu em silêncio, tentando desviar a mente do contato físico e forte que tinha com o moreno. Os corpos molhados e ainda quentes. A mão firme que lhe segurava. Ah, como amava ser acariciada por ele.

Ao se aproximarem, Lucca e Mainá vieram correndo ao seu encontro. Engoliu em seco, envergonhada, e Alexandre a apertou em sinal de cumplicidade. Em poucas passadas, o casal estava parado diante deles. Antes que a ruiva pudesse abrir a boca para se desculpar, o pantaneiro falou primeiro.

– Suzane acaba de ter outra visão – disse sem demonstrar cansaço pela corrida; já Mainá, ofegava ao seu lado. – Nicolas vai passar pela primeira etapa.

Acordei péssimo naquela quinta-feira. Pior do que no dia anterior, cinzento e torturante. Eu me sentia culpado. Havia estragado a minha noite e a de Michele também. Levantei depressa da cama dessa vez, a fim de me mover e esquecer o desastre daquelas horas longas e maçantes. Pelo menos hoje teria um dia movimentado com reuniões e eventos.

Precisava pensar em uma forma de me desculpar com minha amiga pela grosseria que cometera. As palavras que dissera me vinham à mente o tempo todo. Eu me sentia um canalha, coisa que não era de verdade.

Enquanto saía do condomínio para minha corrida do dia, repassei na mente os acontecimentos anteriores e me torturei mais uma vez com as lembranças de Lara e, em seguida, Michele.

Quando cheguei à casa de minha amiga no início da noite de ontem, não estava em um bom estado de espírito. Inutilmente, tentara esconder minha perturbação. O que mais me atormentara era a ideia fixa de ir ao encontro de Lara, como se algo me guiasse até ela. Sentia que era o que devia fazer, mas lutava violentamente contra.

Dividido e fora de controle, travava essa luta interna. Nunca emoções tão conflitantes me assaltaram dessa forma, sem que conseguisse erradicá-las instantaneamente. Tinha muito medo de onde aquilo me levaria. Não estava acostumado a me deixar levar pelas emoções e não seria naquela noite que cairia nessa armadilha.

O meu temperamento leve e alto-astral desapareceu em um de meus instantes contraditórios. Até minha cordialidade marcante estava alterada por uma segura objetiva e sem humor. Meu lado reservado viera à tona.

Vira a confusão na face de Michele. Durante toda a noite tentara me animar, me monopolizar e me agradar. Eu mal percebera. Ela já me vira em muitos momentos taciturno, mas não tão calado. Não soubera lidar com a situação.

Acreditava que, em algum momento, me deixaria sozinho com minha loucura interna e se divertiria. Mas, por fim, sua insistência em tentar me comovera e confundira. E, sem perceber o que fazia, a beijei.

Durante aquele momento breve e infame, minha mente se atormentara com uma lembrança muito mais forte e intensa. O sabor e o calor de Lara e mesmo não sendo o mesmo, demorei tempo demais para interrompê-lo.

Um misto de frustração e nojo me envolveu quando a afastei. Seus olhos, deslumbrados com a violência de meu falso desejo, brilharam. Naquele segundo, tomei a pior decisão da noite.

– Vamos para um lugar mais reservado – dissera enquanto a puxava pela mão.

Insano, quisera fazer um teste. Talvez, ultrapassando todos os limites, encontraria de novo a paz de outrora. Fizera com que Michele entrasse no carona do meu carro e a agarrei novamente, entrando por cima dela.

Sua resposta foi imediata e positiva. Fervi e acreditei que, ao final, daria certo. Afastei Michele novamente e assumi a direção do automóvel. Costurei pelas ruas feito um maluco direto para meu apartamento. Percebi que a mulher ao meu lado se agarrara ao painel e à porta com força.

Já no prédio, sem perder tempo, a puxei para fora do carro e, entre um amasso e outro, chegamos ao apartamento. Estava escuro e silencioso o que facilitara a falta de cautela que tive até ali.

Tinha urgência em me libertar daquela obsessão. Só não lembrara que já havia tentado esse método e fora malsucedido. Talvez porque não conseguia pensar naquele momento.

Estive particularmente bruto. Muitas vezes percebera o espanto na mistura de expressões dela. Porém, ele logo era substituído por prazer e satisfação. Sem me preocupar, continuei concentrado em controlar meus pensamentos.

Ao final, Michele se aconchegara ao meu corpo, envolvendo meu tórax com um braço. Enquanto ela suspirava, alegre, me sentia um trapo velho. Sujo, rasgado e maltratado.

O que pensei? Pior do que usar a jovem em meus braços, sabotei a mim mesmo. Não era um sacrifício, já que era gata e sabia que ela se sentia atraída por mim, mas fora um monstro egoísta. Revoltado comigo mesmo e me sentindo horrível enquanto ela estava em minha cama, a afastei meio grosseiro, apanhando as roupas espalhadas pelo chão.

– Vou tomar um banho – disse enquanto me dirigia à porta e acrescentei antes de fechá-la. – Tem um número de uma companhia de táxi ao lado do telefone.

Fora um monstro, grosso e estúpido. Porém, estava hiper-insensível. Perdera todo o tato e não tinha cabeça para organizar uma frase educada. Só queria e precisava ficar sozinho imediatamente.

Esforço vão. Sentia tanta raiva de mim mesmo que desejara socar a parede até quebrar a mão. Lamentava por mim e por ela. Não entendia o que estava acontecendo comigo.

Ser aberto demais a tudo e a todos não era saudável, agora via. O sofrimento poderia ser muito maior. Eu me sentia perdido e sem rumo, preso a uma linha tênue que me puxava constantemente e com minha resistência, se partiria.

Quando sai do chuveiro, não havia vestígio de Michele no apartamento. Envergonhado, pensei em ligar para ela na mesma hora, porém, sem saber o que dizer, abandonei a ideia.

As horas seguintes foram longas e insones. Pensar não estava ajudando, mas minha mente não desligava. Acabara adormecendo pela exaustão. Dormira profundamente por um tempo curto

demais até que o despertador tocou.

De volta a minha rotina de mais um dia, esperava que a corrida e o mergulho trouxessem esperança e solução para meu problema. Na verdade, confiava que as ocupações do dia, no mínimo, fossem suficientes para me colocar de volta ao eixo.

De que forma conseguiria trabalhar naquele estado mental? Precisava de minha lucidez de volta. Ansioso por isso, procurei outro ponto da cidade, o mais alto, para minha corrida matinal. Quanto mais perto das nuvens, melhor.

Eram vários quarteirões até ele, mas tinha tempo e motivação. A pé, aquecendo os músculos de minhas pernas, cruzei os bairros do Horto, Consolação, Nazaré, Jucutuquara e Fradinhos onde, enfim, alcancei o Parque Estadual da Fonte Grande.

Comecei a corrida na entrada por uma trilha que me levava direto ao morro que dava nome ao parque. Seu relevo acidentado dificultava meu progresso, mas a visão dos vales e pontões eram animadores e deslumbrantes.

Localizado no maciço central da ilha, contrastava com a agitação da metrópole e era a última área contígua de grande porte com vegetação característica da Mata Atlântica. Nas encostas, bicas e fontes naturais jorravam.

Ao redor dos quase vinte e dois mil metros quadrados de mata, também havia animais nativos como répteis, invertebrados, pequenos mamíferos e aves, que poderia ser observados em seu habitat natural.

Corria e o vento realizava, a cada passo, a clareza que tanto almejei. Sentindo o resultado com rapidez, acelerei o ritmo e fiquei satisfeito ao perceber que senti pouca dificuldade para subir a trilha íngreme.

A mata formava o corredor e lá no topo avistei as torres de telecomunicação que eram pontos de referência em toda a ilha: do porto, da praia ou de outros bairros. Continuei subindo mais motivado. Chegar ao mirante natural mais alto daquele morro, com mais de trezentos metros de altura, foi uma dádiva divina. Proporcionava uma visão privilegiada e múltipla de todas as belezas únicas da capital.

Aspirei fundo trazendo o ar puro e leve para meus pulmões que queimavam pela corrida forçada. Ainda assim, estava pouco ofegante e muito mais concentrado no que via do que no que sentia. Havia uma paz tão doce lá em cima. Um silêncio sob o sopro do vento. Podia viver ali, sem que nada me incomodasse. Pensei que poderia me desintegrar e virar fumaça, me dissolver às partículas de ar.

Contemplei o invisível, o céu, as nuvens empurradas pelo vento, o mar recortado pelas ilhas, os morros apontando aqui e ali entre o verde e o cinza da ilha, as pontes e as cidades vizinhas.

Amava Vitória. Adotara a cidade como minha terra natal desde o primeiro dia em que pisei naquele recanto brasileiro. Por mais que viajasse e conhecesse vários lugares, tanto do Brasil quanto do mundo, sempre desejava voltar para casa. Não haveria lugar ou motivo que me tirasse dali. Viveria meus dias altos e baixos, minha velhice e minha morte e seria enterrado ao lado do meu pai, o único homem que amei.

Não me preocupava com o futuro. Acreditava que ele estava traçado a partir de minhas decisões e escolhas do presente e o vivia intensamente, mas não era difícil perceber onde pararia.

Minha vida caminhava para a estabilidade. Era bem-sucedido em minha carreira de consultor executivo, tinha minha liberdade e herança, e não ficaria desamparado caso algo desse errado – o que não era o caso.

Tinha muitas certezas. Algo raro, porém completamente verdadeiro em mim. Não havia motivo nenhum para me preocupar com o futuro e ainda assim, conhecia uma única razão para acreditar na desestruturação total de tudo que construí.

Lara e a loucura que essa atração provocava em mim. Queria seguir por um caminho e ela me puxava para outro. Estava muito difícil lutar, mas insistiria enquanto acreditasse que tinha forças para isso. Permaneci um tempo longo e revigorante no mirante sobre o morro. Porém, tinha horário marcado com um cliente e não poderia prolongar mais meu momento reflexão.

Desci caminhando a fim de estender os efeitos positivos que causou em mim. Olhava ao redor, observando os detalhes da paisagem natural. Também amava a natureza. Na adolescência, passara pela preocupação com o meio ambiente, porém essa ideia nunca se apagou em mim e era esse um dos motivos pelo qual amava Vitória e ainda voltava para Conceição da Barra, apesar das lembranças tristes.

Sabia que podia fazer mais do que apenas contemplar. Então, dividia meu tempo livre engajado em projetos de preservação ambiental. Chegara a frequentar faculdades voltadas para isso, porém não dera certo. Percebi que poderia usar meu próprio trabalho para concretizar novos projetos ou conseguir patrocínio para outros que só precisavam de apoio financeiro para prosseguir.

Conferi o relógio e vi que o tempo passara mais depressa do que previra. Chegaria atrasado se voltasse a pé. Apresssei o passo e cruzei a entrada do parque, atravessando as ruas com rapidez e cuidado à procura de um táxi. Ainda bem que não demorou muito para encontrar um desocupado. Dei o endereço e pedi pressa ao motorista. O carro partiu em seguida, percorrendo o trajeto mais curto.

Meu pensamento estava leve e despreocupado. Procurei mantê-lo assim, vazio, para que fosse preenchido somente pelos tópicos da reunião de logo mais. Assisti pelos vidros do automóvel a cidade passar a nossa volta.

Chegando ao condomínio, paguei o táxi, entrei direto para a recepção e chamei o

elevador. Olhei o relógio novamente para constatar que teria menos tempo do que desejava para me arrumar.

No apartamento, fui direto para o chuveiro tomar uma ducha rápida. Somente quando estava debaixo da água que me lembrei de que não havia mergulhado no mar. Sorri sozinho e pensei: mais um ritual quebrado.

Não importava. Essas coisas eram pequenas demais para serem negativas na minha vida. Só não podia mesmo parar de correr porque isso, já estava provado, me fazia muito bem.

Saí do banho e resolvi me vestir com o estilo esporte fino, mais arrojado e jovem. Uma tradução da imagem que gostaria de passar de mim mesmo naquele dia e do meu próprio estado de espírito.

Olhei o resultado no espelho e fiquei satisfeítíssimo com minha camisa moderna, calça social e meu sapato descolado. Como eventualidade, peguei uma pasta de couro com bloco de papel, caneta e porta-cartões de visita e parti novamente em meu carro.

O ponto de encontro não ficava longe do condomínio. Era uma churrascaria e por melhor que fosse sua localização, não era um lugar exatamente propício para reuniões de negócios. Havia muito barulho de conversas descontraídas e som ambiente.

O rapaz encontrou um homem de meia idade, magro e desconfiado, o aguardando em uma mesa bem no centro. Estavam adiantados. Não haveria muita privacidade ali, apesar do cliente parecer bem reservado e preocupado.

– Senhor Fábio Vitti? Sou Nicolas Bertoldi – cumprimentou o rapaz.

– Prazer – retribuiu o cliente. – Obrigado por vir.

Nicolas se sentou visivelmente desconfortável, tanto com a atitude receosa do cliente quanto com o local escolhido para a reunião.

– Vou ser sincero com o senhor – começou a falar Fábio –, não estou muito à vontade com esse encontro e espero que me compreenda e me perdoe. Sou proprietário de uma agência de publicidade que atende as indústrias Pagotto. Estou desesperado e o senhor Giovani me indicou sua consultoria. – O homem fez uma pausa enquanto uma expressão desconsolada preenchia seu rosto de rugas fundas. – Não compreendi muito bem como funciona seu trabalho, senhor Bertoldi, porém estou sem saída e essa é minha última esperança.

Sorrindo, Nicolas voltou a ter controle sobre a situação e se acomodou melhor na cadeira antes de responder.

– Tudo bem, senhor Vitti, já estou acostumado. A primeira reunião com um cliente novo sempre apresenta essa particularidade. Meu trabalho é muito discreto e faço pouca propaganda sobre ele e por isso a maioria dos empresários não entende meus processos. Imagino que para o

senhor seja um pouco pior, já que é um profissional das ideias.

O homem do outro lado da mesa ainda não estava totalmente tranquilo, porém seu rosto passou do vincado ao consternado.

– Só aceitei a sugestão do jovem Pagotto devido a essa palavrinha mágica chamada descrição – acrescentou o publicitário. – E conto com sua compreensão quanto a isso, inclusive por esse motivo escolhi este lugar.

– Entendo e realmente concordo que aqui não seja um lugar que empresários frequentem em busca de soluções para seus negócios.

– Isso mesmo, meu jovem – respondeu mais aliviado. – Bem, vamos ao meu caso então. Entre as contas de minha agência, tenho um hipermercado, um dos nossos melhores clientes. Se não se importa, gostaria de preservar a identidade dessa empresa. Giovanni me disse que não seria necessário entrar em muitos detalhes sobre ele durante nossa reunião. Apenas que lhe dissesse a ideia que tenho em mente.

– Sem problemas – respondeu o rapaz amigoso. – Prossiga, por favor.

Apesar do frescor do lugar, o homem de meia idade transpirava.

– Esse cliente, no entanto, está infeliz porque todas as ideias originais que a rede teve, a concorrência copiou. Não existe mais diferencial nesse mercado a não ser a qualidade e o menor preço, que já estão mais do que batidos. Portanto, esse cliente exigiu que criássemos uma ideia inovadora, que batesse as demais e fizesse o hipermercado entrar no *top of mind* do setor.

O homem retirou do bolso da calça um lenço com o qual enxugou o suor que escorria pela face vincada.

– Depois de recusar várias ideias que nossa equipe formulou e aceitar outras que não deram certo, o cliente deu um ultimato. Uma última chance. Se a próxima não der certo, ou se ele não aprovar, perderemos a conta. Tenho uma última ideia, que pode ser a salvação da agência, porém precisava ter certeza de que dará certo antes de apresentá-la. É aí que o senhor entra.

Nicolas bebeu tranquilamente um gole de seu copo antes de falar.

– Certo, senhor Vitti. Compreendo a importância dessa conta para o senhor. Então, me fale sobre sua ideia para que possa lhe dizer o que deseje saber.

Encabulado, o publicitário suspirou. Estava a ponto de desistir e correr. Essa situação desesperadora o havia levado a uma reunião ridícula com aquele jovem. E, no entanto, não tinha escolha. Precisava pelo menos tentar, mesmo que aquilo não desse em nada.

– Pensei em uma ala infantil, preparada com brinquedos e monitores, para que os pais possam fazer suas compras com tranquilidade enquanto os filhos estão distraídos e bem cuidados. Essa ideia é bastante prática quando se pensa em crianças.

Nicolas estava paralisado. Seu olhar procurava alguma coisa ao seu redor, distraído e preocupado. Um arrepio lhe passou pela espinha.

– Senhor Bertoldi? – chamou Fábio.

O rapaz olhou de volta para seu interlocutor, desculpando-se.

– O senhor sentiu isso? – perguntou em seguida.

– O quê? – perguntou Vitti.

– Um vento frio e repentino – o publicitário pareceu duvidar do que dizia mais do que antes, acrescentou. – Deve ter sido alguma janela aberta.

– Ou o ar condicionado – corrigiu Fábio.

Nicolas olhou para o aparelho industrial que estava muito distante e virado para outro lado. Seu sopro não chegava diretamente nele e nem haveria como pela sua posição. Resolveu ignorar o ocorrido por enquanto e responder ao cliente.

– Sobre a sua ideia, senhor Vitti, não é ruim, porém apresenta um problema. As grandes redes de hipermercados possuem lojas em shopping centers que já são centros de lazer. Portanto, sua ideia não atenderia cem por cento da rede.

– Sim, mas pode dar certo? – retrucou o publicitário. – Ou o senhor teria uma sugestão para me fazer?

– Bem, daria certo em parte, como disse – replicou Nicolas. – Mas você corre o risco de perder a conta pela desigualdade entre as lojas. Acredito que deva ser uma ideia universal, aplicável em toda a rede, e que vá além de conforto, que seja conceitual. Talvez algo que tente mudar o mundo. Se o senhor me permite, tenho uma ideia que daria certo a curto e longo prazo.

– Sou todo ouvidos – rendeu-se Fábio Vitti deixando a tensão escapar de seu corpo surrado.

– Sei que o tema pode parecer batido, porém é o assunto do futuro e seu cliente vai querer estar entre as empresas de vanguarda. Os hipermercados não compraram a ideia de preservação ambiental. Sei que vendem produtos orgânicos e sacolas ecológicas, porém não fazem nada para dar o exemplo e conscientizar seus clientes da importância de participar desta iniciativa. – Debruçou-se sobre a mesa, empolgado com o fluxo de ideias que jorrava de sua mente. – Sugiro um selo verde que destacaria e indicaria de forma clara e objetiva ao consumidor o produto ecologicamente correto e sua importância para o futuro do nosso mundo.

– E uma ala exclusiva para esses produtos, o que acha? – interrompeu Fábio.

– Não, dessa forma você limitaria a informação somente para aqueles que se interessam pelo assunto. A ideia é infiltrar o conceito entre os produtos, diferenciando-os pelo selo, e assim chamando a atenção de pessoas despreocupadas com o assunto. Por exemplo, na área das bebidas, o hipermercado destacaria os produtos com embalagem retornável. Na de

alimentos orgânicos, a importância para o reaproveitamento e a economia no consumo. Na de limpeza, os sacos de lixo.

– Mas os sacos de lixo são plásticos! – contestou Fábio.

– Sim, porém são de decomposição rápida e isso os faria deixar o hábito de usar as sacolas fornecidas pelo hipermercado para a coleta do lixo doméstico. E, no caixa, os empacotadores devem oferecer a sacola retornável ou caixas de papelão para levarem suas compras para casa. A empresa estaria inserindo essa ideia na mente de seus clientes de forma constante. Assim, ela surtiria efeito e, consequentemente, mudaria a imagem da empresa perante a concorrência.

Quando terminou de falar, uma brisa agradável acariciou seu rosto. Procurou outra vez o foco do vento, porém não encontrou nada. Concluiu que alguém deveria ter passado rápido e movido o ar próximo dele. Focando novamente em seu cliente, estava satisfeito com a mudança operada em sua aparência. Parecia muito mais receptivo. Com isso e mais um instinto interno, Nicolas tinha certeza de que essa era uma ideia que daria muito certo.

– Bem, não vou negar que fiquei impressionado – falou, afinal, o publicitário. – Você falou com eloquência sobre minha própria ideia e ainda por cima foi capaz de me dar uma ótima sugestão.

– Quero que saiba, senhor, que não é porque dei essa ideia que ela vai dar certo e a outra não. Porém, como sabia que a sua não estava completa, essa ideia me veio à mente, do mesmo modo como tomei consciência sobre o futuro de sua ideia. E como me permitiu, a sugeri. E posso afirmar, com segurança, que essa será uma ideia que dará certo. Porém, se tiver outra a partir dela, ou completamente diferente, estou aberto para ouvi-la e ajudá-lo no que for preciso.

O homem finalmente sorriu para o jovem. Um leque de pés de galinha se desenhava ao redor de seus olhos. Seus dentes a mostra eram amarelados, o que fez Nicolas pensar que deveria ser estressado e fumante, mas estava muito mais tranquilo agora. Sabia que conquistaria sua confiança.

– Agradeço, meu jovem – respondeu Vitti. – Giovani não exagerou em nada quando me falou sobre você. Acredito que sua orientação realmente será muito útil para mim e para meu cliente. Por isso, vou seguir seu conselho e lhe garanto que não hesitarei mais em procurá-lo antes de formular uma campanha importante. Agora, que tal almoçarmos que estou faminto?

TREINAMENTO

Que dia! E ainda estava longe de terminar. Depois de ouvir o recado de Lucca, Tamires atravessou o espaço até a casa com passos rápidos, seguida por Alexandre que lhe segurava a mão firme. Mainá e Lucca os acompanharam logo atrás. Antes que alcançassem a residência, a ruiva falou.

– Lucca, me desculpe por antes.

– Tudo bem – retrucou. – Eu e minhas ideias práticas que não deviam sair de minha cabeça. Perdoe-me você. Não tive a intenção de magoá-la.

Sorriram um para o outro timidamente. Eram íntimos e ao mesmo tempo desconhecidos, portanto era difícil tomar certas atitudes. Ao mesmo tempo em que a ruiva o considerava parte da família, ainda não aceitava as críticas a que o parentesco lhe dava direito.

Por sua vez, o irmão tentava compreender sua explosão, já que entrara no grupo há pouco e só conhecia Gustavo pelo que lhe havia contado. Estava sinceramente arrependido de sua opinião precipitada e ofensiva. Esperava que, assim que descobrissem essa força estranha, soubessem a verdade.

Depois de ouvirem sobre a etapa de Nicolas, pairou um silêncio pensativo na sala. Marcel narrara a cena que Suzane vira da reunião do capixaba com um cliente em Vitória. O grupo absorvia à narrativa. Tamires foi a primeira a quebrar o silêncio.

– Não entendi direito como funciona essa consultoria de Nicolas.

– Parece que ele usa algum dom sobrenatural para dizer se uma ideia é boa ou não – pensou em voz alta Alexandre.

– Mas como? – retrucou Lucca. – Ele trabalha com isso tempo suficiente para ter prestígio, mas os dons se manifestam somente quando a pedra acende.

– Não, apenas com você e Tamires foi assim – esclareceu o loiro. – Acho que o dom de Nicolas é mais instintivo, como o de Suzane, o de vocês é mais mental.

Os ruivos se entreolharam e tiveram mais uma conversa silenciosa. Ao final, ambos suspiraram. Não pareciam ter chegado a algum consenso. Marcel bufou. Odiava aqueles diálogos. Mainá apertou a mão do companheiro. O moreno contemplou o rosto preocupado da mulher que amava.

– O que vamos fazer agora? – perguntou por fim a índia em voz alta, aflita com o silêncio em volta.

– Vamos fazer as malas e viajar para Vitória – respondeu prontamente Tamires. – Aliás, temos que decidir quem vai. Bem, eu e Alexandre somos imprescindíveis ao lado de

Marcel, já que provamos nosso valor na busca por Lucca. Já vocês dois – e olhou para o novo casal do grupo – acredito que poderiam continuar aproveitando a lua-de-mel. Não há necessidade de que todos se arrisquem – sorriu timidamente.

– De jeito nenhum – discordou o pantaneiro. – Quero ajudar também. Vou enlouquecer se continuar parado aqui, ainda mais sabendo que vocês podem estar correndo perigo.

– Ei, calma, pessoal – interrompeu o loiro. – Ainda não sei se devemos ir. A situação lá no Espírito Santo ainda é muito vaga.

– Pode ser perigoso continuarmos esperando – apressou-se em argumentar a ruiva. – Essa situação é muito grave e não quero chegar atrasada novamente.

O loiro fez uma careta, vincando a testa em irritação e desaprovação. Tamires procurou apoio ao redor. Lucca e Mainá lhe expressaram seus sentimentos de concordância silenciosos. A ruiva ficou intrigada quando percebeu a hesitação do moreno.

– Alexandre? – sussurrou.

Sua voz tremulou levemente, entre a raiva e o desespero. Ela sabia que o voto dele colocaria a questão em empate, já que a índia não contava. Seguiria Lucca para onde ele fosse. Eles eram um pacote único. Também sabia que o moreno ficaria ao seu lado, mas se não concordasse, tentaria mudar sua opinião.

– Não tenho certeza – respondeu por fim e antes que a ruiva abrisse a boca para protestar, se explicou. – E minha dúvida é exatamente pelo mesmo motivo que você acha que devemos partir agora.

Conseguiu a atenção completa e interessada dela que aliviou sua expressão e, sem entender e cheia de curiosidade, estava disposta a ouvi-lo.

– Ainda não conhecemos essa energia e, portanto, não sabemos sua força. Pode ser maior que nós todos juntos. Tenho medo, Tamires, que precisemos lutar de verdade. Não como aconteceu em Corumbá onde só despistamos os inimigos de Lucca – seu olhar era preocupado. – E temo que não estejamos preparados.

Empolgado com as ideias que lhe assaltavam a mente, Alexandre se remexeu no sofá. Olhava fixo para Tamires porque sabia que era a mais preocupada e se a convencesse, o restante seria automaticamente levado para o mesmo caminho.

– Sinto que poderíamos ter feito mais do que vigiar, como Marcel propõe. Mas essa é a função dele. A nossa é muito mais ativa e sei que você gostaria de poder fazer mais. Sinto por não ter tido essa ideia antes. Fiquei inquieto por um tempo, principalmente depois que te prometi que pensaria em alguma coisa.

Tamires se mexeu impaciente, porém atenciosa. Admirava o cunhado por saber se expressar, porém estava ansiosa para saber onde sua ideia os levaria.

– Mas foi somente depois de uma conversa entre você e Lucca que, finalmente, soube o

que fazer.— A ruiva olhou para o irmão que deu de ombros. — Foi durante o carnaval. Não falei antes porque fiz uma encomenda pela internet e esperava que ela chegasse para começarmos os trabalhos. Recebi hoje cedo.

Alexandre se levantou e foi para a sala de jantar. Voltou com uma caixa de sedex na mão. Ainda calado, a abriu e tirou dela dois pacotes pequenos transparentes. Deu um para Tamires e o outro para Lucca.

Os dois, deslumbrados, abriram os saquinhos com cuidado. Eram dois anéis, presos em uma espuma escura. O do ruivo era prateado e largo, com uma pedra negra retangular sobressalente. Alexandre não precisava lhe dizer que gema era aquela.

— Ônix! — exclamou o rapaz maravilhado ao sentir a harmonia, a estabilidade e a alegria que a pedra lhe provocava.

Tamires analisava o seu, alheia às palavras do irmão. O arco de ouro branco era fino e delicado, trabalhado ao redor da gota lilás que brilhava. A moça sentiu paz, calma e harmonia provocadas pela joia.

— Ametista! — sussurrou. — Estava com tanta saudade.

A ruiva o encaixou no dedo anular da mão direita — na esquerda, ainda mantinha a aliança de casamento — e o contato só fez salientar as sensações agradáveis da pedra em seu espírito. Lucca imitou seu gesto automaticamente, também absorto e concentrado no movimento. Ambos pareciam enfeitiçados e encantados.

— Comprei um anel de ônix para dar a... — interrompeu-se o ruivo.

— Sim, foi essa história que me inspirou — salvou-o o moreno. — Sei que não é a original, mas a pedra é a mesma e essas vão ajudar durante nosso treinamento e nas próximas ações. Porém quando chegar formos abrir o portal, elas não substituirão as chaves. Ainda teremos que encontrá-las.

— Você disse treinamento? — perguntou Tamires voltando-se para o cunhado.

Sorriu satisfeito ao perceber o nítido interesse e calma da ruiva.

— Sim, essa é a segunda parte de minha ideia — respondeu. — Vocês nasceram com um dom especial que pode ser potencializado com treino e algum conhecimento de magia. Bem, não sou um *expert*, mas conheço alguns truques que podem ajudá-los.

— Como assim potencializar nossos poderes? — questionou Lucca. — Você fala sobre os elementos?

— Exatamente — confirmou. — Tive o privilégio de vê-los juntos em ação e percebi que vocês controlam os elementos, mas não os criam e, pelo pouco que sei, é completamente possível. Acredito que, mesmo com pouco tempo, é provável que consigam alcançar esse objetivo. Será muito útil também em nossa missão.

Tamires e Lucca se entreolharam, alegres e esperançosos.

– Com certeza é uma boa ideia – contestou a ruiva.

– Concordo. – acrescentou o rapaz ruivo.

Marcel se pôs de pé em um pulo.

– Obrigado, Alexandre, por deixá-los ocupados enquanto Suzane e eu vigiamos.

O moreno piscou para o loiro e o viu sair da sala direto para o quarto.

– Quando começamos? – perguntou animada Tamires ignorando o cunhado.

– Agora mesmo – sorriu Alexandre pegando a mão da ruiva e levantando-a.

Foram para os fundos da casa direto para o grande quintal murado. Era bem capinado, com várias árvores espalhadas ao redor. No centro, havia uma grande clareira. Pegou uma ferramenta de jardinagem e disse.

– Junte o máximo de pedras que conseguirem enquanto faço o desenho.

Lucca e Mainá ajudaram Tamires a juntar pedras em um balde. O solo rochoso do arquipélago facilitava a tarefa que cumpriram em pouco tempo. Quando voltaram para perto de Alexandre, perceberam que o tal desenho estava pronto e bem marcado na grama baixa.

O moreno pegou as pedras e as alinhou por cima da marca, o que evidenciou ainda mais o formato do círculo perfeito ao redor de uma estrela de cinco pontas desenhada com traço ininterrupto. Uma apontava para cima e as outras para os lados, olhando do ponto de vista de onde ele estava.

– Conheço esse desenho – sussurrou Tamires.

– É o pentagrama – explicou Alexandre. – Tem muitos significados. Antigamente, o círculo representava a lua e a estrela de laço infinito, a verdade e a perfeição. Também era usado como símbolo da ordem e do conhecimento. O que é certo é seu misticismo, associado à magia e aos mistérios. Oferece dose de energia extra, magia e poder. Outras interpretações dizem que o círculo representa o universo e a estrela o homem que domina a matéria da seguinte forma.

Debruçou-se e desenhou acima da ponta superior um círculo perfeito onde quatro traços o fatiaram em oito partes iguais cruzando-se exatamente no centro.

– Esta ponta representa o espírito ou a mente humana. É a quinta essência dos quatro elementos. Este seria o quinto elemento que controla e detém os demais. É aqui – e apontou para a própria cabeça – que a magia acontece. Somente com a mente poderemos criar, guiar e realizar ritos mágicos. Este é o maior mistério das coisas ocultas.

Foi para a ponta seguinte no sentido horário e desenhou sobre ela um triângulo com a ponta virada para baixo.

– Esta representa o elemento água. Corresponde às forças da mobilidade e da

adaptabilidade. – Passou para a ponta debaixo, seguindo o mesmo sentido e desenhou um triângulo com a ponta virada para cima. – Este você conhece, Tamires.

– Fogo – respondeu a moça virando o braço o olhando a marca no mesmo formato perto da dobra interna de seu cotovelo.

– Representa a energia, a vontade e o poder das mudanças e transformações. É a força da ativação e da agilidade. – Alexandre se aproximou da ponta seguinte e desenhou um triângulo virado para baixo com um traço cortando-o ao meio e perguntou. – Lucca?

– Terra – respondeu o ruivo. Mainá se aproximou e acariciou suas contas, próximo ao ombro direito, no ponto onde a marca havia aparecido com aquele mesmo símbolo há apenas algumas semanas.

– Esta simboliza os mistérios, o lado invisível da vida, a força da fertilização e do crescimento. – Caminhou para a que faltava e desenhou um triângulo com a ponta para cima cortado ao meio por uma linha. – E ar que corresponde à inteligência, ao poder do saber e a força da comunicação e da criatividade. O místico que detém o conhecimento sobre os quatro elementos usa o pentagrama como símbolo de domínio e controle sobre eles.

– Incrível! – murmurou o ruivo.

– Já posso sentir uma energia diferenciada – compartilhou a ruiva.

– Vocês são seres místicos por natureza – disse o moreno. – Nasceram com um corpo e um potencial altamente relacionado à magia. Porém, a mente de vocês não foi preparada para controlá-la. É isso que pretendo ensinar.

– Como assim não controlamos? – retrucou ofendida. – Uso esse poder a hora que quiser.

– Então me explique como você o sente e o ativa.

– Bem, é mais uma sensação física que deixo fluir ou retenho.

– Lucca? – perguntou Alexandre.

– É igual para mim. É uma força física. Por mais que possa ativar e desativar no momento que quiser, ainda assim apenas a seguro ou prendo.

– É sobre isso que estou dizendo – continuou explicando. – Vocês nasceram com a energia mística, são mágicos em essência, mas usam muito pouco do que poderiam dessa dádiva. É como falei antes. A magia não é física, é psíquica. Se vocês aprenderem a construí-la em suas mentes, poderão fazer qualquer coisa.

– Que tipo de coisa? – perguntou desconfiada.

– Criar fogo onde não existe foco nem combustível. – Vendo o espanto no rosto dos seus interlocutores, continuou rindo. – Tudo é feito de matéria. Nós, esta grama, as pedras, os objetos, os elementos. Na verdade, os quatro são a representação do que existe em nosso planeta. A matéria é energia construída de forma a criar tudo o que existe, certo? – Concordaram. – A

magia nada mais é do que controlar essa energia ao seu bel prazer. Você pode, com a força e a energia de sua mente canalizada nesse objetivo, reconstruir qualquer coisa ou criar algo novo.

– Essa é a primeira lição, professor? – brincou a ruiva estarrecida.

Alexandre a olhou com um sorriso satisfeito pelo título que recebera.

– É a única.

– Então, é só isso? – perguntou frustrado o pantaneiro.

O rapaz moreno voltou-se para o ruivo com um sorriso divertido no rosto.

– Só isso? – Brincou com a expressão do rapaz e perguntou. – Quer tentar?

Dividido entre o desafio e a vergonha, Lucca ficou parado por um tempo decidindo o que deveria fazer. Vendo seu embaraço, Alexandre deu mais uma instrução.

– Vá para o centro do pentagrama, esvazie sua mente de pré-conceitos e do que existe.

Pense e canalize sua energia na matéria que deseja modificar ou criar.

O ruivo caminhou até o centro da estrela. Observou que o cruzamento da linha infinita que a desenhava no interior do círculo formava um pentagrama, que dava origem ao nome daquele signo. Desviou seus pensamentos perdido. Como deveria começar? Inspirou fundo e fechou os olhos, tentando se concentrar em limpar a mente. Porém estava complicado não pensar e principalmente não se autocriticar pela petulância. Depois de alguns minutos, abriu os olhos e suspirou.

– Sinto muito, mas isso não é possível! – gesticulou o pantaneiro se movendo para fora do símbolo tomando cuidado para não chutar as pedras.

Alexandre deu um passo na direção do símbolo e parou próximo, sem avançar sobre o desenho.

– Você disse que é impossível, Lucca? – perguntou o moreno.

Eles se voltaram para olhá-lo enquanto movia sua mão no ar com calma e, depois de um suspiro, a desceu novamente. Demoraram um pouco para entender o que ele estava fazendo e então perceberam que, do balde ainda cheio de pedras recolhidas, uma delas se sobressaía, flutuando no ar. Espantada, Tamires olhou para a mão de Alexandre e viu quando ele a fechou com força, como se esmagasse algo. A pedra se estilhaçou em milhares de fragmentos. Protegeram os olhos para que não os ferissem. O moreno caiu prostrado sobre o chão, arfando com violência.

– Alexandre! – exclamou Tamires correndo em sua direção. – Você se machucou?

– Estou destreinado – ofegou sorrindo. – Faz muito tempo que não faço isso.

– Você também pode controlar os elementos? – estranhou Lucca.

– É isso que estou tentando falar para vocês – respondeu Alexandre erguendo-se com o apoio da ruiva. – Qualquer pessoa, que detenha algum tipo de magia, pode. Por isso que é tão

importante que potencializem seus poderes, porque, no final, vai ganhar quem tiver maior força, não o melhor dom.

– Compreendido, professor – disse Tamires séria. – Então explique melhor como foi que você fez aquilo.

– Tive algumas aulas de magia, há muito tempo. É como andar de bicicleta, depois que a gente aprende, nunca mais esquece, mesmo que não use mais.

– Então também posso aprender? – perguntou Mainá, quieta até então.

– Com certeza! – exclamou Alexandre empolgado.

– De jeito nenhum! – apavorou-se e falou ao mesmo tempo Lucca.

Silenciosamente, Mainá encarou seu amado com os olhos derretidos doces e delicados. O rosto de Lucca foi caindo, torturado, com as palavras silenciosas que ela lhe dizia. Por fim, sem dizer nada, o ruivo se jogou nos braços da índia com lágrimas nos olhos. Depois de apertá-la forte, a beijou e balbuciou.

– Eu amo você.

Tamires observou a conversa muda do casal lendo os sentimentos tumultuados que ela provocou neles. Por fim, ela também estava chorando emocionada. Alexandre se aproximou e a tomou nos braços, sem perguntar. Imaginava o que a indígena estaria dizendo a Lucca. Seria a mesma coisa que diria a ruiva.

Depois que a comoção passou, Tamires foi a seguinte a tentar. Ela moveu muitas pedras, mas sabia que ainda estava fazendo errado. Estava usando a força física, não a mente. Queria começar pelas coisas mais simples para depois tentar reinventar a matéria. Queria dominar o conceito antes de tentar ir mais além.

Lucca e Mainá se juntaram a Tamires no centro do pentagrama. O rapaz seguiu o conselho da ruiva e começou pelo mais básico. Ambos erraram muito enquanto tentavam a tarde toda. A índia não conseguira nenhum progresso, mas não estava pensando em desistir tão rápido.

Alexandre observava e instrua, repetindo a única lição que precisavam para conseguir fazer magia. Ainda estava com dor de cabeça e começava a pensar que também precisava praticar mais a fim de desenvolver seu conhecimento. Fez outras tentativas pequenas, porém o esforço era grande demais.

Ao final do dia, quando o sol se pôs, os quatro entraram na casa exaustos e contentes. A ruiva sugeriu um mergulho no mar para revigorar as energias antes do jantar.

– Vamos ver quem chega por último? – perguntou Tamires disparando a correr porta afora.

Aceitando a brincadeira, Alexandre a perseguiu agarrando-a quando seus pés já tocavam as primeiras ondas do mar. Ambos caíram na areia úmida pelo recuo e avanço da água e rolaram com o choque abraçados.

– Você está bem? – perguntou preocupado.

A ruiva ria descontraindo e não precisava de resposta para a pergunta desnecessária do rapaz.

– Quem ganhou? – questionou ainda rindo. – Acho que chegamos juntos.

Alexandre acariciou a cabeça de Tamires sorrindo de volta com suas palavras ingênuas. Seus cabelos vermelhos dançavam como algas marinhas ao sabor do mar. Seu corpo queimava com a proximidade e o encaixe perfeito sob o seu. Então soube o que devia e o que faria sem sequer tentar se frear.

Enquanto Alexandre se debruçava ao encontro dos lábios de Tamires, a ruiva sentia seu coração bater forte e descompassado. Estava presa sob ele, incapaz de se mover ou de impedi-lo. Há muito que seu corpo e seu coração pediam por aquele momento. Ainda assim, muitas dúvidas persistiam.

Nesse momento, Lucca entrou na água com Mainá no colo. Provavelmente a índia perdera a corrida. Distraído, Alexandre deu tempo para que a ruiva escapasse, pulou algumas ondas e depois mergulhou. O sol se escondia no horizonte.

BALADA

Começava a me preocupar com minha sanidade mental. Não estava bem. Só podia estar enlouquecendo e não haveria rotina ou corrida nas montanhas que pudesse me salvar de mim mesmo. A primeira amostra de minha loucura estava na obsessão por Lara e pela água-marinha. Fisicamente ainda podia lutar contra, ainda tinha o controle sobre meus braços e pernas, mas minha cabeça fervia incansável.

A segunda prova de que minha mente estava me pregando peças eram as sensações estranhas que passaram de internas para externas. Estava sentindo ventos repentinos. Ora brisas, ora ventanias. Não adiantava dizer a mim mesmo que era físico e que provavelmente alguma janela ou porta aberta permitiu que o sopro entrasse. Estaria mentindo. Eu os sentia nos momentos e nos lugares mais improváveis.

Primeiro, ontem, durante o almoço com o publicitário e o jantar com o alto executivo. À tarde foi um vento frio e assustador. À noite, uma brisa agradável. Porém, estávamos em lugares muito bem fechados e longe do ar condicionado.

Voltara para casa meio perdido, com vontade de me esconder, mas como é possível se ocultar de si mesmo? Não tinha para onde fugir de minha própria mente. Só dentro dela e ainda assim correria um risco maior ainda.

Uma distração nada agradável desviou meus pensamentos. Um objeto roliço estava caído ao lado de minha cama. Não o havia visto antes. Não precisei chegar muito perto para identificá-lo. Era um batom. Enquanto me debruçava para apanhá-lo, me lembrava do que fizera para a dona daquele cosmético. Tirei o aparelho telefônico do gancho e teclei o número da floricultura que estava no meu celular. Encomendei um grande buquê.

Enquanto aguardava, sentei-me em minha escrivaninha e tentei escrever um bilhete de desculpas, mas era difícil escolher as palavras certas. Afinal, minha atitude não tinha justificativa. Contentei-me com poucas palavras:

**“Querida Michele, me desculpe por ontem.
Aquele não era eu. Amigos para sempre? Nicolas.”**

Fiquei satisfeito pela objetividade e sinceridade e só tinha que torcer para que ela pelo menos aceitasse recebê-lo. O interfone tocou e fui até a cozinha atender. Antes que o porteiro

anunciasse, vi o entregador com o grande buquê nos braços pela câmera de vídeo. Tirei o aparelho do gancho, ouvi e respondi que já estava descendo.

Anotei apressadamente o endereço de Michele em outro papel, peguei o batom e o bilhete e saí do apartamento. No elevador, percebi que estava agitado e ansioso e que aquele fora um longo e triste dia. Entreguei os objetos ao entregador, mais uma gratificação para que deixasse tudo nas mãos de Michele e voltei para meu casulo.

Encolhido em posição fetal, fiquei por muito tempo deitado em minha cama, pensando.

Pensei tanto, mas não cheguei a lugar nenhum. Só estava piorando meu estado de espírito. Eu me sentia cada vez mais frágil e vulnerável, bem eu que sempre fui dono de mim mesmo. Dono da situação. Giovani chegou em casa e me encontrou ainda do mesmo jeito. Tentei me recuperar para que não percebesse, mas foi praticamente impossível. Passei então a me esquivar de suas perguntas.

– O que está acontecendo com você, Nicolas? – enfureceu-se. – Para de mentir para mim porque te conheço muito bem. Nunca te vi assim.

Mas como poderia explicar? O que poderia dizer sobre a verdade? E para quê? Para ele confirmar meu estado mental? Não, não poderia ver seu rosto horrorizado. Preocupado já bastava.

– Hoje não foi um bom dia – respondi evasivo. – Só isso. Não se preocupe.

Meu celular tocou, o que me salvou do interrogatório. Era Michele agradecendo pelo presente e pelo batom. Ela amava aquela cor e foi tão difícil de encontrar. Também disse que estava tudo bem entre nós. Que não tinha porque me perdoar.

Eu me concentrei em todas as bobagens que ela me dizia, opinando de vez em quando. Isso afastou Giovani completamente. E fiquei fechado no quarto o resto da noite, tentando me recuperar.

Ao acordar constatei que o isolamento fora inútil. Precisava de distrações. Por mais que seguir a rotina não funcionasse, ainda assim me ajudava a não pensar o tempo todo. Duas reuniões no dia reforçaram minhas preocupações quanto minhas percepções imaginárias do sopro de um vento. Eu me perguntava porque ar, mas resolvi focar no trabalho e simplesmente ignorar o resto.

Não seria o mais sensato, mas no momento era o mais adequado. Era o único jeito de continuar vivendo sem que ninguém percebesse o quanto estava perturbado. E me lembrei que na noite passada acordei assustado de um pesadelo. No sonho, minhas preocupações e medos adquiriram formas físicas e me perseguiam insistentemente, garantindo que não me deixariam viver em paz, que fugir delas só não me faria enxergar o óbvio.

Despertei antes que aquelas assombrações pudessem me dizer algum absurdo. Não queria respostas insanas. Precisava de lógica. Realidade. Não seria um pesadelo que as trariam de volta a minha mente.

Correr também dera os resultados de sempre e assim segui o dia, tentando parecer

normal. Giovani me encontrou depois de anoitecer e percebeu que estava melhor só de olhar para mim sentado na sala, assistindo televisão.

– Balada hoje? – perguntou logo depois de me cumprimentar.

– Com certeza – respondi animado. – Primeira parada Triângulo das Bermudas.

O Triângulo das Bermudas compreendia o trecho entre duas ruas na Praia do Canto. Os animados bares da região recebiam os boêmios da cidade para o ‘esquenta’ antes de se aventurarem para as boates, nas noites de sexta e sábado.

Morar na Enseada do Suá, além de ser localizado na região nobre da cidade, estava perto das melhores baladas. Saíamos de carro pelo conforto e comodidade e para buscarmos ou levarmos as garotas. Às dez horas deixamos o prédio no carro de meu amigo. Se não fosse pelo caso de irmos buscar Milene em Vila Velha, em cinco minutos estaríamos no bar onde marcamos o encontro com os outros.

Pegamos a terceira ponte. A noiva de meu melhor amigo não morava muito longe. Assim que cruzamos a baía e passamos pelo Convento da Penha, já chegamos à Praia da Costa, bairro de Vila Velha onde a moça morava.

Os olhos claros de Milene contrastavam com o rosto bronzeado e marcante, típico de uma legítima ítalo-brasileira. Os cabelos castanhos estavam lisos e soltos nas costas nuas. O vestido tomara que caia curto encaixava-se em seu corpo.

Sabe aquela lenda que diz que mulher de amigo meu é homem? É mentirosa! Eu não era cego. A noiva de Giovani era linda e não podia deixar de admirá-la, mas claro que não a cantaria, ao menos enquanto eles estivessem juntos, evidente.

Ele parou em frente a um estacionamento privado onde deixamos o carro. O lugar estava entre o bar e a boate, onde terminaríamos a noite. Quando permitiram a passagem, entramos e paramos em uma vaga. Partimos a pé pelas ruas da Praia do Canto. Fiquei distraído com o cenário. Não porque fosse novidade para mim. Mas a noite estava muito clara e podia ver todos os detalhes com a mesma nitidez de um dia ensolarado.

Também podia ver mais distante. Normalmente a noite trazia dificuldades, mas não naquela. Olhei tudo em volta como se fosse a primeira vez, porém sob uma nova ótica.

Se já apreciava a noite, a partir daquele dia gostaria mais. Tudo tinha um toque de beleza e mistério, características que apreciava também em uma mulher. As óbvias duravam apenas o tempo de um beijo. Por mais pegador que fosse, tinha minhas exigências, principalmente quando o assunto era amor. Não era uma pessoa fechada para esse sentimento, porém ninguém ainda havia me despertado para ele.

O único que conhecia de verdade, meu comparativo, era o que sentia por meu pai. Sabia que o sentimento por uma mulher era diferente de muitas formas, mas acreditava que a intensidade

e a profundidade seriam as mesmas. Amava minha mãe. Não era um insensível. Porém nossa falta de afinidade e convivência pacífica atrapalhou a intensidade desse sentimento. Portanto, sentia muito mais falta do meu pai do que dela.

E também amava meus amigos, de uma maneira franca e aberta. Era praticamente a extensão de um lar para mim. Como uma grande família repleta de irmãos e irmãs que nunca tive de verdade por ser filho único. Esses amigos eram um tipo de família que crescia desenfreadamente na minha vida. Era bom e agradável. Aonde quer que fosse, encontrava alguém com quem podia contar, tanto na vida pessoal quanto na profissional.

Pensando neles, avistei os inseparáveis Augusto e Leandro, Daniela e Michele, sentados em uma mesa no primeiro bar da rua. Ainda estávamos a cem metros de distância, mas pude reconhecê-los.

– Veja quem está ali, Giovani – chamei a atenção do meu melhor amigo.

Eu o vi tentar enxergar com grande esforço. Somente depois de vários metros, finalmente conseguiu vê-los. Ri muito e fiz chacota dele.

– Está precisando ir ao oftalmologista!

O grupo à mesa também não nos tinha percebido até que estivéssemos a apenas alguns passos. Todos se ergueram ao mesmo tempo, aumentando a algazarra ao redor. A calçada estava lotada de gente. Michele veio direto até mim e me deu um beijo no rosto cheio de intenção. Estava mesmo perdoado, mas não ousaria magoá-la novamente. Chegava de amizade colorida com a moça. Apesar de que ela estava linda.

Tudo para mim estava diferente. Mais acentuado. Tudo que era bonito estava lindo e tudo que era mais ou menos estava bonito. Passei as duas horas seguintes tão distraído e contente que em nenhum momento pensei em minhas perturbações.

Admirava a beleza em geral como um presente. A beleza do céu, do mar, da mata, das cidades, das mulheres. Era atraído para o belo como uma abelha no mel e estava enfeitiçado pelo encanto daquela noite.

Fomos para a boate aos pés de um dos morros da cidade. Sua estrutura diferenciada e ampla proporcionava conforto e requinte às duas mil pessoas que comportava bar, choperia, boate e petiscos. A casa estava cheia. Muitos corpos jovens, bem-vestidos e alegres espalhados pelos salões temáticos. Era um desfile de hormônios, penteados modernos e grifes nacionais e internacionais.

Observei o lugar maravilhado, como se fosse a primeira vez que estivesse ali. Os detalhes da decoração, os garçons, os bares, os palcos e o público. Vislumbrei os rostos descorados ou coloridos sob o efeito das luzes que rodavam o salão.

As vozes ao meu redor eram nítidas, porém indecifráveis. Não estava prestando atenção ao que diziam, apenas aos seus tons diferenciados. Percebi vários sotaques, inclusive de outras

localidades do Brasil e até outros países.

Reconheci diversos rostos, mas não me prendi em nenhum. A batida da música, os corpos dançando na pista, os copos com bebida gelada eram hipnotizantes. Amava aquele clima. Para mim, era a face da descontração e da jovialidade.

Em meio àquela multidão de corpos – um aglomerado que meus sentidos não identificaram, inclusive o grupo de amigos ao meu redor –, reconheci um rosto, muito mais perfeito do que na minha lembrança, que ganhou toda minha atenção.

Aquelas feições estiveram constantemente à tona dos meus pensamentos na última semana. Havia feito de tudo para evitá-la nesse período. No entanto, o destino quis que a encontrasse por acaso. Permaneci tão fixo e parado no lugar que poderia ter passado por uma estátua. Havia uma distância considerável entre mim e o objeto de minha admiração, porém podia ver nitidamente cada detalhe que o compunha.

Uma pele mulata e firme, sedosa aos olhos e macia às mãos. Um conjunto de cachos castanhos pequenos coroava o rosto de feições belas, olhos caramelos e boca sedutora. O corpo sexy revestido com tecido que só valorizava suas curvas.

Minha língua coçava para balbuciar seu nome. Com a visão periférica, percebi que havia mais duas pessoas com ela. Um homem e uma mulher. Não me preocupei em saber quem seriam. Meu foco era a linda mulher.

Meu coração batia diferente enquanto olhava para ela. Em seu peito, a bela pedra azul-esverdeada cintilava docemente presa a um cordão dourado. Ambos contrastavam com a cor de sua pele.

Despreparado como estava para aquele encontro, não pude conter minhas pernas e me movi com dificuldade entre a multidão que se formara entre nós. Pensei ter ouvido Michele me chamar enquanto me afastava do grupo de amigos.

Ela ria descontraída conversando com os amigos que a acompanhavam, bebericando vez ou outra sua bebida. Fiquei satisfeito ao ver que não percebia minha aproximação. Simplesmente não estava pensando. E assim seria melhor depois do estado psíquico lastimável em que me encontrava. Apenas seguia um instinto forte e intenso que me puxava em sua direção.

A distância não parecia longa para meus pés rápidos, mas cruzei vários metros até ficar a um passo dela.

– Lara – permiti que seu nome explodisse para fora de minha boca, o tom tão delicado como uma carícia apesar de precisar aumentar naquele barulho.

Seus olhos dourados se viraram para mim em chamas. Eu me perdi neles encantado com seu brilho intenso. Sentia-me tão satisfeito como se meus olhos tivessem vida própria e finalmente vissem seu maior anseio.

Não deixava de ser o que eles desejaram nos últimos dias. Meu corpo inteiro se voltava para ela agora, como atraído por um imã, uma força gravitacional impossível de resistir. Não importava mais a luta mental que tivera para evitá-la.

– Nicolas – seus lábios se moveram em um sussurro quase inaudível.

Eu me arrepiei inteiro ao ouvir meu nome através de sua voz e sorri. Teria muito do que recordar depois que nos separássemos. Ao pensar isso, senti uma dor no peito estranha e soube que não queria me separar dela. Não antes que pudesse gravá-la mais na memória. Tudo nela me interessava.

– Como você está? – cumprimentei com um sorriso aberto.

– Bem – respondeu timidamente e depois com uma risada, acrescentou. – Surpresa também, mas não deveria já que moramos na mesma cidade e frequentamos os mesmos ambientes.

– Você tem razão e acho que por isso mesmo deveríamos nos encontrar mais – respondi descontraído. – Afinal, faz uma semana que não te vejo.

Lara paralisou, surpreendida novamente. Não sabia bem o que estava ditando minhas palavras, mas não eram guiadas pelos pensamentos contrários que me perseguiram durante os últimos sete dias. Um dos dois lados havia vencido.

– Você poderia ter me ligado – suas palavras em um tom levemente acusatório.

Mas sorri diante da prova de que ela também queria me reencontrar. E me enchi de uma esperança nova e desconhecida. O que queria, afinal? Só tinha certeza de uma coisa naquele momento, não tinha pressa de me afastar dela.

– Não tenho seu número – retruquei e acrescentei ao perceber que ela já tinha uma resposta para isso –, mas sabia onde te encontrar, não é verdade?

Lara sorriu sem mostrar os dentes. Uma expressão tão tímida e meiga que me senti diante da adolescente de quinze anos que conheci há muito tempo e por quem me apaixonei.

– Então, não vai me apresentar a seus amigos? – perguntei.

Desconcertada, Lara gesticulou desajeitadamente.

– Ah, claro – exclamou. – Carla e Alessandro, esse é Nicolas. Eles trabalham comigo no departamento de comunicação da Vale.

Ambos eram baixos, comparados a mim que tinha quase um metro e noventa de altura, mas o rapaz era franzino e descabelado. Vestia-se de maneira despojada e moderna. A barba escura por fazer tinha falhas no rosto e para salientar sua aparência pitoresca, usava óculos de grau e um chapéu de aba curta.

A moça era pequena e cheinha, com olhos inteligentes e observadores. O cabelo era claro e cacheado e descia pelos ombros. Também se vestia casualmente e um pouco largado para uma mulher, mas no geral tinham a aparência da juventude, atual e original, do tipo que segue um estilo próprio.

– É mesmo?-perguntei. – Vocês também são publicitários?

– Sim – respondeu Alessandro. – Sou designer.

– E eu jornalista – corrigiu Carla. – Assessora de imprensa.

– Gosto muito dessa área apesar de nunca ter me aventurado nela.

– Lara contou o que você faz – afirmou o rapaz excêntrico. – Achei muito impressionante.

No meio publicitário, nunca vi um talento como o seu.

– Talento? – exclamei estranhando. – Chamo de tino, instinto ou simplesmente observação.

Beberiquei satisfeito com o que o rapaz dissera. Não pela parte do meu trabalho, porque isso era tão natural que não era um orgulho para mim, apenas parte do que eu era. Não havia esforço e por isso não considerava os méritos, mas me permitia socializar e continuar vivendo do modo como estava acostumado.

Na verdade o que me deixara contente fora o fato de Lara ter falado de mim para os amigos. Um bolo se formou na minha garganta ao me perguntar o que teria contado. Teria me pintado como um monstro sedutor e insensível e sofrido muito depois de nosso último encontro?

Essas perguntas me fizeram perceber realmente que as atitudes livres que tinha, principalmente com ela, não eram positivas. Com Michele, por exemplo, não havia ilusão. Ela sabia que não a amava, que apenas cedia à química que rolava entre a gente. Era algo de pele, não de sentimento.

Com Lara, ao contrário, tinha uma história. Podia ser curta e antiga, mas assim como me lembrava, a mulata também deveria. E a química que rolava conosco sempre fora diferente das outras. Tinha carinho, algo especial, saudoso.

Esses encontros e desencontros podia ter-lhe dado uma esperança que nunca se concretizou. E, consciente disso apenas naquele momento, tive vergonha de mim mesmo. Da representação infame que fizera da tal liberdade que tanto santificava. Lara não merecia ser tratada assim. Ninguém merecia.

A necessidade de ficar ao seu lado aumentou. Precisava saber o que pensava, o que sentia, o que desejava. Em seguida, tive medo de ser rejeitado. Que absurdo! Nunca fora rejeitado, nem por ela, nem por ninguém. A não ser pela minha própria mãe e por meus verdadeiros pais.

Antes de cair nas filosofias dos traumas psicológicos, resolutivo e firme decidi que o melhor a fazer seria começar do zero. Era insano, mas talvez desse certo. Fingiria que aquela noite era a primeira na qual a estava reencontrando depois de nos separarmos na adolescência e me aproximaria dela para conhecê-la melhor.

De novo.

– Posso ficar com vocês? – perguntei.

– Não sei. – respondeu Lara ainda insegura olhando além de mim e acrescentou. – Acho que seus amigos estão sentindo sua falta.

Olhei para trás ao ser lembrado deles. Michele estava um passo afastada do grupo – que havia se movido para o salão a minha procura evidentemente – como se estivesse em dúvida se vinha ao meu encontro ou continuava onde estava. Vi seus olhos cintilarem ao encontrar os meus e então ela decidiu.

Com passos firmes cruzou o salão e se aproximou postando-se ao meu lado sorrindo. Também sorri e a apresentei a todos. Ela olhou para os dois mais baixos com superioridade e para Lara com desprezo. Aquilo me enfureceu um pouco, mas me segurei para não perder o controle.

Ficou pouco impressionada com tudo o que falei sobre eles. O mais engraçado era que a antipatia de Michele parecia ciúmes e, no entanto, ela não sabia nada sobre minha história com Lara. Na verdade nenhum deles sabia.

Era um segredo que eu mantinha em Conceição da Barra achando que nunca viria perturbar minha paz em Vitória e estava totalmente errado.

– Nicolas, vamos dançar? – chamou Michele depois de um tempo ouvindo a conversa em silêncio absoluto.

– Claro! – me virei para Lara e seus amigos e acrescentei. – Vocês também vêm?

Acho que ela causou um desconforto maior do que percebera, porque ninguém aceitou. Fui arrastado por minha amiga para a pista de dança onde ela fazia questão de me apertar sempre que podia. Estava em uma situação difícil. Procurava por Lara o tempo todo para não perdê-la de vista enquanto Michele exigia minha atenção. Várias vezes ela havia se aproximado perigosamente, porém percebera a tempo de me safar.

Era complicado ter que me negar a ficar com ela, ainda mais depois de conseguir seu perdão. Acreditava que ela já contava com minha recaída, o que justificaria as desculpas que me dera. Assim como eu percebera as segundas intenções de Michele, Lara e seus amigos também. E aos poucos se afastaram de onde estávamos dançando, provavelmente para não verem mais o espetáculo da minha amiga.

Enquanto a perseguiu com o olhar, ouvi Michele dizer ao pé do meu ouvido.

– Até que enfim aquela negrinha se tocou!

Eu me virei para ela com espanto. Mais do que furioso, estava enojado com as palavras que ela tivera coragem de pronunciar.

– Tem algumas situações na vida que a verdade sobre aqueles com quem nos relacionamos se mostram, não é mesmo, Michele?

A moça me olhou sem compreender.

– O que você quer dizer com isso?

– Não tenho prazer em me relacionar com pessoas preconceituosas e racistas. E assim

como Lara – enfatizei o nome da mulata – também estou me tocando!

Sem esperar resposta, me virei e parti na direção onde vira Lara Costa pela última vez.

Nicolas Bertoldi deu de cara com a mulata no balcão do bar quando ela pegava um petisco. Seu coração saltou contente ao perceber que não a havia perdido naquela noite. Hoje não escaparia dele. Estava decidido.

– Eu te assustei? – perguntou ele.

– Não – arfou. – Estou bem – parecia que queria mais se convencer disso do que se explicar para o rapaz. – Achei que ficaria com seus amigos.

– Desculpe por Michele – explicou-se sem graça como se ela tivesse ouvido o comentário preconceituoso –, é uma garota imatura. – Suavizou a expressão antes de continuar. – Esqueceu que perguntei se podia ficar com vocês? – Lara baixou a cabeça. – Você achou que tivesse mudado de ideia.

As bochechas morenas da mulata coraram. O rapaz riu escondendo o medo que tinha sobre seus pensamentos. Estava indo bem na adivinhação. Sentou-se ao lado dela no banquinho, ignorando os dois amigos que fingiam não prestar atenção neles.

– Não tenho porque mudar de ideia.

Os dois se entreolharam durante um longo tempo. Recuperada do susto, mudou visivelmente. A expressão endureceu um pouco. Seus lábios carnudos se afinaram enquanto ela os apertava com força.

– Não tem? – quebrou o silêncio a mulata. – Então por que você mudou?

O cenho do rapaz se enrugou na tentativa de entender o que a moça lhe dizia. No meio daquela algazarra a sua volta, Nicolas percebeu que aquela conversa iria para um rumo não muito apropriado para o ambiente leve e descontraído.

– O que você quer? – perguntou novamente a mulata, sua voz vibrando no calor da emoção que lhe explodia por dentro. – Por favor, me explica, porque estou tentando entender há muito tempo.

– Nunca te dei esperanças falsas, Lara – começou a dizer o rapaz de forma franca e aberta, – Nunca disse que ficaríamos juntos para sempre.

– Não, você nunca me disse isso – devolveu a moça ainda irritada. – Mas você jurou amor a uma garota de quinze anos, Nicolas. Uma menina apaixonada. – Pausou, mas continuou quando o rapaz fez menção de falar. – Tudo bem, isso não faria nenhuma diferença hoje para uma mulher de trinta anos segura, bem-sucedida, dona de si mesma. Não faria, Nicolas, se você não reaparecesse do nada e sem tocar no assunto me agarrasse toda vez que me vê. – O rapaz tentou interrompê-la de novo sem sucesso. – Essa última vez foi a gota d'água para mim. Passei

uma semana inteira tentando entender o que foi aquilo em Conceição da Barra porque foi diferente para mim e não sei se foi para você também.

A franqueza da moça comoveu e perturbou o jovem. Era tudo o que queria ouvir, a verdade sobre seus pensamentos, mas saber que a havia machucado o feriu.

– Sinto muito, Lara – respondeu cabisbaixo. – Queria poder explicar.

Um momento curto de silêncio reinou entre eles.

– Sente muito? – explodiu ela. – É só isso que você tem a me dizer depois de abrir meu coração para você? – Levantando-se, acrescentou. – Então eu vou dizer uma coisa e quero que você preste muita atenção porque só vou falar uma vez. Quando você me vir, seja na balada ou na rua, ou em Conceição da Barra, finja que não me notou, mude de calçada, vire a rua. – Reforçou cada palavra na frase seguinte. – FINJA.QUE.NÃO.ME.CONHECE.

Afastou-se deixando um rapaz boquiaberto acompanhando-a com o olhar triste. A desolação piorou a expressão de seu rosto e antes que a moça sumisse porta afora, ele se ergueu e correu atrás dela. Avistou-a na calçada, pisando duro rumo ao estacionamento. Chamou, porém nem olhou para trás. Quando a alcançou, agarrou-a pelo braço e a puxou para que se virasse.

– Não posso ignorá-la – disse segurando-a com firmeza enquanto ela lutava para se soltar –, porque não consigo.

Puxou o corpo da mulata contra o seu, o choque causando espanto e frenesi, e a beijou.

PREPARAÇÃO

Era bem cedo quando Lucca, Mainá e Tamires terminaram o café da manhã. O rapaz pegou o notebook de Suzane para entrar na internet, como fazia todos os dias. Estava à procura de informações relevantes sobre Vitória e Conceição da Barra. O Espírito Santo era um estado do qual pouco conhecia e estava fascinado.

A índia deitou ao seu lado no sofá com o corpo dolorido pelo ritmo incansável imposto pelo treinamento. O resto do grupo estava mais cansado psicológica do que fisicamente. Quase cochilava quando bateram à porta. Remexeu-se no sofá sobressaltada. Tamires não se ergueu para atender, já sabia quem era.

– Pode entrar – pediu.

A porta se abriu rangendo e Alexandre entrou na sala. Mainá revirou os olhos e cobriu o rosto com a almofada. Só de olhar para o rapaz seu corpo se contraiu e seu gemido saiu abafado, não o suficiente para que Lucca não ouvisse. O moreno cumprimentou a todos. Caminhou até a ruiva e lhe deu um beijo no rosto.

– Bom dia, Alê – cumprimentou sorrindo.

– Alguma novidade? – perguntou.

– Ainda não vimos Marcel. – Estou cheia de expectativa hoje e doida para começar a me mexer e me sentir útil.

– Olha o que encontrei aqui! – interrompeu Lucca depois que leu o desespero nos pensamentos de Mainá quanto ao início do treinamento do dia. – Acho que encontrei o tal parque que Marcel mencionou quando encontrou Nicolas.

Virando o notebook para o casal sentado no sofá menor – não deixou de notar que as mãos deles estavam entrelaçadas – Lucca mostrou imagens do Parque Estadual de Itaúnas e da vila que deu nome a ele na área territorial de Conceição da Barra.

– Uau! – exclamou a ruiva. – É realmente muito bonito.

– Aqui diz que o parque é uma das Reservas de Biosfera da Mata Atlântica do país e foi tombada como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Também está inserido na região entre o Espírito Santo e Bahia considerada a Costa do Descobrimento, também tombada pela mesma entidade.

– Uma área de preservação – pensou em voz alta Alexandre. – Isso não parece familiar?

– Sim – respondeu o ruivo. – O Pantanal também é.

– E o Parque Nacional do Iguaçu e suas magníficas cataratas – acrescentou Tamires.

– Como não pensamos nessa conexão antes? – perguntou o pantaneiro.

– Era tão óbvio! – exclamou o moreno.

– Teria nos ajudado na busca – salientou a paranaense. – Pougando tempo e limitando as opções.

– Talvez até tivéssemos encontrado Lucca e Nicolas mais cedo – concluiu Alexandre.

O astral caiu na sala e todos ficaram pensativos com as alternativas apresentadas. Poderia ter sido diferente se essa descoberta tivesse acontecido há mais tempo. Ninguém correria risco e provavelmente teriam sido reunidos antes e hoje Pedro Tosquini estaria vivo. Foi Lucca quem quebrou o silêncio.

– Bem, pessoal, nada de chorar sobre o leite derramado, tudo bem? – Lera os pensamentos ao seu redor. – Estou bem e Nicolas também ficará, então voltemos ao presente.

– O que foi que perdi? – perguntou Marcel ao entrar na sala naquele momento tenso.

O loiro grandalhão carregava uma bandeja com o resto do que fora um café da manhã a dois e vestia apenas um calção. A ruiva lhe contou as conclusões às quais chegaram depois da pesquisa de Lucca na internet. Ao fim do relato, não pareceu impressionado como os outros.

– Conclusão acertada, pessoal – disse indiferente e depois acrescentou. – Antes de me arrumar para ir ao projeto TAMAR...

– Ah, falando nisso – interrompeu Lucca –, sabia que o parque Itaúnas também tem uma unidade?

– Para falar a verdade, não – respondeu o loiro sério, insatisfeito com o corte.

– Também descobri que tem vinte e três sítios arqueológicos! Será que dá tempo para dar uma espiadela quando estivermos por lá?

– Duvido que tenhamos tempo para turismo, Lucca – riu o loiro. – Bem, como ia dizendo, Suzane viu que Nicolas e a pedra estão reunidos novamente. Fiquei intrigado com isso e cheguei a pensar que fosse o mesmo caso de Lucca e Mainá, então aproveitei a ocasião e rastreei, inclusive para me familiarizar com a energia da água-marinha, quem sabe assim a localizo mais facilmente?

Tamires escorregou para a ponta do sofá instigada pela ansiedade.

– Bem, percebi que ele estava em um quarto, com aquela mesma mulata do carnaval, e que ela usava um colar com a pedra como pingente. Descobri que a história com a moça é antiga e que ele lhe deu a gema de presente. Eles estão tipo tendo uma recaída, lembrando os velhos tempos. – Seu tom era sarcástico.

– E sentiu aquela força estranha de novo? – perguntou Alexandre.

– Na verdade, sim – respondeu rapidamente. – Era sutil e impenetrável, como da outra vez. Acho, inclusive, que é fraca. Bem, não sei se é essa a palavra certa, mas é difícil sintonizá-la

ou manter-me conectado a ela. É como um vídeo da internet que fica carregando aos poucos, com intervalos longos de tempo, e por fim você desiste de assistir.

– Você acha que não pode segui-la para descobrir de onde vem?

– É muito difícil mesmo, Alexandre, mas posso tentar me dê um minuto, por favor.

O silêncio ficou pesado enquanto Marcel fechava os olhos e procurava por Nicolas, que era muito mais fácil de encontrar. O rapaz dormia e por isso demorou um pouco mais para localizá-lo. Concentrou-se na pedra e depois de algum tempo, sentiu-a no peito da jovem adormecida. Já a energia desconhecida... Abriu os olhos.

– Sumiu de novo. Não consigo entender.

– Marcel – falou Alexandre pensativo –, precisamos que tente. Talvez o pentagrama possa ajudar. Ainda não o usou?

O loiro grandalhão deu de ombros.

– Não vejo necessidade, mas prometo que farei o melhor que puder, ok?

Tamires percebeu que o cunhado ficou ofendido.

– Marcel, não se ofenda, está bem? Alé não está dizendo que é incompetente. Não viu o que aquele símbolo está fazendo por nós? Pode te ajudar também. Não custa nada tentar. Pela missão. – Fez uma pausa e acrescentou. – Por Suzane.

– Está bem – concordou relutante o loiro. – Agora preciso ir. Até mais tarde.

O grupo se entreolhou pensativo. Lucca conversou silenciosamente com todos enquanto aguardavam que Marcel saísse de casa. Depois que o rapaz passou por eles com um aceno rápido, Tamires foi a primeira a falar.

– Não entendo por que é contra as mudanças. Afinal ele mesmo já usou de artifícios mágicos para ajudar Suzane.

– Ele não me deu chance de ler seus pensamentos – acrescentou Lucca.

– Sei qual é o problema – interveio Alexandre – Ele era o comandante dessa operação até chegarmos e nos metemos em seus achismos. Afinal, Suzane nem tem força para contradizê-lo e também não acredito que tenha cabeça...

– Alexandre! – retrucou a ruiva na defesa da irmã.

– Não foi bem o que quis dizer, desculpe – apressou-se em se explicar. – É que, pelo que percebi, ela é bastante sentimental. Você sabe ser prática, mas Suzane é movida só pela emoção.

– Mas também sou! – enfureceu-se a ruiva.

– Calma, por favor, Tamires – apaziguou. – Você não está entendendo a diferença.

Deixe-me explicar melhor. As duas são preocupadas com os outros e movidas pelos sentimentos, mas você é mais por uma emoção própria, entende? Você se enfurece e ama e é movida por isso. Suzane só se doa com os outros e se anula completamente. Para ela, não importa o que ela sente, só importa o que os outros sentem.

– É, acho que você tem razão – concordou por fim Tamires. – Chega de pensar e vamos começar a nos mexer porque o relato de Marcel me deixou agitada.

Mainá gemeu alto dessa vez, esquecendo-se de controlar seu desconforto. Os três riram.

– Amor, sabe que não precisa se esforçar tanto – disse Lucca acariciando o rosto moreno da índia. – Descanse hoje.

Porém, a indígena se levantou contrariando a si própria e às palavras do marido.

– De jeito nenhum – disse firme. – Se vocês vão treinar, também vou.

Alexandre se ergueu com seu sorriso deslumbrante e bateu palmas.

– Então vamos, pessoal! – Estava animado. – Hora de correr! Trinta minutos.

Estendeu a mão e ajudou Tamires a se levantar. A ruiva estava vestida com roupa de ginástica e tênis, que tirou antes de sair de casa por causa da areia fofa, o cabelo preso em um alto rabo de cavalo. O rapaz notou como os músculos de suas pernas e braços estavam mais definidos e seu abdômen, com a *baby look* colada, estava começando a formar gomos. Achou muito *sexy*.

– Tamires, você percebeu como seu corpo está mudando? – perguntou deslumbrado.

A ruiva se virou para ele constrangida e surpresa. Olhando nos olhos do moreno alto, viu o desejo queimando. Desviou o olhar antes de responder.

– Sim – e riu. – Estou ficando dura igual uma rocha.

– Isso é bom – continuou o rapaz. – Significa que está mais resistente.

– Será? – jogou a pergunta no ar e disparou a correr na frente de todo mundo.

Depois de meia hora, Alexandre os reuniu, ainda na praia, mas próximo à casa. Alongaram por alguns minutos, suados e ofegantes pela corrida, mas aquecidos para começar, de fato, a parte mais pesada daquele treinamento severo.

– Em alerta, pessoal! – começou um novo Alexandre, rígido. – Vocês estão em perigo. Lembrem-se de usar seus seis sentidos e suas oito armas. – Com a voz autoritária, ordenou. – Posição de base.

Paralelos, os três separaram as pernas levemente flexionadas, a esquerda à frente como apoio e ergueram os punhos cerrados sob os queixos, os braços flexionados, o direito mais atrás do que o esquerdo. Alexandre passou por eles e deu um tapa em cada abdômen. Mainá se desequilibrou e quase caiu.

– Contraíam esses músculos – comandou. – Pés fincados no chão. Mantenham o equilíbrio. Vamos treinar de novo o primeiro golpe básico de *muay thai*. Serão quatro série de dez repetições. Socos *jab* e direto intercalados.

Os aprendizes lançaram o punho da mão esquerda no rosto do oponente imaginário. Em seguida, a recolheram e lançaram a mão direita na mesma direção. Cadenciadamente e juntos,

os três gritavam ao executar o golpe.

– Golpeiem com força – estimulava Alexandre enquanto contava as repetições. – Sintamos músculos se contraírem e despejem sua energia contra seu inimigo.

Ao final da série, Alexandre permitiu que tomassem água e descansassem um pouco antes de partirem para a próxima. Mainá aproveitou a pausa para massagear os ainda mais doloridos músculos de seus braços. Pensou como que golpear o ar podia ser tão doloroso? Imaginou como seria então atingir uma pessoa real e quase grunhiu.

– Nada de esfriar, pessoal! – retomou a liderança Alexandre. – Vamos ao soco *upper*. Posição... – pausou para que todos se aprumassem novamente – Agora.

Levando a mão direita para trás, ainda flexionada – tinha a aparência de um gancho – os três lançaram com força o punho de baixo para cima como se golpeasse o queixo do adversário.

– Direita, esquerda – contava. – Movimentem o corpo, ergam o calcanhar ao golpear.

Para não perder a forma, o professor também realizava os movimentos, porém suas séries eram mais curtas já que tinha que ficar de olho neles, animá-los e ainda fazer a contagem.

– Muito bem – disse ao final. – Agora é a vez das cotoveladas direta e reversa, trocando os braços. Vamos!

Simultaneamente, os três golpearam o ar com o cotovelo esquerdo para frente, como se o chocasse contra a face do oponente. Com um giro rápido para trás, no sentido horário, moveram o cotovelo direito violentamente junto com um grito, como se houvesse outro adversário tentando atacá-los pelas costas.

– Muito bom! – exclamou Alexandre ao final de mais uma pausa para água. – Agora os chutes e as joelhadas.

Animada, Tamires dava pulinhos como se realmente estivesse em uma luta, mantendo os músculos aquecidos e o corpo em posição de base, em alerta. O maior motivo de sua empolgação era que amava os próximos exercícios. Suas pernas estavam mais firmes e torneadas do que nunca.

– Chute frontal com a perna direita e circular com a esquerda, agora!

O grupo gritou ao esticar a perna direita para frente em um golpe firme e equilibrado, o mais alto que puderam alcançar como se atingissem o pescoço ou o ombro do adversário. O golpe seguinte, com a perna esquerda, exigiu um movimento circular do membro, como se atingissem o oponente na lateral.

– Agora joelhada direta com a direita e semicircular com a esquerda. – berrou Alexandre a fim de animá-los percebendo que estavam cansados.

Os alunos atenderam imediatamente ao comando do professor. A primeira joelhada foi à frente, como se atingissem o estômago ou o queixo do adversário. Com a outra perna,

moveram o joelho dobrado da esquerda para a direita como se golpeassem a costela do oponente.

Ao final da série, todos estavam exaustos e suados. Sentaram-se na areia para descansar e tomar água. O sol havia subido no céu e o clima já estava mais quente.

– Parabéns, pessoal! – motivou Alexandre. – Vocês estão indo muito bem. Em tão pouco tempo, já posso afirmar que sabem o básico para se defender. Mas precisamos continuar treinando sempre que pudermos para adquirir força e condicionamento físico. Portanto, nada de esfriar! – Bateu palmas. – Levantando e correndo mais meia hora.

Tamires se levantou com agilidade, porém Mainá teve que ser auxiliada por Lucca. O corpo inteiro doía. Movimentá-lo era torturante.

– Por que para mim é mais difícil? – perguntou a índia em voz baixa.

– Também acho puxado, mas não precisa se esforçar tanto, Mainá – retrucou Lucca. – Já está apta para se defender, caso seja necessário, mas não permitirei que ninguém se aproxime de você. Posso defender a nós dois.

Tamires se virou para o casal e se intrometeu.

– Concordo com Lucca, Mainá. Vai dar tudo certo e você não precisará lutar. E se alguma coisa errada acontecer, e alguém passar por nós, você já saberá imobilizá-lo para que possa fugir.

– Fugir? – quase gritou a índia, meio ofegante. – E deixar Lucca para trás? Vocês não estão falando sério!

Ignorando-os, começou a correr em um trote meio indeciso. Ambos ficaram olhando a índia passar por Alexandre, ignorando-o. Deu duas passadas tortas e inseguras e caiu na areia. Todo mundo se apressou para alcançá-la. Ela estava desacordada.

– Mainá! – chamou Lucca enquanto a tomava nos braços e retirava os cabelos molhados de seu rosto.

– Tome! – disse Alexandre passando para o rapaz uma garrafa de água.

O pantaneiro a abriu agradecendo e espargiu algumas gotas no rosto lívido da índia. Ela acordou levando a mão à cabeça.

– Estou tonta – murmurou.

O marido a ajudou a beber água até se sentir melhor.

– Acho que você se exigiu mais do que suportava – repreendeu Tamires.

– É melhor pegar mais leve a partir de agora, Mainá – acrescentou Alexandre. – Que isso sirva de aviso para sua teimosia.

– Vou te levar ao médico agora! – disse Lucca levantando a indígena nos braços.

– Não precisa-retrucou. – Estou bem.

– Não me diga uma coisa dessas! – exclamou nervoso. – Você acaba de desmaiar na

minha frente e não vou ficar sossegado enquanto um profissional me disser o que você tem.

Preocupados, Tamires e Alexandre acompanharam o casal que ia tão depressa que em pouco tempo alcançaram a casa.

– Ah é? – ainda teimava a índia quando atravessaram a porta. – Pois sei o que tenho. – Lucca a colocou sobre o sofá correndo para o aparelho de telefone sem dar atenção ao que dizia. – Estou grávida.

Paralisado no meio do movimento, Lucca demorou alguns segundos para se recuperar e se virar para a índia que sorria para ele.

– Você tem certeza? – conseguiu balbuciar ainda em choque.

– Sim – respondeu a índia arreganhando os dentes. – Estou atrasada há mais de uma semana e sempre fui muito regulada.

– Ah, meu Deus! – exclamou se jogando nos braços dela chorando.

– Parabéns! – emocionou-se Tamires. – Vou ser tia!

– Estou muito feliz por vocês – disse Alexandre –, mas acho que é melhor mesmo ligar para o médico agora. Afinal, Mainá pegou pesado no treinamento e não é muito bom para uma grávida.

Preocupado, Lucca correu de volta para o telefone consultando ao mesmo tempo a agenda à procura do número do médico que sempre atendia a família Vieira.

– Não exagerem – riu a indígena. – Esqueceram de quem sou? Na minha tribo as mulheres grávidas montam cavalo. Estou acostumada a exercícios puxados.

– Ok, Mainá – falou decidido o companheiro. – Mas não estamos na sua aldeia. Você vai ao médico sim, senhora!

Vencida, emburrou no sofá enquanto o marido agendava a consulta. Acariciou a barriga feliz e depois que Lucca se aproximou dela novamente, alisou seu rosto.

– A profecia está se cumprindo – murmurou.

Tamires foi para a cozinha fazer o almoço e Alexandre a seguiu. Enquanto cortava os temperos e os legumes, conversaram.

– Fiquei tão feliz com essa notícia, mas ao mesmo tempo preocupada. Vai ser impossível convencê-la a não ir conosco. Em seu estado seria duplamente perigoso.

O rapaz balançou a cabeça concordando.

– É verdade, mas ela precisa pensar nessa criança. Não pode correr risco de morte conosco – refletiu o moreno. – Pelo menos, se algo acontecer, ela terá consigo um sobrevivente, que poderá lutar mais tarde.

A ruiva o encarou percebendo todas as emoções conflitantes que seu coração sofria. Largou os afazeres, se aproximou do rapaz sentado na cadeira da mesa e o abraçou. Uma

lágrima fugiu sorrateiramente de seus olhos.

– Tamires... – sussurrou.

Uma onda de amor e desejo foi despejada sobre a ruiva, sufocando-a. Totalmente envolvida por ela, a moça sentiu a pele arrepiar quando o moreno passou os lábios docemente por seu pescoço, apertou-a com firmeza e a puxou para seu colo. Calor subiu por seu corpo até corar seu rosto.

Incapacitada de falar, Tamires apenas sentiu o hálito fresco e agridoce de Alexandre acariciar-lhe a face a poucos centímetros. Seus pensamentos eram confusos. *Por que não? Quanto tempo ainda nos resta? Que futuro poderei ter com Gustavo mais para frente?* Fechou os olhos para não assistir ao beijo já que não o impediria.

Passos vindos da sala fê-la abrir os olhos e se levantar em um salto. Lucca entrou abraçado a Mainá, sorrindo e dizendo.

– Vamos preparar uma comida especial para comemorar a chegada do nosso filho e alimentar bem essa mamãe teimosa e linda.

ÁGUA-MARINHA

Despertei com uma sensação tão boa e agradável que demorei um tempo para me lembrar o que havia acontecido na madrugada anterior. O sol estava alto no céu muito claro. Um raio dançou no rosto da mulher adormecida ao meu lado.

Apoiei minha cabeça na mão direita e contemplei a beleza da mulata. O cabelo desgrenhado, o rosto sereno, a boca relaxada em um semisorriso sonhador. As pálpebras cerradas me impediam de ver a doçura de seus olhos.

Sobre seu corpo nu, entre os seios firmes, a água-marinha repousava. Desejei tocá-la, acariciá-la, e, incapaz de me conter, estiquei a mão livre e a rocei o mais leve que pude para não incomodar sua portadora. Seu tom azul era hipnotizante. Sentia tantas coisas boas olhando para ela – ou melhor, apenas estando perto dela – e não entendia por quê. Felicidade preenchia meu peito e o inflava com satisfação. O restante de meu corpo era açoitado por um bem-estar constante e tranquilizador. Como se a pedra tornasse tudo à sua volta puro e entusiasta. Minha mente e meu estado de espírito estavam claros e serenos.

A noite anterior fora tão aprazível que repassei cada minuto. Inclusive o sermão que Lara me dera, praticamente um ultimato. Sorri com a lembrança e senti orgulho por ela saber exatamente o que queria e ter coragem de confessar.

Quando a vira se afastar, furiosa, tivera apenas um segundo para decidir, porém sabia que não podia deixá-la ir. Não naquele momento nem daquele jeito. E mesmo agora, depois de perceber o que fizera por impulso, não estava arrependido.

Pela primeira vez em muito tempo, conversei com Lara durante horas. Da porta da boate fomos para um restaurante e passamos momentos deliciosos em companhia um do outro. Esse tempo que passamos juntos preencheu os longos anos no qual ficamos praticamente sem contato. E vi que, além de um rosto bonito e de um corpo perfeito, Lara era uma mulher generosa, sincera e extrovertida.

Ao mesmo tempo, não me sentia um estranho ao seu lado. Era como se os quinze anos que se passaram não existissem. Estávamos melhores, pensei, mais maduros e realizados e, portanto, esse encontro tinha um novo significado.

Do futuro não sabia, porém a ideia de ficar com ela, nesse momento, era muito tentadora. E estava feliz por não ter fugido de mim dessa vez. Senti vergonha ao perceber que o culpado de sua insegurança era eu mesmo.

Não sabia explicar direito essa necessidade que tinha dela, porém não me questioneei quanto a isso. Não havia razão na emoção. Bastava continuar vivendo e curtindo o tempo ao seu

lado. Não seria difícil, muito menos um sacrifício, tê-la em meus braços, conversar e compartilhar, criar um vínculo e um relacionamento. Essa ideia me tocou como uma carícia.

Mentalmente, agradei de novo a Deus por não ter feito nenhuma promessa a Lara em nossos encontros, apesar de constatar que eles foram arremedos dela sem que tivesse essa intenção. Agira muito errado com aquela moça, até porque sabia que, o que havia entre nós, era especial. Sempre soube que nossos encontros eram diferentes dos demais.

Lembrei-me dos olhos dourados de Lara dançando em minha frente como ouro. Seu sorriso espontâneo me convidando para um beijo. Aquela mulher exercia uma atração sobre mim que não compreendia e não podia mensurar. E também não queria. Meu estado de espírito estava muito leve para que algo pudesse alterá-lo. Era sábado e não teria novas preocupações até a próxima segunda-feira.

Na noite passada, ela provara sua força sobre mim. Lá estava eu de novo apertando-a em meus braços e saciando meu desejo. Como estava de carona, fomos ao meu apartamento com o carro dela. Deixamos nossos amigos para trás e desaparecemos na noite. Não fazia ideia de que horas Giovani chegara em casa, e se chegara. Após amá-la com urgência, adormecera profundamente.

Lara dormia tão serena que podia garantir que também estava feliz. Talvez tendo lindos sonhos. Era bom admirá-la na placidez do sono. Não desejei incomodá-la. Retirei meus dedos com cuidado da pedra em seu colo e me levantei da cama. Primeiro fui ao banheiro e quando saí, dei outra conferida para vê-la ainda adormecida sem nem ter mudado de posição.

Quando passava pelo corredor, dei uma espiada no quarto do meu amigo e percebi que estava vazio. Suas coisas exatamente como no dia anterior. Ele deixara o apartamento só para mim. Agradei sorrindo. Fui para a cozinha e preparei um café da manhã para dois bem ao meu estilo, mesmo sem ter certeza de que ela era adepta à alimentação rica e saudável. Fiz o mínimo de ruídos possível, porém, ao me virar, dei de cara com Lara apoiada ao batente da porta, me observando e sorrindo.

– Eu te acordei? – perguntei com o susto.

– Não – respondeu caminhando até mim –, mas devia.

Ao me alcançar enlaçou minha cintura e me debrucei sobre seu rosto e a beijei.

– Você estava dormindo tão tranquila que não quis atrapalhar.

– Nossa, fazia tempo que não dormia tão bem – me soltou e beliscou um pedaço de pão da bandeja que eu segurava. – Mas a essa hora já era para estar em Conceição da Barra.

Coloquei a bandeja sobre a mesa e me sentei. Lara me acompanhou.

– Você podia pelo menos tomar o café comigo – pedi. – Não é sempre que tenho esse privilégio.

– Você devia ter preparado o almoço – riu a mulata enquanto examinava a bandeja. –

Mas vou aceitar porque estou faminta.

Observei a moça escolher com alguma relutância suas preferências entre as opções que apresentei. Percebi que ela tentou segurar uma careta.

– Você é adepto ao naturismo? – perguntou.

– Não – ri. – Não ando por aí pelado, nem sou vegetariano, mas escolho uma alimentação mais saudável e pratico esporte, tanto ao ar livre quanto em academia.

Lara mordeu um pedaço de pão antes de falar novamente.

– Por que você não virou modelo? – questionou.

– Modelo? – espantei-me. – Não é o tipo de carreira que escolheria.

– Não é vaidoso suficiente? – provocou.

Eu a encarei desconfiado, tentando decifrar suas verdadeiras intenções com aquelas palavras.

– Vaidoso, sim, sou e assumo – respondi e vi o sorriso no rosto dela crescer. – Porém nunca me dedicaria a uma carreira que taxa as pessoas apenas como um rosto bonito e um corpo perfeito e que suga toda a sua juventude e beleza até descartá-las na maturidade.

– Pensei que gostasse de uma carreira fácil. Você não é consultor?

– E acha fácil? – respondi com tom de espanto. – Acha que eu conquistei prestígio entre os homens de negócio por ser bonito? Não. Foi muito difícil conquistar a confiança de homens desconfiados por natureza. E ainda é. Toda vez que atendo um cliente novo a primeira coisa que preciso é mostrar para ele que meu trabalho é sério.

– Desculpe, não queria ofendê-lo – envergonhou-se. – Só é complicado te compreender. Porém, devo admitir que estou impressionada com suas palavras. Você não é só uma casca.

– Obrigado pela parte que me toca – retruquei brincalhão. – Mas fico sinceramente feliz que também tenha conseguido te convencer que sou profissional.

– E você vive só disso?

– Graças a Deus dá para manter a vida que meu pai me deu. Ainda assim, tenho as ações da siderúrgica, mas não mexo nesse dinheiro há anos.

– Sua mãe deve ter muito orgulho de você.

Ergui meus olhos da comida e a encarei novamente.

– Quem me dera. Também não falo com ela há muito tempo. Segunda tenho uma reunião mensal na empresa e já estou prevendo o clima pesado.

– Acho que você devia procurá-la – aconselhou-me.

– Para quê?-retrukei. – Para ela fingir que não existo? Não, obrigado. – Mudei o foco do assunto. – Você tem mesmo que ir para Conceição da Barra e aproveitar que seus pais e avós estão vivos e te amam.

– Por que você não vem comigo? – perguntou com um sorriso maravilhoso.

– Adoraria, mas hoje toco.

– E o que vai fazer até a noite?

Vi a curiosidade acendendo e correndo dentro dela. Não havia tentativa de me controlar, só de saber mais sobre mim. E me senti muito mais vaidoso do que se ela tivesse me dito o quanto me achava lindo.

– Academia, correr, nadar, talvez velejar ou escalar uma montanha. Quem sabe? – e dei de ombros. – Tenho muitas opções.

– Você gosta mesmo desse contato com a natureza – sorriu.

– É verdade – respondi. – Ajuda muito a mente se o corpo está são. E o que você gosta de fazer para se distrair?

– Faço yoga e pilates depois do expediente quase todo dia – respondeu. – Também corro pela manhã antes de trabalhar. Sou muito agitada e essas atividades me ajudam muito.

Lara me contou sobre seu trabalho, sua família e sua vida particular. Fiquei impressionado como sua dedicação a tudo o que verdadeiramente importava. Valorizava o esforço da família em estudá-la e a tratava muito bem. Tinha uma relação muito boa com os pais e os avós, inclusive com o irmão caçula. Também alimentava as amizades e desprendia tempo para as novas.

Não teve muitos relacionamentos amorosos por ser sensível aos que gostavam dela. Era entusiasmada, atraente e dinâmica, porém gostava de desafios sentimentais e acabava atraindo romances passageiros. Porém, era uma pessoa admirável por sua forte influência, magnanimidade, confiança e espontaneidade.

Assim como eu, era uma intelectual e a troca entre nós se tornou nosso ponto forte. Ela se expressava tão bem, de forma soberana e autoconfiante, apesar de muitas vezes se mostrar voluntariosa.

Nesses momentos ria dela, por ter um espírito mais livre, e ela acabava dando ouvidos à sua generosidade. Sua passionalidade também era envolvente e mostrava que veio ao mundo para viver intensamente e fazer a diferença.

Fiquei arrasado quando tive que me despedir dela. Foi bastante difícil dizer até logo. Eu a segurei nos meus braços o máximo que pude para guardar seu cheiro, seu gosto e seu calor.

Ao contrário do que imaginava, Lara não pediu para que ligasse para ela. Eu me senti ansioso. Queria, mas no fim não fiz a promessa com medo de não cumpri-la. Seus olhos suplicaram silenciosamente para que não fosse uma separação.

Apenas sorri de volta da melhor forma que pude já que meu coração estava apertado. Ainda não entendia por quê. Que necessidade era aquela que nunca me assaltara antes?

Quando a porta do carro se fechou, a última coisa que vi foi a água-marinha brilhando

com intensidade no decote de Lara. Porém, antes que eu pudesse chamá-la para confirmar, arrancou o carro com pressa.

Eu me senti desolado, porém duas vezes mais que o comum.

Mal entrou em casa e Marcel foi bombardeado pelas informações da manhã tumultuada do grupo. Deu os parabéns a Lucca e Mainá e foi cobrado por Tamires e Alexandre sobre a promessa que fizera mais cedo. Garantiu que não havia se esquecido e que a cumpriria mais tarde.

Almoçou com Suzane depois foi até a sala ver o que acontecia. A índia e o marido haviam saído para a consulta médica e o casal de cunhados queria continuar o treinamento de *muay thai* na praia, porém em um lugar mais protegido do sol. Estavam dando um tempo para a digestão antes de partirem.

Tamires falou sobre sua evolução no treinamento físico e estava motivada para aprender mais. Alexandre lhe mostrou novos golpes com imagens que encontrou na internet e a moça se mostrou bastante avessa a alguns por serem mortais. Porém, o moreno insistia que devia aprender tudo para o caso de necessidade.

Marcel achava aquilo tudo tão inútil. Com os dons que eles tinham, para quê lutar? Talvez para ele fosse mais necessário do que para ela, mas ele poderia sentir o perigo com antecedência, então também não achava de grande valia. Saiu da sala direto para o quintal da casa onde avistou o enorme pentagrama.

Até aquele símbolo achava exagero de Alexandre, porém havia prometido tentar, apesar de não acreditar que daria em alguma coisa. Pulou as pedras para não demovê-las e foi para o centro do signo. Sentou-se no chão e fechou os olhos, buscando com sua mente a já conhecida energia de Nicolas.

Uma linha azul ficou clara diante de seus olhos cerrados. Captou seu rastro como se fosse um cheiro, leve e esfumaçado. Em segundos percorreu os milhares de quilômetros até Vitória, atravessando a cidade e parando de frente a baía.

O ambiente lhe era familiar, provavelmente o quarto ou o apartamento de Nicolas, pela intensa concentração da energia azul. Os objetos estavam impregnados por ela, como uma extensão do rapaz. Podia até identificá-los com facilidade e teve que dar o braço a torcer ao pentagrama.

Percebeu como seu dom ficou aguçado e intenso. E não podia se dar ao luxo de dizer que havia evoluído naturalmente porque pela manhã tivera dificuldades e desde então era a primeira vez que tentava a conexão com Nicolas, sem nem ao menos acreditar no poder que o símbolo prometia.

Não se desviou de seu objetivo e teve mais esperança de seguir a desconhecida força que o cercava. Procurou com cuidado por ela. Por ser mais sutil e quase imperceptível, não deixaria um rastro fresco ou forte, por menor que fosse o tempo entre sua passagem e a procura por ela.

Demorou poucos minutos para encontrar algum vestígio, mais fraco que o normal. Isso lhe indicava nitidamente que não estava mais ali. Havia vários pontos no apartamento. Conseguiu, com grande esforço, segui-la, porém desapareceu metros adiante, tornando impossível saber para onde fora.

Quando estava rastreando, sua própria energia se desvencilhava de seu corpo e seguia o rastro das outras como se as reconhecesse e por elas fosse atraído. Portanto, não podia saber mais além do que fosse dito quando estava por perto. Vigiava como um espectro: invisível e consciente.

Voltou para o apartamento onde Nicolas conversava com o melhor amigo Giovanni. Ouviu que ele falou sobre uma mulher. Pareceu que era a mesma de outro dia. Soube pelo pouco que falaram sobre esse assunto que ela esteve no apartamento, porém havia ido embora.

Quando falaram em Conceição da Barra, teve um estalo. Talvez pudesse encontrar alguma coisa por lá, já que sentira a energia pela primeira vez naquela cidade. Temeu que fosse um guardião negro com o poder de se locomover a grandes distâncias com facilidade, como ele mesmo podia, apesar de não fazê-lo fisicamente.

E se pudesse vigiar Nicolas também a quilômetros, poderia estar em perigo agora mesmo. Porém, se aquela energia estivesse ali, saberia. Remexeu-se dentro do pentagrama e focalizou seus pensamentos naquela cidade litorânea no norte do estado.

Em um estalar de dedos estava no parque, onde a energia da natureza de Itaúnas o puxava com facilidade. Procurou pela estranha força que sentira outro dia. Preciso de muita concentração para sentir um fiapo dela. Somente depois de vários minutos, conseguiu encontrar seu rastro.

Era tão sutil que o trajeto foi muito mais lento do que deveria. Por várias vezes, quase perdeu o fio que o guiava por aquela terra que não conhecia. Demorou muito tempo para percorrer os quase trinta quilômetros da vila até a cidade e se sentiu meio burro por não ter ido direto para lá.

Porém, não foi levado para os bairros e sim para um sítio nos arredores onde havia um cafezal. Inclusive sua posição geográfica era favorecida pela proximidade com a estrada que levava para o distrito de Itaúnas. Ali a energia ficava um pouco mais forte, mas ainda exigia concentração.

Não encontrou a fonte da energia, apenas a sentia perto. Outras duas também foram

percebidas e isso o deixou inquieto. Manteve os sentidos atentos para detectar onde estava e quem se encontrava ali.

Ouviu quando uma voz grave e envelhecida cumprimentou com emoção.

– Lara! – exclamou com a voz fraca e masculina. – Minha neta querida.

Interessou-se imediatamente ao saber que estava na casa da tal mulher que estivera com Nicolas.

– Olá, vovô – a voz da moça era suave e carinhosa. – Como o senhor está?

– Vou indo, minha filha. Fico melhor quando a velha carcamana me deixa em paz.

– Hein? – resmungou uma voz feminina e rouca quase aos gritos. – Esse velho resmungão está falando mal de mim, minha netinha?

– Netinha? – retorquiu o velho. – Além de surda você é cega, Teresa? Nossa neta tem trinta anos. É uma mulher linda e bem-sucedida.

– Vovó, estou bem aqui – ouviu Lara dizer. – Como a senhora está? Espero que esteja tomando seus remédios. Mamãe disse que se recusou esta semana.

– Para quê remédio, minha filha? – retrucou a idosa. – Conserta uma coisa e estraga outra.

Lara riu.

– Onde está Lorenzo? – perguntou em seguida.

– Trabalhando – respondeu o senhor. – Aquele trabalha igual um cavalo e ganha uma miséria. Não sei por que ele não foi para Vitória como você.

– E mamãe e papai? – perguntou novamente.

– Sua mãe foi ajudar seu pai no cafezal – respondeu o idoso enquanto ouvia a senhora resmungar palavras inaudíveis. – Venha cá, minha neta, quero ver o que é isso brilhando em seu pescoço.

– É um colar, vovô – respondeu Lara. – O senhor não se lembra dele? Ganhei quando tinha quinze anos.

– É mesmo, minha filha? – perguntou. – Parece diferente.

– Não, vovô. É o mesmo colar – retrucou Lara.

– Você acha, Lara, que sou cego como essa carcamana? – xingou. – Estou vendo que está diferente e você também devia ver.

– Ah, estou cheia desse velho gagá falando baboseiras – disse a avó de mau humor. – Vou para a cozinha ver se meu bolo está pronto.

– Depois eu que sou gagá – riu o avô. – Você acha que ela ainda tem condições de cozinhar sem colocar fogo na cozinha?

– Vovô! – repreendeu Lara.

– Deixe-a ir, minha filha. Preciso mesmo falar com você. Faz um tempo que estou

esperando a oportunidade e acho que chegou a hora.

– O que é, vovô? – perguntou ela.

– Sabe, minha filha, tem uma pedra que foi perdida há muitos anos. Ela é mística e muito poderosa e diz a lenda que ela vai se manifestar novamente quando o alinhamento perfeito dos planetas acontecer.

– Como o senhor sabe disso?

– Você não assiste televisão, minha filha? – retrucou. – O tal astrônomo que descobriu esse alinhamento disse que vai acontecer mês que vem e foi assassinado por seu assistente antes que pudesse explicar que ligação havia entre o evento e a pedra.

– Não entendo – disse Lara. – Por que o senhor ligou esse evento ao meu colar? O senhor acha que a água-marinha é a pedra perdida?

– Shhhhh! – resmungou o senhor. – Fale baixo. Precisamos estar atentos, minha filha. *Ele* – disse dando entonação diferente ao pronome – está à espreita. Não vê o que aconteceu com aquele que fez a descoberta e ia contá-la ao mundo para que a profecia se cumprisse?

– Que profecia? – perguntou Lara.

– Você não prestou atenção em nada que eu disse, Lara? – reclamou o idoso. – O alinhamento, o encontro da chave e a abertura do portal.

– Agora que não estou entendendo mais nada mesmo, vovô – riu Lara.

– Não ria, filha – disse seriamente. – O destino da natureza está nesse evento e você precisa proteger os quatro elementos.

– Quem? – espantou-se Lara.

Antes que pudesse responder, a senhora voltou para perto deles arrastando os pés e resmungando.

– Comeram todo meu bolo! – praticamente chorava. – Nem esperaram esfriar e devoraram tudo. Tomara que quem fez isso tenha uma dor de barriga.

– Larga de ser louca, sua velha carcamana! – desviou-se do assunto. – Você não fez bolo nenhum. Você está sentindo cheiro de bolo por acaso?

– Foi você, Francisco, quem comeu? – insistiu a idosa. – Você fez de propósito para poder dizer que sou gagá, seu velho egoísta.

Marcel permitiu que sua energia, tão atônita quanto ele mesmo, permanecesse mais um tempo naquele sítio a fim de ver se a conversa continuaria. Não aconteceu. Lara não tocou no assunto de novo e o velho pareceu se esquecer totalmente dele. Já sabia há algum tempo que Lara estava com a pedra e isso não foi surpresa.

Mas o que mais lhe intrigava eram as palavras do idoso sobre a profecia e o alinhamento. Ele teria inventado tudo com sua mente caduca e cheia de teorias da conspiração?

E as três energias que sentia perto, poderia ser o inimigo espreitando a pedra antes mesmo de que ela cumprisse seu papel por Nicolas?

Abriu os olhos e estava de novo ao quintal de casa sentado no centro do pentagrama. Levantou-se correndo disposto a dividir a informação com os outros, principalmente com Alexandre que, talvez, pudesse elucidar o ocorrido. Esqueceu-se de Nicolas e só pensava na pedra. Ela corria real perigo.

FORÇA

Sábado e domingo foram dias tumultuados no grupo reunido a quilômetros de distância do Espírito Santo. Em meio às brigas, muitas dúvidas e emoções à flor da pele. O motivo foi o relato de Marcel sobre a pedra em Conceição da Barra e a estranha família de Lara, a tal namorada de Nicolas.

Os primeiros a ouvirem as informações do rastreador foram Tamires e Alexandre, que treinavam novos golpes de *muay thai* na praia, sob uma grande sombra. A ruiva ficara imediatamente inquieta, disposta a pegar o primeiro avião para Vitória e a fim de planejar a viagem, sentou-se no computador e pesquisou companhias aéreas.

Já o cunhado moreno, também assustado, ponderou sobre os perigos que cercavam a água-marinha. Pelos nomes que o loiro lhe apresentou, não fez ligação com nenhuma história antiga que conhecia e não ter ideia de quem era aquele idoso o deixou extremamente preocupado.

Ainda assim, Marcel e Alexandre foram mais cautelosos sobre a viagem. Concordavam que estava muito próxima, porém devia ser organizada e não desenfreada como Tamires propusera. Chegaram ao consenso de que teriam que fazer um reconhecimento do lugar e das energias que cercavam Nicolas e a pedra.

A discussão na sala estava acalorada quando Lucca e Mainá chegaram do médico felizes com a comprovada gravidez de cinco semanas da índia. Logo ficaram a par do ocorrido durante sua ausência e um novo tópico foi incluído na discussão: a presença da indígena, totalmente dispensável em seu estado.

Lucca concordava com Tamires, porém não queria que seu filho e sua mulher corressem o perigo que essa viagem prometia, porém era impossível excluí-la. Ao mesmo tempo em que ficaria preocupado com sua participação, também ficaria angustiado com o que estaria acontecendo com ela do outro lado do país. Afinal, Suzane não tinha forças para socorrê-la em caso de necessidade.

Havia a tia, como todos a chamavam – a mãe de Marcel – que cuidava da moça na ausência do filho e que poderia cuidar de Mainá também, mas Lucca era preocupado por natureza e não suportaria desviar seus olhos de sua amada por um minuto sequer.

Por fim, Alexandre lançou um argumento indiscutível. Não considerava o grupo pronto para uma luta contra inimigos reais e no mesmo nível de poder – ou quem sabe ainda maior. Reconhecia que haviam melhorado, mas ainda não mostraram sinal efetivo de sucesso nos treinamentos.

Tamires e Lucca ficaram tão ofendidos e motivados que partiram para o treinamento sobre o pentagrama de imediato, sem a supervisão de Alexandre. Marcel os viu fazer várias tentativas, no calor da emoção e não obterem nenhum resultado, como anteriormente.

Mainá os incentivava, mas também percebeu que seu estado de espírito estava atrapalhando. Moviam terra, água, fogo e ar e, no entanto, não os produziam. O quintal ficou uma bagunça ao término do dia e foram obrigados a admitir que a orientação do moreno e a ausência de tranquilidade fizeram falta.

Mesmo com os anéis nos dedos, ambos não conseguiram alcançar a paz completa para se concentrarem no exercício. Matreiro, Marcel riu deles inúmeras vezes – assim como também foi lançado pelos ares pela ousadia, coisa que provocou um grito de Suzane de seu quarto. Alexandre, por outro lado, fez uma lista dos erros que cometeram para lhes mostrar onde falharam.

O treino do dia seguinte foi diferente. Com as passagens compradas – mesmo sem data definida para o embarque –, os ruivos ficaram mais tranquilos. E sob os ensinamentos do moreno, conseguiram alcançar pequenos feitos como o surgimento de uma chama de fogo sobre a pedra e um torrão de terra na grama.

Porém, em poucos segundos, a chama – que mais parecia com um isqueiro aceso – se apagava e o torrão se dissolvia como carregado pela chuva. Era tão rápido que, se algum espectador se distraísse ou piscasse, perderia a realização do truque. Faltava agora aprenderem a sustentar a mágica.

Motivado, o casal continuou tentando. Conseguiu, volta e meia, manter os elementos por alguns minutos. Sentiam a força – que nasceu dentro deles desde quando a magia entrou em suas vidas – crescendo alucinadamente, como se desse saltos à frente a cada evolução bem-sucedida.

Devido ao curto tempo que lhes restava, Alexandre estava mais exigente do que nunca e maquinava formas de incentivá-los a evoluir mais depressa. Na segunda-feira, fez uma proposta para que Mainá os ajudasse e ela aceitou imediatamente, deixando Lucca nervoso.

– O que você pretende colocando-a no treino? – perguntou tenso.

– Andei pensando em formas de motivá-los e pensei que um pouco de realismo poderia ajudar.

– Realismo?– exclamou. – Não gostei disso.

– Alexandre – interveio Tamires –, você não está exagerando? Mainá está grávida.

– Sei e por isso mesmo confio que vocês a protegerão com toda a garra.

– Lucca – disse a índia sorrindo –, confio em você.

Alexandre levou-a para um canto isolado do quintal, deixando um grande espaço entre ela e o pentagrama. Atrás e do lado direito da indígena havia o muro que limitava o terreno.

– Marcel, por favor, você poderia participar? – chamou Alexandre.

O loiro sorriu antes de responder com certa satisfação.

– Com certeza.

O moreno indicou para que Marcel ficasse do lado esquerdo da índia, impossibilitando sua fuga, e ele mesmo se postou entre Mainá e os dois ruivos tensos no centro do símbolo. A indígena não parecia nervosa.

– Alexandre... – sussurrou enraivecido o marido.

– Vamos, Lucca – provocou o moreno. – Marcel e eu somos inimigos e cercamos Mainá. O que você vai fazer para protegê-la antes que a alcancemos?

Tamires e Lucca estavam atônitos, sem saber o que pensar, muito menos como agir.

– Pensem e ajam rápido! – exclamou Alexandre aproximando-se perigosamente da índia, porém em câmera lenta. – Estamos mais perto dela do que vocês!

Lucca foi o primeiro a reagir, seu instinto de proteção falando mais alto. Concentrou-se no espaço entre Mainá e Alexandre e estendeu a mão direita naquela direção. O que aconteceu em seguida foi extraordinário. Como se o ar se solidificasse e as partículas se transmutaram em terra. Em segundos, uma parede de barro surgiu entre Alexandre e Mainá impedindo que ele prosseguisse. O moreno estacou o passo impressionado com o tamanho do obstáculo construído em tão pouco tempo. Sorriu percebendo que seu método fora eficaz.

– Muito bem, Lucca – elogiou. – Estou surpreso com o que fez. Porém, sinto dizer que não foi suficiente.

Alexandre se posicionou a fim de realizar um golpe e no segundo seguinte lançou com força o punho direito contra o muro de terra. Foi só aí que percebeu o quanto a parede era fina. Com o soco, o barro se desfez em milhões de pedaços que espirraram para todos os lados, principalmente na direção de Mainá.

Marcel saltou à frente e cobriu com seu corpanzil a índia. Ambos se chocaram contra o muro enquanto a chuva de terra caía nas costas do loiro. Em um segundo, Lucca estava sobre eles enquanto apertava seu punho cerrado com força e fazia o barro desaparecer no ar.

– Mainá, você está bem? – exclamou puxando Marcel de cima da mulher.

– Estou – respondeu apressadamente a indígena. – Não se preocupe.

– Não me preocupar? – vociferou. – Chega dessa ideia absurda, Alexandre! Se não fosse o Marcel, Mainá poderia estar ferida agora.

– Desculpe, Lucca – envergonhou-se o moreno. – Não havia percebido que o muro era muito fino. Acabei golpeando forte demais. Não queria que ela se machucasse. Sinto muito.

– Ei, está tudo bem, Lucca – interveio o loiro. – Pelo menos a experiência serviu para que você evoluísse mais.

– A que custo, Marcel? – retrucou o ruivo. – Se você não se importa com os meios, então coloque Suzane como alvo.

Enfurecido, Lucca enlaçou Mainá e voltou para dentro da casa encerrando sua participação no treino do dia. Marcel pretendia brigar com Lucca quando foi impedido por Alexandre que lhe fez um sinal para relevar. Tamires também se aproximou dos dois assustada.

– Acho que não foi uma boa ideia – disse.

– Acho que foi uma ótima ideia – retrucou aos sussurros Alexandre. – Depois que o susto passar, Lucca vai reconhecer que foi um bom método. Agora, Tamires, é sua vez. – Pensativo e brincalhão continuou. – O que posso fazer com você?

A ruiva deu um passo para trás, afastando-se instintivamente.

– Muito bom – sorriu o moreno. – Pressentiu o perigo. Que tal um pouco de ilusão?

O moreno deu um passo na direção da moça com o braço estendido. Ela lhe voltou as costas e correu para o pentagrama. Enquanto se aproximava, lenta e ameaçadoramente, se concentrou na barreira que precisava construir para que ele não pudesse alcançá-la. Sabia que o cunhado só conseguiria iludi-la se a tocasse.

De repente, abriu os olhos verdes e encarou seu adversário com desafio. O rapaz sorria maliciosamente, caminhando como se contasse os passos. Um misto de tensão e de excitação envolvia a ambos. Marcel continuou parado no mesmo lugar assistindo ansioso para ver o desfecho daquele episódio divertido.

Com um gesto rápido e preciso, Tamires ergueu as duas mãos para o alto. Acompanhando seu gesto, um círculo de fogo subiu das pedras que formavam o lado de fora do pentagrama. As labaredas a envolveram completamente, impedindo que qualquer um se aproximasse dela por qualquer direção.

Alexandre parou, espantado e admirado. A cena era aterradora, mas tinha seu encanto. Com a dança das chamas, o moreno vislumbrava partes do rosto e do corpo da ruiva. A força do fogo não oscilou um minuto sequer.

O paredão que a ruiva construiu tinha uma cor distinta. Era parecido com labaredas comuns, porém possuía cores diferentes. Estritamente vermelhas, sem tonalidades para o amarelo ou para o azul, a cor provava que nada consumia para existir e que só estava ali pela vontade dela.

Seu tom o tornava mais aterrorizante, como se estivesse muito mais faminto, pronto para engolir qualquer matéria que o tocasse. Aparentava muito mais fúria e desejo por destruição. Os olhos dela flamejaram sorridentes, satisfeitos com o resultado de sua mágica.

O fogo tinha algo poderoso pela forma como se manifestava e pelo longo, cruel e extenso alcance de sua língua. Era o único poder na terra capaz de preservar a vida com seu

calor ou destruí-la da mesma maneira. E esse poder não via limites. Podia destruir qualquer coisa que tocasse – pessoa, natureza ou criações humanas. Era um poder que necessitava de um grande controle e devia ser usado com cautela e sabedoria.

– Meus parabéns – falou por fim Alexandre com certo temor nos olhos. – Você tem um senso de preservação muito forte.

As chamas se apagaram a um gesto ligeiro da ruiva com as mãos para baixo. Sorria quando o moreno pode vê-la completamente. Sua beleza cintilava, talvez sobre o efeito mágico do fogo.

– Obrigada – respondeu com orgulho. – Mas não pensei em mim quando criei esse obstáculo. – Seu olhar cintilou. – Existem pessoas que dependem de mim.

Alexandre se sentiu comovido com as palavras da moça e se aproximou dela pronto para tomá-la nos braços. Marcel se fez notado antes que o rapaz alcançasse seu objetivo.

– Ei, cunhada – exclamou. – Isso foi demais!

O final de semana fora no mínimo estranho. Nada do que previra acontecera. O programa de sexta-feira à noite com os amigos se transformara em um encontro com Lara. Porém, o sábado fora o dia mais esquisito. Acordar ao lado da mulata mexera com tantas emoções diferentes dentro de mim. E o café da manhã acompanhado por ela fora no mínimo diferente, para não dizer especial.

Nunca me abria como naquela conversa. Não que tivesse me escondendo, mas também nunca falei tanto sobre mim mesmo para outra pessoa em um período tão curto de tempo. E o pior de tudo era que estava me sentindo muito bem com isso. A sensação de dividir minha vida com outra pessoa me fizera recordar do relacionamento com meu falecido pai e me despertara tanta saudade.

A tarde fora solitária. Ver Lara partir dividira meu coração ao meio. Metade ficara palpitando no meu peito e a outra fora com ela para Conceição da Barra. Tentei ocupar a mente com as atividades relaxantes nas horas seguintes.

Porém, nada surtiu o efeito desejado. Fui para academia, me refresquei no mar e terminei o dia com uma corrida por um dos maiores e belos parques da cidade, mas nem isso me impressionou como sempre fazia. Quando voltei para o apartamento, parecia ainda mais vazio do que antes. Frio, solitário e nada acolhedor. Não tinha cor nem vida. Era a imagem do desalento.

Faltava o dourado dos olhos de Lara, o vermelho de seus lábios e o chocolate de sua pele. Faltava o som de sua risada e o calor de sua presença. Todos os ambientes me lembravam de sua ausência.

As horas se arrastaram até que chegasse o momento da festa na qual tocaria. Seria em uma boate alugada por uma grã-fina que fazia aniversário de vinte e um anos. Uma festa com

cerca de quinhentos convidados.

Amava o clima. Seria revigorante tocar para eles enquanto seus corpos jovens se moviam animados na pista de dança. Para um DJ, mantê-la alta sempre é um desafio.

Cheguei ao local com uma hora de antecedência para equalizar o som e organizar o repertório que escolhera para a noite. Os últimos preparativos transformaram o lugar em uma corrida contra o tempo. Faltando quinze minutos para que as portas fossem abertas aos convidados quando a aniversariante chegou e caminhou na minha direção assim que me viu.

– Olá, Nicolas – cumprimentou.

Dei a volta na mesa de som para abraçá-la.

– Parabéns, Paola! – cumprimentei. – Feliz aniversário!

– Obrigada – respondeu a jovem. – Você sabe se a Milene vem?

– Vem sim – respondi – Giovanni vai trazê-la. Devem estar chegando.

Paola se recostou no balcão sem vontade de se afastar.

– Então, como estão as músicas? – puxou assunto.

– Muito boas – respondi vagamente. – Escolhi as últimas paradas.

Voltei para trás do balcão e separei o primeiro disco que tocaria. Paola me seguiu e se aproximou tanto que meu braço roçava em seu seio jovem e firme. Eu a encarei surpreso e vislumbrei sua beleza e fogosa juventude.

– Adoraria fazer companhia para você durante a festa – disse de forma sedutora. – Deve ser triste ficar aqui sozinho o tempo todo.

Sabia exatamente aonde a aniversariante queria chegar, porém meu corpo não reagiu como deveria. Ao invés de queimar com o desejo que a expectativa de ter aquela pele junto a minha, não senti nada. Uma vergonha imensa pela atitude ousada da jovem quase me fez corar. O que estava acontecendo comigo?

De repente, me senti velho e inapropriado para aquele ambiente, muito menos para aquela moça que mal saíra da adolescência. Não vi atrativos sensuais nela a ponto de mexer comigo de alguma forma, apesar de enxergar com nitidez sua beleza. Porém me pareceu muito mais ingênua do que se mostrava.

– Já estou acostumado – respondi com um sorriso simpático. – Você tem muitos convidados para dividir sua atenção. Não precisa se preocupar comigo.

Vi o quanto minhas palavras a ofenderam. Paola se afastou de mim pisando duro e encontrou a primeira amiga que atravessou a porta de entrada. Seu espírito jovem e despreocupado melhorou durante a festa. Porém, toda vez que olhava em minha direção, enxergava o ressentimento estampado em seu rosto.

Pobre menina rica? Talvez. Mas não estava para babá àquela noite. Não me senti nem um

pouco atraído para aquela cilada. Não me preocupei mais com ela e me concentrei em tocar e vigiar a pista e o efeito do repertório que escolhi sobre os convidados.

Percebi, durante o tempo que permaneci ali que, além de minha visão estar bem melhor mesmo no escuro, meus ouvidos podiam escutar perfeitamente os instrumentos da música, os gritos dos convidados e as conversas em qualquer ponto da boate. O enxame me incomodou em um primeiro momento até que consegui focalizar minha audição na música.

Ao final a festa fora o maior sucesso. Recebi outros convites para tocar e terminei voltando sozinho para casa, satisfeito comigo mesmo, porém ainda sentindo um oco no peito.

O domingo fora mais vazio. Venci o tédio e a preguiça a fim de mexer o corpo em atividades esportivas. Aproveitei a ociosidade para analisar melhor os sons que podia ouvir e a que distâncias meus ouvidos os alcançavam. Que estranho! Porém, não menos encantador. Os barulhos me diziam que tudo tinha vida. Mesmo na mata, enganosamente silenciosa. Até o mar me revelou seu som quase inaudível anteriormente sob a balbúrdia da cidade.

Ao mesmo tempo, me senti diferente. O que estaria acontecendo comigo? Estava mudando sem que quisesse ou alguma força externa estaria me alterando? Enumerei os acontecimentos da última semana.

Primeiro, o encontro com Lara no parque em Itaúnas e as sensações novas próximo daquela pedra que estava praticamente esquecida na minha memória. Depois a irresistível atração e falta que ambas me trouxeram.

Em seguida, a visão aguçada, a noite tornando-se clara como se a lua ganhasse o brilho do sol todo para ela. Aliado ao meu gosto pelo período noturno, quase podia dizer que virara um vampiro, mas ainda amava o sol e o dia.

E agora, a audição também melhorada. O destino, Deus ou o demônio estavam brincando comigo ou aquelas sensações eram ilusórias e estavam apenas na clausura de minha mente? Estaria ficando mentalmente doente?

Não era a primeira vez que questionava minha sanidade em um período tão curto. E o que me levava a me enganar e seguir o ritmo constante de minha vida até agora? O apego à realidade. A rotina era a única que podia me dizer que era normal.

Mas o que poderia ser considerado normal? Uma vida solitária como a minha? O afastamento da única mãe que conhecia? A rejeição de minha verdadeira e desaparecida família? O apego às coisas materiais?

Tinha amigos, muitos amigos, era verdade. E um trabalho digno – mesmo que não se enquadrasse nos moldes impostos pela sociedade – onde conseguia meu próprio sustento e até mesmo dinheiro suficiente para esbanjar com noitadas.

Mas com quem contava na realidade? Apenas comigo mesmo. O esforço que fazia para provar ao mundo que podia e conseguia algo era ilusório e patético. Ninguém estava vendo porque

ninguém se importava.

Estava sendo injusto com Giovani. Ele era como um irmão para mim. Sabia que se importava e se preocupava. Porém, tinha a própria vida, emprego, família e, inclusive, uma noiva com quem compartilhar tudo.

E o que eu tinha? Tinha dinheiro, tempo e um vazio enorme no peito. De repente correr, tocar e sair para a balada não faziam mais sentido nenhum para mim. Até trabalhar era um esforço vão. Para quê e para quem me vestia? Para que me esforçava tanto em manter o idealismo? Por que insistia em cuidar do corpo e manter a ridícula fachada de minha vida?

Esses questionamentos me levaram a um único pensamento. Lara. Mas não podia aceitar que uma mulher fosse as respostas para todas as perguntas importantes de minha vida. Era simplista demais. E não tinha nada de básico. Era complexo. E por mais que me aceitasse exatamente como era – sem problemas de identidade – gostava do jeito que seguia minha vida porque me sentia segurando suas rédeas.

Isso de que o futuro era incerto e duvidoso não era para mim. Por mais que não tivesse grandes planejamentos na vida, escolhia exatamente o rumo que tomava. O futuro era certo para mim porque o construía a cada dia.

Andando de um lado para o outro do apartamento, me sentia angustiado e deprimido. Nem meu raciocínio parecia ter mais sentido para mim. Sentindo-me tão solitário quanto nunca, cedi ao anseio de ouvir uma voz.

Lara atendeu o celular no primeiro toque, o que me fez sorrir. Talvez estivesse esperando meu telefonema com a mesma ansiedade que estava em falar com ela.

– Nicolas.

A surpresa que acompanhou o suspiro com o qual sua boca pronunciou meu nome me causou um calafrio imediato. Estremeci ao som de sua tão desejada voz.

– Lara – o tom de minha resposta foi guiada completamente pela emoção que emanava de mim.

– Que bom que você ligou. – disse voltando a ter controle sobre si mesma. – Como está sendo seu dia?

– Bom. Obrigado por perguntar – respondi depois de respirar fundo e sentir meu corpo voltar ao normal. – E o seu final de semana com a família?

– Muito bom. Mas já estou ansiosa para voltar para Vitória.

– Você volta ainda hoje?

– Sim. Tenho uma reunião importante muito cedo amanhã.

– Ah – me segurei para não convidá-la para sair comigo. Provavelmente chegaria cansada da viagem longa e não estaria disposta. – O que acha da gente se ver amanhã no final do

expediente?

– Ah – sussurrou, pareceu surpresa. – Tudo bem.

– Lara, minha filha, onde você está? – uma voz envelhecida e rouca chamou do outro lado da linha nos interrompendo.

– Preciso ir – apressou-se em se despedir a mulata e sufoquei um gemido. – A gente se vê amanhã então.

– Sim, nos vemos amanhã – murmurei. – Boa noite.

– Tchau.

O vazio voltou mais doloroso quando o eco de sua voz sumiu no som da linha do telefone e aquela noite demorou muito para passar. Fiquei a maior parte dela insone.

Acordei na segunda-feira disposto a manter a rotina e tentar esquecer minhas inquietações. Mais uma vez. Respirei fundo e parti para minha corrida matinal junto à natureza após o desjejum.

Meu almoço solitário nunca me pareceu tão insípido. Nem o dia ensolarado consegui melhorar meu baixo-astral. Não estava disposto a ficar olhando as paredes por mais um dia, então parti mais cedo para a siderúrgica.

O caminho era longo e dirigi sem pressa. Ainda tinha muito tempo para a reunião começar. E estava angustiado por ficar tão sozinho, me arrependi de não ter saído na noite anterior com Giovani.

Nem prestei atenção ao trajeto. Estacionei o carro na vaga exclusiva da empresa. Fui para a recepção e me apresentei. A recepcionista, que já me conhecia, ligou para a secretária de minha mãe para avisar que havia chegado e ela mandou me colocarem na sala de espera vip com atendimento personalizado.

Eu me recusei a me isolar na sala, por mais conforto que tivesse. Não queria ficar sozinho e já que a presidente da empresa – que ainda era minha mãe – não queria me ver, ficaria ali na recepção junto com os office-boys e subalternos. Pelo menos estariam dispostos a conversar comigo se puxasse assunto. Não demorou muito para realizar meu feito. A própria recepcionista não sabia se me dava atenção ou atendia quem chegava. Também não queria atrapalhá-la, portanto, passei a ajudá-la com o atendimento.

Meu jeito carismático logo conquistou a abarrotada recepção e todos queriam trocar uma ideia comigo. Fiquei feliz por ter conquistado novos amigos e ocupar meu tempo de espera. Sair da rotina naquele momento foi muito prazeroso. Agir por impulso, muitas vezes, era bom.

A reunião começou em ponto, como de costume, e só encontrei o restante dos acionistas na sala. Minha mãe me cumprimentou como se fosse um deles, não seu filho. Não fingi surpresa nem tentei maior aproximação.

Fazia um bom tempo que não a via. Acho que mais de um mês. Devido ao feriado, a

reunião daquele mês demorara mais do que o normal para acontecer. Percebi me media de alto a baixo com seu olhar crítico e superior. Talvez fosse seu modo de verse estava bem, como andava minha alimentação, se estava me cuidando direito, se estava bem-vestido. Eu me iludi com esses pensamentos enquanto seus olhos frios permaneceram sobre mim por algum tempo.

Por outro lado, logo percebi que ela não podia estar melhor. No auge de seus cinquenta e oito anos, continuava esbelta apesar de um pouco flácida. O bronzado havia lhe dado uma expressão mais dura além de envelhecê-la um pouco mais. Seus olhos castanhos da cor da terra ainda eram vazios e seus lábios finos permaneciam comprimidos um contra o outro em uma linha rígida.

Do grupo era a mulher mais baixa e a mais velha. Havia outras, porém a maioria eram homens. Jovens, havia menos ainda. Além de mim, somente outro se juntara aos acionistas. Ainda assim, era mais velho do que eu, estando muito mais perto dos quarenta.

Depois dos cumprimentos secos, a reunião começou com a apresentação dos lucros e gastos da empresa no último mês. Os cochichos me distraíam, pois se faziam ouvir tão claros que me pegava olhando na direção das pessoas.

Com a persistência do acontecimento, comecei a prestar mais atenção a eles e ignorei as palavras do diretor financeiro. Realmente eram sussurros inaudíveis para os outros, menos para mim. Então me lembrei de meu novo tormento, a audição aguçada. Fiquei tenso.

Não tinha percebido que conseguia ouvir tanto até aquele momento. A sala estava silenciosa, porém havia outros sons. A voz do diretor, as pessoas do lado de fora, os carros na rua embaixo do prédio. Dispersei completamente minha atenção para esses pormenores.

Tive medo que percebessem o que podia ouvir. Alguns acionistas estavam insatisfeitos com os lucros obtidos, mas não tinham coragem de abrir a boca. Outros achavam que Celeste Bertoldi era uma megera amargurada. Ainda outros disseram que eu não deveria estar ali porque nunca me interessei pela empresa.

Era constrangedor ouvir tudo aquilo. Desejei desligar as vozes da minha cabeça e isso só foi possível quando alguns tiveram coragem de expressar suas opiniões – mais delicadas pelo que pude constatar – em voz alta para que todos ouvissem. Quando a reunião acabou, me levantei rapidamente e fui embora sem falar com ninguém.

Meu ostracismo seria necessário por mais um tempo.

AQUÁRIO

Estou tão orgulhosa!

– Não, por favor! – suplicou Lucca Gonçalves desviando os seus dos doces olhos de Mainá Kadiwéu. Sua voz denotando uma pontada de decepção e raiva.

– Olhe para mim – pediu com doçura a índia. Sua mão calorosa tocando suavemente sua face o fez ceder

Nós estamos bem.

– Se alguma coisa tivesse acontecido...

– Shhhh! – pôs os dedos sobre os lábios rosados do marido.

Não se martirize. Por que não consegue apenas reconhecer seu sucesso?

Contrariando o clima, Lucca riu sarcástica e amargamente antes de responder.

– Sucesso? Criei uma piada! – explodiu o arqueólogo. – Você prestou atenção no relato de Marcel sobre o *que* Tamires fez?

A ênfase na palavra era totalmente desnecessária, porém Mainá relevou. Entendia a frustração do marido e tentava reanimá-lo.

– Não se desmereça, foi façanha, por favor. Cada um tem seu próprio tempo.

– Tamires é muito melhor do que eu em tudo! – desabafou Lucca. – Você ouviu a história dela. Desde o início ela acreditou em seu destino e seguiu o caminho direto para a verdade, mesmo tendo que deixar para trás as pessoas que ama.

A índia apertou a mão dele entre as suas.

– Sei que você tem muitos motivos para admirá-la, porém também tenho muitos motivos para ter orgulho de você. Não se frustre, afinal, você também está aqui.

Os olhos dele cintilaram quando encontraram os da indígena novamente. Demorou alguns segundos para que conseguisse falar.

– Senão fosse por você, nunca estaria aqui, agora.

Lucca...

– É verdade! Fui um grande covarde! Até a escolha de vir para cá foi feita sobre pressão.

Você estava unindo a preservação de sua vida ao futuro dela.

– Por favor, Mainá!

Estava muito difícil convencê-lo. A esposa passara dois dias conversando com o marido sobre o assunto e só conseguia deixá-lo ainda mais para baixo. Começava a pensar que teria que dar uma sacudida das fortes.

– Já chega, Lucca! – falou com firmeza erguendo-se para se afastar dele. – O que você está querendo? Que nosso filho nasça e tenha pena do pai que escolhi para ele? – O arqueólogo piscou violentamente os olhos espantado. – Espero que não! Porque essa pessoa que está desenhando não tem nada a ver com o homem por quem me apaixonei.

Ajoelhando-se aos seus pés, sobre a areia branca da praia, Mainá sorriu a fim de amenizar a tensão.

– Você admira Tamires? – perguntou com a voz mais carinhosa. – Ótimo! Então pare de choramingar e vá treinar para alcançá-la, afinal, ela tem um mês de vantagem sobre você.

– Mainá...

– É isso mesmo! – interrompeu tomando o rosto de Lucca entre as mãos quentes. – Você também pode fazer muito mais, querido!

Acredito em você.

– Mas o que ela fez foi tão mais impressionante! – ainda se recusava.

Com um suspiro, Mainá se sentou no chão e o encarou novamente.

O fogo é impressionante.

– Sim, é exatamente o que estou dizendo, não é?

Não. Seus dons são diferentes, mas não de importâncias desiguais.

– Não entendo como. O fogo é muito mais poderoso do que a terra. O que posso fazer além de um muro? O fogo pode destruir qualquer coisa.

Também pode sair do controle e se tornar muito perigoso.

– Não havia pensado nisso.

Vocês foram escolhidos conforme a personalidade de cada um. Todos são únicos.

Houve um longo silêncio enquanto Lucca parecia refletir sobre as últimas palavras pensadas por Mainá. Ambos ergueram os olhos para o céu. Um tapete extenso de estrelas se estendia pelo horizonte infinito e em um ponto, uma constelação se destacava das outras com um brilho mais intenso.

– E Nicolas? – quebrou o silêncio o ruivo. – Como reagirá quando chegar a hora?

Mainá não tinha resposta para aquilo, mas sorriu diante do tom do marido. Parecia mais conformado. Havia alcançado seu intuito. Deixou seus pensamentos buscarem seus parcos conhecimentos de astronomia para que pudesse identificar as constelações. Demorou mais tempo do que um profissional para reconhecer a que brilhava mais.

– Aquário – balbuciou chamando imediatamente a atenção de Lucca. – E a Nebulosa da

Era um caco de ansiedade e desespero quando fui ao encontro de Lara no início da noite. Transtornado, com os pensamentos revoltos sobre as últimas mudanças, tinha certeza de que ficar sozinho por tanto tempo pensando demais piorara minha situação psíquica. Precisava muito da mulata e não sabia por quê.

Quando finalmente cruzou a porta de entrada, fiquei em pé em um pulo rápido demais para ser considerado normal e a esperei se aproximar para tomá-la em meus braços. Seu cheiro, seu gosto e a textura de sua pele foram como bálsamo em meu coração. De imediato me tranquilizei.

Sem fôlego, Lara se afastou de mim ao final do beijo com um misto de espanto e prazer no rosto.

– Oi – sussurrou.

O riso brincou em seus lábios e não resisti a abrir um largo sorriso.

– Muito diferente minha recepção? – perguntei enquanto a ajudava a se sentar.

Estava realmente mudado. Virara um cavalheiro por um lado e um canalha por outro.

– Uma surpresa, sem dúvida – respondeu.

Tomei sua mão sobre a mesa, acariciando-a enquanto a fitava.

– Contraditório, eu diria.

Lara riu mais abertamente agora. Sua educação e receio de como agir comigo a travara. Realmente estivera fazendo tudo errado, mas tinha ciência de que precisava dela e não a deixaria facilmente. A menos que desistisse de mim. Sua mão apertou a minha enquanto nossos olhares eram trocados.

– Desculpe – respondi sério. – Não lido bem com aquilo que não entendo.

Refleti no segundo seguinte no quanto aquelas palavras eram verdadeiras. Muito mais do que havia acreditado antes de pronunciá-las. Eram aplicáveis ao momento de minha vida. Perdi o controle sobre meu destino, pensei. Pela resposta de Lara, meus sentimentos foram imediatamente percebidos.

– A vida nos apresenta surpresas maiores do que esperamos, não é?

Percebi que se incluía naquela frase e ficamos nos encarando em uma conversa silenciosa na qual somente nossos próprios pensamentos povoaram nossas mentes. Eu me perdi na languidez daquele olhar dourado como o sol. Derretido, me fundi a ela de uma maneira única e imutável.

Preenchemos o restante da hora com uma conversa sobre o dia. Não oculte nada, a não ser meus pensamentos confusos e minhas impressões exageradas – audição, visão e vento – que considerava loucura colocar em algum lugar fora de minha mente. Seria como aceitar o fato de

estar doído.

Lara me falou sobre problemas no trabalho – o que justificava seu atraso ao nosso encontro. E não me poupou dos detalhes, o que me permitiu sugerir uma solução. Quando a externei, quase ao mesmo tempo em que a ideia surgia em minha cabeça, uma brisa suave acariciou meu rosto.

Eu me distraí por alguns segundos tentando descobrir de onde aquele vento viera, sem sucesso. Por fim, tinha certeza de que minha sugestão a ajudaria e ela me agradeceu pela consultoria gratuita. Ri muito de sua brincadeira com minha profissão.

Ao final do jantar, Lara fez menção de se despedir e senti um novo aperto no peito.

– O que acha de uma esticada até o meu apartamento? – ofereci antes que ela realmente se despedisse.

Para minha surpresa, apesar de relutar por algum tempo que me pareceu longo demais, porém sem que insistisse verbalmente – o que me fez pensar e me preocupar com a expressão que estaria estampada em meu rosto –, aceitou meu convite com um sorriso sereno e sem nenhuma palavra de objeção.

Partimos assim que a conta foi paga. Sentia uma grande expectativa entre nós, principalmente dentro de mim mesmo. Estava ansioso em tê-la outra vez entre meus braços. Enquanto dirigia, não tirava os olhos do retrovisor para conferir se Lara ainda estava atrás mim.

Mal cruzamos a porta do apartamento, e depois de fazer uma rápida avaliação e perceber que estava vazio – nessas horas ter uma super-audição era muito útil – agarrei a mulata. A impaciência e o desejo tomaram conta de mim. Lara era uma necessidade tão importante quanto respirar.

Não compreendia essa obrigação forte e vívida, mas a sentia desesperadamente e era impossível lhe negar o que tanto almejava. Minha alma era ardor por ela, não pelo ato em si. Percebi enquanto a envolvia que outra jamais acalmaria esse desejo.

Adormecer não era algo que desejava. Queria aproveitar cada segundo ao lado de Lara, porém a deixei em paz, durante a madrugada, quando seus lábios já não balbuciavam coerentemente uma resposta às minhas milhares de perguntas. Velei seu sono até que meus olhos também não suportassem mais continuar abertos.

Dormi pesado e sem sonhos. Parecia que havia acabado de dormir quando um som me fez erguer da cama em um salto rápido e assustado. Ter uma audição sensível tinha suas desvantagens. Porém, quando meus olhos desembacaram e pude enxergar com clareza, agradei ao despertar repentino.

Em um movimento apressado demais, estava em frente à porta, meu corpo e membros impediam que Lara saísse. Com suas sandálias nas mãos, o rosto espantado, estacou a tempo de

não se chocar contra mim.

– Como...

– Aonde você pensa que vai saindo assim? – perguntei ao mesmo tempo interrompendo-a.

Meu coração saltitava violento em meu peito. O desespero ao pensar que ela fugia de mim de novo me fez cometer esse gesto indelicado. Arfava nervoso, não pelo esforço que havia feito, já que não significara absolutamente nada para meu corpo. Sem raciocinar direito, apenas esperava que fosse honesta comigo.

– São oito horas da manhã, Nicolas – respondeu contrariada. – Preciso trabalhar.

Respirei fundo a fim de acalmar meu inquieto coração. Afinal, não estava fugindo de mim, apenas sendo responsável. Porém, ao pensar em passar mais um dia solitário, com minhas inquietações, longe de sua plácida presença, uma nova onda de angústia me dominou.

Estiquei os braços em direção a Lara e pousei minhas mãos sobre sua face. Embebi-me do dourado de seus olhos antes de suplicar.

– Por favor, não vá!

Em pensamento, acrescentei: eu preciso de você. Não poderia afirmar com certeza que ela tenha adivinhado meus pensamentos. Ficamos alguns minutos nessa posição, os olhos presos um no outro, enquanto se decidia. Percebi sua luta interna entre o que tinha e o queria fazer.

Por fim, sacou da bolsa o telefone celular. Não prestei atenção a uma palavra que pronunciou. O movimento de seus lábios era hipnótico e me perdi assistindo sua sensualidade. Quando o som de sua voz se dissipou e o aparelho foi fechado, saciei o desejo de provar de novo sua boca.

Enquanto a beijava, suas mãos deixavam escorregar ao chão todos os objetos que segurava para que pudesse me envolver com seus braços morenos. Quando o fez, eu a ergui em meus braços e a levei de volta para a cama sem nem mesmo ver o caminho.

Meu corpo não teve problema nenhum em carregá-la. Na verdade, era como se não tivesse peso algum. Fosse vento, uma pluma, nada. Naquele momento, não foi algo que tenha realmente reparado por mais do que um segundo. Tempo que gastei para repousá-la sobre a cama e amá-la com o ardor de sempre.

Lara correspondeu com a mesma paixão e me vi feliz como nunca antes.

Uma hora depois, estávamos sentados na mesa da cozinha tomando um animado e aconchegante café da manhã. Nunca pensei que me sentiria tão bem convivendo tão intimamente com outra pessoa. Nossa familiaridade ia além da minha amizade fraternal com Giovani e era muito boa.

Enquanto comíamos, minha cabeça buscava algo além de sexo para fazermos durante o dia. Há muito tempo que não acordava tão cedo, ainda mais depois de uma noite muito curta de sono. Porém, sentia minha disposição dobrada. Podia correr, nadar, velejar, passear, exercer

qualquer atividade física normalmente.

Uma ideia me acariciou como uma brisa suave.

– Lara, o que acha de passarmos o dia em Conceição da Barra?

Vì o rosto da mulata modificar do espanto ao rubor. Não imaginava que tipo de pensamento povoara sua mente a ponto de causar tal efeito. Curioso, pensei em perguntar, porém logo se recuperou e respondeu a minha pergunta com a alegria genuína que esperava causar-lhe quando fiz a proposta.

– Seria perfeito! Mas são mais de duzentos quilômetros.

Ri do empecilho que ela punha à nossa ida a sua terra natal.

– Dirijo rápido! – retruquei com uma piscadela.

Por volta das dez da manhã estávamos na estrada estadual que levava ao norte do estado. Conversamos sobre muitas coisas tolas e sem importância. Minha mão grudou na dela durante o percurso. Eu me sentia alegre e leve e então meus olhos se voltaram para o colar azul-esverdeado em destaque no pescoço moreno de Lara.

– Você sempre a usa agora? – perguntei apontando para a pedra.

Envolvendo-a com a mão direita, Lara corou fortemente dessa vez. Seu rosto ficou com uma aparência adorável e sorri diante da indiscrição da pergunta. Na verdade não esperava aquela reação, mas gostaria muito de saber sobre sua relação com aquela pedra.

– Sim, desde uma conversa estranha que tive com meu avô. – A mulata recuperou a cor natural ao responder, que pena. – No feriado de carnaval, minha mãe havia feito uma grande faxina no meu antigo quarto e acabou desencavando a pedra. Não me lembrava mais onde ela estava. Gostei tanto de revê-la que decidi usá-la naquela tarde na qual nos reencontramos.

A sua timidez ao se confessar era quase infantil. Apertei sua mão em sinal de apoio e estava pronto para questioná-la mais quando percebi que não continuaria por conta própria.

– Que tipo de conversa estranha foi essa com seu avô?

A perturbação que se seguiu me surpreendeu. Já que havia citado, não vi mal algum em perguntar. Mas estava errado. Lara demorou tanto tempo para responder que já ia retirar a pergunta quando finalmente ela colocou tudo para fora de uma só vez.

– Meu avô Francisco está muito idoso. Foi até bom que tivéssemos essa conversa antes que você se deparasse com ele novamente. Enfim, não anda muito bem da cabeça. Quando ele viu o colar falou sobre um alinhamento e um portal. Bem, não entendi absolutamente nada. Porém, ele se mostrou bastante aflito e inquieto por causa dela. E senti, você vai achar isso muito estranho, mas senti que devia dar ouvidos a ele e não me separar da pedra em hipótese alguma. Ela realmente tem alguma coisa especial. Não é uma água-marinha comum. – Caiu na risada ao final deixando-me pasmo com os olhos presos na estrada cinza. – Agora você deve estar achando que

eu estou louca.

Queria dizer que não achava, mas estava paralisado e emudecido. Afinal, ela estava confirmando que eu não estava enlouquecendo. Será que devia mesmo acreditar nisso? Resolvi mudar o rumo da conversa para um ponto do relato mais real.

– Ouvi falar que um astrônomo previu um alinhamento planetário perfeito.

– Pois então, não é mesmo? – respondeu nervosa. – Talvez meu avô tenha misturado a realidade com a fantasia. Quando eu era criança, ele me contava muitas histórias sobre um lugar escondido em outra dimensão onde havia seres mágicos. Meu pai sempre o repreendia, talvez porque seja mais pé no chão. Meu avô sempre foi um sonhador. Pelo menos agora ele vive nesse mundo encantado e deve estar muito mais feliz.

Senti que era um desabafo e ao mesmo tempo um aviso do que deveria esperar ao chegarmos à casa dela. Mudei de assunto para vê-la novamente esfuziante. Lara era só alegria e me contagiava. Adorava estar de bom humor também e conviver com pessoas de bem com a vida.

Refleti que nunca a havia visto triste de verdade. No mínimo desconfiada, com o pé atrás. Seu espírito era muito agradável e muito difícil de ignorar. Eu me senti um idiota por não tê-la enxergado direito por todos esses anos. Cego. Burro. Estúpido.

Chegamos à Conceição da Barra um pouco antes do almoço. Para fazer surpresa, Lara não avisou ninguém da visita. Entrou na frente, segurando com firmeza a minha mão, e me introduziu na vasta sala que conhecia muito bem. Não mudara absolutamente nada nesses quinze anos.

Os móveis de madeira escura e maciça estavam mais envelhecidos do que antes, mas combinavam perfeitamente com a fazenda devido à sua aparência rústica e sóbria. Os dois idosos, avós de Lara, estavam nesse cômodo resmungando entre si algo inteligível para os outros, mas não para mim.

Depois de ouvir algumas palavras, percebi que estavam se ofendendo mutuamente, porém, por trás de cada ofensa havia preocupação e carinho típicos de parentes próximos. Ri por dentro me divertindo à custa dos velhinhos sentados confortáveis em suas poltronas preferidas.

Por conta dessa animada conversa, demoraram mais do que deviam para notar a nossa presença. Dona Têresa lançou um olhar vago para mim e desviou imediatamente para a neta em uma explosão de alegria. Levantou-se com seu corpanzil para estreitar Lara entre os braços.

Já o senhor Francisco manteve seu olhar cinzento preso em mim o tempo todo. O rosto muito pálido – o contraste perfeito com a mulher que abraçava minha companheira – e enrugado preso em uma expressão que não me dizia absolutamente nada.

Para completar o cenário, os pais de Lara adentraram a sala nesse exato momento.

Era o encontro mais inter-racial que já vira. Eugênio era parecidíssimo com o pai, apenas trinta anos mais jovem. Sua pele, também muito clara, já estava bastante manchada pelo trabalho

no cafezal embaixo do sol quente brasileiro. Os olhos tinham a mesma expressão vazia e a mesma cor opaca.

Margarida era uma mulher negra, robusta, de cabelos crespos e olhos negros profundos. Seu sorriso de lábios grandes e dentes muito brancos era acolhedor; diferente da frieza do restante da família. Eu me lembrei de onde vinha o alto-astral de Lara. Tinha da mãe, dona Teresa, apenas os olhos escuros e o tom da pele.

Enquanto a família cercava Lara entusiasmada com a surpresa que a jovem fizera, me mantive um pouco afastado para não atrapalhar e não me senti ofendido pela recepção nada calorosa. No mínimo ainda havia alguma mágoa deixada por meus erros do passado, por mais distante que estivesse.

Depois de alguns minutos, a mulata se separou dos parentes para se aproximar novamente de mim. Tomou minha mão com carinho e me fez dar um passo a frente para permanecer ao seu lado enquanto me reapresentava a família. Com o coração disparado, me ouvi complementando-a.

– Vocês se lembram do Nicolas, não é?

– Namorado de Lara – eu disse.

Eugênio foi o primeiro a demonstrar seu ressentimento.

– Ex-namorado – salientou a palavra.

– Papai...

– Desculpe, senhor Eugênio, mas estamos namorando novamente. – Troquei um olhar com uma Lara espantada com um sorriso confiante. – E dessa vez é para valer.

Os olhos da mulata se desmancharam de contentamento com minha resposta. Sorrindo, se virou para a família para demonstrar o quanto concordava com minhas palavras. O pai de minha namorada – agora sim, estava assumindo de verdade – não ficou nada satisfeito.

Ele se retirou enquanto o restante me cumprimentava. A impassibilidade de Teresa passou para uma efusão de bons sentimentos com relação ao seu novo neto – como já me denominava. O senhor Francisco também se mostrou bastante feliz, apesar de mais reservado que a sogra de seu filho.

O jovem irmão de Lara, Lorenzo, entrou exatamente nesse instante e estacou na porta com o olhar mais furioso do que seu pai ao dar comigo entre sua feliz família. E pior, ao lado de sua irmã adorada. Na última vez que o vira, também não havia me recebido bem. A surpresa estava estampada em seu rosto.

Dona Teresa tratou de comunicar ao neto sobre a nova aquisição familiar enquanto eu prestava atenção na fuga sorrateira – não para mim que podia ouvir o arrastar dos passos incertos de Francisco enquanto ia para a outra sala, onde sabia – percebia pelos passos constantes e a

respiração pesada – que Eugênio estava.

– Filho, o que pensa que está fazendo aqui? – ouvi o idoso perguntar sussurrado.

– Não posso acreditar que Lara tenha caído de novo no papo daquele canalha!

A voz do pai da mulata estava muito mais alta do que a de seu avô. Ainda assim, ninguém parecia perceber a conversa que se desenrolava no cômodo ao lado.

– Pare com isso, Eugênio! Você sabe quem ele é?

A defesa de Francisco foi uma surpresa para mim. Ainda mais sua pergunta na sequência.

Será que ele não havia me reconhecido? Continuei prestando atenção.

– Claro que sei, pai. Você se esqueceu? É o garoto riquinho que roubou a pureza dela e depois a deixou quando tinha apenas quinze anos!

Estremeci diante das palavras. As lembranças não eram agradáveis, porém o pai de minha namorada guardava amargura.

– Não, Eugênio. Estou me referindo à outra coisa. – A voz do idoso ficou ainda mais baixa do que antes. – Você não está sentindo?

– Papai, de novo essa história?

– Sim ou não? Não minta para seu velho pai!

Não houve resposta e fiquei me correndo de curiosidade. Do que estariam falando?

– Precisamos falar com ele – era a voz de Francisco.

– Não, papai, por favor.

– Você sabe que isso é importante demais, Eugênio, para continuar fingindo que você não é quem é.

– Não finjo nada. Construí meu destino assim como o senhor fez no passado.

– Meu filho, se você não fizer nada, eu farei. – Houve uma pausa antes que Francisco continuasse. – Tudo bem, sei que sou velho e não conseguiria. Porém, se você não fizer, vou passar a responsabilidade para o próximo na linhagem.

– Não, papai! Por favor! Não diga nada a ninguém, te peço! – Eugênio suspirou resignadamente. – Tudo bem. Prometo que vou dar um jeito nisso, mas preciso que o senhor me prometa continuar mantendo segredo.

– Você tem minha palavra se cumprir a sua.

O silêncio prosseguiu pesado por um tempo tão grande que me lembrei de que não estava na sala ao lado participando da conversa alheia. Armei um sorriso e me virei para Lara. Seus olhos demonstravam muitas dúvidas e algum receio. Não compreendi o que perdi para deixá-la naquele estado.

O pai de minha namorada voltou à sala com uma aparência mais amistosa, mas ainda distante. Sua entrada quebrou o clima e o silêncio que se fizera no cômodo. Durante a conversa que se seguiu, meus olhos cruzaram com os de Lara muitas vezes e os percebi excessivamente

pensativos.

Almoçamos por volta do meio-dia e elogiei abertamente a culinária de dona Margarida, que ficou muito satisfeita. Eugênio também havia se soltado mais, porém continuava me observando contrafeito. Para apoiar o pai, Lorenzo também se manteve calado e taciturno.

Após a refeição, foi servido um aromático café que trouxe de volta muitas lembranças de minha infância e adolescência. Agitado por elas, senti o desejo de rever as dunas, mesmo que não fizesse muito tempo que as vira pela última vez. Decidi que faria a proposta a Lara para que fôssemos ao parque antes de voltarmos para Vitória.

Depois de uma tarde alegre, ao lado da mãe e dos avós de minha namorada – Lorenzo e Eugênio voltaram ao trabalho após o almoço –, nos despedimos e já no carro, estendi o convite a uma jovem linda e muito feliz pelo que pude ver em seus olhos e ela aceitou prontamente.

Lara discorreu sobre seu amor por sua cidade natal, as belezas naturais do lugar, e a importância do parque para a preservação de espécies em extinção e da Mata Atlântica. Falava com tanta paixão, que reacendeu em mim sentimentos semelhantes que sempre me motivaram a continuar visitando aquele lugar.

Foram apenas dez minutos até a Vila Itaúnas. Mais cinco para alcançarmos o topo das dunas. Descalços e de mãos dadas, paralisamos diante da beleza do espetáculo que se emoldurava no horizonte. Era o início do pôr-do-sol. Não havia palavras para expressar o que sentia, muito menos o que via.

Pelo silêncio de Lara, percebi que também deveria estar tão enlevada quanto eu diante da visão que nos fora apresentada. Por isso, vimos a noite cair naquele canto claro do céu. Dei adeus ao sol daquele dia e recebi a noite com a mesma alegria. Ainda podia enxergar os detalhes sobre o prisma de um novo reflexo.

Uma brisa soprou exatamente nesse momento, como em resposta ao meu cumprimento silencioso. O céu, pontilhado de estrelas, parecia piscar para mim alegremente. A lua surgiu mais branca e clara do que nunca, dando início ao seu reinado.

– Você ouviu isso? – perguntou Lara quebrando o silêncio entre nós.

– O quê?

Ouvia tanta coisa que era impossível saber exatamente a que ela se referia. Havia o som do mar, da mata e do rio. Também havia o som dos animais noturnos e a respiração suave de minha companheira. Ainda podia perceber o ritmo agradável e compassado do bater de nossos corações.

– A brisa – respondeu – está soprando uma canção.

FAMÍLIA

O aperto de mão entre Lucca e Alexandre significou um orgulho para Mainá. Aquele assunto estava encerrado. Ambos se desculparam, ambos se perdoaram e no fim ela estava radiante. O sonho de se unir ao Filho da Terra e de seguir seu destino crescia nesse momento em seu ventre e a paz reinava entre os membros de sua nova – e distorcida – família.

A índia não podia negar que, por mais feliz que todos estivessem por ela, o clima de medo e incerteza pairava na casa e nos pensamentos ocultos – ou não – de todos. Ainda faltava uma pessoa no grupo e seu destino ainda era desconhecido. Sofria com todos, sentindo o cheiro do próprio medo, em disparate com o aroma de sua alegria. Era a sensação mais antagônica que poderia ter.

Por mais que tentasse aparentar força, a indígena temia por todos. Não só por si mesma e pelo homem que amava, mas principalmente pelo pequeno ser que fora colocado no epicentro daquele furacão pelo acaso ou por Tupã. Ainda assim, sua fé era maior agora que recebera a dádiva de gerar uma vida.

E quanto mais motivada ficava, mais o pavor se acentuava. Porém disfarçava ao máximo, porque esse mesmo receio não saía da face de Lucca. Antes por causa dela, agora por causa do bebê também. O rapaz chegara a ameaçar levá-la para bem longe dali. Para qualquer lugar onde não corresse perigo.

– Você enlouqueceu? – espantou-se Mainá à menção de partirem. – Você não vai fugir do seu destino, Lucca!

– Meu amor, você ainda não percebeu que seu risco ficou dobrado agora? Não posso perder vocês.

A índia o pegou pelos braços com vontade de sacudi-lo.

– E não vai! Não estou aqui para atrapalhar e sim para segui-lo! Você não vai se desviar de seu caminho por minha causa. Nem adianta insistir nesse assunto.

E realmente todas as tentativas posteriores foram inúteis. Mainá permaneceu irredutível. Lucca estava conhecendo um lado dela que o orgulhava e ao mesmo tempo irritava. Porém, vencido – como na conversa sobre Alexandre –, concordou em continuarem juntos em busca do desconhecido.

Nunca vou deixar você, mesmo que um dia não me queira mais.

O pensamento de Mainá foi de uma força tão grande que fez uma lágrima rolar no canto do olho de Lucca. Talvez se ela dissesse em voz alta não teria a mesma intensidade. Sem palavras, o arqueólogo simplesmente a beijou e a indígena soube sua resposta. Ele nunca a

deixaria.

A participação do casal em mais um dia de treinamento trouxe a normalidade à família. Mantê-los ocupados fora a melhor ideia que Alexandre tivera para amenizar as brigas e desanuviar a preocupação em que Nicolas era a motivação central. Quase passariam por uma vida normal se não estivessem se tornando lutadores e elementais.

Só Marcel não fazia a menor questão de manter a paz com Tamires. Ao contrário, amava provocá-la com frequência. E como o pavio da ruiva era muito curto, as brigas sempre se repetiam e causavam certos danos à casa quando ela utilizava sua força mística para extravasar sua fúria.

Foi depois de mais um surto da cunhada que o loiro resolveu parar de assistir ao treinamento daquela manhã. Sumiu porta adentro por apenas cinco minutos, tempo no qual voltou correndo com um envelope branco na mão. Mal se aproximou do pentagrama, interrompeu o truque concentrado dos irmãos e gritou.

– Notícias de Foz!

A pequena chama que bruxuleava na palma de Tamires se apagou instantaneamente quando a estendeu – movimento acompanhado por uma passada larga e rápida – a fim de pegar a carta de sua melhor amiga Carolina. Sua mão tremia levemente quando a tomou entre os dedos. O coração ficou apertado. Sempre era assim quando se lembrava de casa.

Seus olhos devoraram letra por letra das duas páginas de folha de caderno rápido demais. Todos assistiram sua expressão variar. Primeiro aflita e ansiosa, depois saudosa e triste, e por fim choque acompanhado por um suspiro de espanto enquanto terminava as últimas linhas.

Alexandre, mais do que depressa, se aproximou para consolá-la.

– O que houve? Alguma coisa com Sofia?

Tamires ergueu os olhos dos papéis deixando os braços caírem flacidamente e encarou o cunhado moreno e alto com terror.

– Não, está tudo bem com ela. É Gustavo.

O restante formou um arco ao redor da ruiva para ouvir o que tinha a dizer. Porém Tamires hesitou quando se viu cercada. Vasculhou a alma de cada presente a procura de pré-julgamentos a respeito do marido. Sabia que o pouco ou quase nada que conseguira defendê-lo até agora, seria apagado assim que declarasse o conteúdo da carta.

Engoliu em seco e achou mais confiável manter os olhos em um Alexandre neutro e compreensivo.

– Ele exigiu de Carolina o endereço daqui. Quer vir atrás de mim.

– O que tem de espantoso nisso? – retrucou o cunhado. – Nós sabíamos que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. Gustavo não tem paciência.

Tamires balançava a cabeça em desalento. Estava na cara que não falara tudo. Lucca

cruzou os braços contrafeito a espera dos detalhes que confirmariam suas suspeitas. Marcel pensava que não deveria ser tão grave assim, afinal Suzane não vira nada. Achava que a cunhada estava apenas dramatizando, já que era de seu feitio. Mainá era a única que compartilhava do pavor da ruiva, mais por pressentimento do que por qualquer outra coisa.

– Ele desconfia de você – acrescentou Tamires ainda vacilante e fixa no moreno. – Desconfia que esteja aqui.

Tamires o viu estreitar os olhos – um ligeiro reflexo ao que dissera – para em seguida ver sua calma e pensativa expressão voltar ao estado normal. O rapaz não refletiu mais do que um minuto antes de falar novamente.

– E Carol?

Dividida, a ruiva estranhou a pergunta. Ainda assim, respondeu da melhor forma que encontrou no momento. Sua mente estava tão perturbada que era difícil raciocinar direito para formar frases completas.

– Ela não confirmou, mas pela narrativa, deixou a entender que talvez tenha entregado por um deslize expressivo. Você sabe que Gustavo a conhece muito bem. Ele saberia se estivesse mentindo.

– Tamires – perguntou pausadamente –, o que ele fez?

Desviando os olhos para as próprias mãos, a ruiva oscilou novamente entre contar a pior parte ou fugir. Chegou mesmo a cogitar uma saída estratégica até se acalmar. Seu medo não tinha raiva – mas devia. Estava totalmente preocupada com a moral do marido, que já não andava alta por ali e pensava que externando o que sabia tornaria o fato ainda mais real e palpável. Não queria admitir que ele errara de novo.

Alexandre esticou o braço lentamente enquanto dizia.

– Posso? – e no instante seguinte sua mão tocou a carta.

Ela estremeceu e apertou os dedos contra o papel erguendo os olhos aflitos para o cunhado. O moreno transmitiu toda a calma que sua alma possuía e enquanto essa conexão lhe falava que estava tudo bem, ela afrouxou os dedos. Ele ergueu a folha até os olhos.

– Ah! – reclamou Marcel. – Por que nós não podemos saber?

Sentindo gana de esbofeteá-lo, a ruiva simplesmente se afastou e se encolheu na varanda dos fundos, os braços em volta das pernas, a cabeça descansando sobre os joelhos e os olhos presos no chão. Ela odiava se envergonhar. Pior, odiava descobrir que estava errada e que teria que ouvir a censura de pessoas amadas sobre o homem que um dia confiara sua vida e que agora só dava motivos para que se separasse dele.

Alexandre desviou os olhos do papel e procurou ansiosamente pela cunhada. Quando fez menção de se mover para perto dela, foi detido por Marcel.

– Espera – havia raiva em sua voz – A gente tem o direito de saber.

O moreno procurou os olhos de Tamires, mas não os encontrou. Voltou-se então para o loiro e relatou os fatos de forma sucinta.

– Gustavo invadiu o apartamento de Carolina. Aproveitou-se que ela sabia de seu segredo e não se importou em ter cuidado. Porém, Carol estava prevenida pela insistência dele nos últimos dias em ter acesso às cartas. Quando chegou em casa, o apartamento estava revirado e Gustavo estava furioso e alucinado no sofá à espera. Avançou sobre ela como um bicho selvagem exigindo o endereço. Carolina é corajosa e o enfrentou, o que piorou a situação. Gustavo a prensou contra a parede, segurando com força seu pescoço. Aí Carol teve medo de até onde ele poderia ir. Ainda assim, disse que preferia morrer a trair a confiança de Tamires. Quando percebeu o que estava fazendo, Gustavo a soltou e fugiu.

Em choque, todos continuaram parados enquanto viam Alexandre virar as costas e dar algumas passadas largas até alcançar Tamires. Finalmente, a vergonha perdera para a decepção e a moça chorou no ombro do cunhado. Soluços angustiados sacudiam seu corpo. Sua força era um amontoado de emoções. E essas emoções se tornaram uma dor maior do que de coração. Seu corpo inteiro sofria com ela.

Não houve clima para continuarem o treino naquela manhã, portanto ficaram todos amuados dentro de casa enquanto Lucca e Mainá se aventuravam na cozinha na megaprodução do almoço. Era o dia deles e pretendiam animar a todos com uma refeição caprichada tipicamente pantaneira.

O sarrabulho foi bastante apreciado por todos, apesar do clima baixo-astrol. Por ser um prato altamente calórico – preparado com miúdos de boi e acompanhado com arroz e mandioca –, o pantaneiro achou mais apropriado já que estavam gastando bastante energia com os treinos.

Ao final do almoço – era a vez de Tamires e Alexandre lavarem a louça –, Marcel se refugiou no quarto de Suzane. Enquanto Mainá ajudava a ruiva a tirar a mesa, o moreno se aproximou de Lucca e estendeu seu aparelho celular para ele.

– Tome. Acho que já pode entrar em contato com sua família.

Alexandre acreditava que o arqueólogo sentia falta de casa, por isso o almoço especial e com o gesto, também pensou em se redimir de uma vez por todas com ele. O olhar gratificante que Lucca lhe lançou disse tudo o que precisava para voltar para perto de Tamires e deixá-lo à vontade.

Apressadamente, como se Alexandre pudesse se arrepender do que fizera, Lucca teclou os familiares números de sua casa no Pantanal. Esperou apenas dois toques antes de ouvir a reconfortante voz de sua mãe Isabel.

– Alô.

Ele se deleitou por um segundo com aquele som tão saudoso. Lembrava-lhe sua infância, seus ensinamentos, suas broncas, seus elogios, seus incentivos. Recordou-lhe uma vida inteira.

– Mãe, que bom que foi você quem atendeu! – exclamou o rapaz sem esconder sua empolgação.

– Lucca, meu filho! – choramingou Isabel do outro lado. – Como é bom ouvir sua voz. Você está bem?

– Também é muito bom poder falar com você! Estava com saudades. Estou bem, não se preocupe. E como vão as coisas por aí?

– Aqui está tudo muito bem por um lado e ruim por outro.

– O que aconteceu? Alguma coisa com papai? Com Alice ou Edmundo?

– Preciso te contar a história toda para você entender – bufou.

Lucca sabia que ela não estava exatamente preocupada, apenas contrariada com o que quer que tenha acontecido. Relaxou os músculos que ficaram tensos à alusão da má notícia. Sentou-se ao lado de Mainá e sorriu para fazê-la descontrair a expressão também. Tomou-lhe a mão enquanto ouvia a mãe começar o relato.

– Depois que você foi embora, não se passou uma semana e o coronel desapareceu. Não se ouvia falar dele, não se via os capangas dele andando em bandos. Seu irmão voltou para casa somente para fazer as malas e foi difícil arrancar alguma coisa dele, mas enfim, consegui.

Deu um risinho nesse ponto enquanto pensava: *O que a dona Isabel não consegue?* Despercebida disso, ela prosseguiu.

– Edmundo foi convidado para ir com Vitória e o coronel para a Europa! – falou com toda a indignação que sentia. – E o folgado aceitou! Deixei clara minha opinião contra e ele explodiu toda sua raiva dizendo: “Esse lugar não merece o coronel, muito menos Vitória! Depois que todos viraram as costas para ele, como eu poderia fazer o mesmo? Mãe, eu amo Vitória e pretendo me casar com ela. Então, apenas me deseje felicidades.” E saiu.

Não era novidade que seu irmão adotivo era apaixonado por sua ex-noiva, mas teve outro trecho do relato que lhe chamou a atenção imediata.

– O coronel não está mais no Pantanal? – interrompeu.

– Não, não está. – respondeu com um som engraçado provavelmente porque estava para dizer outra coisa.

– Tem certeza? – recebeu-se o filho. – Pode ser uma armadilha.

A voz da mãe, do outro lado da linha, não titubeou como esperava.

– Pensei nisso primeiro, mas depois seu irmão me enviou vários cartões postais e até

mesmo cartas com fotos. Acho que mais para se exibir do que por carinho e preocupação. Ele sempre cita o coronel.

Houve um silêncio breve no qual ainda duvidava. Isabel pressentiu.

– Eles ainda estão lá sabe Deus em que pedaço daquele continente. Cada nome estranho, meu filho. Enfim, a Alice verificou os selos e os carimbos. São todos válidos. Não foram falsificados.

Lucca relaxou só um pouquinho porque acreditava na capacidade da irmã de descobrir esse tipo de coisa. Se existisse alguém fuçada, essa pessoa era Alice.

– Mas a maior confirmação – prosseguiu Isabel – veio daqui da cidade mesmo e de onde menos esperávamos.

A expectativa que sentia podia ser lida no olhar de Mainá, sentada ao seu lado, apertando-lhe a mão com firmeza.

– Jader esbarrou com um dos capangas, quer dizer, ex-capangas do coronel andando tranquilamente pela cidade, sem as armas ou qualquer outro acessório que utilizava enquanto estava a serviço do fazendeiro. Meu genro foi esperto o bastante para conseguir a informação mais absurda e ao mesmo tempo mais feliz que essa cidade e, principalmente eu, poderíamos ouvir.

Lucca se impacientava de ansiedade. O marido de Alice, sua irmã adotiva, era o homem mais ‘na dele’ que conhecia. Não conseguia imaginá-lo puxando conversa com um estranho a fim de angariar mais informações.

– Os capangas do coronel se revoltaram contra ele – continuou Isabel. – Disseram que não continuariam como capacho do fazendeiro, que queriam sua liberdade de volta e que viveriam apenas suas vidas. É claro que o coronel não aceitou na hora. Então os capangas foram obrigados a ameaçar. Disseram que, se tentasse alguma coisa para impedi-los, eles iriam a polícia entregar todos seus crimes, com provas cabais dinheiro nenhum desse mundo o tiraria da cadeia.

A narrativa inacreditável que ouvia não parou por aí.

– Envergonhado com a afronta que jamais poderia revidar, o fazendeiro resolveu partir imediatamente do Brasil para um destino que Vitória escolhesse. Não acredito que um dia ele volte. Talvez pegue toda a sua fortuna e viva muito bem lá no estrangeiro e finalmente viveremos em paz.

– Não acredito! – exclamou Lucca impulsivamente alegre.

– Pois pode acreditar, meu filho! A cidade mudou. O clima é outro. O prefeito voltou a seus deveres normais, a polícia circula com naturalidade e Corumbá voltou a ser uma cidade civilizada e justa.

A alegria que não cabia em si explodiu em uma risada prazerosa.

Mãe e filho se descontraíram com uma conversa longa e trivial. Agora não haveria mais perseguição. Estava tudo bem. Poderiam circular como quisessem. Lucca resolveu, portanto, ampliar essa felicidade com a notícia mais importante que tinha – e que era a única coisa que podia compartilhar com sua família adotiva.

– Mãe, preciso te dar uma notícia maravilhosa.

– O que é, filho? Você vai voltar para casa?

Lucca quase se deixou entristecer por destruir os sonhos de Isabel.

– Não, mãe, ainda não. Mas, meus parabéns, a senhora será vovó!

A senhora ficou tão em choque do outro lado da linha que emudeceu. Lucca sentiu o susto e rindo, tentou mostrar sua própria felicidade sobre o assunto.

– Mainá descobriu há alguns dias. Estamos muito felizes e prometo que assim que for possível levo seu neto para conhecê-los.

– Ah, meu filho, desculpe por meu espanto – riu sem graça. – Você me pegou mesmo de surpresa, caramba! Não imaginava que meu primeiro neto viria de você. Ainda mais de um relacionamento tão... tão...

– Repentino? – completou Lucca. – É nosso destino, mãe. Ele simplesmente está se cumprindo como deve ser.

– Mas fiquei muito feliz também, Lucca – apressou-se em acrescentar. – Sempre soube que você era especial. Tudo em sua vida só confirma isso. E vou te cobrar essa promessa – riu.

O último trecho da conversa foi sobre o sítio arqueológico que estava muito bem e continuava escavando normalmente. Viviane Dias, a historiadora que o ajudara a identificar a peça religiosa indígena encontrada pouco antes de sua fuga de Corumbá, assumira a gerência do grupo e continuava com pequenas escavações. Enquanto isso, o Museu de História do Pantanal exibia a peça para milhares de pessoas por dia.

Lucca se sentiu satisfeito por ver que – mesmo sabendo que nunca mais exerceria tal atividade – deixara um grupo forte, competente e uniforme, capaz de prosseguir com o trabalho. Com saudade, sorriu para a lembrança, porém não sofreu com a separação definitiva. Seu destino caminhava para um lado completamente oposto e estava seguindo nele com satisfação.

Na cozinha, o clima entre Tamires e Alexandre era pesado e silencioso. Ela lavava e ele enxugava a louça. Ambos realizavam suas tarefas mecanicamente. Suas mentes a um milhão por hora, a quilômetros dali. A ruiva abriu a torneira para enxaguar um prato e, de repente, quebrou o silêncio grave em um sussurro tão baixo que um humano comum jamais teria ouvido. Alexandre a escutou claramente.

– Quero tirar Sofia dele.

Não havia emoção em sua voz. Apenas o tom de uma decisão tomada e muito bem pensada. Porém, ele parou o que fazia e se concentrou totalmente nela. Ela colocou, calmamente, o prato no escorredor e, sem fechar a torneira, virou-se para o cunhado e o encarou muito séria. A conversa silenciosa durou um tempo longo e enfadonho para qualquer espectador desavisado.

– Ele já provou sua insanidade inúmeras vezes – falou novamente. – Não quero minha filha perto dele. Quero Sofia perto de mim.

– E você terá! – ciciou concordando.

Os olhos do moreno cintilaram de um prazer que a ruiva não conseguiu identificar. Fora rápido demais, mas não importava.

– Como?– perguntou. – Você sabe que na justiça jamais venceria.

– Deixe comigo. – O rosto inexpressivo do cunhado não a amedrontou, muito menos os métodos que ele poderia utilizar. – Ele nunca vai saber quem, nem como Sofia foi levada.

Ela balançou a cabeça uma vez em concordância antes de falar.

– Ele vai nos perseguir.

– E vai torrar toda a sua fortuna em uma tentativa vã.

A ruiva deu um passo seguido de um suspiro para se aproximar do cunhado.

– Quando?

– Assim que voltarmos de Vitória.

Repousando suas mãos sobre o peito másculo do moreno, a ruiva perguntou:

– Promete?

O hálito dela acariciou o rosto do cunhado que aspirou seu perfume e sentiu sua boca secar de desejo. Suas mãos eram como brasas sobre seu corpo. O que não faria por ela?

– Juro!

Envolvendo os punhos da cunhada com suas mãos, Alexandre se debruçou sobre ela pronto para satisfazer o desejo de seu corpo. Gustavo fora tolo o bastante para fechar, acorrentar e até mesmo emparedar a única porta ainda aberta para o coração da mulher. A dúvida a fizera ter alguma esperança. Porém, agora, a perdera para sempre.

Talvez fosse cedo demais para uma tentativa tão ousada. Mas era a primeira vez que ela o tocava daquela maneira e esse ato o fez perder o controle sobre sua vontade. Seu corpo se movia voluntariamente em busca de seu oásis.

– Chegou a hora!

A voz de Marcel eclipsou o momento e revelou uma realidade muito mais urgente e promissora. O casal seguiu o chamado instintivamente, de mãos dadas, alheio aos próprios anseios carnavais.

– Senti aquelas forças não identificadas de novo muito perto de Nicolas. Suzane continua sem ver nada. Acho que já chega de arriscar.

Tamires pensou que sua irmã caçula, com certeza, o convencera da urgência. Todos concordaram e em silêncio – sem qualquer algazarra – partiram para seus quartos a fim de prepararem suas malas para partirem. Para a ruiva, aquele momento, além de esperado há tanto tempo, tinha outro significado. Aceitava o fim de um ciclo e o começo de um novo em sua vida.

O caminho de volta para Vitória foi silencioso. Não estava tão quieto assim. Podia ouvir o sussurro do vento, o motor do carro, a borracha deslizando sobre o asfalto, outros veículos, matas, animais, rios. E podia ouvir o coração de Lara batendo, sua respiração natural e tranquila. Suas palavras rodavam em minha cabeça. O que não daria por seus pensamentos!

Porém, me mantive calado, me corroendo de curiosidade, mordendo o lábio inferior para não fazer a pergunta que confirmaria minha loucura. Não sabia se havia imaginado suas palavras ou simplesmente interpretado errado. Então, por que ela não falava mais nada? No que estaria pensando? Essa dúvida, sim, era de enlouquecer.

De volta ao meu apartamento, Lara me abraçou e beijou com uma urgência e desespero que fez meu corpo doer. A ânsia que sentia por ela ultrapassava os limites físicos e se forçava para fora, rasgando e despedaçando meus órgãos, minha pele, meus ossos. Eu me tornei uma marionete do desejo. Um desejo tão insano e descontrolado quanto a própria loucura.

Havia medo em meus lábios. Um medo que não pude nominar. Medo de me apegar a alguém depois da perda de meu pai? Medo de perder? Medo de enlouquecer? Medo de ficar sozinho? Medo do que não entendia? Medo de meus próprios questionamentos? Medo do que Lara estaria pensando?

Pela primeira vez desde a adolescência – quando minha mãe me obrigou a realizar seus planos – me sentia prisioneiro. Mesmo sem entender a quê estava acorrentado, sabia que lutava para me libertar. A força que fazia para arrastar a pesada e desconhecida corrente de ferro era sobre-humana. E de onde aquela força surgia?

Apertei o botão apagar de meu cérebro. Não era hora de me preocupar com aquilo que não compreendia. O momento me dizia apenas para sentir. Eu me libertei dos pensamentos, afinal, e me deleitei na pele chocolate de Lara. Seus olhos deslumbrantemente vivos e brilhantes aqueceram meu coração, que palpitou diferente por um segundo. Após o esforço físico, dormir foi mais fácil do que imaginara.

Acordar foi muito mais difícil. A realidade me atingiu em cheio ao abrir os olhos no final da manhã. Estava sozinho. Lara e sua presença reconfortante saíra de fininho sem me despertar. A dor em meu peito foi maior do que ontem porque ainda pude impedir o golpe fatal. Agora sentia a ferida abrir, chafurdar meu coração, retalhá-lo em milhares de pedaços sangrentos.

Também foi difícil encontrar forças para me levantar da cama. Parecia que não havia para quê. Sai do móvel cambaleante, como se os grandes e salientes músculos de minhas pernas tivessem definhado durante a noite. Porém, me arrastar até o banheiro estava fora de cogitação. E

foi essa força de vontade – muito próxima do orgulho – que me ajudou a alcançar meu objetivo. Eu me joguei sob as águas ferventes e dolorosas do chuveiro.

Depois de uma hora imóvel sob o jato, sentindo meus músculos reagirem, ora relaxando ora se contraindo, minha mente pareceu desanuviar um pouco. Um desejo súbito de ar fez meus pulmões tremerem e me vi asfixiando como se pudesse me afogar no chuveiro. Aquele cômodo me pareceu claustrofóbico demais para que suportasse permanecer envolto em vapor, vidro e azulejo por mais tempo.

Sai pingando e ofegante do banheiro e sem forças caí de cara no colchão. Passou mais um tempo antes que tentasse me mexer novamente. As paredes do quarto também pareciam se projetar sobre mim. Eu me sentia prisioneiro em meu próprio apartamento. Ou estaria prisioneiro em minha mente?

Antes que a loucura me fizesse abandonar de vez o resquício de lucidez que ainda existia em mim, me levantei e vesti a primeira roupa que encontrei, sem nem mesmo notar qual era – ou se combinava. Calcei um tênis e parti para a garagem. Senti necessidade de me mover, mas não lentamente. Queria fugir, me libertar, e teria que ser em alta velocidade.

Peguei meu brinquedinho para momentos de relaxamento sozinho – como precisava agora. A super-moto, com mais de mil cilindradas e cento e dez cavalos de potência, me fazia voar. O som e o toque do vento no meu corpo eram mágicos. Agora ainda mais significativo e perceptivo do que antes.

Fiquei ansioso pelo ar, como uma pessoa sufocada. Como se o que entrasse em meus pulmões agora não servisse para nada. Desejava filtrá-lo, purificá-lo, e assim, sentir-me tão limpo quanto ele. Mas com o que estaria sujo? Não sabia dizer.

Essa necessidade não era somente interna. Precisava sentir a força e a leveza do ar no meu corpo, na minha pele, varrendo o que quer que estivesse no caminho, agitando minhas roupas, bagunçando meu cabelo, fazendo meus olhos se apertarem a fim de se proteger.

Foi nesse momento que decidi o meu destino.

A maresia batia no meu corpo carregada de sal e areia enquanto ia para o sul da cidade pela Avenida Beira Mar. Cruzei a Baía de Vitória pela Segunda Ponte e peguei a BR 262 que cruzava Vila Velha. O ambiente cinza da cidade ficou para trás e o grande verde se abriu a minha volta quando cheguei a Pimenta.

O cenário montanhoso era comum para mim. Espírito Santo era marcado por picos, que despontavam aqui e ali, recortando o céu azul. Quanto mais seguia para dentro e para baixo no estado, as montanhas se multiplicavam e ficavam mais altas.

Depois de Viana, as curvas da serra tornaram a viagem perigosa para a velocidade em que corria. Mesmo assim, não diminuí. Tinha pressa de chegar. A estrada estava calma, com pouco movimento. Amava o impacto do vento contra meu corpo, apesar de meu rosto estar

coberto pelo capacete.

As cidades no caminho se tornaram raras e cada vez menores. Vilarejos no meio do caminho. Em Tapera, saí da rodovia e peguei a estrada 166 pela Avenida Domingos Perim. O caminho trouxe de volta a planície, ainda verde e deslumbrante. Quando um grande morro surgiu no horizonte, soube que faltava muito pouco.

Girei o punho no acelerador forçando ainda mais o potente motor. Só diminuí quando a placa indicava a entrada de Castelo a quinhentos metros. Com o movimento de desaceleração, conferi rapidamente o relógio em um bater de olho. Tempo recorde. Cento e quarenta e quatro quilômetros percorridos em menos de uma hora.

Porém, ainda faltavam vinte e sete quilômetros para chegar onde desejava.

Cruzei a pequena cidade que não me chamava atenção. A Serra de Castelo recortou a planície a minha frente quando ganhei novamente a estrada e suspirei aliviado. Os montes e vales lembravam os castelos medievais europeus. Um complexo tão grande de montanhas que pertenciam ao Sistema da Mantiqueira.

Cheguei. A Castelo – englobando a serra – pertenciam dois grandes parques. O primeiro, o Parque Estadual das Flores, reservava remanescentes da Mata Atlântica, mas o que realmente me interessava e para qual me dirigia agora, era o Parque Estadual do Forno Grande.

Com cerca de dois mil e oitenta metros de altura, o Pico do Forno Grande – afloramento rochoso que dá nome ao parque – é o ponto culminante do lugar. Um local famoso por ser propício a prática de esportes radicais como voo livre e montanhismo. Com vários pontos ideais para campeonatos de para-glides.

Das montanhas nasciam dois rios que banhavam a cidade. Fresco, vento constante, altura espantosa. Era exatamente isso que procurava. Ar. Ar. Ar. Por toda a parte. Dentro e fora. Flutuar e esquecer. Peguei a trilha principal, que me levaria até o pico mais alto da montanha. Era extensa e íngreme.

No topo, larguei a moto e o capacete. Inspirei profundamente apertando os olhos. A brisa era acolhedora, mas não o suficiente. Meu corpo sentia necessidade de fluir com ela, a seu bel prazer, se jogar sem rumo ou medo. Abri os olhos para assistir ao maior espetáculo que o lugar permitia.

De um lado, o Pico da Bandeira, com seus quase dois mil metros de altitude, avizinhava-se tentando alcançar o irmão e falhava. As nuvens dançavam um pouco acima de mim como algodão branco e fofo. Do outro lado, o mar se estendia infinitamente até tocar o horizonte. Era possível ver o contorno das cidades litorâneas.

Prendi a respiração durante aquele instante de contemplação, paralisado. Por um momento infinito me esqueci quem era e o que pretendia ao alcançar aquele pico, depois de uma

viagem impulsiva e desesperada por estradas longas e repletas de curvas. Meus olhos encontraram o objeto que me permitiria voar livremente.

O parapente, com sua asa inflável colorida – semelhante a um paraquedas – se esticava enquanto um instrutor o manobrava contra o vento para que se abrisse. Agarrado à sua estrutura entrelaçada de linhas capazes de suportar toneladas, um aventureiro aguardava o momento certo para pular da beirada da rampa.

Sorri de nervosismo. Seria um voo duplo. Devia ser iniciante. Impulsionados por uma corrida breve, se lançaram no espaço aberto sob seus pés e voaram horizontalmente, ziguezagueando pelo céu azul. Caminhei para perto do outro instrutor que estava apenas observando o único corajoso do grupo que o acompanhava.

Nossa conversa foi rápida. Não estava muito para isso. Queria apenas me mover. Sempre e ininterruptamente. Primeiro o instrutor me passou os equipamentos de segurança obrigatórios. Paraquedas reserva, óculos de sol, capacete e botas de voo. Em seguida, vesti o selete – cadeira de voo.

O instrutor me ajudou a inflar com segurança o velame que em minutos formou um arco há metros de distância acima de minha cabeça. As linhas se esticaram ao extremo enquanto segurava com firmeza, mas sem grande esforço, os batoques – argolas ligadas aos freios nas quais deveria me segurar e dirigir o parapente.

A rampa se inclinava para a borda do pico. O vento me puxava através da estrutura leve de nylon e poliéster que me faria voar. Ansiava por aquele salto como uma necessidade, assim como respirar era inevitável. O ar passava por cima e por baixo do velame. O parapente estava pronto para partir.

Olhei para frente. O horizonte infinito se assomava sobre o pico. Não havia temor. Apenas um convite silencioso: venha! O vento tocou meu rosto como uma carícia. Pude sentir a mão leve, de dedos longos, pousar em minha pele por apenas um segundo. Tempo suficiente para ter certeza de que o gesto fora real. Era quente e invisível como um sopro. Agradável.

Dei seis passadas largas e saltei. O ar a minha volta me guiava, me contornava, me moldava. Meus pulmões inflavam sobre sua força e presença. Meu coração batia sob o ritmo de minha respiração, bombeando aquele ar puro e fresco pelo meu corpo. Podia senti-lo me invadindo, me completando, me desenhando.

Cada órgão pulsando em reconhecimento, palpitando feliz e o convidando a entrar. Cada célula sorria e se exultava de prazer. Quase podia ouvi-las em coro, gritando: bem-vindo. Meus próprios lábios sorriram e minha mente também saudou o ar. Ele já não estava apenas ao meu redor, também fazia parte de quem eu era, de minha própria essência.

O ar era como eu. Livre. Ora fluindo para o norte, ora para o sul. Ora suave como uma brisa, ora bravio como uma tempestade. Ora confuso como um redemoinho, ora plácido como um

dia sem vento. Hoje ele era apenas um escape. Um imenso e infinito caminho. Um caminho para minha sanidade.

Não havia como o grupo passar despercebido. Mesmo parecendo com turistas, essa exposição não era segura. Alexandre não confiava na falsa segurança na qual os outros acreditavam. Só o fato de não estarem viajando completamente cientes do que estava acontecendo ao terceiro elemento, já era motivo para alarme e cautela.

A comoção entre Lucca e Mainá começara durante o curto voo do arquipélago ao continente. E não tinha nada de discreta. A índia tivera um ligeiro mal-estar durante o voo, o que fora motivo suficiente para deixar o pantaneiro louco de preocupação. Afinal, aquela fora uma viagem rápida. A mais curta até agora.

Marcel, o grandalhão com cara de bebê que por si só já chamava atenção, discutia com o casal. Alexandre comprimia os lábios em uma linha rígida de desgosto.

– Nunca achei uma boa ideia Mainá embarcar nessa viagem em seu atual estado – afirmou em alto e bom som o loiro.

O arqueólogo franziu o cenho se contendo para não fazer exposição de seus poderes em público. Já não bastava sua preocupação? Ainda era obrigado a ouvir um “eu não disse?”. Nesses momentos desejava que Marcel fosse mais sensível e não uma balança desequilibrada. Ora pendendo para nada ora para tudo.

Lucca compreendia, mais do que nunca, as brigas do loiro com Tamires. Realmente era impossível tolerá-lo às vezes. Respirou fundo, buscando toda a boa educação que tivera de seus pais adotivos para não colocar para fora o que estava pensando de verdade. Fosse pelos hormônios ou para defendê-lo dos ataques de Marcel, não sabia e não teve tempo de descobrir.

– Cala a boca, Marcel! – gritou repentinamente a índia.

O ruivo se mostrou tão surpreso quanto o loiro. Tão logo Marcel se afastou calado e contrariado, Mainá voltou a seu estado de lamúria quanto à proteção exagerada do marido. Como se nada tivesse acontecido.

A sua mala era a maior. Totalmente desnecessária, tanto na opinião dela quanto do loiro, que assistia ao despecho da inquietação a certa distância. Mas como Lucca era extremamente zeloso e não se absteve de carregá-la, nenhum dos dois expressou verbalmente o que pensavam.

Foi dessa mala que o arqueólogo tirou uma caixa – que na visão de Marcel era uma mini farmácia – onde encontrou o remédio para o estômago frágil da índia. Cada caixinha fora minuciosamente prescrita pelo médico a pedido do pantaneiro. Uma precaução para a viagem.

– Afinal, estava certo, meu amor – afirmou sorrindo enquanto passava o remédio pronto para ser ingerido à índia.

Mainá odiava ser tratada como criança. Não estava acostumada a ser cuidada daquela maneira. Revirando os olhos, aceitou o remédio que o marido lhe passou sem reclamar. Afinal, aceitara as abusivas condições que impôs para poder participar da missão ao seu lado.

Seu estômago a havia traído e esperava que o remédio o tranquilizasse para não atrapalhar a concentração do marido durante essa missão. Também odiava atrapalhar. Pelo contrário, queria ajudar. Portanto, faria qualquer coisa, por mais exagerada que fosse, para prosseguirem sem mais sobressaltos.

Lucca estava quase arrependido de ter cedido ao desejo da índia de acompanhá-lo, mas sabia que ficaria com a cabeça ainda mais perturbada se ela estivesse longe, a três conexões aéreas de distância. Enjoada ou não, Mainá estava ao seu alcance. Conteve seu nervosismo enquanto a assistia tomar o remédio.

Ainda a alguns passos atrás dos três no vasto saguão do aeroporto, Alexandre também revirou os olhos em silêncio. Com um suspiro pensou que não tinha como impedi-los de participar dessa busca. Mas no fim sabia que seus dons seriam bastante úteis no caso de um confronto em Vitória. Esperava que lá ficassem mais focados.

Ao seu lado, Tamires caminhava alheia a tudo e a todos. Depois da conversa que tiveram na cozinha, a ruiva falara muito pouco. Seus olhos estavam estranhamente arregalados, como se lutasse contra a exaustão. Alexandre sabia que o cansaço era na alma e não físico. Tamires estava cansada de lutar por um amor despedaçado.

Durante a curta viagem, sua mão buscava sempre a do cunhado moreno. Sua comunicação corporal dizia muito. Ela estava sofrendo, apesar de não o desejar. Sua resolução calculada tinha apenas a intenção de causar a mesma dor ao marido e quem sabe assim diminuir a sua própria.

Um reflexo. A ruiva apertou a mão de Alexandre a fim de afastar algum pensamento. O cunhado retribuiu em resposta e seu coração se aquietou. Ele ainda estava do seu lado e não pretendia se afastar. Ela sabia que o moreno cumpriria sua promessa. Mais que isso, seu juramento, no qual ela depositava sua própria felicidade.

Ambos trocaram um breve e significativo olhar um pouco antes de alcançar o restante do grupo nas cadeiras da sala de espera. A alma de Alexandre estava resolvida e inabalável. O coração de Tamires bateu descompassado por um segundo. Ela não sorriu. Nem ele. Ela não tinha mais motivos. Ele respeitava sua dor.

Para a ruiva era como estar de luto. Nem quando esteve sozinha nesse mundo se sentira assim. A partir daquela carta, Gustavo estava morto para ela. Esse sofrimento, tinha certeza, passaria depois que enterrasse as lembranças no túmulo do esquecimento. Então, seu luto teria fim.

Aguardariam quarenta e sete minutos até o próximo voo partir. Seria a espera mais longa de sua vida. Cada minuto a levava para mais perto de sua escolha. Cada segundo a afastava ainda mais de seu passado próximo. Cada instante à frente deixaria mais longe a dor dilacerante em seu peito.

Marcel desviou o olhar de Mainá e Lucca – que já faziam as pazes novamente com os carinhos e chamegos de sempre – para o casal silencioso e distante, pelo menos em pensamentos. Estreitou os olhos. Tinha que admitir que não tinha muito tato nem muita sensibilidade, como os outros pareciam ser e ter, mas será que somente ele via o que estava acontecendo entre eles?

Guiado por seu espírito volátil, o loiro deu de ombros e resolveu dar uma nova espiada em Nicolas. Estava ansioso em chegar a Vitória para conferir aquele enigma. Mal fechou os olhos e os abriu novamente, tomado por um choque. Seu corpo se agitou levemente – imperceptível aos olhos comuns – com o baque.

A força de Nicolas, sempre tão instável, por mais distinta que fosse, o atingira em cheio quando procurou rastreá-la. Ao mesmo tempo em que a energia parecia pulverizada e enganosamente frágil, era forte e invisível. A Marcel pareceu que estava em toda parte.

Em vez disso ajudá-lo a encontrar Nicolas, dificultou bastante o processo, enganando sua mente e sua capacidade. Mas, depois de algum esforço, o descobriu ao sul da capital capixaba, praticando esportes radicais. Sorriu. Aquilo bem que combinava com ele, pelo pouco que pode captar de sua personalidade.

Porém, lhe ocorreu que a estranha energia de Nicolas não deveria ser mais intensa do que de Tamires. O que a estaria fortalecendo dessa maneira? Um era a chama, o outro o combustível. O que aconteceria com a união desses dois poderes? Uma explosão nuclear? Dessa vez, riu mais abertamente.

– Marcel? – Alexandre o chamou de volta a realidade. – Você vem?

Mesmo invisível aos olhos, o ar era completamente necessário ao corpo e à mente. E descobri, naquele momento, que era ainda mais essencial para mim. O próprio sussurro do vento nos meus ouvidos era feliz. Ele me recebia de braços abertos e me aninhava em segurança.

Eu me concentrei no acelerador aproveitando as correntes de ar ascendentes. Já com a direção, não me importava. Bastava estar no espaço infinito, à mercê do destino, não ouvindo nada e muito menos pensando. O surdo som do vento era a única coisa audível para mim.

Era confortador saber que não estaria, como um espião, ouvindo conversas alheias, como acontecia constantemente. Ali era somente eu e o ar. Eu o sentia como uma extensão de mim mesmo, uma projeção que me levava para além, para toda parte e, ao mesmo tempo, para lugar nenhum.

A leveza do vento me fazia sentir ainda mais livre, solto, sem rumo, destino ou preocupações. Podia até fechar os olhos e deixar o vento me levar para onde quisesse. Mas queria vê-lo, sem enxergar. Senti-lo, sem saber. Saboreá-lo, sem notar. Apreciá-lo, sem distinguir.

No parapente, guiado ao sabor do vento, era apenas Nicolas. Um nome sem família, sem raízes. Um homem sem presente – já que considerava as atuais circunstâncias loucas demais para serem reais – e, conseqüentemente, sem futuro. Uma pessoa sozinha, um DNA único, um rosto comum na multidão.

E, como naquele entardecer, ouvi uma doce canção embalar minha viagem pelo ar. Era uma orquestra de vozes sussurradas, porém muito claras, espalhadas ao meu redor, em cada partícula do vento.

A música me acompanhou durante a descida, tão suavemente quanto o parapente fluía. Ao aterrissar, a sensação que me tomou não tinha nada que ver com o pulso da adrenalina que o esporte proporcionava. Estava calmo, a mente clara, o corpo tranquilo e irradiando uma alegria irracional.

O tempo, ingrato, passou. Não sei quantas vezes saltei e experimentei essa sensação. Muito menos que não havia comido nada a tarde toda. Meu corpo não reclamou. Estava anestesiado, o ar ao seu redor o preenchendo e sustentando.

O sol já passara há muito para o oeste, inclinando-se a fim de encerrar o dia. Só notei o entardecer quando o instrutor me impediu de saltar novamente por medida de segurança. Aquele não era um horário bom para o salto. Assim como durante o amanhecer.

O bem-estar ultrapassava as barreiras comuns. O esporte me deu uma overdose de endorfina. A sensação que tinha era que nunca mais me sentiria péssimo como quando chegara à rampa naquela tarde.

REVIGORADO

O entardecer pairou sobre Castelo como uma nuvem de fumaça. As cores vibrantes daquele dia ensolarado ganharam um tom acinzentado e escuro. O verde da mata era um grafite denso. O cinza claro das rochas passou para o negro. O céu azul claro tornou-se marinho. O dourado do sol se escondia atrás de uma montanha que se fendia e deixava escapar um raio alaranjado insistente.

Não podia ver; mas sabia que, por trás daquele enorme granito, o sol ainda estaria redondo e brilhante, tingindo aquele canto longínquo do firmamento com uma cor parecida com o fogo. E continuava emanando seu calor que proporcionava vida ao planeta Terra, ignorando a noite que se forçava sobre ele e trazia consigo o frescor.

A meu ver, aquele era um momento mágico. Em um breve instante, o dia e a noite permaneciam juntos, contrariando a física, a química e a razão. Como pode haver escuridão se ainda existe luz? E como pode haver luz se as trevas se fecham sobre ela? Não podia negar que havia um toldo diante dos meus olhos. Uma cortina acinzentada e fria com um toque de cor e calor. O crepúsculo.

Talvez aquilo fosse um sinal. Ou Deus, a mãe natureza, o universo – enfim, que fosse qualquer um deles – quisesse me dizer que o impossível era possível. Por um instante, esse pensamento fez todo o sentido e me confortou. Quem sabe fosse plausível conviver com a razão e a insanidade. Afinal, não era o que fazia há um tempo?

Enquanto dirigia minha moto, sentindo no rosto o contato do vento, avaliava meu próprio estado. Havia acontecido uma mágica em mim também. Estava bem, eletrizado, eufórico de um jeito não natural. Como nunca havia estado antes. Meu corpo estava alterado, como se tivesse ingerido uma dose de droga. A mudança fora tão instantânea e intensa quanto o efeito de uma carreira de pó.

Estava elétrico e cheio de energia. Sentia que podia ir a qualquer lugar que quisesse e não me cansaria. Podia dirigir sem rumo durante horas sem pensar em parar, enquanto a paisagem se descortinava a cada curva sob o véu da noite. Mas, mais forte do que nunca, uma atração me puxava de volta para Vitória.

Era engraçado como tudo tinha sua própria energia. Podia sentir uma força ao meu redor, constante e intensa, se moldando ao formato de meu corpo. Também podia sentir o poder da natureza e sua solene espera e existência. E também podia identificar claramente aquela atração insana que me chamava, exigente.

Sorri com certa malícia ao pensar na dona daquela energia atrativa. O que estaria acontecendo com ela agora? Apalpei os bolsos em busca de meu celular e logo senti falta dele.

Onde estaria?

Uma curva fechada a frente e tive que reduzir a velocidade. Era sutil, mas enquanto a contornava, o sol finalmente se foi. A noite mudou de novo a cor do cenário ora montanhoso ora plano ao meu redor e me distraí. Minha visão se maravilhava com o espetáculo.

Conhecia muito bem aquele lugar e aquele caminho, inclusive durante a noite. Porém era a primeira vez que o via com perfeição. Por isso me perdi em novas análises facilmente, esquecido do mundo e de tudo. Meu espírito, mais leve, absorvia com facilidade as coisas boas que o universo me apresentava.

Era uma esponja. Aspirava as novidades e quando ficava inflado demais, me torcia e debatia até que o excesso fosse eliminado. E lá estava de novo no ponto certo para uma nova inalação. Eu me sentia como uma esponja nova.

Com todos os meus sentidos em estado constante de alerta, era fácil me distrair com o quer que passasse no meu caminho. O som de um carro ao longe, o barulho inigualável – e quase imperceptível para a maioria das pessoas – das montanhas, da mata e dos animais, uma voz distante, a pressão do vento em meu corpo.

Acima de tudo me sentia forte. Talvez não fosse a palavra certa para definir o sentimento, mas era a mais próxima. Ainda mais porque mais cedo mal conseguia controlar meu próprio corpo. Agora o dominava completamente, com uma dose extra de energia. Como a carga máxima de uma bateria potente.

Quase desci da moto para testar a velocidade que meus músculos rígidos poderiam alcançar. Podia apostar que chegaria mais rápido a pé do que com minha poderosa mil cilindradas. Sorri para ninguém – já que o capacete cobria meu rosto. Virei o punho direito novamente e a moto arrancou sonora.

Já estava acima dos duzentos quilômetros por hora. Aquela pista estava tranquila. Vez ou outra cruzava com um veículo, que ficava para trás com uma rapidez fantástica. Nem me preocupei. A sensação era tão boa que foi a única coisa que conquistou algum pensamento meu.

Minha mente parecia sugada a vácuo. Enquanto a ventania batia em mim violentamente, arrastava consigo tudo que tinha. Só faltava me deixar nu. Porém, meu corpo revigorado não sofria. Podia dirigir daquela maneira ainda por muito mais tempo antes de começar a me sentir cansado.

Não percebi que o tempo havia passado rápido. Somente quando avistei a placa que indicava a primeira entrada de Vitória por aquela estrada. Meu estômago se contraiu e não soube explicar o porquê daquela ansiedade. O que poderia temer? O que meu íntimo desejava e escondia de mim?

Talvez fosse pelo fato de estar dopado, não no sentido usual da palavra. Minha mente não estava trabalhando na frequência certa e não conseguia concluir um pensamento sequer quando

se tratava de assuntos sérios. Na verdade, nem sabia o que isso significava naquele momento.

Um sorriso bobo teimava em permanecer na minha boca e não me incomodei. Sentia meus olhos esbugalhados, pouco piscavam. Minhas mãos e meus pés estavam inquietos quando deveriam estar repousados suavemente sobre o guidão e pedal da moto.

Entre na cidade e avistei a Baía Vitória em tom escuro sobre o efeito da noite. Os reflexos das luzes da cidade se misturavam na superfície. Uma tentação estranha fez meu corpo formigar a partir dos pés até percorrer todo ele. Algo tinha pressa dentro de mim, mas precisava desacelerar.

Cheguei ao prédio com a estranha sensação de que não deveria ir para lá. Não era um alerta de perigo, então ignorei. Como sabia disso, não fazia ideia. Deixei a moto na garagem e subi no elevador até o andar de meu apartamento. Antes de alcançar a entrada, sabia que estava vazio. Nos vizinhos podia ouvir gente conversando, televisão ligada, panelas no fogo. O meu era só silêncio.

Ao abrir a porta, um breve aperto no peito. Fui direto para o telefone e ouvi os recados. Giovani havia ligado onze vezes no fixo. Procurei por meu celular praticamente com a certeza de que estaria por ali e conferi o bina. Havia vinte e três ligações perdidas. Mas somente uma ganhou toda a minha atenção.

No LCD luminoso, o nome de Lara piscava como em néon. Meu coração saltitou descompassado e aquela falta absurda e descomunal apertou meus pulmões contra as costelas. Quase perdi o ar. Antes de entrar em crise de abstinência, apertei o botão discar e retornei a ligação.

– Nicolas! – o alívio em sua voz fez meu coração se acalmar.

– Oi – quase suspirei.

– Você está bem? – a pergunta não foi comum. Lara estava preocupada.

– Sim, por quê?

O telefone ficou mudo. Se não estivesse ouvindo sua respiração suave do outro lado, acharia que a ligação havia caído.

– Você não retornou minha ligação antes. – sua resposta foi seca.

– Esqueci o celular em casa. – Ela não disse mais nada, senti que hesitava. – O que vai fazer hoje à noite? – perguntei antes que ela desligasse.

Minha dose de Lara estava muito baixa. Precisava vê-la.

– Nada. – respondeu, seu tom levemente exultante.

Sorri ao perceber que também desejava me ver.

– Vamos sair para um barzinho? Dançar, talvez?

Lara concordou e desliguei o telefone combinando de pegá-la dali duas horas. O formigamento me fez lembrar que precisava de algo mais. Por um momento, pensara que fosse

falta da mulata, mas agora via que não. Precisava lavar meu corpo, mas não podia ser com a água quente do chuveiro. Dei meia volta e saí de novo.

Tamires desceu do avião e parou para rever o cenário de sua amada cidade. Aprendera a adorá-la como a uma terra natal. A nostalgia a alcançou, porém não sorriu. Não estava ali para recobrar seu passado, mas sim para começar seu futuro.

Apesar da paisagem imutável – às vezes pensava que nada poderia alterar aquelas montanhas, aquele verde, mas sabia que era ilusão; cada vez mais prédios se erguiam, substituindo árvores centenárias – a visão era assoladora.

Um vento frio uivava quando cortava seu caminho, carregando consigo folhas secas, sem vida, e até lixo. Um redemoinho de vento amontoava entulho na frente do avião. Olhou para trás e ninguém a estava seguindo para fora da aeronave.

Escuridão lá dentro onde antes havia muitas pessoas e luz. O prédio do aeroporto estava às escuras. A pista não estava totalmente iluminada, mas isso não era problema para sua visão perfeita.

Sentiu o medo injetar adrenalina em seu sangue e ajudá-la a ficar mais alerta. Era impossível, para uma cidade do tamanho de Foz do Iguaçu, estar parada daquele jeito. Mesmo se fosse madrugada, o que não era.

Tomando cuidado, caminhou para fora do prédio do aeroporto para constatar que a desolação prosseguia rua afora. Não havia viva alma. O vento tinha caminho livre e carregava muito entulho. Parecia uma cena saída de um filme de terror.

Estremeceu. O que poderia ter acontecido à cidade? Onde estava todo mundo? E foi nesse momento que uma lâmpada acendeu em seu cérebro. Gustavo. Sofia. Podiam estar em perigo.

Usando sua força e energia sobre-humana, correu com as próprias pernas até o centro de Foz. O cenário estava imutável, como ela mesma havia constatado ao pousar, mas era horrível de ver.

Lágrimas escorriam por sua face enquanto o vento açoitava seu rosto e terra grudava nas marcas deixadas por elas. A cidade era só abandono e destruição. Fachadas de vidro estavam estilhaçadas, portas de aço tortas, portões de madeira quebrados.

Final, o fim do mundo havia chegado. Onde estava que não viu? O desespero encheu seu peito e com um grito de pavor, Tamires chamou:

– Gustavo! Sofia!

O prédio onde morara com sua pequena família estava no mesmo estado que os outros. Ainda assim, quis entrar para conferir. O som do vento cessou assim que cruzou a entrada e um novo som a fez temer novamente.

O choro constante e doloroso de uma criança parecia vir de toda a parte. Correu para a primeira porta que viu achando que vinha dali, mas não encontrou ninguém. O pranto vinha agora de outro cômodo. Correu para ele. Mas também estava vazio. Desesperada, continuou tentando perseguir o choro, sem notar que andava em círculos. Resolveu partir para os andares de cima e começou a chamar por sua filha. Algo lhe dizia que Sofia sofria.

Naquele instante, soube que havia cometido o maior erro de sua vida. Nunca deveria ter deixado a filha com Gustavo. Onde estava ele? Por que a deixara sozinha? Agora com raiva, a ruiva berrou chamando pelo marido.

O assustador eco a fez cambalear. Havia gritado mais forte do que pretendia ou a acústica do prédio rebateu seu chamado em um tom mais alto? Não tinha tempo nem paciência para tentar compreender.

Precisava achar Gustavo e acabar com ele. E principalmente, precisava encontrar Sofia e salvá-la daquela destruição. Quantos dias estaria sem comida, sem bebida, sem uma cama quentinha para dormir?

Revoltada, resolveu que Gustavo não era mesmo importante. Não valia a pena nem brigar com ele. Importaria-se apenas com sua filhinha, indefesa, perdida e abandonada naquele lugar desolado.

Em todos os andares pelos quais passava, chamava e procurava por Sofia. Ela sempre parecia próxima, porém nunca estava onde deveria. Mas não desistiu e continuou subindo até alcançar a cobertura.

A porta estava intacta ao cruzá-la. Até sentiu ódio ao perceber que, da cidade toda, a cobertura, que outrora também fora sua, estava perfeita, limpa, arrumada e abastecida com alimentos frescos.

No topo do jornal sobre a mesa, conferiu a data. A manchete dizia: OHOMEM MAIS RICO DO MUNDO COMPRA A CIDADE DE FOZ DO IGUAÇU E EXPULSA TODA A POPULAÇÃO. Uma foto de Gustavo do Valle estampava quase meia página.

O homem mais rico do mundo? Desde quando? Sentiu a cabeça latejar de raiva. Gustavo havia enlouquecido? Para quê ele queria uma cidade inteira?

Onde estava Sofia? Foi a pergunta que povoou sua mente na hora. Precisava salvá-la da insanidade do pai. Enquanto vasculhava o apartamento, sentia gana de estragar tudo que estava em seu caminho, mas não o fez. Estava em uma busca tão insana que demorou para perceber que o choro havia cessado. Quando finalmente despertou, ouviu um lamento muito baixo.

– Mas eu quero a mamãe – fungou a criança.

A voz grave e bela de um homem respondeu.

– Já te expliquei, querida, que ela nunca mais vai voltar.

Seus olhos se avermelharam e pisando duro foi direto para o quarto de sua filha. Gustavo estava ao lado da cama e quando a viu cruzar a porta, seus olhos mudaram de calma para surpresa com um toque de malícia.

– Para onde ela foi? – Sofia voltou a questionar.

Manteve o contato visual com a ruiva enquanto respondia no mesmo tom sereno e tranquilizador de antes.

– Para o céu.

Aquilo foi demais para Tamires. Estava disposta a feri-lo desta vez.

– Como ousa – começou a dizer enquanto encurtava o espaço entre eles – dizer que morri!

O sorriso descaradamente satisfeito transformou todo o rosto de Gustavo. Era a encarnação da ironia e do escárnio.

O corpo de Tamires foi ricocheteado por um obstáculo invisível a dois passos da cama de sua filha. Enquanto ela berrava e gesticulava, Gustavo se voltou para Sofia, que ainda fungava.

– Por quê? – a criança perguntou, totalmente alheia a presença da mãe no quarto.

– Porque Deus a chamou. Ela virou um anjo – respondeu o homem ignorando completamente as súplicas da ruiva.

Com espanto, dor e revolta percebeu que Sofia não podia ouvi-la nem vê-la. O que Gustavo havia feito? Esmurrou por algum tempo a barreira invisível enquanto via a pequena filha finalmente adormecer.

Gustavo não se virou mais para ela. Espremeu-se na bicama abaixo e adormeceu quase que instantaneamente ao lado da filha.

Nada importava mais. Havia perdido sua filha, seu marido, seu casamento, sua verdadeira família. Por que ainda vivia? Caminhou lentamente de volta para a sala, foi até a sacada e subiu no parapeito.

Fechou os olhos e se inclinou sem olhar até sentir o corpo começar a cair. Não temeu o impacto. Apenas esperava pelo alívio imediato. Seu corpo caiu por um tempo sem fim. Estava em um buraco negro?

Não resistiu a tentação de abrir os olhos e quando o fez, o breu havia tomado conta de todo o cenário. Estava no vazio de novo? Estaria morta finalmente? Não sentia nada, mas começou a chorar.

De repente, alguém a chacoalhou e a chamou. Em um passe de mágica tudo se iluminou. Um rosto moreno e grave a olhava com preocupação. Gustavo? Não, era parecido, mas não era ele.

– Tamires? Você está bem?

Olhou ao redor e reconheceu o avião. Não era o mesmo do sonho e em um estalar de dedos se lembrou para onde estava indo.

– Alexandre! – exclamou com alívio.

– Sim! Você está bem?– insistiu.

Tamires se jogou nos braços do homem musculoso e forte e chorou abertamente. Desde quando parara de ter pesadelos? Há algum tempo, percebia agora. A partir do momento em que passaram a ser reais. Não precisava mais fechar os olhos para vivê-los. Estavam presentes impedindo que sequer os fechasse.

Apertando-a com força, o moreno acrescentou.

– Chegamos a terceira e última conexão. Temos quase três horas de espera. Descanse agora. Vai ficar tudo bem.

CONECTADO

Em um lance rápido, os olhares de Lucca e Tamires se cruzaram quando os dois grupos se uniram no saguão do aeroporto. A ruiva chegara minutos depois, com os olhos inchados, amparada pelo braço forte e firme de Alexandre.

Fora breve, mas o suficiente para ler toda a angústia de sua alma. O rapaz sentiu um aperto no peito em compaixão pelo sofrimento da irmã. Lucca a viu adormecer nos braços de Alexandre depois de lutar por mais um tempo contra o sono.

Racionalmente, não aceitava o descontrole de Gustavo. Não concebia tanta loucura e falta de consideração. Desejava que ele aprendesse, perdendo Tamires e Sofia para sempre, que afinal não valia tudo para satisfazer suas vontades.

Colocando-se no lugar da ruiva, o pantaneiro se imaginou passando pelo mesmo que ela. Não fazia ideia de como reagiria, já que nunca fora uma pessoa emotiva. Porém, depois que descobriu a felicidade, não saberia viver mais sem.

Tamires conhecera essa felicidade plena. Vivera um lindo conto de fadas e fora terrivelmente enganada e decepcionada. Lucca a admirava por ainda suportar seguir em frente, mesmo com o coração dilacerado – partido seria pouco para defini-lo.

Mais do que nunca, ela precisaria dele, de seu amor e companheirismo, para esquecer os momentos de dor que vivia. Decidiu que ficaria ao seu lado e a apoiaria mais. Também não deixaria Gustavo se aproximar novamente.

Caiu em uma comparação estranha. Tamires e ele haviam vivido histórias completamente opostas. Em seu caso, não sabia o que era perder a felicidade, porque nunca a tivera. Não antes de conhecer Mainá.

Sentia-se quase com remorso por estar vivendo algo tão especial com uma mulher maravilhosa e predestinada enquanto assistia o sofrimento de Tamires. Seu olhar rapidamente buscou o da índia.

Também sinto tanto por ela. O que podemos fazer?

Os pensamentos de Mainá estavam em sintonia com os seus e a pergunta que fez, ficou martelando em sua cabeça. O que mais poderia fazer além de lhe proporcionar apoio e manter afastado o maluco de seu marido?

Não conseguia pensar em nada. Ansiou pelo dia do alinhamento para que, enfim, fossem embora deste mundo infeliz e vivessem em um melhor. Talvez por lá, Tamires finalmente esquecesse.

Mas ainda havia Sofia. E aí estivesse sua resposta. Se pudesse fazer alguma coisa para

trazer sua sobrinha, que ainda não conhecia pessoalmente, para os braços da mãe. Então poderia devolver parte da felicidade de Tamires.

Mainá fez menção de se levantar e travou o braço protetor ao seu redor.

– O que foi? Está sentindo alguma coisa? – perguntou ansioso.

A indígena riu matreira.

– Não, só preciso ir ao banheiro.

– Vou com você – disse se erguendo mais rápido do que ela a fim de ajudá-la.

Ela revirou os olhos.

– Estou bem, meu amor. Não estou passando mal.

Ele a encarou com um olhar pesaroso.

– Por favor, me deixe acompanhá-la até a porta.

A índia sentiu remorso por perder a paciência com o rapaz. Estava tão acostumada a ser independente que aquele mimo toda a frustrava às vezes. Porém, controlou esse sentimento e compreendeu a preocupação do ruivo. Também devia ser frustrante para ele participar tão pouco da gravidez. Só ela podia sentir o bebê dentro de si. Sorriu.

Eu te amo.

O pensamento carinhoso de Mainá fez Lucca se distrair de suas preocupações anteriores. Beijá-la fê-lo se esquecer inclusive de onde estava.

Durante o segundo voo, o remédio fizera efeito e a índia não passara mal novamente. Ficara aliviado. Ainda assim, não queria perdê-la de vista. Seria uma tortura aguardá-la do lado de fora do banheiro feminino.

Ficou também contente com a longa espera da conexão. Quase três horas. Seria um tempo despreocupado e menos ansioso. Quando subia no avião, primeiro ficava em alerta por Mainá. Em segundo lugar, temia o que encontrariam em Vitória.

Estava nervoso com a perspectiva de encontrar mais um membro de sua família. Era totalmente diferente de como conheceu Tamires. Levava um susto ao ver alguém tão parecido consigo mesmo. Percebeu imediatamente que sua família viera ao seu encontro.

Com Suzane, fora estranho. Ela era uma mulher magra e pequena, a fragilidade estampada em seu rosto quando entrou em seu quarto. Não era tão parecida com eles. A irmã havia dito que ela lembrava muito a mãe que vira em sonho.

Marcel havia confirmado que Nicolas tinha também as características de Suzane. Lucca ficou curioso para saber de quem, ele e Tamires herdaram os cabelos de fogo. O astrônomo Pedro Tosquini, pai deles, também era moreno. Provavelmente da avó, Rosa.

Divagar sobre bobagens sempre o ajudava a afastar as preocupações e a ansiedade. Quando viu que Mainá voltava para perto, seu corpo relaxou e sua mente se concentrou outra vez em seu objeto de desejo, sonho e felicidade.

Ao sentarem, passou um braço ao redor de seu ombro e pousou a mão livre sobre a barriga reta da índia. Perguntou-se quando poderia sentir o bebê se mexer. Ficava angustiado sem saber se estava tudo bem com ele ali dentro. Uma visão de raio-x ajudaria bastante, mas não era um poder que possuía. Riu sozinho ao pensamento tolo. A índia sorriu contagiada por sua espontaneidade.

Sozinho em um canto esquecido, Marcel sentiu saudades de Suzane. Fazia várias horas que não falava com ela. Como estaria? Teclou o número conhecido no celular. A voz que atendeu do outro lado, depois de vários toques, era fraca e quebrada.

– Oi, te acordei? – perguntou o loiro.

– Tudo bem – sussurrou. – Como foi a viagem?

– Ainda não chegamos.

– Não? Que horas são?

– Mais ou menos oito horas.

– Ah! – abriu um bocejo barulhento. – Dormi pouco então.

– Você esteve vigiando, Suzane? – repreendeu. – Já disse para deixar comigo a partir de agora.

– Hum...

Suzane ressonou baixinho do outro lado da linha, mal escutara a repreensão. Ele ouviu o telefone escorregar e cair no chão. Com um suspiro, o loiro desligou o aparelho. Apesar de estar bravo com ela, a deixaria descansar. Como podia ser tão teimosa?

Prometeu para si mesmo que se desdobraria nessa missão sozinho, para que Suzane não precisasse se esforçar tanto. Teve medo de perdê-la em prol de um bem maior. *Não permitirei que isso aconteça nunca*, pensou ferozmente.

Era a natureza que me chamava. Meu corpo, ao entrar na cidade – por mais que Vitória conservasse boa parte de suas belezas naturais intactas – implorara por um contato direto. Algo acontecera comigo enquanto voava ao sabor do vento em Castelo. Alguma conexão havia se estabelecido entre mim e ela.

Sempre fora um homem da cidade, por mais que gostasse de Conceição da Barra, de Itaúnas e até mesmo dos parques de Vitória. Eu me divertia com o que me propiciavam e depois corria de volta para meu apartamento de luxo com meu carro ou moto confortáveis e potentes.

Pisei descalço na areia branca e fofa, cercada por mata natural, da baía. Atirei a camiseta para o lado e esperei a água roçar minha pele. A temperatura era amena e agradável. Dei mais uns passos contra a maré até ficar com as pernas submersas. Mergulhei de uma só vez.

A água salgada e pesada levou consigo todo o resquício de impurezas de meu corpo. A

pressão me fazia finalmente surdo, assim como quando estava no ar. A sensação era boa. Estava cansado de ouvir as conversas alheias. Queria voltar a ser normal.

Enquanto que no ar uma canção embalava meu voo livre, sob o mar uma certeza me invadiu e preencheu. Ficaria tudo bem. A calma se fortaleceu dentro de mim. Eu me senti como parte de um todo, muito maior que meu próprio ser. Sozinho, era limitado. Em meio à natureza, era parte importante e essencial.

Emergi a fim de buscar por ar. Ele entrou em meus pulmões, inflando-os. Meu coração bateu depressa e minha mente renovou sua clareza de pensamento. O estado de euforia voltara ao normal.

Uma via de comunicação se abriu entre mim e a natureza. Eu o percebia claramente. Mais do que um gosto pelo esporte, agora precisava estar em contato constante com ela.

Ao voltar para a praia, um desejo forte de ir para Itaúnas me atormentou durante todo o trajeto até o apartamento. Aliviado, pensei que o final de semana estava próximo para que pudéssemos voltar para lá. Sorri ao perceber que estava incluindo Lara em minha vida sem sofrimento ou relutância. Era natural como se ela sempre estivesse ao meu lado.

Pensar em Lara e em Itaúnas me fez lembrar da estranha conversa entre o pai e o avô da mulata. Será que o senhor me abordaria como fora sua intenção naquele dia? Ao mesmo tempo em que estava curioso para ouvir, também tive receio. Ainda assim, não fugiria do lugar, ainda mais agora que Lara voltara, em definitivo, para minha vida.

No corredor do prédio, percebi que Giovanni estava em casa. Entrei já sorrindo. Há um tempo não o via. Resisti à brincadeira de abraçá-lo quando cruzei a entrada.

– Por que não atende nem retorna minhas ligações? – inquiriu sério ao me ver. – Você simplesmente desaparece como em um passe de mágica.

Giovanni estalou os dedos para ilustrar o truque. Sorri zombeteiro. Meu melhor amigo estava agindo como uma mulher mal-humorada. Só faltava estar parado com as mãos na cintura e batendo o pé irritado.

Mas apesar do cenho franzido, estava preguiçosamente esparramado no grande sofá com os pés repousados sobre a mesinha central. O controle da TV em uma mão e na outra, uma garrafa long neck de cerveja.

– Oi para você também – respondi brincalhão.

– Agf, Nicolas, não espere que te paparique. Estou bravo de verdade. O porteiro falou que saiu com a moto.

Suspirei. Giovanni me conhecia muito bem. Sabia que usava a moto quando precisava de liberdade para pensar.

– Então, agora que você sabe, por que continua bravo? – questioneei.

– Porque você sumiu! – exclamou. – Como não atendia ao telefone, pensei que talvez algo grave tivesse acontecido. Onde, afinal, esteve?

Fui até a cozinha e peguei uma garrafa de cerveja para mim e me sentei ao seu lado antes de responder. Porém, ele não me deu tempo.

– Pelo amor de Deus, Nicolas, o que está acontecendo com você?

Seus olhos estavam esbugalhados e fixos na bebida em minha mão. Ele sabia que, por ser adepto da alimentação saudável, só ingeria álcool socialmente, apenas quando não tocava. Mas hoje era um dia excepcional, será que ele não podia entender?

Contei resumidamente o que fizera e Giovani ficou me olhando desconfiado durante todo o relato. Ele percebeu que omitira muita coisa.

– Agora que já sabe de tudo – perguntei mudando de assunto –, o que queria comigo?

– Ia te convidar para almoçar e jogar conversa fora.

Deu de ombros. Então estendi o convite para a balada e ele aceitou imediatamente com uma cara mais leve. Ligou para Milene a fim de chamá-la também.

– A gente passa aí... – dizia ele ao telefone e se interrompeu voltando-se para mim – Nicolas, que horas?

– Às nove, mas vou com meu carro.

Giovani entendeu o que estava subentendido e ergueu as sobrancelhas. Concluiu a ligação.

– Lara? – perguntou apenas.

Balancei a cabeça e sorvi mais um gole da cerveja. Não havia comido nada o dia todo e por isso ouvi o líquido percorrer com facilidade meu esôfago e cair barulhento em meu estômago. Não tinha fome. Talvez aquela bebida amarga abrisse meu apetite.

Terminei a cerveja enquanto conversávamos amenidades e conferi a hora. Eu me levantei dizendo que ia tomar banho e me arrumar. Giovani me lançou um olhar zombeteiro, mas não disse o que estava pensando. E não precisava. Tinha certeza de que ele avaliava minhas mudanças como influência de Lara. Ele não estava completamente errado, mas não fazia ideia dos outros motivos. E jamais diria.

Enquanto estava no chuveiro, ouvi um telefone tocando. Em seguida, a voz de Giovani atendendo o aparelho com entusiasmo. Era nosso amigo Augusto. Giovani foi logo o convidando e aos outros para nos encontrar no bar.

Fiquei satisfeito. Adorava meus amigos e fazia um tempo que não saíamos juntos. Seria um encontro para colocar o papo em dia e tornar mais oficial meu relacionamento com Lara.

ORGANIZAÇÃO

Vista do alto, Vitória era um aglomerado de montanhas, mar e luzes. Cobertos por um verde-musgo colorido pela noite, os morros eram iluminados praticamente pelo luar. A baía refletia a gama de cores e brilhos da civilização que habitava ao seu redor.

Era ainda mais bela ao vivo do que nas fotos, pensou Lucca espiando pela janela do avião. Sentiu-se ansioso com o desconhecido, como quando chegara a terra onde conhecera sua irmã caçula e que agora era seu novo lar. Instintivamente, apertou a mão de Mainá.

A índia também estava nervosa. Além de nunca ter saído do estado do Mato Grosso do Sul, em pouco mais de um mês cruzara o Brasil para cima e para baixo em uma missão arriscada. Retribuiu o gesto do companheiro ciente de que seu destino era estar ali, agarrada àquela mão, onde quer que estivesse.

Marcel ficou durante todo o voo de olho em Nicolas. Seguiu seus passos até o apartamento de Lara e em seguida para a balada próxima a orla da cidade. Conseguia identificar sua força sutil e volátil no meio da muvuca de corpos. Era a energia mais palpável. A pedra também estava lá e aquela enigmática força dourada.

Finalmente conseguiu senti-la um pouco mais. No entanto, algo lhe impedia de saber de onde vinha. Esperava que Alexandre pudesse ajudá-lo a decifrar esse mistério ao sentir aquela energia. Ele era a peça coringa naquele jogo. Odiava admitir isso, mas havia algo muito mais importante do que seu ego.

Tamires despertou de seu sono pesado quando o avião começava a descida para a pista de pouso. Acordou meio desorientada. O peito largo de Alexandre, que virara seu travesseiro, pouco se movera sob seu rosto perturbado. A ruiva encarou o rapaz com um olhar grato. Sua mão ainda repousava distraída sobre sua camisa entreaberta.

Alexandre virara uma estátua enquanto Tamires dormia sobre seu corpo. Fora tão difícil conseguir que ela tivesse um sono tranquilo, que teve medo de se mexer e atrapalhar seu descanso merecido. O calor de seu corpo tão perto o afogava, sendo obrigado a abrir alguns botões da camisa.

– Que horas são? – perguntou a ruiva para o moreno, sussurrando.

Era a pergunta que mais fizera nas últimas horas.

– Uma da manhã – respondeu Alexandre pacientemente.

Os olhos verdes de Tamires vidraram. O cunhado viu o medo estampado neles. Sentiu gana de tomá-la nos braços novamente, mas se conteve. Deu tempo e espaço para que a ruiva organizasse os próprios pensamentos. Em silêncio, ela se debruçou até a pequena janela e

observou o avião tocar e taxiar na pista.

Logo na fileira da frente, Lucca e Mainá deixavam transparecer o nervosismo e a ansiedade enquanto tentavam se organizar para a descida. Uma tarefa tão simples, mas que se tornou complicada por suas trapalhadas e desencontros. Marcel não conseguiu segurar uma risada, apenas filtrou sua intensidade.

De novo, Alexandre temeu pelo sucesso da missão. Uma índia grávida e um capricorniano prestativo e preocupado não era bem o que escolheria para uma busca desconhecida do outro lado do país. Revirou os olhos aborrecido. Às vezes se sentia meio frio, porém naquela situação era necessário estar com a mente focada.

Poderia parecer egoísmo, mas Tamires nem se atentou ao pequeno conflito entre o casal. Estava se convencendo a parar de pensar em Gustavo e Sofia, e se voltar para Nicolas. Ele era a pessoa mais importante agora. Quem realmente corria perigo. Era por ele que estavam em Vitória.

Lucca ganhou a guerra com Mainá. Na verdade, a índia deixara que ele enfim carregasse tudo sozinho. Não adiantava insistir que podia ajudar com alguma coisa leve, ele não aceitava. Dando-se por vencida, abdicou de seu direito a independência e saiu na frente, deixando um enrolado Lucca para trás.

– Espere, amor! – pediu o ruivo tentando ajeitar as bolsas nos ombros.

Marcel se aproximou do rapaz e o ajudou pegando uma sacola. Agradecido, Lucca sorriu para o loiro e saiu apressado no encalço de Mainá. Sem pressa, o loiro seguiu o casal no emaranhado de gente dentro do avião. Alexandre esperou Tamires desgrudar da janela para acompanhá-la.

– Obrigada – sussurrou de repente, tão baixo, que só Alexandre pode ouvir.

– Pelo quê? – murmurou.

Tamires jogou sua alma nas profundezas dos olhos negros de Alexandre. Que pergunta era aquela? Por salvá-la. Por tolerá-la. Por ajudá-la. Por compreendê-la. Por não pedir nada em troca. Por estar ao seu lado nos momentos mais difíceis. Por insistir em encontrá-la. Enfim, a lista era enorme.

– Por tudo! – exclamou simplesmente.

Apesar de seu conflito interno, que ultimamente estava em alta, Alexandre manteve a calma ao responder.

– Não me agradeça por nada.

Por que Tamires conseguia fazê-lo se sentir assim? Bem. Feliz. E triste ao mesmo tempo. E mal. Humano. Imperfeito. E ainda um herói. Não sabia bem o que realmente era, mas sabia o que gostaria de ser. Quando estava com ela, gostaria de ser apenas homem.

Mas estava claro que Tamires não o via assim. Seu rosto debochava dele. Sua

semelhança com o objeto da decepção da ruiva o afastava dela. Sentiu vontade de arranhá-lo até desfigurá-lo o suficiente para ser ele mesmo. Não queria ser uma sombra do irmão, queria conquistar seu espaço no universo por seu próprio mérito.

Queria também arrebatara o coração de Tamires como ela havia feito com o seu. Sem pedir licença, ela bagunçara sua cabeça e agora ele estava perto, mas verdadeiramente distante de conseguir um espaço de respeito dentro dela. Sabia que o considerava. Porém, não bastava para todo o desejo que o consumia.

Ignorar esse sentimento crescente estava cada vez mais difícil, principalmente nas últimas horas. A fragilidade e a tristeza de Tamires o comoviam e revoltavam. Estava a ponto de mandar o mundo se danar e tomá-la nos braços de um jeito nada inocente. Por que importava o fato do marido dela ser seu irmão mais velho?

O amor não era mais relevante? Não era a roda do universo? Não era o motivo por estarem ali agora? Não os havia unido em um caminho sem volta? A todos eles? Então o que havia de errado em seu amor por Tamires? Nada! Mas ainda assim, não conseguia dar o passo mais importante que o tornaria finalmente real.

Um gesto inocente fez o coração de Alexandre parar por um segundo. Tamires tomou sua mão antes de dar o primeiro passo no corredor. Quando voltou a bater, saltava violentamente em seu peito. Teve medo até que a ruiva pudesse ouvir. Mas, se percebeu, não deixou transparecer.

Era Tamires quem podia ler a sua alma, porém era tão fácil ler a dela, mesmo sem ter a mesma capacidade. Era transparente. Era fácil saber quando estava de bom ou mau humor. Triste ou alegre. Apaixonada ou não. Alexandre sabia que suas chances beiravam a zero, mas não conseguia perder as esperanças.

Tentou desviar desse pensamento por várias vezes, inutilmente. Era ainda mais difícil com o corpo quente colado ao seu. Mas não podia cometer erros. Sabia de suas responsabilidades e se envolver emocionalmente nessa missão a ponto de perder o foco poderia destruí-los.

Não estava ali para morrer e sim para levar mais vida. Teimou em mudar de assunto mentalmente jogando-o para um canto escuro qualquer. Retomaria esses pensamentos em um momento mais oportuno. Agora sua razão devia guiar seus atos, suas palavras e suas decisões.

O casal encontrou o restante do grupo ao final da escada. Alexandre conteve o entusiasmo quando Tamires não soltou sua mão na frente dos outros. Os três rostos não pareceram perturbados com a intimidade dos dois, mas estavam perdidos. Não tinham ideia do que fazer.

– Vamos direto para o hotel fazer o *check in* – tomou para si a liderança o moreno. – Lá decidimos qual será o primeiro passo.

O grupo pareceu aliviado com a tomada de decisão de Alexandre. Ele se sentiu mais fortalecido, apesar da fraqueza entre os dedos de sua mão. Segurava para não tremer e Tamires não se dar conta disso.

Precisaram se dividir em dois táxis por causa da bagagem de Mainá. Marcel foi com Alexandre e Tamires em outro, porém se sentou no banco do passageiro. Atrás, a ruiva ainda segurava com força a grande mão do moreno.

Foram direto para o hotel onde já estavam reservados dois quartos. Não escolheram um lugar caro porque não queriam desperdiçar dinheiro e muito menos chamar a atenção. Mas a hospedagem em Vitória não era das mais baratas, por isso economizaram com as suítes.

Na recepção, pegaram as chaves. Os quartos ficavam um do lado do outro. No corredor fez-se uma pequena desordem para a divisão do grupo. Tamires e Alexandre concordavam que deviam dividir por sexo, e Lucca e Mainá não. No primeiro, havia duas camas de solteiro. E no segundo, uma de solteiro e outra de casal. A decisão era óbvia, mas o tumulto ainda prosseguiu por mais alguns minutos.

– Gente, por favor – chamou à razão Tamires. – Não importa. Vocês estão se esquecendo que isso não é uma viagem de férias?

Alexandre sentiu orgulho dela. Assim como ele, também estava focada na missão que os levava à Vitória. Talvez como forma de esquecimento de seus próprios problemas. Mas sinceramente, não tinha a menor importância.

No primeiro quarto, portanto, Alexandre e Marcel acomodaram suas malas e no outro, Tamires, Lucca e Mainá. O moreno e o loiro foram ao outro quarto para uma breve reunião antes de partirem atrás de Nicolas.

– Marcel, você sabe onde ele está? – começou o moreno.

O loiro grandão afirmou com um gesto de cabeça.

– Ok. Então, eu penso o seguinte. Vamos entrar lá separados, como turistas ou pessoas comuns em uma balada. Vamos ter que trocar de roupas, tudo bem? Maquiagem também é bom, meninas. Sei que temos pouco tempo, mas deem o seu melhor.

Sérios e compenetrados, prestavam atenção e concordavam com as orientações de seu líder.

– Chegando lá, devemos ficar em pontos estratégicos, ao redor de Nicolas, observando de ângulos diferentes quem se aproxima dele, quem são amigos, quem seriam possíveis inimigos. Vamos vigiar atentamente. Nada de se aproximarem demais um do outro ou do nosso alvo. Agucem ainda mais seus sentidos e cuidado com a discrição. Lembrem-se que ele tem as mesmas habilidades e pode nos ouvir. Por isso, vamos evitar conversar lá dentro – olhou no relógio de pulso. – Saímos em no máximo trinta minutos.

Alexandre e Marcel voltaram para seus quartos a fim de trocarem de roupa. Tamires se apossou do banheiro da suíte assim que Mainá o liberou. Lucca já trocava rapidamente de roupa para ajudar a índia.

Enquanto se olhava no espelho, a ruiva quase se preocupou com as olheiras fundas que arroxavam seu rosto embaixo dos olhos. Estava péssima. Seu rosto, mais pálido do que o habitual. Seus olhos tristonhos. Enquanto passava o corretivo e a base, procurou um resquício daquela outra ela mesma no fundo de seus olhos. E percebeu com espanto que aquela mulher que outrora fora havia morrido.

Ao finalizar a maquiagem e se vestir, deslumbrantemente, deu uma última conferida no espelho. Aquele reflexo dizia muito sobre sua nova pessoa. Lápis e sombra preta contornavam seus olhos verdes fazendo contraste. A boca recebera um reforço para aparentar mais grossa e brilhava com o *gloss*. Os cílios compridos e escuros sombreavam seus olhos. O *blush* laranja salientava as maçãs ossudas de seu rosto.

O vestido curto deixava suas pernas à mostra, porém pouco revelava de seu colo. O corte acompanhava as curvas de seu corpo. Era preto, básico, de um tecido elástico. Calçou sandálias de salto fino e alto prata e pendurou no ombro uma pequena bolsa onde guardou um espelho e um batom para o retoque. Brincos grandes e brilhantes balançavam em suas orelhas e uma pulseira cheia de argolas fazia barulho de metal quando movia o braço.

Estava vestida como uma garota comum. Mas também mantinha sua fatalidade e feminilidade naturais. Gostou do que viu no reflexo do espelho. Aquela Tamires pouco sorria, mas o ar de mistério em seu rosto tornava sua beleza menos extasiante e mais passageira. Não queria se destacar na multidão. Queria apenas ser mais uma em uma balada. E conseguira o resultado final. Sabia que o brilho da felicidade de outrora não a denunciaria naquela noite. Aquela chama se apagara. Seu coração estava escuro. Seus olhos salientavam aquela verdade.

Quando saiu do banheiro, o casal que compartilhava o mesmo quarto já estava pronto. Mainá estava muito bonita, mais do que costumava ser ao natural. Porém, discreta e pouco chamativa. Usava uma roupa comum – calça jeans e blusinha – com uma sapatilha e um bolero para arrematar. A maquiagem e as bijuterias eram comuns e nada ostensivas. Até escondiam sua verdadeira identidade.

Lucca trocara a calça para um modelo mais despojado e vestira uma camiseta de gola polo. Nos pés, um sapatênis para completar o figurino. Os outros homens estavam mais ou menos no mesmo estilo. Apenas partiram para uma linha mais esportiva. Tamires percebeu nitidamente as características de cada um influenciando em seu vestuário.

Mainá e seu medo de ousar. Discrição era seu nome do meio. Lucca e seu jeito certinho, enfiado em um traje um pouco mais social. Marcel, o moleque em um corpo de homem. Só

faltou colocar um boné na cabeça. E Alexandre, o adaptável. Seguiu a linha que achou melhor para a ocasião sem se preocupar em como se sentiria.

A tropa estava pronta e uniformizada para a missão de reconhecimento.

RECONHECIMENTO

Apesar de ainda ser dia de semana, o bar estava lotado. Tantos corpos jovens por metro quadrado deixavam pouco espaço para se locomover. O lugar possuía dois ambientes: um barzinho e uma boate. O batidão da música invadia a noite.

Desceram do táxi e se reuniram na calçada em um ponto isolado para não serem ouvidos. Alexandre voltou a liderar.

– É aqui mesmo, Marcel?

– Sim. Está sentindo uma energia sutil e outra mais leve ainda?

Todo mundo se concentrou – menos Mainá. Lucca ficou satisfeito ao passar por essa experiência pela primeira vez. Conhecía apenas as energias de Marcel, Alexandre e Tamires. Era a primeira vez que se deparava com outra diferente e a identificava como desconhecida.

– A primeira e mais forte é de Nicolas – explicou Marcel. – A segunda é a não identificada.

– Mas tem outra ainda mais forte e tranquila – sussurrou Lucca.

– Essa é a água-marinha. Está no pescoço de Lara.

– Agora que posso senti-la, Marcel, não a reconheço – afirmou Alexandre. – Talvez seja fraca demais para que eu possa associá-la a alguma outra. Preciso chegar mais perto. – voltou a instruir em seguida, sem pausar – Tamires e eu vamos chegar o mais perto que pudermos do grupo. Marcel vai ficar à direita, e Lucca e Mainá, à esquerda. Procurem não se aproximar demais. Não quero que Nicolas nos perceba e nos reconheça mais tarde. Por enquanto, vamos apenas vigiá-lo.

Todos fizeram sinal positivo e Alexandre pegou a mão de Tamires para entrarem juntos no bar.

– Por que eu não podia vigiar sozinha? Sou a mais forte do grupo depois de você – cochichou a ruiva contrariada.

– Sim. Mas não daria certo. Você seria distraída a noite toda por cada homem que tentasse te passar uma cantada.

Tamires não conseguiu conter uma risadinha.

– Eu sei muito bem o que estou fazendo aqui e também seria capaz de me defender sozinha.

– Sei disso também, mas eles não. Pelo menos se aparentar que está acompanhada, evitamos um contratempo desnecessário.

A ruiva não discutiu mais. Sua conversa fora abafada pela batida frenética da música

dançante. Foram envolvidos por corpos e luzes coloridas quando cruzaram a entrada da boate. Seus olhos perscrutaram a procura de seu alvo. Não foi difícil localizá-lo em meio a tantas pessoas. Sua energia era única e inconfundível.

Envolvida pela proteção e extensão da própria pedra, permitia que qualquer ser como eles, até novatos, pudesse identificá-la rapidamente. Ainda havia aquela força desconhecida salientando o tom sobrenatural da energia de Nicolas. O que havia ao redor dele era poderoso.

Os olhos de Tamires marejaram ao vislumbrar o rosto bonito do rapaz. Seu irmão. Bonito era pouco. Nicolas era lindo. Mesmo com a barba aparada rente, o cabelo desganhado pela dança frenética – mesmo não sendo seu tipo de homem, acrescentou – seu irmão mais novo era um homem de porte, de traços firmes e atrativos.

Alexandre apertou sua mão e foi só aí que Tamires percebeu que caminhava, involuntariamente, direto para o círculo onde Nicolas estava. Chegara perto demais. Sorrindo, o moreno começou a agitar o corpo ao ritmo da música e a ruiva entendeu o recado.

A todo instante dava uma olhadinha na direção do grupo animado e descontraído de Nicolas. Uma mulata bonita – que devia ser Lara – estava agarrada a um braço dele enquanto que, com a outra mão, o rapaz segurava uma latinha de cerveja. De quando em quando sorvia um grande gole da bebida e arrancava uma careta do rosto da moça.

Havia outros casais na roda, mas somente um também dançava agarradinho. Pareciam felizes e companheiros. Os outros dois estavam ao redor meio perdidos entre os primeiros e ao mesmo tempo contrariados. Tamires percebeu que uma das mulheres – que era até bonita – olhava feio para Nicolas com frequência.

Enquanto dançava acompanhando o ritmo sem prestar atenção, Tamires buscou o foco daquela energia extra. Explorou os rostos de cada um com cuidado, mesmo sabendo que não seria dessa forma que encontraria o dono daquela força.

Era engraçado como ela era perceptível e ao mesmo tempo não. Era como se alguém fizesse truques o tempo todo, se escondendo um segundo antes de encontrá-lo. Ela sempre se sentia perto demais de descobrir para depois se decepcionar.

A energia não parecia fixa. Pairava no ambiente como um vigia inquieto, sorrateiro e atento. Experiente, não se deixava pegar, mas também não fugia. Tamires não conseguia imaginar qual seria o objetivo dessa força. Afinal, por sua leveza, já teria sido capaz de fazer algo antes que pudessem percebê-la.

Mesmo com seus sentidos apuradíssimos, uma vigilância de quase trezentos e sessenta graus, sua busca era inútil. Com o coração acelerado, começou a temer pelos presentes. Se ela que podia pressenti-la não podia prever de onde viria, quem diria o restante dos inocentes aglomerados naquele lugar.

Se seu objetivo fosse destruição em massa, como um demônio sedento por sangue,

aquela energia a alcançaria com êxito. Tamires ficou mais ansiosa em encontrar o causador daquela confusão em seus sentidos. A raiva começava a pulsar dentro de si. Onde estava, afinal, o canalha? Onde se escondia?

Qual seria a máscara que disfarçava sua verdadeira face? Qual a forma que ocultava sua monstruosidade? Qual seu maquiavélico plano contra Nicolas e sua missão? Estaria espreitando o poder da pedra? Ou usando o rapaz como isca? Tamires buscou apoio em Alexandre e se deparou com mesma ansiedade em seus olhos.

O rapaz moreno balançou a cabeça negativamente ao perceber a preocupação da cunhada. *Cunhada*. Cuspiu a palavra mentalmente. *Ex-cunhada*. Tinha que parar de pensar nela dessa maneira. Fora automático, porém passaria a se policiar. Simplesmente Tamires.

Vasculhou o salão, com sua altura excepcional a procura dos outros. Rapidamente identificou Marcel afastado do grupo um bom tanto, meio acomodado no banquinho do bar. Observava as pessoas dançando enquanto bebericava e batia o pé ao ritmo da música. Sorriu. Era uma ótima atuação. O loiro sabia se comportar quando queria.

Do lado oposto, afastados e no maior clima de romance, encontrou Lucca e Mainá. Dançavam agarrados e mais devagar que a música, meio que alheios. Franziu o cenho contrafeito, porém no segundo seguinte Lucca lhe lançou um olhar rápido e concentrado. Também era encenação. Ficou satisfeito.

Alexandre estava tão focado que não se distraía com a pele de Tamires. Seu olhar passava constantemente pelo grupo de Nicolas, avaliando-os. Não via ameaça em ninguém, mas temia ser enganado. Novas ideias começaram a ferver em sua cabeça em busca de respostas para aquele mistério.

Já tinha planos para o dia seguinte. Queria ser telepata agora e poder comunicar imediatamente o que estava decidindo para o restante do grupo. Teria que ser rápido e saber aproveitar a primeira oportunidade que tivesse. Fez um cálculo e organizou o próximo passo.

Marcel estava achando tudo muito divertido. Quanto tempo não ia a um bar? Curioso, avaliou e ficou impressionado. Fazia quase um ano. Desde o aniversário de vinte e nove anos de Suzane. Aquela data ficaria marcada para sempre em sua vida. Fora o fim e o começo de uma nova vida.

Como estava desacompanhado, achou melhor se sentar no bar a ficar agitando o esqueleto na pista como um idiota sem amigos. Também achou longe o suficiente de Nicolas. E perto o bastante para que pudesse observar de um ângulo diferente. Dali, podia ver melhor a mulata e o casal mais apaixonado do grupo.

O loiro percebeu alianças douradas em seus dedos, denunciando um compromisso mais sério. Também observou as curvas da mulata e se censurou pelo gesto. Era mesmo difícil não

ver o quanto era bonita. Chamava a atenção. Estava visivelmente contrafeita com alguma coisa. Principalmente quando Nicolas levava a latinha à boca.

Mulheres, pensou Marcel ao compreender. *Todas iguais*. Por que ela não podia curtir e deixar o rapaz aproveitar a noite? Por que não se divertia também? Quanto tempo mais teria ao lado dele? Porém, sabia que tanto ele quanto ela não faziam ideia do que estava por vir.

Isso o fez pensar em algo óbvio. Nicolas estava fingindo que ainda tinha uma vida normal. Como se nada tivesse abalado sua rotina ou seus sentidos. Vivendo naturalmente e evitando pensar ou prestar atenção naquilo que o incomodava. Marcel se preocupou com essa conclusão. Poderia ser um problema.

Aflito com a integridade física e o bem-estar de Mainá, Lucca mantinha a dança em um ritmo mais lento do que deveria. Seus braços a envolviam com cuidado, prontos para protegê-la de qualquer acidente. Sua atenção estava dividida entre ela e os quatro amigos de Nicolas.

De onde estavam, podia vê-los muito bem. Bronzeados, não tinham mais nenhuma semelhança. Os homens não eram tão altos como Nicolas. Na verdade, formavam uma escada. Os corpos eram musculosos, porém um era mais definido e o outro mais bombado.

O menor tinha a aparência mais descontraída, quase debochada. Atormentava constantemente as duas mulheres sozinhas da roda. O outro, além de ter o maior físico, ainda tinha a cara mais amarrada. Sorria, às vezes, mas deixava a seriedade voltar ao seu rosto sempre. Era evidente que também estava se divertindo, ainda assim.

Entre as mulheres, uma também era mais séria que a outra. Ambas magras e definidas – deviam ser adeptas a academia –, porém uma mais cheinha. Na verdade, tinha mais corpo. Essa era um pouco mais alta, apesar de sua estatura ser mediana, e tinha reflexos loiros. A outra tinha o cabelo castanho.

Lucca evitava até mesmo cochichar com Mainá, deixando-a alheia até mesmo de suas impressões. Por sua vez, a índia se sentia frustrada por estar ali e não poder fazer mais nada além de ajudar o companheiro no disfarce. Uma encenação sem um pinga de ação. Coisa chata. Passava das três da manhã e estava com sono.

Um pequeno alvoroço chamou imediatamente a atenção de todos para Nicolas e seus amigos. Podiam ouvir nitidamente o que o rapaz falou para Lara.

– Não tente me controlar – sua voz denunciava embriaguez.

– Tudo bem – respondeu friamente a mulata. – Vou embora de táxi.

Virou-se sem mais e saiu do centro do grupo empurrando as pessoas para que abrissem espaço. Estava com pressa. Lara passou bem ao lado de Tamires, que aproveitou para observá-la de perto e viu lágrimas brotando em seus olhos.

– Lara, espere! – gritou Nicolas sem se importar em implorar, seu tom era de

arrependimento.

Tamires não teve tempo de piscar. Viu o medo nos olhos de Alexandre.

– Ele está se aproximando! – afirmou amedrontada também.

– Sim. É melhor que não nos veja – respondeu o moreno em um sussurro.

Ao mesmo tempo em que concordava com um meneio de cabeça, a ruiva dava um passo na direção do moreno que instintivamente fazia o mesmo. Não havia espaço nem tempo para fugirem em outra direção.

Alexandre e Tamires se encontraram no segundo passo, seus braços voaram ao redor de seus corpos e suas bocas se uniram desesperadamente. Quem passasse por eles, pensaria apenas no quão apaixonados estavam.

Foram segundos divididos. A pressão, o medo e o desejo ditavam o ritmo. Era uma encenação, mas também atendia a algo que queriam há algum tempo. Seria passageiro, porém não queriam que acabasse.

Ao sentirem que o perigo havia passado, ofegantes e relutantes se separaram. Mas a violência dos sentimentos que aquele beijo impensado e repentino lhes causou foi muito maior do que verdadeiramente deixaram transparecer.

Alexandre via seu desejo por aquela mulher finalmente satisfeito. Seu corpo tremia, suas pernas bambearam, seu coração disparou. Por mais que não acontecera da forma que sempre imaginara, o beijo fora muito melhor do que sonhara.

Sofria uma abstinência desesperada a partir do segundo seguinte, mas não estava arrependido. E pensar que ela reagira no mesmo impulso o deixava infinitamente esperançoso. Talvez tivesse alguma chance.

Tamires sentiu um fogo arder em seu peito enquanto um arrepio contraditório percorria sua espinha. O ardor que aquele beijo proibido – porém infinitamente saboroso – lhe provocara fora completamente novo.

E completamente diferente do que sentia nos braços de Gustavo. Aquela nova queimação fazia sua pele formigar. Um rastro de fogo ardia onde Alexandre a havia tocado. Ao findar o beijo, a chama se apagara como mágica. Mas ficara a lembrança.

Estava se tornando um hábito irritante, constatava agora. Lá estava eu, correndo atrás de Lara de novo. Que temperamento decidido ela tinha. Quando dizia que faria algo, não se passava muito e ela cumpria sua palavra.

Mas por que ela tinha que tentar controlar minha noite? A quantidade de bebida que eu ingeria? A hora que precisava levá-la embora? Não tinha o direito a me embriagar se quisesse ou de dançar até raiar o dia?

Estava sendo tremendamente injusto e por isso fui atrás dela. Lara também era

responsável. Tinha um trabalho que amava e prezava. E já passara da hora de estar na cama para cumprir o expediente na companhia na manhã seguinte.

Sabia que precisava levá-la, mas não queria. Por uma noite, desejava apenas ser irresponsável, jovem, normal. Beber, dançar e beijar na boca. E queria que ela estivesse comigo. Era pedir demais?

Pelo visto, sim. Magoada, Lara decidira pegar um táxi e me deixar. Que absurdo! Como se eu pudesse permitir algo assim. Por mais grosso que tenha sido – grosso era pouco, egoísta, isso sim –, agira por impulso, sem pensar.

Alcancei a mulata na calçada – como ela era rápida – e a agarrei pelo braço com força desnecessária.

– Eu te levo – afirmei com a voz rouca.

Ricocheteada por meu puxão, Lara chocou-se contra meu peito, sem me demover. Eu a segurei com os dois braços para que não caísse.

– Você não tem condições de dirigir – retorquii com a voz trêmula.

– Então você dirige – rebati.

Fiquei satisfeito ao vencer aquela briga. Entrei alegre no carro do lado do carona depois de passar as chaves para Lara. Ela vacilou alguns segundos na porta, com o molho na mão, mas depois entrou e sentou no banco do motorista.

Sabia que estava bêbado, mas não me sentia tonto. Minha bebedeira, na verdade, afetara meu pensamento, não meu corpo. Parecia que ele era mais forte do que minha mente ao consumo exagerado de álcool.

Minha cabeça estava anuviada a ponto de perder a noção quanto ao que devia ou não dizer ou fazer. Aquele era um Nicolas sem censura. Nu. Aberto. Não gostava dele e isso me deixava ainda mais irritado.

O sacolejar do automóvel mexeu comigo. Sem uma latinha para bebericar, enquanto Lara dirigia em silêncio, comecei a pescar. Estava difícil manter as pálpebras abertas. Quando estava quase me entregando ao sono, Lara embicou meu carro no portão da garagem do prédio.

Despertei imediatamente a fim de mostrar minha cara embriagada para o porteiro. Ele já sorria para Lara, confirmando sua frequência em minha residência. Não me importei.

Descer do carro foi mais difícil. Lara percebeu e se prontificou, ainda sem abrir a boca, a me ajudar. Gostei tanto do contato físico que fingi estar um pouco pior. Assim, ela me acompanharia até o apartamento.

Foi o que aconteceu. Seu rosto passara da raiva para a preocupação com meu estado. Chegou a ponto de me ajudar a deitar na cama e tirar meus sapatos e meias.

– Boa noite! – sussurrou sobre mim e foi como uma carícia.

Lara se virou para sair e entendi o que aconteceria agora. Sem pensar duas vezes, me ergui com uma rapidez espantosa e voei, passando por ela e deixando para trás um vento sobrenatural.

Bati violentamente a mão na porta que fechou com um baque surdo. Continuei apoiando-a para que não pudesse ser aberta. Lara estremeceu de susto e me encarou. Seus olhos estavam ansiosos e receosos ao mesmo tempo quando encontraram os meus a poucos centímetros de distância.

– Aonde você vai? – perguntei.

Meu tom foi no mínimo rude. Aquele era um Nicolas que eu fazia questão de esconder. No entanto, há muito perdera o controle sobre mim mesmo.

– Nicolas... – começou a dizer.

Mas como pressenti qual seria sua resposta, puxei rápido a mão da porta e a apoiei em seu rosto inteiro, meus dedos roçaram sua nuca. Com o outro braço, envolvi sua cintura com força desnecessária e pressionei seu corpo contra o meu. Lara gemeu quando, no segundo seguinte, nossos corpos se chocaram contra a madeira fazendo outro ruído alto.

– Você não vai fugir de mim de novo! – ordenei com certa raiva na voz.

Lara não disse nada, seus olhos desfocados buscavam uma saída da prisão que eu impunha. Mas não daria espaço para que alcançasse esse feito. Em um movimento brusco e certo, pressionei meus lábios contra os seus macios e carnudos, forçando um beijo desesperado. Mesmo sobressaltada com minha brutalidade, me acompanhou sem relutar. Ainda assim, não diminuí a pressão contra sua boca.

Minhas mãos andavam pelo caminho conhecido de seu corpo, abrindo e afastando o tecido fino de seu vestido sobre a pele sedosa e firme, apertando com força e ansiedade. Abaixei as alças deixando seus ombros desnudos, e descí meus lábios sobre eles saboreando-os. Suas mãos responderam na mesma linguagem, arrebatando os botões das casas e o zíper de minha calça. Alisou meus músculos sob o tecido, apertando e mordendo.

Fora de mim, gemi alto respondendo em seu corpo e, provavelmente, deixando marcas por onde meus dedos andavam. Quanto mais a tinha, mais queria. Era uma droga para mim, um vício, minha loucura e perdição. Estava me afogando em seu aroma, preso pelas correntes de seus braços, mesmo que parecesse o contrário. Estava feliz com aquela liberdade, limitada e restrita por sua presença ao meu redor.

Interrompi o beijo de repente, sem afastar muito nossas bocas. Quando falei, nossos lábios roçaram suavemente. Pressionei minha testa contra a dela e não desapertei meu abraço de aço, prensando-a inteira com meu corpo contra a porta.

– Preciso de você!

Antes que ela pudesse balbuciar alguma coisa sob sua respiração ofegante, a sufoquei

com outro beijo enlouquecido. Minha mão contornava as curvas de seu corpo esbelto e sensual como se o delineasse. Desci por seu quadril até a coxa e encaixei minha mão na curva do joelho. Com um puxão, ergui sua perna dobrada e envolvi meu quadril com ela.

Lara gemeu por dentro, já que meu beijo ininterrupto não lhe permitiu extravasá-lo. Sua resposta a meu desespero foi entrega imediata. Sabia que ela me desejava tanto quanto eu. Havia muita pressa. Nossos corpos se chamavam com uma exigência enlouquecedora. Precisava fazer parte de Lara, precisava me fundir a ela, precisava daquilo para continuar respirando.

Era como se o nosso tempo juntos estivesse se acabando. Não podia perdê-la, não podia deixar que partisse por aquela porta. Meu corpo queria gritar aquela necessidade latente. Eu me inclinei para, com conforto, erguê-la em meu colo. Foi fácil, seu peso era irrisório. Conectada à minha intenção, Lara ergueu a perna e a entrelaçou com a outra em volta do meu quadril.

Enquanto nossos corpos se encaixavam com sensualidade em meio a suspiros, como peças feitas uma para a outra, permiti que Lara respirasse e contornei o desenho perfeito de seu rosto até a orelha com meus lábios. Sua pele era tão saborosa quanto sua boca. Doce, aromática e sedutora. Não me cansava de prová-la, ininterruptamente.

– Você vai ficar comigo – sussurrei ao pé de seu ouvido.

– Sempre! – respondeu ofegante enquanto eu mordia o lóbulo de sua orelha.

Eu a amei de forma urgente, porém intensa. Minhas mãos inquietas vasculharam sua pele seminua. Minha boca devorou a dela incansavelmente. Suas mãos contornaram os músculos de meu corpo como se quisesse reproduzi-los ou decorá-los. Aquela mulher bela e contraditória, ora queria, outras fugia de mim, estava jogando comigo e entrei na brincadeira sem medo das consequências.

Sentia que explodiria a qualquer momento. Ela ainda seria a causa de minha morte, mas correria o risco. Soltei o peso de uma das mãos sobre a porta e Lara nem se sobressaltou com o som ao lado de seu ouvido. Com a outra mão, a apertei mais forte, mais perto, segurando seu quadril com firmeza contra o meu enquanto nos levávamos ao êxtase.

Por fim, exausto, minhas pernas vacilaram. Havia sido um dia de muitas emoções e extremamente longo. Abracei-a, deixando meu corpo escorregar, deslizando as costas da mulata rente a porta até o chão, sem forças para chegar até a cama. Lara nada disse. Em meio a uma respiração entrecortada, seus lábios buscaram os meus mais uma vez, de forma carinhosa, ainda que me parecesse sensual.

Repousou a cabeça em meu peito ainda coberto parcialmente pela camisa entreaberta e sorriu ao ouvir o som disparado de meu coração. Um sorriso discreto redesenhou meus lábios. Era ali que eu devia estar. A última coisa que vi antes de adormecer foi o primeiro raio do sol tocar a janela e invadir o quarto. Era o anúncio de um novo dia.

Ainda cambaleante, afetado pelo que acabara de acontecer, Alexandre tomou mais uma decisão. Poderia parecer impulsiva, mas não havia tempo a perder.

– Lucca, Marcel. – chamou baixo.

Em alguns segundos, os convocados se aproximaram sem dizer palavra, aguardando as instruções. Seus olhos ainda buscavam os de Tamires que estava absorta em algum pensamento bem longe dali.

– Marcel, siga Nicolas e Lara – falou o moreno voltando-se para o loiro. – Descubra onde moram. – Virou-se para Lucca e Mainá antes de acrescentar. – Vamos esperar os amigos de Nicolas irem embora para fazermos o mesmo. Vocês ficam de olho no casal e vão quando sair. Tamires e eu ficamos com os outros quatro.

Estavam tão concentrados que nem perceberam quando Marcel partiu. O loiro não teve dificuldades em cumprir sua tarefa. Pegou o casal entrando no automóvel perto do bar. Tomou um táxi que passava na rua movimentada e os seguiu.

O caminho era bastante familiar apesar do rapaz nunca tê-lo feito pessoalmente. Mas nos últimos dias já perdera as contas de quantas vezes seguira Nicolas por aquele trajeto. As baladas ficavam em pontos semelhantes da cidade litorânea.

Marcel podia se locomover sem dificuldade tanto na escuridão quanto no cenário montanhoso. Sentado ao lado do motorista do táxi, mantinha seus olhos vívidos no carro de Nicolas que Lara dirigia com prudência.

A orla estava movimentada apesar da noite avançada. Muitos jovens curtiam a madrugada como o casal que seguia agora e seus amigos. O lugar também estava bastante iluminado.

Por pura precaução, ou até mesmo exercício, Marcel rastreou a energia de Nicolas. Lá estava ela, flutuante e presente, apesar de levemente vaga, mas o loiro não esperava encontrar aquela força estranha tão perto e firme.

Era como um manto dourado poderoso cobrindo Nicolas por inteiro. Se o poder de Marcel precisasse tocá-lo, com certeza não conseguiria. Aquela proteção, como avaliou, atrapalhava um pouco seu dom, mas não o anulava totalmente.

Estreitou os olhos em busca de uma explicação plausível. Será que estiveram olhando para aquela energia de forma equivocada? Será que o objetivo dela não seria proteger Nicolas invés de atacá-lo?

Mas se fosse alguém tão preocupado com sua proteção, por que não se aproximava

deles? Será que também os via como inimigos? Ignorou os questionamentos inúteis e tentou buscar novamente o foco daquela força.

De repente, a luz da água-marinha toldou seus olhos de rastreador, cegando-o. Quem quer que estivesse por trás daquela magia, tinha a pedra como aliada. Isso o preocupou de novo. Alguém poderoso estava muito próximo de Nicolas.

Talvez não fisicamente, como esperavam, mas através de alguma entidade ou ser mágico e invisível, que o estaria envolvendo em sua rede de sedução. Só um ser muito grandioso poderia impedi-los assim de reconhecê-lo.

Temeu pelo pior outra vez. Não adiantava se iludir com suposições sem fundamento. O mais provável era que existissem mais seres do lado do mago negro do que do lado do bem, afinal. Depois de tantos anos de manipulação e magia, o mal estava enraizado na natureza, congelando seu coração.

O carro que seguiam sumiu em uma esquina à direita e Marcel sabia que haviam chegado. Viu quando Lara entrou com o carro na garagem do prédio de Nicolas. Sua intuição dizia que ela não sairia de lá tão cedo. Ainda assim, resolveu esperar até o amanhecer.

O beijo ainda era uma lembrança viva para Alexandre que lutava para manter o foco. Tamires não disse nada o deixando mais nervoso. O que ela estaria pensando? O que teria sentido? Mover-se e seguir ajudaria a distraí-lo. Não queria cometer uma loucura consciente.

Colocou na cabeça que não passara de um gesto desesperado, a única opção que tinham naquele momento. Duvidou que tivesse acontecido em outra ocasião. Quantas vezes estivera a centímetros de beijá-la antes daquele dia?

Agora que havia conseguido, não tinha garantias de que Tamires estivesse aberta para uma possível relação. O momento fragilizado pode ter aberto uma fresta, mas sabia que não passaria a amá-lo da noite para o dia.

Foco, Alexandre. Foco! Foco! Foco! Gritou consigo mesmo em pensamento. Fixou seu olhar no grupo confuso e preocupado que Nicolas abandonara. Para ele pareceu que somente naquela hora aquela jovem emburrada voltava a sorrir.

Tamires não sabia o que pensar. Por que fora tão natural tomar uma decisão como aquela? Tão impulsiva e, no entanto, o susto maior só viera depois, quando seus lábios se deleitavam com aquele beijo e seu corpo queimava de desejo.

Nunca tivera medo daquilo antes. Apesar de todos os sinais apontarem para aquele acontecimento, Tamires os ignorara. Preferira focar em seu próprio sofrimento a admitir que Alexandre mexia de uma maneira forte e incontestável com seu corpo e sua mente.

A ruiva se via confusa diante do óbvio. Sua dúvida se baseava em uma palavra. Estaria

atraída? Fascinada? Apaixonada? Qual definiria seus sentimentos nada novos, porém mais intensos pelo cunhado? Não, ele não era mais seu cunhado!

Ao seu lado estava um homem bonito, alto, moreno bronzeado, às vezes taciturno – mas capaz de demonstrar carinho verdadeiro –, inteligente, perspicaz, disposto a tudo para vê-la feliz. Um homem que, podia afirmar com certeza, seria capaz de amar.

E por que não? Para essa pergunta, Tamires não tinha resposta. Seus lábios ainda formigavam exigindo uma nova dose daquele beijo. Ignorou a sensação e voltou seu olhar para os amigos de Nicolas. Essa era sua missão. Vigia-los.

Mainá precisava se sentar. Seus pés doíam e o mal estar subia por suas pernas, deixando-as dormentes. Suspeitou que estariam inchados. Precisava erguê-los, porém ali não seria possível. Tentou esconder seu desconforto o máximo que pode.

Mas Lucca era capaz de vigiar o outro casal e ela ao mesmo tempo com a mesma atenção. Achava uma droga ser tão humana ao lado de um deus. E para piorar um pouco a situação, era uma humana grávida. Torceu o nariz.

Em seguida se censurou. Aquele era um momento mágico e único em sua vida. Fora criada para gerar o filho de um deus. Um privilégio concedido pelos deuses. Sentia-se abençoada. Pousou as mãos sobre o ventre como para se desculpar.

Amava profundamente aquele pequeno ser, fruto da união com seu predestinado. Era a serva de uma causa muito maior. Seria responsável pela continuidade de pessoas especiais como seu Lucca. De dois mundos distintos, nasceria um novo e único.

Olhou o rosto pálido e sardento de Lucca e viu nele a esperança. Reunia paz, verde e fogo em um conjunto harmonioso. As sardas associou à terra por sua cor bronzeada. Era a personificação dos quatro elementos. Divagar a ajudou a se esquecer das dores.

Lucca estava duas vezes ansioso. Via nitidamente o cansaço de Mainá e ao mesmo tempo não desgrudava seus olhos do casal. Queria partir em seu encalço, porém eram os menos preocupados com o sumiço de Nicolas e Lara, tão focados estavam um no outro.

Estava alerta, pronto para se mover quando se retirassem. Preferiu se afastar mais um pouco e levar a índia até uma cadeira. Sentou-se em uma posição estratégica a fim de não perdê-los de vista. Seu olhar cruzou com o de Alexandre que se desviou antes que pudesse ler seus pensamentos.

O rapaz soube, naquele instante, que algo perturbava o moreno. Procurou o olhar de Tamires e os percebeu sem foco. Havia acontecido algo entre eles. Esperava que não fosse um desentendimento. Precisavam muito estar unidos.

Os quatro amigos de Nicolas pareciam não se entender. Metade ainda queria curtir a noite e a outra parte que a dessem como encerrada. Então alguém propôs que fossem embora. Imediatamente, os músculos de Alexandre se contraíram em antecipação. Tamires se retesou ao

seu lado assim que sentiu sua reação à discussão.

Deixaram o casal para trás com uma despedida seca e saíram juntos em silêncio. Pareceu para Alexandre que Nicolas era o centro do grupo. Sem ele, a noite acabava. Não fazia sentido para o moreno, mas percebia que para eles sim.

Lançou um olhar breve para Lucca antes de se virar e puxar Tamires pela mão. Na calçada, viu os quatro passarem dentro de uma caminhonete cabine dupla brilhante em alta velocidade. Entraram no primeiro táxi que Alexandre encontrou e pediu ao motorista para seguir aquele carro sem que fossem vistos.

Tamires não tentou conversar, como era de seu feitio. O silêncio o incomodava a ponto de irritar. Aquela situação estava ficando insustentável. Precisava saber o que ela estava pensando, mas não tinha coragem de perguntar. O medo da resposta o mantinha calado.

Apesar de não se falarem, seus corpos se tocavam e suas mãos continuavam unidas. Alexandre não a soltara quando a puxou para dentro do táxi. Aquele mísero contato o alegrava e sobressaltava. Estaria se iludindo? *Com certeza*, respondeu mentalmente para si mesmo.

Com o canto do olho espiava Tamires e com sua atenção principal, seus olhos antecipavam na escuridão o caminho do automóvel que perseguiam. O rapaz ajudava o motorista a não perdê-los de vista, mantendo uma distância segura.

Aquele amor ainda o confundia, frustrava, irritava. Ao mesmo tempo, tornara-o escravo, submisso, obediente e não menos feliz. Uma felicidade que nunca concebera antes. O simples fato de Tamires corresponder ao seu carinho, já o enchia de uma alegria indescritível. Sentia-se bobo e ao mesmo tempo o homem mais feliz do universo.

Estar apaixonado era um estado de espírito instável e torturante. Ora uma alegria que extrapolava os limites de seu corpo físico, ora uma tristeza inconsolável, que esmagava seu coração contra as costelas. Tudo era muito intenso. Sentia-se em uma montanha russa.

Será que afinal de contas não tinha escolha? Lutara tanto, racionalmente, para não viver algo assim e agora estava preso por amarras invisíveis e fortes demais para que pudesse se soltar. O que faria depois? Depois que tudo aquilo terminasse e Tamires não o quisesse – ou não precisasse – mais ele por perto?

O que faria? Para onde iria? Que significado a vida teria depois de seu ‘não’ definitivo? O que faria se não pudesse viver aquele amor? Alexandre se proibiu de continuar tocando o assunto para esse caminho. Para quê sofrer por antecipação?

Ainda assim, seu corpo inteiro exigia mais de Tamires. A pequena amostra que tivera abrir a apenas o apetite voraz que seu corpo sofria pelo dela. Devorá-la, mesmo naquele carro, mesmo no meio de uma missão importante, mesmo com plateia, não tinha a menor importância agora.

Faria qualquer coisa para aquela ânsia passar de vez. Cada pequena porção só tornava o desejo maior, maior, e maior. Já não cabia mais dentro de seu corpo humano, apesar de forte e resistente. Ainda assim, tinha limites que desconhecia.

De repente, o carro parou. Estavam em frente a um prédio alto e luxuoso onde Alexandre viu a caminhonete entrar. Gravou o nome da rua e do edifício assim como o cenário ao redor como referência de endereço. Em seguida, solicitou ao taxista que fosse ao hotel onde estavam hospedados.

Sua voz soou baixa e rouca e o motorista teve dificuldade de entender. Alexandre sentiu a tensão e o nervosismo também em Tamires, pensou satisfeito que, pelo menos, não sofria sozinho. Aquela verdade lhe deu alguma esperança, bem lá no fundo.

O celular de Alexandre tocou e ele conferiu a bina. Ignorou a chamada e o recolocou no bolso. Tamires achou melhor não perguntar quem era, mas ficou curiosa. Seus dedos flexionaram automaticamente e o rapaz se virou para encará-la. A ruiva viu uma luz estranha no fundo escuro de seus olhos.

Vendo-se sozinhos e ansiosos por privacidade, o casal também resolveu partir, para alívio de Mainá. Lucca conseguiu com facilidade um táxi que acompanhou o grande carro do casal.

A índia nunca saíra do estado e, mesmo cansada, queria aproveitar ao máximo a viagem. Observou o caminho sem realmente se atentar ao trajeto. Concentrou-se na arquitetura, ora moderna ora da época colonial. Uma mistura que sempre a encantou.

As luzes ao longo do caminho descortinavam para seus olhos limitados o belo cenário a sua volta. Ao longe, mais luzes, em um desenho encantador, chamaram sua atenção. Somente quando se aproximaram percebeu que se tratava de uma ponte. Era uma das pontes sul da cidade que Lucca lhe mostrara no mapa, pela internet. A magnífica estrutura metálica ligava a capital a Vila Velha por sobre a larga Baía Vitória.

O cenário era lindo. Mainá se perdeu maravilhada com as montanhas e a cor da água colorida pelas luzes. A estrutura da ponte encantava mais ainda de perto e ficou seduzida pela harmonia entre a obra divina e a humana.

Aquela era a mesma situação que a sua, pensou. Uma reles humana companheira de um deus. O imperfeito e o divino, unidos harmoniosamente. A maior prova de que sua união era válida estava em seu ventre.

O sacolejar do automóvel acentuou a preguiça em seu corpo. Estava mole e entregue. Desejava muito fechar os olhos e dormir. Ao mesmo tempo, sua mente estava ligada, mas seu corpo tinha suas próprias limitações, ainda mais naquele estado.

Ao chegarem ao final da ponte, entraram na cidade entre duas montanhas gigantescas. Seguiram a estrada que virava abrupta para a direita ao pé do morro e seguia o contorno da formação rochosa.

Por fim, viram o carro estacionar em frente a uma casa, mas o casal não desceu antes de meia hora. O sol começava a nascer atrás do morro e já era uma batalha dura demais contra o sono para Mainá lutar.

Foram os trinta minutos mais longos da vida da índia. Quando finalmente entraram na casa, recebidos na porta por um senhor grisalho, voltaram para o hotel em Vitória.

Chegaram quase ao mesmo tempo e entraram no quarto maior para conversar. Fizeram um breve relatório sobre seus vigiados. Alexandre instruiu em seguida.

– Vamos descansar um pouco agora. Mais tarde nos reunimos. Continuaremos a vigiá-los. Precisamos descobrir qual deles pode ser o detentor da magia que sentimos.

Cansado como estava, Marcel não falou sobre suas suspeitas. Contaria quando tivesse certeza. Afinal, só os deixaria mais nervosos. Bocejou alto enquanto se despediam.

O grupo se dividiu novamente em dois. Alexandre lançou um último olhar para Tamires que leu em sua alma o desejo que havia por ela. Seu coração se apertou angustiado. Os próximos dias seriam difíceis.

RESSENTIDA

Aquele dia não começava bem para mim. Primeiro, despertei assustado com o som de uma porta se abrindo. E a maior decepção veio ao constatar que Lara tentava sair para o trabalho. Conferi a hora desnorteado e vi que eram dez da manhã. Sem sucesso na tentativa de persuadi-la a ficar, voltei para a cama – quer dizer, finalmente me joguei nela – para continuar dormindo. Não estava nem um pouco disposto a enfrentar o novo dia.

Estava de ressaca. Era raro, por mais boêmio que eu fosse, voltar para casa naquele estado lamentável. Havia perdido completamente o controle sobre mim mesmo em todos os aspectos e isso me assustava mais do que qualquer outra coisa. Nesse mundo, só sabia o que conhecia sobre mim mesmo. Meus limites, meus talentos, meus relacionamentos. Eu era um conjunto de tudo aquilo e feliz me sentia em conhecê-los muito bem.

Aqueles estranhos fenômenos – ou seriam impressões de minha mente doente? – estavam tornando minha vida um inferno astral, se é que isso realmente existia. Mas, naquele momento, podia acreditar em qualquer coisa. Que diferença faria uma loucura a mais ou outra a menos? Nenhuma. O que sofria era irreversível e se agravava a cada dia. O desânimo tomou conta de mim. Não me reconhecia mais. Quem era aquele Nicolas? Não gostava dele!

Na hora do almoço, Giovani apareceu em meu quarto, invadindo sem pedir licença. Meu amigo não conseguiu me convencer a me levantar, então, almoçou qualquer bobagem – adorava hambúrguer e refrigerante – e foi trabalhar.

Voltei ao meu marasmo preguiçoso e doloroso. Além de minha cabeça, meu corpo inteiro doía como se eu tivesse corrido uma maratona. Ai! Mudar de posição na cama era desconfortável, mas ainda assim não estava pronto para deixá-la.

Cochilava quando o telefone da sala começou a tocar. Eu o ignorei. Não levantaria nem se um incêndio ameaçasse o prédio, muito menos por causa daquele toque. Porém, o som mudou para a música da banda Capital Inicial no meu celular. Estiquei o braço sem nem mesmo abrir os olhos e tateei até encontrar o aparelho. Levei-o a orelha sem conferir a bina. Resmunguei um ‘alô’ baixo e mal-humorado.

– Nicolas? – perguntou a voz do outro lado da linha.

Dei um pulo, despertei e sentei na cama. Algo raríssimo acabara de acontecer. Minha mãe estava me ligando.

– Preciso te perguntar uma coisa – acrescentou depois que confirmei minha identidade meio alarmado.

Celeste Bertoldi me procurando? Aquilo era muito estranho. Estaria precisando de um

conselho na fábrica? Bem, saberia agora.

– Pode fazer – respondi firme.

– É verdade que está saindo de novo com Lara Costa?

Odiava o tom profissional de minha mãe – até mesmo o jeito esnobe com que pronunciava o nome da mulata – quando tratava de um assunto totalmente pessoal. Seria para não dar a entender que se importava? Mas só o fato de questionar a denunciava.

– Pelo amor de Deus, Celeste – retruquei –, estamos em pleno século vinte e um. Não acha que faz tempo demais que a escravidão foi abolida?

– Está insinuando que sou racista? – explodiu ela.

– Não, não estou insinuando nada. Estou afirmando com todas as letras.

– Ela não serve para você!

– A senhora já me disse isso uma vez.

– E você me deu razão.

– Naquela época ainda não sabia o que queria da vida – respondi com rapidez.

– E agora você sabe?

Minha mãe estava mudando de tática. Saiu do conselho profissional para o descontrole emocional e agora tentava me humilhar com seu cinismo. Ela não acreditava em mim. Suspirei.

– Posso perguntar por que isso é da sua conta? – questionei com um falso respeito.

A linha ficou muda por apenas dois segundos.

– Porque sou sua representante legal.

Que termo bonito para mãe! O que ela estaria insinuando? Que Lara só queria meu dinheiro? Que eu não era capaz de fazer minhas próprias escolhas? Que dependeria para sempre dela? Com uma tristeza verdadeira, falei em voz alta.

– Sinto muito, mas preciso desligar agora. A gente se vê na próxima reunião do conselho.

Antes que pudesse retrucar, desliguei o aparelho. Eu me levantei da cama sem pensar muito na conversa insípida e inacreditável que tivera com aquela que deveria me oferecer amor incondicional. Fui direto para o banheiro tomar uma ducha revigorante. Estava na hora de começar o dia com o pé direito.

Duas horas haviam se passado quando Tamires despertou com a voz de Alexandre sussurrando no corredor do hotel.

– Já avisei para você não me ligar! – pausa – Não interessa o motivo, se vira! É para isso que te pago uma boa grana!

A ruiva refletiu. Nunca soube quais eram os negócios de Alexandre, nem quanto ganhava com eles, mas nunca lhe faltava dinheiro, mesmo de férias por tempo indeterminado. Essas viagens pelo Brasil eram boa parte financiadas por ele.

– Não me ligue mais – continuou o moreno. – Quando puder, eu te ligo!

A ligação foi interrompida. Olhou para o lado. Mainá e Lucca dormiam profundamente abraçados. Podia ouvir Marcel roncando no quarto ao lado. Alexandre voltou para lá, mas inquieto foi para o chuveiro. Tamires ouviu o som da água sobre seu corpo e o pensamento de sua nudez fez seu próprio corpo arrepiar.

Suada, também resolveu ir para o banho. Uma ducha de água gelada seria capaz de apagar aquele fogo ousado que teimava em ressurgir. Queria entender o que era aquele sentimento, mas ainda não conseguia.

Trinta minutos depois, encontrou o moreno na recepção do hotel providenciando, via telefone, aluguel de carros. Em menos de dez minutos estava tudo resolvido. Admirava demais sua agilidade em solucionar e até antever problemas.

– Bom dia – cumprimentou. – Já tomou café?

– Bom dia – respondeu sorrindo. – Desacostumei a tomar sozinho. Ainda bem que você acordou para me fazer companhia.

Tamires se sentiu ruborizar, mas desviou o rosto para que o moreno não visse. Nos últimos meses, o ato de tomar café da manhã com Alexandre fora natural e despreocupado. Mas não hoje. Aquele seria no mínimo um dia estranho.

Foram em silêncio para o restaurante, passaram pela mesa central enchendo pratos e copos e se sentaram em um canto isolado do lugar quase vazio àquela hora da manhã. O sol forte invadia o recinto fazendo Tamires pensar em seu óculos de sol.

– Com quem estava falando ao celular? – puxou conversa a ruiva.

Alexandre parou de levar uma colherada de salada de frutas a boca para responder.

– Era do trabalho. Contratei um cara para fazer representação no meu lugar. Estamos dividindo a comissão.

Como sempre, sua voz era de uma tranquilidade sem par. E como o esperado, fora breve e direto, mas Tamires percebeu um pouco mais. Havia um toque sensual e sedutor que antes não a tocara. Hoje era outro dia. Não, não um como outro qualquer. Porém, o dia seguinte àquele beijo inesquecível.

– Vamos de carro alugado vigiá-los? – perguntou de novo.

Não queria ficar em silêncio novamente e também não queria perder a normalidade com Alexandre. Mas era óbvio que forçava a situação.

– Sim – respondeu depois de terminar de engolir. – Acho mais prático. Teremos mais liberdade para segui-los. Fora o custo que é menor.

– Hum – resmungou concordando.

Era difícil se concentrar no que ele dizia enquanto seu corpo ansiava por outro tipo de

contato. Não conseguiu pensar em mais nada para dizer nem perguntar. Alexandre também não fez nenhum esforço, mas isso já era característico dele. O silêncio preencheu a conversa até o final do café da manhã.

Seus olhos se cruzavam de quando em quando. A alma de Alexandre estava agitada e ansiosa, mas seu rosto era plácido. Tanto que Tamires demorou a detectar seu nervosismo. Ao final da refeição, ele começou a dizer inseguro.

– Tamires, sobre o que aconteceu...

A ruiva ia interrompê-lo quando ouviu Lucca, Mainá e Marcel saindo do elevador. O moreno percebeu e parou de falar imediatamente, meio sem graça. Parecia decepcionado com a intromissão.

O casal teve que esperar que os outros tomassem o desjejum. Enquanto comiam, Alexandre falava sobre seus planos matinais para a vigilância do dia, ou até dos próximos. O ponto de partida seria o apartamento de Nicolas.

Era necessário que verificassem primeiro seu despertar e sua rotina antes de partirem para a missão de encontrar aquela força teimosa e escorregadia. Seria um dia cheio, ainda mais se a turma do rapaz inventasse mais uma noite.

Em frente ao edifício – de um lado a civilização imponente e do outro o azul claro e vibrante do mar no canal longo da baía – presenciaram todos os dilemas matutinos de Nicolas.

Quando Lara apareceu na entrada, Alexandre já estava com o celular na orelha.

– Marcel, siga Lara. Não deixe de vigiar Nicolas.

O loiro partiu atrás do táxi da mulata. Alexandre já pensava em dispersar o restante do grupo quando Giovanni entrou no prédio. Demorou o tempo de uma refeição e saiu novamente. Nesse momento, ordenou a Lucca que o seguisse.

Foi quando já achou que estava tudo bem com Nicolas e que mais nada aconteceria de novidade quando o celular dele tocou. Alexandre e Tamires ouviram toda a conversa boquiabertos.

– É a mãe dele? – sussurrou a ruiva desnecessariamente.

– Ao que tudo indica, sim – respondeu também murmurando o moreno. – Não havia previsto isso. Acho melhor você ir atrás dela e eu fico com os outros quatro. Pegue um táxi – orientou – e peça ao motorista para levá-la a fábrica de aço Bertoldi.

O moreno lhe passou uma quantia absurda de dinheiro antes de deixá-la descer do carro. O contato físico fora breve, porém intenso, cheio de significado. O desejo por um beijo de despedida ficou suspenso entre eles quando se afastaram.

Tamires se sentia de volta a adolescência enquanto caminhava trêmula até o táxi. Orientou o motorista e apenas sentiu o carro sacolejar, mas não via nada. Nem percebeu quando estacionaram em frente à siderúrgica.

– Moça? Moça! – chamou várias vezes o taxista – Chegamos.

O tempo havia urgido. Quem lhe havia roubado? Precisava pensar, mas não conseguia. Precisava focar, mas também era difícil. Despertando, a ruiva olhou para o prédio imponente. Possuía vários andares administrativos e embaixo estava a fábrica, funcionando a todo o vapor. Na frente, uma enorme e abarrotada recepção.

– Moça? – voltou a perguntar o homem.

– Deixe o taxímetro rodando, por favor – respondeu Tamires sem se virar para o motorista.

Antes de tomar qualquer decisão, resolveu tirar mais informações do homem curioso que a espiava pelo retrovisor.

– Qual o nome do senhor? – perguntou se virando para o espelho central do carro.

O taxista piscou ao perceber que, finalmente, a linda mulher sentada no banco de trás de seu carro falava diretamente com ele.

– João e o seu?

– Denise – mentiu. – João, você sabe alguma coisa sobre essa fábrica e seus proprietários?

O senhor assoviou baixinho antes de responder.

– Se eu sei? Sou um dos poucos que conheceram o velho Bertoldi nos tempos áureos! – exclamou com nostalgia. – O homem não sossegou enquanto não teve tudo que sonhou. Pena que não viveu o suficiente para aproveitar seu sucesso ao máximo!

– Esse Bertoldi pensava muito em dinheiro? – estimulou ela.

– Não! – respondeu rapidamente o taxista. – Ele era um visionário nos negócios, mas também se importava muito com a família. Pena que se deixou conquistar por uma megera jovem, bonita demais e seca!

Tamires sorriu. *Será que ele finalizará todas as suas afirmações com parênteses?* Esperava que sim para que chegasse o mais perto da possível verdade sobre a família que adotara Nicolas.

– Seca? – instigou.

– A senhorita não é daqui – desviou-se do assunto. – Logo se vê por seu sotaque e suas dúvidas. – Riu sem graça. – Celeste Bertoldi, apesar de muito jovem quando conheceu Ângelo, é estéril. Bertoldi nunca conseguiu realizar o sonho de ter muitos filhos. Esperou muito tempo para se casar e quanto o fez, escolheu a mulher errada de muitas maneiras.

Como se confidenciasse um segredo de estado, o homem se inclinou no banco e passou a cochichar.

– Dizem que o interesse de Celeste no velho estava apenas nos milhões que ele

acumulara durante anos de trabalho. Tanto é que, mesmo com a adoção de Nicolas, Celeste fez de tudo para afastar o filho dos negócios do pai morto.

Para Tamires estava claro que parte daquela narrativa era exagerada. Parecia uma trama da novela das nove.

– Também dizem que o rapaz adotado leva jeito para os negócios e que Celeste o deserdou depois que ele se apaixonou por uma moça pobre e negra, mas parece que ele vive muito bem apesar de não ganhar nada da mãe. Nada do que lhe é devido.

– Como Nicolas foi adotado? – perguntou a ruiva.

– Ah! O coração do velho Bertoldi se compadeceu do órfão que encontrou sozinho e abandonado no litoral norte. Tenho para mim – confidenciou novamente – que ele teria enfrentado uma briga judicial pela guarda do garoto, mesmo se tivessem encontrado seus pais verdadeiros.

– Como Celeste reagiu à adoção? – essa era a questão mais importante para ela no momento.

– Ah, nada bem! Não acho que ela tenha espírito maternal.

Sua cota de perguntas havia acabado. Ficara satisfeita que o motorista fora objetivo e sucinto. Agora precisava ver essa mulher de perto.

– Como Celeste é? – lançou mais uma pergunta repentina.

– Baixinha, magra, pequena. Corpo bronzeado que acaba envelhecendo seu rosto mais do que realmente é. Cabelos castanho-dourados queimados do sol; olhos castanhos sérios e penetrantes. Uma cara amarrada constante de dar arrepios.

Um clássico sedan entrou no estacionamento da empresa naquele instante. Tamires observou atentamente para ver quem sairia do automóvel. Uma mulher com a descrição feita pelo taxista desceu do veículo assim que ele parou em frente à recepção. O carro arrancou novamente permitindo que visse seu andar duro e esnobe.

Aquela era a mulher indiferente que se dizia mãe de Nicolas. Seu irmão mais novo era órfão duas vezes. Sentiu raiva de Celeste por não ser capaz de dar amor para o único filho que teria. Que tipo de sentimentos a movia, afinal?

Sentiu gana de sair do táxi e dar um cutucão nas costas da empresária somente para ter a oportunidade de olhar em sua alma e saber toda a verdade escondida ali. Mas se segurou. Precisava armar a situação adequadamente.

Ouviu a voz aguda e nada simpática de Celeste ao cumprimentar a recepcionista de maneira automática. A funcionária respondeu com um murmúrio distante. A empresária não parecia ter um bom relacionamento com ninguém, concluiu. Era uma solitária e infeliz mulher rica e esnobe.

Foi com ansiedade tremenda que acompanhou os passos curtos e cadenciados de Celeste

pelos corredores do edifício. Sentiu que a mulher subia até o último andar, onde deveria ser sua sala.

Tinha ânsia de encarar aquela mulher estranha e distante. Ficou tão concentrada nela, mesmo sem poder vê-la através das janelas reflexivas, que se esqueceu do motorista. Por muito tempo prestou atenção a cada respiração que saía de sua boca.

O *toc toc* de seu salto ressurgiu muito pouco. Somente ao final do expediente aumentou a intensidade junto com outros. Era também uma mulher pontual e sistemática, refletia. Gostava de cumprir horário.

Agindo por impulso, antes que os passos recomeçassem na recepção assim que o elevador parasse, desceu do carro e entrou sorrateiramente na empresa pelo estacionamento principal. Ficou parada do lado de fora da porta, como se esperasse alguém.

O som do sapato era inconfundível no piso frio e liso. O andar da empresária acompanhava as batidas fortes de seu próprio coração. Quanto mais ela se aproximava, mais ele bombeava apressado.

Um segundo antes de Celeste cruzar a porta de vidro, se virou para a direção prevista, antecipando o encontro de seus olhares e a revelação de uma verdade importantíssima para Nicolas.

Amargura. Ressentimento. Solidão.

Esses foram os sentimentos que emanaram da alma de Celeste. Uma alma sem brilho, pálida e sem graça, ferida, machucada, triturada durante anos a fio. Não pode deixar de sentir pena, apesar da raiva que outrora nutria. Precisaria de muito mais tempo e contato para saber mais.

Porém, saiu dali satisfeita por não encontrar ódio. Já que Celeste era apenas uma humana comum, cheia de defeitos e quase nenhuma qualidade, pelo menos não nutria sentimentos destrutivos quanto ao filho ou outros. Era apenas uma mulher infeliz. Portanto, a deixaria curtindo sua própria infelicidade tratada com tanto esmero.

O celular pré-pago tocou no segundo em que Lucca Gonçalves avistou Giovani Pagotto saindo do prédio de Nicolas Bertoldi. Deu partida no carro ao mesmo tempo em que atendia a ligação, sobressaltando uma sonolenta Mainá. Alexandre o instruiu a seguir o veículo do capixaba.

Atento, o acompanhou durante todo o trajeto até o distrito industrial da cidade prestando atenção ao que ocorria. O rapaz não fez nenhuma pausa, a não ser as obrigatórias. Falou ao celular com a noiva por alguns minutos. Em seguida atendeu a outros telefonemas enquanto dirigia sem pressa. Em um deles, notou que falava com o pai.

O ruivo parou em frente à grande empresa enquanto acompanhava o caminho, depois os passos e a voz de Giovani Pagotto no interior do prédio. O aroma doce e saboroso de cacau invadiu seu organismo muitas quadras antes de chegar ali, onde era mais acentuado. Mainá só o reconheceu quando estacionaram.

– Ai, Lucca, que vontade de comer chocolate!

Como não podia deixar de acontecer, a índia sentiu desejo por aquele alimento doce. Era a primeira vez que ela pedia algo para saciar sua vontade. Por isso, o marido se apressou em satisfazê-la. Deixou-a no carro e resolveu fazer uma tentativa ousada. Parou em frente à guarita da fábrica e chamou a atenção do guarda de plantão.

– Boa tarde – cumprimentou sorrindo sem jeito.

– Boa tarde, senhor – respondeu o homem do outro lado do vidro.

– O senhor trabalha aqui há muito tempo? – puxou conversa.

Procurou ser o mais simpático possível. Os olhos do homem lhe responderam antes de sua boca. *Vixi! Que pergunta mais estranha. O que esse moço quer?*

– Há muito tempo, desde quando a fábrica abriu as portas nos fundos de uma área bem menor que essa.

– Ah, que legal! – Não sabia bem o que responder, por isso apressou-se em ser mais direto, não era bom em enrolar. – Sabe o que é, minha mulher está grávida, ali naquele carro prata, e está morrendo de vontade de comer chocolate. – Riu nervoso – E sabe como é desejo de grávida, não é? Tem que ser esse chocolate, não pode ser de outra marca. Será que o senhor não consegue arrumar um pedaço para mim?

O homem sorriu amistoso. *Ah, sei bem como é isso*, pensou ele e respondeu em voz alta.

– Claro, meu rapaz. Desejo de grávida não pode ser ignorado.

Pegou o telefone e tirou do gancho apertando um dos inúmeros botões do aparelho PABX. Lucca ouviu uma voz macia e cordial atender do outro lado. *Que gente bem-humorada,*

pensou. A conversa não durou muito e terminou com a garantia de que o outro traria à guarita o desejado alimento em alguns minutos. O ruivo não tinha muito tempo.

– Então, o senhor deve conhecer bem os proprietários – questionou ao desligar a linha.

– Ah, sim – respondeu orgulhoso. – O senhor Pagotto trabalhou muito até que a empresa decolou. Agora seu filho, Giovani, está tocando o negócio. Tem muita competência, meu patrãozinho. É bastante responsável. Não tem cabeça avoadada como a maioria dos jovens.

Lucca achou contraditório já que o vira na balada até o amanhecer no meio da semana, mas não discutiu com o homem.

– Ele é muito jovem? – continuou cutucando o assunto.

– Pouco mais de trinta anos. Está noivo de Milene Agostini e deve se casar muito em breve. Não se desgrudam – riu o porteiro.

Sem saber mais o que perguntar, Lucca ficou em silêncio. O porteiro também não falou mais nada, pensando que já tinha dito demais. Um rapaz se aproximou com uma embalagem térmica nas mãos.

– Aqui o chocolate que me pediu – disse entregando ao porteiro.

O guarda o tomou para depois entregá-lo ao ruivo que agradeceu tímido com um enorme sorriso. Ao voltar para o automóvel, Mainá dormia toda torta. Teve pena do mau jeito em que estava, mas também não queria acordá-la. Entrou o mais silencioso que pode e deu uma volta no quarteirão para enganar o porteiro. Ao voltar, conseguiu uma sombra que os manteve ocultos.

Mainá Kadiwéu sonhava. Estava em um campo aberto e luminoso com o frescor da manhã. O horizonte infinito a sua frente. O sol brilhava intenso, mas não a feria, nem seus olhos, nem seu corpo. Era um lugar que não conhecia.

– Parabéns, filha de Tupã!

Uma voz ecoou forte como um trovão ao seu redor. Não a amedrontou, porém demorou um pouco para descobrir de onde vinha. Um ser iluminado, um espírito envolto em luz, falava com ela.

– Você foi escolhida para trazer ao mundo o ser capaz de realizar a mudança necessária. Mainá pousou a mão sobre o ventre instintivamente e temerosa.

– Não tema, filha. Sempre estarei com ele. Seus feitos serão grandiosos e importantes para a humanidade e o planeta.

– Quem é você? – perguntou ela.

– Sou o espírito que rege a natureza. Sou eu que lhe dá vida, beleza e força. Eu me retirei da Terra há trinta anos, porém meu retorno será em breve. Você precisa ser corajosa para enfrentar tudo o que virá.

– E o que virá? – amedrontou-se.

– Não se preocupe. Sua coragem nata lhe permitirá resistir. Você não enfrentará nada que não possa suportar. Por isso foi escolhida.

Mainá estremeceu. Imaginava que seu filho seria especial, mas nem tanto. Vendo sua dúvida, o espírito voltou a falar.

– Os protetores da natureza abrirão caminho para meu retorno e nada mais justo do que de um deles nascer aquele que terá o privilégio de me receber. – Sorriu amistoso. – Mantenha a humildade e o foco durante os próximos meses, filha de Tupã. Em seu devido tempo, tudo se encaixará.

Uma paz a invadiu quando a luz a tocou. Cresceu tanto que ofuscou suas vistas. Quando se extinguiu, estava novamente sozinha em meio a natureza exuberante. Cumpriria seu papel como genitora de um espírito de luz e de vida, pensou.

Quando abriu os olhos, não tinha medo nem receio algum de seu chamado. Estava pronta. Seu corpo, outrora cansado, estava revigorado após esse curto sono e um belo sonho. Seu olhar encontrou o de Lucca sentado no banco do motorista. Estava preocupado.

Não se preocupe, amor, pensou a fim de tranquilizá-lo. Já estou me sentindo nova. Lucca sabia que a índia – e nem ninguém – podia mentir para ele em pensamentos. Imediatamente se acalmou. Estendeu o chocolate para ela.

– Você conseguiu! – exclamou satisfeita agarrando o doce.

O rosto de Mainá estava iluminado de alegria. Lucca sorriu com seu gesto infantil.

– Diga para mim. – falou ela entre uma mordida e outra – O que é que você não consegue?

Encabulado, apenas sorriu para ela. Tratá-lo como um ser perfeito o deixava sem graça. Não soube o que dizer.

– Como estão as coisas com Giovani? – perguntou a índia de novo assim que pode.

– Estou acompanhando sua rotina e o rapaz lembra muito a mim mesmo. Diretor sério, responsável, realiza o trabalho com comprometimento.

– E você acha que ele representa algum perigo para Nicolas?

– Não. Não há nenhuma manifestação de energia nele ou ao seu redor. Ele é um humano comum, cercado por outros como ele.

– Então o que estamos fazendo aqui ainda? – não estava irritada, apenas curiosa.

– Garantindo que ele não esteja guardando nenhum segredo.

Mainá podia compreender aquilo, mesmo não podendo ajudar. Faria de tudo pelo menos para não atrapalhá-lo.

Aproveitando que a índia estava acordada, o ruivo passou o resto da tarde narrando os

pormenores do cotidiano de Giovani. Saiu do carro mais duas vezes em busca de comida e bebida.

Mainá ouviu com interesse o dia a dia de um empresário. Os problemas a solucionar, os telefonemas infundáveis a atender. As pessoas a responder: fornecedores, empregados, secretários, copeiros.

Achou bonito que, mesmo sendo um rapaz ocupado, não perdia o bom-humor nem a compostura. Tratava a todos com a mesma deferência e respeito, fazendo até brincadeiras divertidas e convites para passeios.

Ficou tentada, em vários momentos, a mudar de assunto e compartilhar com o marido o estranho sonho que tivera. Por mais que tivesse fé, Mainá não tinha certeza de que o espírito realmente tivesse visitado seus sonhos para lhe dar aquela mensagem.

Pelo conhecimento que tinha sobre os espíritos iluminados e a maneira com que se comunicavam, aquele não seria o único contato. Ou, no mínimo, receberia um sinal que confirmaria suas palavras. Como ele mesmo havia dito, tudo aconteceria a seu tempo.

Por outro lado, Lucca não era tão espiritualizado quanto ela. Não acreditaria em uma só palavra do que diria. Talvez, refletiu, ficaria mais preocupado com o bebê, principalmente pelas dificuldades que o filho enfrentaria no futuro, ou mesmo agora, durante a gestação.

Mainá também pesou a responsabilidade de gerar e proteger um ser iluminado que, provavelmente, correria riscos de vida para cumprir sua missão. Enfim, entendeu que os deuses não lhe deram apenas um homem ideal, mas também um filho abençoado. Lágrimas de alegria e ao mesmo tempo de medo escorreram por sua face.

Era apenas uma humana como outra qualquer. Por que fora escolhida? *Por que Tupã me deu uma missão suicida? O que eu tenho de tão especial para suportar o peso de ser mãe de um espírito iluminado?* Sem questionar mais, calou seu medo e dúvidas e decidiu que faria tudo que fosse necessário para cumprir sua missão pessoal: trazer ao mundo aquele que seria o espírito da natureza.

– O que foi, meu amor? – *Xi, Lucca percebeu!*, pensou se virando para ele. – Está sentindo alguma dor?

– Não, querido. Não se preocupe. São apenas os hormônios – e sorriu envergonhada.

Manteve o contato visual e a mente vazia para provar a Lucca que não escondia nada. Mas sabia que não podia segurar a verdade por tanto tempo, então voltou os olhos para o outro lado e pediu mais comida a fim de mudar o foco.

Nesse curto tempo sozinha, tratou de se recompor e encerrou esse assunto em sua mente. Não havia porque antecipar os acontecimentos. De nada adiantaria ficar ansiosa ou orgulhosa, se na hora em que os fatos se desenrolassem, não estivesse pronta ou atenta. Teria que

fazer por merecer essa grande honra.

Lucca voltou com a comida e prosseguiu com seu relatório sobre tudo que via e ouvia no prédio. O anoitecer se aproximava e, com isso, a movimentação começou a diminuir no interior da empresa. Muitos carros saíam do estacionamento e lotavam a rua que ficava cada vez mais cheia.

Giovani Pagotto foi um dos últimos a sair depois de se despedir de uma secretária exausta. Ia sorridente, em seu carro de luxo, já com o fone do celular conectado a orelha. Mesmo sem poder olhar diretamente em seus olhos, Lucca pode adivinhar para quem o rapaz ligava.

E ele foi direto para a casa da noiva. Tiveram um encontro apaixonado no portão onde Milene o esperava. Depois de um beijo de tirar o fôlego, encostaram as testas e Giovani sussurrou.

– Case comigo!

– Sim – respondeu sorrindo e ofegando.

– Amanhã!

– Amanhã? – afastou-se sorrindo. – Por que não agora?

– É sério, Milene. Não quero esperar mais!

– Nem eu! Vamos ver qual a data mais próxima no cartório.

– Já fiz isso – sorriu maliciosamente.

– E?

– Trâmites legais e tudo mais, temos quinze dias.

– E a igreja?

– Podemos ir à paróquia já!

O casal voltou para o carro e partiu para a igreja com Lucca bem atrás. Mainá estava distraída com as guloseimas que o marido lhe trouxera. O rapaz havia observado todos dentro da casa e na vizinhança de Milene e também não percebera nada anormal.

O trajeto mostrou um pouco mais de Vila Velha para o pantaneiro. Era uma cidade parecida com Vitória, porém menos glamorosa. Conversaram com o padre somente por trinta minutos e voltaram para a casa dela a fim de comunicar a data para os pais.

Somente após o jantar Pagotto finalmente voltou ao apartamento a fim de conversar com o melhor amigo e descansar para recomeçar tudo no dia seguinte. Lucca tinha certeza de que seria ainda melhor que hoje para o jovem Giovani.

Mainá pescava novamente quando arrancou de volta ao hotel. Fora um dia longo, entendia o cansaço da moça apesar de não se sentir nada cansado. A adrenalina ainda pulsava em seu corpo motivando-o a seguir o plano. Mesmo sendo um dia sem grandes acontecimentos, a importância daquela investigação o motivava.

INTUITIVA

O suave rastro dourado não permitia que Marcel perdesse o trajeto de Lara. Aquilo fez com que acendesse uma luz de advertência na mente do loiro. Aquela força estranha não estava atrás de Nicolas, mas sim da mulata, ou melhor, da pedra. Quem quer que a estivesse perseguindo, sabia que o elemento nada seria sem a chave. Mas se estava tão próximo, por que ainda não a levava? O que estaria esperando?

Com sua visão periférica, buscou possíveis focos, depois se repreendeu. Jamais reconheceria com seus olhos, somente com os da alma. Sem fechar os olhos, a fim de não perder Lara e seu táxi de vista, rastreou a energia resplandecente até alcançar a mulata.

A força dourada estava toda espalhada no interior do carro que seguia, ao redor da moça e do motorista. Era impossível reconhecer a origem e isso o irritou. Parecia uma brincadeira de muito mau gosto.

De repente, sem aviso ou motivo – pelo menos não percebera nada, nenhuma mudança significativa ao redor – a energia se esparramou por toda a parte. Era como se estivesse em todo lugar e ao mesmo tempo em parte alguma.

Riu sarcasticamente. Se já era impossível antes reconhecer o portador, agora então teria que desistir. Não tinha conhecimento suficiente da língua para encontrar uma palavra que definisse aquilo. Só teve uma certeza, fora percebido pelo possível inimigo. Desacelerou o carro tomando cuidado para não se afastar demais de seu foco. Esperou, tenso, que algo o atingisse. Redobrou a atenção.

Os segundos passaram. Nada aconteceu.

Teve um estalo. E se aquilo fosse uma armadilha ou um truque apenas para desviá-lo do foco? Imediatamente procurou por Nicolas e o encontrou esparramado preguiçosamente em sua cama, cercado pela força dourada que agora o confundia.

Enquanto se certificava de que estava tudo bem com o rapaz – também percebeu que os outros ainda estavam parados em frente ao prédio – Lara descia do táxi e entrava correndo em um prédio alto e chamativo. Estacionou em frente alguns segundos depois, acompanhando o som dos passos da jovem.

Ouviu quando cumprimentou a todos que encontrou pelo caminho sem parar até alcançar uma sala ao final do que pareceu um comprido corredor.

- Bom dia – uma voz masculina riu quando a viu entrar esbaforida.
- Quase boa tarde – riu outra voz, agora feminina.
- Desculpem – a voz de Lara soou sem graça. – Perdi a hora.

– Fico imaginando o porquê – a voz da outra moça era sarcástica.

– Pelo amor de Deus, Lara, você não cansa? – a voz masculina explodiu em espanto.

Dessa vez, Lara riu alto.

– Sabe, agora que perguntou e me fez refletir, cheguei a conclusão de que não me canso nenhum um pouco.

– Esse homem está sugando sua energia vital – prosseguiu a voz masculina.

– Cala a boca, Alessandro. Você não está percebendo que esse tal Nicolas só está fazendo bem a ela? Olhe para Lara. Está até mais bonita! Os olhos dourados estão vivos e brilhantes, e nada de olheiras – apontava a voz feminina. – O cabelo está sedoso e bem arrumado. E a pele! Perfeita e macia como pêssego. Que inveja, meu Deus! Por que não ganho um homem desses de presente?

– Ah, para vai, Carla. Você está exagerando – retrucou sem graça Lara. – Mas uma coisa é verdade. Sinto-me muito bem! Nem parece que fui dormir ao amanhecer.

Foi obrigada pelos colegas a narrar detalhes sobre a longa noite que tivera com Nicolas. Omitiu boa parte deles, principalmente os mais íntimos. Marcel havia ouvido tudo – que se permitiu – durante sua vigilância. Quando percebera o que estava acontecendo entre eles, tentara desviar sua atenção para possíveis energias estranhas ao redor. Bastaria se concentrar em Nicolas para ter presenciado, em sua mente, toda a cena, o que não seria nada moral.

Tinha que manter o foco na missão, mas a sensualidade de Lara e a fome de Nicolas não ajudavam em nada. Nesses momentos, se obrigava a fugir dali, indo ao encontro de Suzane do outro lado do país, em seu quarto escuro.

A descrição da colega sobre a mulata fez seu corpo latejar. Reprimiu a sensação imediatamente. Odiava sentir fraquezas tão humanas. Será que se livraria disso algum dia? Começava a admirar Alexandre por sua atitude irrepreensível, apesar da atração que sentia por Tamires. Ele nunca perdia o foco.

Lara cortou o assunto levando os colegas de volta ao trabalho. Haveria uma reunião importante após o almoço e ela repassou os detalhes do projeto de marketing com os dois, orientando ajustes necessários.

Marcel a admirou mais ao reconhecer sua inteligência e competência como gerente de marketing daquela grande companhia. Ficou ansioso em acompanhar a apresentação de mais tarde.

Ao finalizar os últimos pormenores do trabalho, Lara acompanhou os dois colegas até um restaurante próximo onde almoçariam. A mulata foi bombardeada novamente com brincadeiras e perguntas sobre Nicolas.

Sentir o cheiro de comida só atizou sua fome e Marcel resolveu entrar e comer também.

Quando passou pela entrada do restaurante, Lara se virou e olhou em sua direção. O loiro achou estranho, mas fingiu que nem a notara. Sentou-se o mais distante que pode.

– Ei, Lara – chamou Carla. – Estou falando com você. Dá para parar de olhar para o lado?

– Desculpe – respondeu tentando evitar o loiro e falhando.

Marcel via tudo com sua visão periférica. Ficou preocupado. Talvez ela o tivesse reconhecido da balada, por mais distante que estivesse. Assim que seu enorme prato chegou, mergulhou nele fingindo não prestar atenção em mais nada.

– O que foi? – questionou Alessandro.

– Nada – respondeu Lara vagamente.

– Alguma coisa a perturba – retrucou.

– O que tem aquele loiro? – perguntou a moça. – Você o conhece?

Marcel estremeceu à menção. Todos o haviam notado. Fora um erro entrar ali.

– Não – relutou Lara. – Vocês já tiveram a estranha sensação de serem seguidos?

Os dois riram alto e Marcel relaxou os músculos.

– É sério – protestou. – Estou com essa sensação desde que saí do apartamento de Nicolas.

Então, Lara o percebeu há muito tempo. *Intuitiva*, pensou ele. Cada descoberta sobre ela só o fazia admirá-la mais e compreender porque Nicolas se sentia tão atraído por ela.

– Ah, para, Lara! – exclamou Carla.

– Você está ficando paranoica! – acrescentou Alessandro revirando os olhos.

Lara não insistiu e mudou de assunto. Tirou o foco sobre si e falou sobre outras coisas. O almoço transcorreu sem mais sobressaltos e o pequeno grupo voltou para a empresa. Marcel esperou que saíssem para se levantar. Tomaria mais cuidado a partir de agora. Lara era mais esperta do que imaginara.

Quando chegou ao carro, procurou rapidamente pela voz da mulata e a encontrou em sua sala no prédio. Mudou o automóvel de lugar depois de dar uma volta no quarteirão. Tudo para que Lara não o notasse na saída.

A reunião começou poucos minutos depois em uma grande sala andares acima. Ouviu um amontoado de vozes que encheram o ambiente. Lara deu início à explanação depois que todos se acomodaram e silenciaram.

O projeto para nova campanha incluía várias ações, inclusive em diversas áreas. O trabalho da equipe de Lara abrangia o Brasil todo, respeitando as características e diferenciais de cada região. Um projeto complexo e fantástico que deixou Marcel boquiaberto.

Foi a hora mais curta de sua vida tão interessado estava na reunião. Os murmúrios de

aprovação e respeito pelo trabalho dos profissionais confirmaram a Marcel o que já sabia. Os três deixaram a sala de reunião orgulhosos e animados para dar início ao projeto imediatamente.

– Obrigada, pessoal – agradeceu Lara ao entrarem na ampla sala destinada ao departamento de marketing.

– Imagina, Lara – respondeu Carla.

– Sua apresentação foi impecável – disse Alessandro.

– Mas de nada valeria se o projeto não estivesse à altura e eu jamais conseguiria sozinha.

Generosa, pensou Marcel. *Uma boa chefe sabe reconhecer a importância e o papel de cada membro da equipe.* O loiro começava a ficar fascinado por aquela mulher. *Nicolas é um cara de sorte*, concluiu. Lara abraçou os colegas feliz demais com o sucesso da reunião e em seguida mandou os dois para suas respectivas funções a fim de tirar o projeto do papel o mais depressa possível.

Em um estalo, Marcel se lembrou de olhar para Nicolas. Já fazia algumas horas que não o vigiava. Em um segundo estava no apartamento vazio do rapaz. Não havia mais ninguém de seu grupo por perto.

Rastrou até encontrá-lo a poucos quilômetros de casa subindo um morro correndo. Ficou cansado só de vê-lo suando embaixo daquele sol quente. Não deveria, já que sabia que seu corpo suportaria o esforço, mas era algo que não o atraía. Atividade física, definitivamente, não era seu forte.

Manteve os olhos fixos no prédio e a alma ligada ao rapaz. Acompanhou todo seu trajeto até o topo da montanha onde encontrou um lindo parque. Constatou que havia muitas áreas preservadas na cidade, ricas em espécimes nativos da Mata Atlântica.

O aquariano contemplou a natureza de uma maneira diferente, percebeu Marcel. Não a encarava mais como apenas um belo cenário, mas com reconhecimento de sua importância sobre a vida de cada ser do planeta, como parte pulsante dela. Ao olhar para ela, via um ser vivo, vital, complementar.

Essa constatação o deixou satisfeito. A própria natureza o estava convencendo de seu papel. Se o tocara era porque seu coração estava aberto e convencido, apesar de sua mente racional ainda relutar veementemente. Havia alguma chance de sucesso naquela missão.

Por todas as etapas que já havia passado da transformação, Marcel sabia que a última estava muito perto de acontecer. Também sabia que seria o teste final para ele. Ou aceitaria de uma vez por todas seu destino ou o recusaria com determinação ainda maior.

Havia uma tênue linha entre a razão e a emoção que se convergiam dentro dele ferozmente. E também sabia que essa linha só poderia ser rompida com uma coisa: fato concreto, provado e indiscutível. Jamais cederia por instinto, muito menos pelo entusiasmo.

Somente fatos irreversíveis tornariam sua razão parceira dessa jornada.

Estava acostumado com sua vida, a seguir seus instintos também, mas apenas sobre aquilo que conhecia e dominava. Não era bom com fatos novos e inexplicáveis, ou até mesmo absurdos como as novas mudanças.

Ignorá-las não resolvia o problema, mas adiava uma decisão e Marcel sabia que ele faria isso até onde pudesse empurrá-lo. Mas também tinha esperança de que a última etapa lhe trouxesse a certeza que procurava. Afinal, experiência de quase morte causa grande impressão.

Marcel o acompanhou de volta ao apartamento e um almoço tardio e solitário. Também o achou meio para baixo. Muita coisa deveria estar revolvendo em sua mente. Daria tudo para saber. O loiro ainda notou que há um tempo não se esforçava nem procurava trabalhar. Sua mente deveria mesmo estar muito perturbada.

Tomou outra ducha e voltou para a cama. Marcel riu quando o viu apagar rapidamente. Voltou, portanto, toda sua atenção para Lara. Acompanhou o som de sua voz o restante do expediente.

Ao final do dia, a moça foi para casa de carona com o colega. O loiro a viu descer do carro com certo pesar, embora estivesse bem desperta. Pareceu relutar em frente ao prédio. Fez menção de entrar, mas antes se virou direto para o carro prata parado na esquina. Suspirou aliviado por estar escuro suficiente para que os olhos dela pudessem percebê-lo.

Porém, achou que o observou tempo demais para alguém que não podia enxergar bem. Estreitou os olhos tentando entender, mas eles não podiam ler sua alma. Em seguida, ela deu um passo para a frente e sumiu atrás da construção.

Ainda assim, permaneceu diante do edifício tempo suficiente para acompanhar toda a rotina doméstica da jovem. Não ouviu mais sua voz e concluiu que morava sozinha. Teve pena. Devia ser muito solitário. Seus olhos vislumbraram a janela iluminada de seu apartamento. Lembrou-se de quando entrara sorrateiramente no prédio de Carolina, em Foz do Iguaçu, atrás de Tamires.

Nesse instante, a mulata apareceu na sacada olhando para baixo direto para ele. Engoliu em seco. Ela não fez nenhuma questão de se esconder. Ao contrário, seu rosto era severo, como se fizesse questão de deixar claro que o havia percebido.

– Droga – sussurrou ao dar partida no carro e zarpar antes que a moça chamasse alguma autoridade.

Será que havia estragado tudo?

FANFARRÕES

Alexandre foi o último a sair da frente do prédio de Nicolas naquela manhã. Antes de partir, se certificou de que deixava o rapaz em segurança. Ao redor do prédio não percebeu nenhuma força. Contava que Marcel o estaria vigiando à distância.

Parou em frente ao edifício onde os quatro amigos de Nicolas entraram ao amanhecer daquele dia. Procurou pelas vozes familiares. A primeira que ouviu foi a de Michele, a moça mal-humorada. Parecia um pouco pior aquela tarde. Desabafava com alguém.

– Não entendo mesmo! O que aquela negra tem que eu não tenho? Por que Nicolas ficou tão fascinado por ela? Tenho certeza de que sou mais bonita, além de ter dinheiro e ela ser um pé-rapado! Eu não consigo aceitar ser trocada por ela! Estava tão perto de conquistá-lo.

– Michele, sei que me chamou aqui apenas para que a ouvisse, mas tenho que abrir seus olhos. – Alexandre reconheceu a voz de outra moça: Daniela – Você nunca esteve nem perto de conquistá-lo. Ele ficou com você porque ele não sabe resistir à mulher nenhuma. Não se esqueça de que também já fiquei com ele e nem por isso me iludi.

– Cala a boca, Daniela! Nem me lembre de que você também o pegou. Que ódio! Mas eu sempre fui privilegiada. Já fiquei com ele várias vezes. Por que ele a escolheu?

– Quem entende o coração, Michele? É a mesma coisa se te perguntar por que se permitiu se apaixonar por ele. A gente simplesmente não escolhe!

– Não admito! – vociferou a tal Michele. – Você não sabe o que é ser rejeitada e trocada pelo homem que tanto deseja. Pode ter certeza de que isso não ficará assim.

– O que você vai fazer, Michele? – preocupou-se a outra. – Quer saber, que se dane! Não vou ficar aqui ouvindo seu surto. Não quero compactuar com sua loucura. Prezo a amizade de Nicolas mais do que qualquer tipo de relacionamento passageiro que tivemos.

– Isso mesmo, vá embora, derrotada! Abandona o jogo antes do apito final.

– Não tem nada a ver. Aprendi a gostar e admirar Nicolas porque ele é sincero. Pode sim ter ficado comigo uma vez, mas nunca me fez promessas de amor. Ao contrário, na amizade sempre pude contar com ele. Não tenho ressentimentos.

– Não estou ressentida – berrou novamente Michele. – Estou magoada. E eu não vou descansar até destruir a relação dele com aquela mulata quebra-barraco.

– Não faça isso, Michele. Você pode perder tudo, até o respeito de Nicolas.

– Não. Não tenho muito mais a ganhar. Não quero mais nada se não for o amor dele. Não aceito migalhas.

Alexandre ouviu a porta bater violentamente.

– Falsa – sussurrou Michele furiosa.

O moreno não gostou da ameaça da jovem. O que pretendia? Teria algum poder? Ou um amigo que pudesse fazer realmente algum mal a Nicolas? Procurou alguma energia ao redor e não encontrou nada. Sabia que era uma humana comum.

Esperou atento a fim de perceber qual seriam as próximas ações. Ouviu quando teclou números no telefone. O nome que ela pronunciou não era comum nem estava entre as relações de Nicolas que conheceram ontem. Mas ao final a par do motivo da revolta de Michele, se uniu a ela apoiando sua fúria.

Alexandre ficou em alerta. A fila de amigos e inimigos do jovem só aumentava. Isso o preocupou ainda mais. O perigo poderia vir de onde menos esperava. Prestou atenção a conversa. Ouviu outros nomes, mas nenhum plano completo.

A vigilância sobre Nicolas deveria ser dobrada. Depois que encontrasse todos, mais tarde, e ouvisse os relatórios, seria mais fácil e correto tomar uma decisão acertada. Ouviu as entediantes ligações de Michele e sua revolta descabida. Também achou absurda a maneira como se referia a Lara.

Sem desviar totalmente sua atenção da moça, procurou por Daniela. Encontrou a jovem na área de lazer do condomínio chutando pedrinhas e resmungando. Parecia com raiva. Teve que se concentrar para entender o que ela murmurava.

Enfurecida, xingava desconexamente, sem destinar a ninguém. Mas os palavrões eram todos femininos, o que fez Alexandre deduzir que o foco de sua raiva era Michele. Ainda não entendia por quê. Estava mesmo defendendo Nicolas ou com raiva por Michele ter mais atenção do rapaz? De mulheres podia esperar tudo.

Porém, depois que a raiva finalmente passou, Daniela foi mais coerente em seus resmungos. Estava mesmo brava com a atitude egoísta de Michele. Acreditava que Nicolas havia encontrado o verdadeiro amor e se contentava em compartilhar de sua felicidade, sem ressentimento algum, como uma verdadeira amiga.

Confessou a si mesma que era verdade que já tivera interesse por Nicolas, mas aceitar a muito tempo o fato de não ter sido correspondida e não se ofendera com isso. Também não se desmerecia. *Afinal, destino e amor são coisas incontroláveis*, constatou.

Ficou em dúvida se avisava Nicolas ou não sobre a má intenção de Michele, mesmo não tendo certeza do que pretendia. Por fim, achou melhor vigiá-la para descobrir quais eram seus planos antes de falar com ele. Talvez nem chegasse a concretizar nada e criaria um clima desnecessário.

Ficou aliviado por ouvir palavras tão positivas. Nicolas ainda tinha uma amiga com quem podia contar. Apressou-se em procurar pelos outros rapazes para saber o que poderia vir deles.

Encontrou Augusto esparramado no sofá assistindo TV. Ouviu o som de mastigação – crocante – e de vez em quando o rapaz gargalhava. Na televisão, um programa de comédia era transmitido. Esperou por muito tempo, mas o rapaz não fez nada além de comer e rir. Resolveu procurar pelo último. Depois voltaria sua atenção para ele novamente.

Já Leandro brigava com o pai ao telefone.

– Qual é, pai! Vai me deixar sem grana por pura maldade?

Alexandre ouviu o grito do homem do outro lado da linha.

– Não trabalho para sustentar marmanjo vagabundo. Arrume uma ocupação que eu deposite o dinheiro até que ganhe o suficiente para se virar sozinho.

– Mas, pai, isso pode levar tempo e eu ainda não encontrei minha vocação.

– Por que para balada e academia você tem vocação? – perguntou sarcasticamente o pai

– Você já sabe o que pode fazer para resolver isso agora mesmo e também dar um pouco de orgulho para esse velho aqui.

– Tudo isso é só para me convencer a trabalhar com você, pai? Não acha que está insistindo demais em algo sem futuro?

– Eu te pergunto o mesmo, Leandro! Essa é a única opção que tem. É isso ou nada de dinheiro. Agora chega de me fazer perder um tempo valioso, rapaz. Tempo é dinheiro.

O homem desligou o aparelho do outro lado da linha interrompendo a chamada. O filho exclamou um palavrão desligando o celular também. Ignorou o ultimato do pai e bateu a porta do apartamento. Saiu da garagem em um carro luxuoso vestido com roupa de academia. Ia descarregar as energias.

Alexandre voltou sua atenção para Augusto. O programa havia terminado e agora falava com alguém. Logo percebeu que essa pessoa estava no apartamento com ele.

– Mãe, por favor, deixa isso aí.

– Que bagunça, filho. Como consegue viver assim?

– Não se preocupe, a diarista vem amanhã.

– E você vai deixar bagunçado até lá?

– Mãe...

– Augusto, não discuta comigo. Adoro fazer as coisas para você. Nunca reclamei, não é verdade?

– Sim, mãe, mas a senhora não precisa se cansar.

– Não vou me cansar, eu prometo. Onde está a vassoura?

– Ai já é demais, mãe. Não precisa mesmo.

– Não me custa nada, filho.

Alexandre ouviu o som da vassoura no assoalho.

– Augusto?

– Sim, mãe.

– Está precisando de mais alguma coisa? Dinheiro? Comida? Você não vai à academia hoje?

– Não, mãe, obrigado. Estou meio cansado.

– Saiu ontem?

– Sim.

– Com aquela moça?

– Não só com ela. Também outros amigos.

– Ah. – pausa – Você não vai pedi-la em namoro nunca, filho?

– Mãe, já falamos sobre isso. Ela gosta do Nicolas.

– Sim, mas você também disse que ele não gosta dela.

– É.

– Então, por que não tenta?

– Por que ela não vai aceitar, mãe.

– O que te faz ter tanta certeza?

Augusto bufou impaciente e Alexandre sorriu. Ser filhinho da mamãe podia ser doloroso. Como aquela conversa não mudaria de rumo, ao que tudo indicava, resolveu procurar por Michele de novo e conferir o que ela estava aprontando. Encontrou a moça na área de lazer com roupa de ginástica a procura de Daniela. A outra tomou um susto ao vê-la sorridente e normal.

– E aí, vamos para a academia?

– Hoje não.

– Ah, vou ter que ir sozinha?

– Veja com os meninos. – a voz de Daniela era distante e indiferente. – Talvez queiram ir.

– O que foi, Daniela? Está estranha.

– Impressão sua.

– Eu te conheço.

– E eu a você!

Houve uma curta pausa enquanto se encaravam.

– Qual é! Levou realmente a sério meu ataque de fúria? – riu Michele.

– E não devia?

– Claro que não. Foi apenas um desabafo. Jamais me meteria na vida de Nicolas. Se ele está feliz, aceito.

Alexandre ficou em dúvida. O que a tinha feito mudar tão rápido de opinião? Seria bipolar? Não confiou. Alguém que tinha uma personalidade tão volátil devia ser vigiado de perto.

Constatou, mais uma vez, que se pudesse existir alguma ameaça a Nicolas, era dela que viria.

– Ok – Daniela parecia sem palavras.

– Ah, por favor, Dani. Não mude comigo por algo tão bobo.

A outra moça suspirou rendida.

– Tudo bem. Espere que vou trocar de roupa para irmos. Ah, hoje é dia de pagar a academia. Nossa, preciso ver se tem dinheiro na minha conta.

– Não esquentar. Eu te empresto, depois você me paga. Recebi um “vale” dos meus pais hoje.

Ambas riram alto. Enquanto caminhavam, Michele propôs.

– Que tal uma passadinha no shopping? Preciso da opinião de uma amiga para gastar essa grana.

– Pode contar comigo – respondeu prontamente Daniela.

Alexandre as achou tão fúteis e falsas que ficou enjoado. Resolveu se afastar delas, se distraíndo com outros sons do prédio. Era um condomínio grande e espaçoso, mas havia poucos apartamentos. Eram grandes e ocupavam o andar inteiro. Não entendia porque aqueles jovens desperdiçavam tanto dinheiro.

Não era contra o luxo ou o dinheiro. Ao contrário, buscava desenvolver riqueza própria. Porém, acreditava em esforço e inteligência para alcançar seus objetivos. Jamais seria capaz de sugar dinheiro de outra pessoa.

Prova disso era que sempre fora independente, nunca pedira um só centavo ao irmão. Queria alcançar sucesso e fortuna com seu próprio suor e esperteza e também não sabia ser pão duro. Se tinha dinheiro, gastava. Afinal, era para isso que existia.

Não concebia essa vida inútil e sem sentido que esses jovens ficavam felizes em ter. Até Nicolas, em sua mente, tinha sua parcela de fanfarrão. Era um grupo que não trazia nada de bom para a sociedade ou para a própria existência.

Tornou-se difícil permanecer ali escutando tanta porcaria. O retorno das meninas lhe chamou outra vez a atenção para o edifício. Depois que partiram, conferiu Augusto e sua mãe – para Alexandre, ela era a grande culpada pela futilidade do filho – e foi embora quase com raiva.

Aquela missão se tornava dolorosa, física e psíquica. Não que estivesse cansado literalmente, mas ficou de saco cheio. Nunca se deparara com tanta gente inútil em um mesmo espaço. Aquilo chegava a embulhar seu estômago o que lhe provocava uma careta constante.

O sol ainda estava muito alto no céu, indicando o meio da tarde, quando Alexandre entrou de novo no hotel. Fora o último a partir em sua vigilância e era o primeiro a chegar ao QG. Açou bom. Teria algum tempo para colocar os pensamentos em ordem e alguns assuntos pendentes e particulares.

INSEPARÁVEIS

Já anoitecia quando Tamires do Valle chegou ao hotel. Pensava que seria a primeira quando sentiu a presença de outra pessoa e seu coração bateu mais rápido. *Droga! Vou me sentir assim toda vez que chegar perto dele agora?* Caminhou até o restaurante devagar.

Alexandre estava sentado no balcão do bar e não pareceu notá-la tão focado estava em algum objeto que ainda não podia ver. Aproximou-se devagar mesmo sabendo que não o surpreenderia. Talvez não quisesse chocar a si mesma com uma atitude afoita. Controlou cada movimento.

Sentou-se no banco ao seu lado e o garçom lhe ofereceu uma bebida. Pediu apenas água. Virou-se em silêncio para o moreno que a encarou de volta do mesmo modo, mas seus olhos estavam transtornados. Sua alma era um misto de revolta, nojo e desprezo.

– Muito ruim? – perguntou a ruiva.

– Sim – sussurrou. – Não suportei vigiá-los por mais tempo. Também não há perigo. Talvez aquela moça mal-humorada, Michele, que está ressentida por ter sido trocada por Lara – riu com deboche.

– Outra? – levantou as sobrancelhas a ruiva. – A mãe dele, Celeste, também. É uma mulher amarga e rancorosa. Só não consegui descobrir exatamente porque, mas tenho certeza de que tem a ver com o marido que morreu e Nicolas.

– Mas você acha que representa algum perigo real? – brincava com o copo de uísque entre os dedos.

– Não e você?

– Também não. Não como estamos esperando.

Tamires assentiu e tomou um gole de sua água. Ao alcançar seu estômago vazio, o líquido gorgolejou alto.

– Acho que estou com fome – riu.

– Estão servindo o jantar.

– Vou lá.

– Eu te acompanho.

O casal se sentou à mesa e escolheu seus pratos. Enquanto esperavam, Alexandre olhou para Tamires de inúmeras formas. Ela leu em seus olhos todos os sentimentos. *Dúvida. Desejo. Insegurança. Desespero.* Teve compaixão por aquele homem sempre tão seguro de si e agora com o coração atormentado.

– Alexandre, eu... – começou a dizer, mas engasgou com as próximas palavras.

– Não, Tamires – não deu tempo para se recuperar. – Não diga nada ainda. Apenas me escute – aproveitou a deixa.

Tamires se arrependeu de ter começado aquela conversa, mas não havia como fugir. Teria que encarar a situação de frente, mesmo não estando pronta. Suas mãos transpiraram e retorceram de ansiedade embaixo da mesa.

– Não sei o que sentiu na noite passada, mas quero que você saiba que aquele beijo significou muito para mim. Muito mais do que encenação.

Ela sabia. Sentiu seu rosto queimar, mas sua língua travou, incapacitando-a de responder. Não era uma conversa que desejava, mas se viu obrigada a permiti-la. Culpa de sua língua comprida.

– Não tenha medo, não me iludi. Sei que não se apaixonará por mim da noite para o dia. Não sou um adolescente. Porém, muita coisa aconteceu nos últimos meses na sua vida, quer dizer, em nossas vidas, e por isso eu me permito te pedir apenas uma coisa em troca da minha amizade incondicional e imutável. Se você tem alguma consideração por mim, me diga apenas, com sinceridade, se eu tenho alguma chance.

A língua de Tamires se moveu sozinha dentro de sua boca que manteve lacrada. A vontade dela era gritar que também o desejava com ardor, mas sua mente a conteve. Sua dúvida e indecisão só confirmaram seu estado. Não estava mesmo pronta para aquela conversa. Não tinha ideia do que responder.

Sentia-se a mais cruel do mundo apenas por ficar em dúvida. Não estava sendo justa com ele – muito menos consigo mesma. Nunca passara por algo assim na vida. Querer alguém e não querer ao mesmo tempo. Era tão antagônico, tão sufocante, que sentiu o desejo de gritar só para extravasar o estresse que lhe causava.

Viu os olhos de Alexandre revirarem de ansiedade e incerteza. Estava muito angustiado à espera de sua resposta, era nítido, mas não a apressou. Outra pontada a cutucou no peito. Aquele homem não merecia sofrer daquele jeito. Ele a amava incondicionalmente, de uma forma que Tamires não compreendia, mas podia aceitar.

– Se disser que não posso responder agora, você acreditaria em mim? – Finalmente conseguiu desembuchar uma frase. – Ainda não tenho certeza de meus sentimentos, mas sei que te considero muito mais do que imaginava. Estou confusa demais. Seria muito injusto te pedir para não desistir de mim ainda?

Um sorriso sedutor coloriu o rosto de Alexandre e deixou Tamires vermelha e desorientada. O que havia feito? Havia dado esperança a um homem que não merecia sofrer. Mas não estaria apenas adiando o inevitável? Chacoalhou a cabeça em desaprovação a si mesma.

Alexandre esticou a mão sobre a mesa e pôs-a sobre a de Tamires. Estava quente. Fervendo. Queimava sobre sua pele. Um arrepio percorreu seu corpo como eletricidade transmitindo aquele calor por onde passava. Sabia bem a diferença. Desejo. Um desejo que a consumia e tragava por dentro, em chamas.

– Vou esperar o tempo que for preciso. Já estou aqui, não? E nunca, juro, farei nada que não queira.

Tamires quase congelou em contraste com a sensação de fogo em seu corpo. Fora como se água gelada se arrastasse por suas veias com dificuldade, dolorosamente. Seu corpo reclamava. Não admitia abstinência do beijo de Alexandre. Queria mais. Muito mais.

Como se lesse o tormento de sua alma, Alexandre apertou sua mão indeciso. Tamires desejou tanto que ele se levantasse e a tomasse nos braços ferozmente. Porém, apenas se inclinou e beijou a mão que segurava. Um gesto tão delicado e cavalheiresco que a comoveu, mas fez seu corpo rugir – mudo – de desgosto.

Por que queria tanto dizer que sim, que aceitava seu amor e esquecia de todo o resto? Por que estava sendo tão egoísta a ponto de só pensar naquele desejo insistente e imperativo que a incomodava tanto? Ainda assim, sua mente estava no controle daquele corpo insano e impulsivo. Tamires nunca havia se sentido assim antes nem mesmo com Gustavo, o homem que considerara seu verdadeiro amor.

Essa constatação lhe causou um baque. O que significava? Que não o amara verdadeiramente ou que sentia apenas uma forte atração por Alexandre? Não sabia e quanto mais pensava, menos se descortinava diante de seus olhos. O que o futuro lhe reservava?

A presença constante e imutável de Alexandre a tocara como uma gota em uma estalactite. Pingara, pingara, pingara até que solidificara como uma rocha, firme, dura e permanente. Não conseguia mais se imaginar sem ele por perto, a consolando sem palavras, a ouvindo compreensivamente, a apoiando com seus talentos e esperteza.

Também sabia que essa mesma constante a levaria de volta para aqueles braços, mais cedo ou mais tarde, estando certa do que fazia ou não. O que sentia se tornara forte demais para ser ignorado ou totalmente controlado. Quantas vezes quase permitira que a beijassem antes?

Agora que havia acontecido, sabia que algo havia mudado para sempre. Era um ponto sem volta. E agora, Tamires era uma mulher de dois homens. Dois irmãos. Ambos com passados obscuros, porém divididos por caminhos diferentes. Racionalmente começava a se convencer de que Alexandre poderia ser a escolha acertada.

As horas passaram lentas e angustiantes. A conversa com Alexandre havia terminado há muito tempo, porém ainda reverberava dentro dela. Seu corpo parecia desejá-lo mais só porque havia deixado a dica de como tê-lo novamente. Bastava querer. E como aquele corpo o queria!

Ela se sentiu perder-se de si mesma. Não importava mais quem era ou o que precisava fazer. Só importava o que queria. E desejava Alexandre de maneira insana. Seu corpo se inclinou involuntariamente inúmeras vezes em sua direção. Segurá-lo tornou-se um exercício constante.

Ficou aliviada quando Lucca e Mainá – e em seguida Marcel – chegaram. Já era noite. Encontraram-se no restaurante onde mantiveram uma conversa baixa e sigilosa enquanto os recém-chegados faziam uma refeição de verdade.

Primeiro Lucca, depois Marcel fizeram um breve relatório sobre seus respectivos seguidos. Tamires e Alexandre também dividiram suas impressões. A conversa foi sussurrada e curta para não chamar a atenção dos demais hóspedes presentes.

Ao final, ficou decidido que focariam suas atenções no dia seguinte entre Lara e Michele só para se certificarem de que nenhuma das duas estariam a serviço de forças contrárias à missão. Marcel omitiu que Lara o havia visto em frente ao prédio dela enquanto a espionava.

O sol já havia se posto quando finalmente me arrastei para fora da cama. Aquele havia sido 'o dia'. Tentara buscar alguma energia em minhas atividades comuns ao ar livre, porém não fora frutífero. Um cansaço enorme se abatia sobre mim. Só o sentia aumentar com o passar das horas.

A dor no corpo me fez levantar. Ficar tanto tempo deitado me deixou um caco, mas ainda não tinha motivação alguma para nada. Não me atraía balada, muito menos outro porre. Fazia muito tempo que não ficava bêbado daquele jeito, apesar de me lembrar perfeitamente de cada detalhe da noite anterior.

A lembrança me trouxe uma nova dor que não era física. Eu me movi lentamente a fim de conter aquele aperto no peito. O gesto não amenizou em nada meu sofrimento. Precisava do único remédio capaz de me tirar daquele sufocamento e angústia. Uma pessoa que trazia consigo...

Estaquei assustado. Eu a estava sentindo, mas como? Que tipo de ligação teríamos? Que loucura era essa? Era diferente das intuições que costumava ter. Tinha certeza palpável, quase física. Era como sentir a presença de alguém se aproximando mesmo antes de vê-la. Simplesmente sabia.

Parei em frente à porta ofegante contando os segundos que faltavam para que a campainha tocasse. Não me assustei quando a previsão se concretizou no exato instante em que a senti. Abri a porta sabendo com quem me depararia, porém não esperava tamanha preocupação.

– Você está bem? – soluçava Lara agarrada a mim tão apertado que deveria doer.

Ao contrário, a dor imediatamente passara. Um desespero diferente a substituiu. Fome. Desejo. Mas havia lágrimas nos olhos sempre dourados e luminosos da mulata. E agora que ela havia salvado meu dia – ou minha noite, o que também se tornava um hábito ou seria uma troca? – era minha vez de confortá-la.

– Agora estou – respondi sorrindo e tocando suas lágrimas com meus lábios. – O que aconteceu?

– Eu que te pergunto! – respondeu angustiada. – Está machucado?

– Não. Por favor, acalme-se, Lara. Por que está tão assustada?

Ela só sossegou depois que se certificou com os próprios dedos e olhos de que eu realmente estava bem fisicamente. Não havia percebido que eu não me referira ao corpo e sim a alma. Um beijo sôfrego foi o carinho que me retribuiu depois de garantir que não havia nada de errado comigo.

– Acho que foi bobagem minha, mas precisava ter certeza. Não conseguiria dormir.

Esperei pacientemente que ela se explicasse melhor. Estávamos sentados no sofá e não conseguia deixá-la livre. Precisava mantê-la em meus braços para ter certeza de que não estava sonhando. Fiquei nas nuvens por ela ter ido me procurar exatamente no momento em que mais precisava dela.

– Tive um pressentimento tão forte de que havia algo errado com você, que talvez estivesse precisando de ajuda. Sai correndo do apartamento ansiosa em te encontrar.

Eu me comovi e ao mesmo tempo um sinal de alerta se acendeu. Estaríamos mesmo tão ligados assim que ela pressentiu que não estava bem e que precisava dela de verdade? Que só ela poderia me dar a paz que agora encontrava? Mas como, meu Deus? Será que havia recebido uma descarga de energia cósmica?

– Só por isso ficou assim? – especulei.

Senti que tinha mais alguma coisa. Além do pressentimento, minha mente racional não podia conceber algo tão bizarro. Evidente. Seu corpo tremia nos meus braços. Lara estava muito assustada e havia mais do que uma sensação para que ficasse naquele estado. Algo externo, que pudesse provocar aquele medo físico, e quem sabe até atentar contra sua vida. Ou minha vida. Mas de onde ela tiraria que eu corria risco de morte? O que havia acontecido?

– Não – sua resposta demorou, mas saiu. – Fui seguida o dia todo. – Foi a minha vez de estremecer e estreitá-la nos braços como para protegê-la de suas palavras. – Primeiro foi mais como uma impressão. Depois a confirmei. Ele me seguiu até em casa. Assim que foi embora, vim para cá.

Novas lágrimas escorreram por sua face. Eu a beijei confortando-a. Sussurrei que agora estava tudo bem, que ela ficaria segura. Lara me encarou com os olhos úmidos e ainda mais brilhantes antes de falar novamente.

– Você não está entendendo, não é comigo que estou preocupada! É com você!

– Por que comigo se você foi seguida?

– Não sei! – sua resposta foi quase inaudível.

Eu a sufoquei novamente em um abraço de urso enquanto sua angústia se acalmava. Naquele momento, tomei a decisão mais importante da minha vida e estava fazendo de bom grado, sem temores nem dúvidas. Além de ser a única solução, sabia que desejava ardentemente em meu íntimo.

– Não quero tirar meus olhos de você. Não vou ficar em paz sabendo que está em perigo. Vamos ao seu apartamento agora. Você pode trazer suas coisas para cá e ficar aqui – fiz uma pausa porque a palavra seguinte brincava e caçoava de mim, mas eu tive que pronunciá-la. – comigo.

Minha declaração pegou a mulata de surpresa e ela me encarou. Seus olhos eram pedras de citrino que reluziam à luz fria da sala. Tinham uma profundidade assustadora e quase os ouvi falar comigo. Entendi muito bem os sentimentos que os tumultuaram porque também me revolviam. Eu me inclinei e a beijei.

Aquele foi nosso primeiro beijo como um casal oficialmente comprometido – poxa, foi mesmo difícil admitir que estava assumindo um compromisso maior que um namoro. Estava me comprometendo a viver com outra pessoa, debaixo do mesmo teto, em cima da mesma cama. Acordaria e dormiria com a mesma mulher todas as noites.

E isso não me assustava nenhum pouco, mas me enchia de uma alegria única e intensa. Sabia que não seria passageiro. Além de satisfazer o desejo de meu corpo, estava acalmando minha alma. Seria muito mais feliz perto dela do que longe. Estaria completo.

Giovani chegou meia hora depois que voltamos do apartamento de Lara. Foi entrando no quarto sem pedir licença e se espantou ao vê-la arrumando em meu enorme closet seus objetos pessoais. Eu a ajudava liberando espaço e aproveitei para separar roupas que não usava mais para doação.

Percebi que ficou tão perdido que não sabia se devia caçoar ou me dar os parabéns. Eu o conhecia bem o suficiente para saber todas as piadas que estariam povoando sua mente naquele momento, mas agradeci em silêncio por ter escolhido falar sobre si e fingir que não estava vendo nada demais.

Empolgado com os trâmites do casamento, queria que o acompanhasse até o cartório no dia seguinte porque estava me convidando para padrinho. Abracei meu melhor amigo emocionado com o convite, mas ainda sem saber bem o que ele pretendia com minha presença no cartório. Afinal, eu só assinaria na cerimônia.

Ele me lançou um olhar cheio de significado na primeira oportunidade. Lara estava quase que dentro do meu guarda-roupa e não podia vê-lo. Respondi com um sorriso firme e cheio de confiança. O fato de meu amigo estar saindo do apartamento em pouco tempo me deixava ainda

mais contente com a privacidade que teríamos.

Giovani se casaria e eu estaria o quê, me amasiando? Que palavra horrível! Preferia pensar: vivendo com a mulher que tanto desejava, depois de quinze anos de uma separação desnecessária e tola. Mais do que corrigindo meu erro do passado, estava seguindo um caminho de felicidade.

Será que os sentimentos românticos eram contagiantes? Com esses pensamentos me senti meio tolo, mas nem por isso menos alegre. Desejei toda a felicidade ao casamento de meu amigo e recebi um cochicho rápido ao pé do ouvido enquanto nos abraçávamos.

– Parabéns para você também – apesar do sarcasmo, sabia que era sincero.

Se meu amigo perdesse a oportunidade de caçoar de mim não seria Giovani. Ainda bem que ele também sabia o momento de se retirar. Portanto, não demorou muito para nos deixar a sós. Adormecemos tarde e abraçados naquela noite. Conversamos muito e fizemos planos para um futuro próximo. Era aquilo que eu queria viver.

Na manhã seguinte despertei junto com Lara. Era cedo para mim, mas eu queria estar com ela sempre. Não podia perder um minuto sequer. Ainda não parecia verdade quando entrei na cozinha de mãos dadas com ela. Encontramos Giovani saindo, já que seu horário de expediente era mais cedo.

– Caiu da cama? – meu amigo me cumprimentou.

– Quase isso – sorri. – Vou levar Lara para o trabalho.

– Não precisa, já disse, Nicolas – discutiu.

Mas isso eu já esperava. Peguei seu rosto entre minhas mãos e respondi.

– O que eu te disse ontem?

Seus olhos queimaram. Ela se lembrava de minha promessa, mesmo sem me responder em voz alta, sabia, não pretendia descumpri-la. Giovani pigarreou chamando minha atenção.

– Depois vai me encontrar na fábrica para irmos ao cartório?

Respondi automaticamente, já esquecido daquele compromisso. Estava com medo. Medo por Lara, não por mim. Seu pressentimento quanto a mim era bobagem. Estava muito bem e ficaria melhor ainda a partir de agora. O que me preocupava era saber que um homem a esteve seguindo.

A violência do mundo me assustava, principalmente porque eu sabia que, mesmo sem querer, Lara chamava atenção de qualquer homem. Poderia ser alvo de maníacos ou mesmo concorrentes. Porém sua segurança era o que mais me preocupava no momento. Agora que estava mais calma, era hora de saber.

Enquanto tomávamos café da manhã, fiz mais perguntas a respeito.

– Sobre o perseguidor de ontem, você conseguiu perceber alguma coisa que o identifique?

Senti que ela não queria mais tocar nesse assunto, já o imaginara esquecido por mim.

– Sei exatamente como ele é.

Foi a minha vez de me surpreender. Como ela sabia? Achava que uma pessoa apavorada não conseguiria gravar detalhes de um momento traumatizante. Ouvi espantado a descrição do rapaz com uma riqueza de detalhe assustadora. Enquanto falava, Lara parecia fria e distante, como se não temesse encarar um bandido.

– A que distância ele ficou de você? – perguntei ao fim da narração.

– Ele não se aproximou muito. Não estive em perigo de verdade.

Fiquei ainda mais intrigado, porém resolvi parar de perguntar. Lara falava tão sossegada que resolvi não perturbá-la mais. Deixei-a tomar seu café. Falamos sobre amenidades, em seguida tomamos banho juntos antes de partir para a companhia onde a mulata trabalhava.

No caminho Lara disse que iria para Conceição da Barra na manhã seguinte e me convidou. Respondi que iria onde ela fosse, agora que estávamos juntos para valer. Ela apertou minha coxa. Acompanhei a moça até a entrada do prédio, me contendo para não entrar com ela. Segui seus passos com os olhos até não ser possível vê-la mais.

Meus ouvidos foram meus aliados no momento seguinte. Acompanhei o som de seu andar suave sobre o piso enquanto se dirigia até a sala. Escutei sua rotina de chegada e só parti depois que a percebi concentrada no trabalho. Ainda assim, pretendia retornar o mais breve possível.

Antes de ir ao encontro de meu melhor amigo, conferi todo o quarteirão da empresa a fim de me certificar de que o louco que a estava seguindo não estava por ali. Tinha esperança que ele desistisse e a deixasse em paz. Eu me lembrava de cada detalhe da descrição que ela fizera, mas não vi ninguém sequer parecido.

Menos apreensivo me afastei, estava ansioso para cumprir a obrigação que me comprometera – e quase me arrependi disso por ter que ficar longe de Lara – e voltar depressa. Precisava estar lá quando desse a hora dela sair do trabalho. Minha vida conjugal começava bem animada, ri para mim mesmo.

Giovani me aguardava ansioso. Estava uma pilha de nervos, coitado. Ria de seu entusiasmo. Aproveitando que estávamos sozinhos a caminho da casa de Milene, resolveu me apertar contra a parede.

– Agora me conta tudo, Nicolas. O que está acontecendo?

– Nada demais. Convidei Lara para ficar lá em casa.

– Nossa, eu nem sei e você já colocou uma mulher lá dentro – reclamou. – Tinha certeza de que isso aconteceria, mas não pensei que fosse tão rápido.

– Olha quem fala – retruquei. – Quem está sendo apressado aqui?

– Pelo menos estou fazendo do modo tradicional.

– E eu da maneira mais moderna.

Ambos rimos alto. Não me importava nem me preocupava com a zoação. Sabia bem o que estava fazendo e Giovani me conhecia o suficiente para compreender isso. Não especulou mais e me deixou com meus botões assim que paramos em frente ao emprego de Milene.

No cartório não gastamos muito tempo. Estava amando a ocupação, apesar da minha mente estar sempre ligada a Lara. Queria poder vigiá-la àquela distância. Fiz uma tentativa sem acreditar no sucesso e quase caí para trás quando minha audição foi tão distante que quase tocou mesmo às paredes da construção onde ela estava.

Foi uma conversa sussurrada que chamou minha atenção – tinha certeza de que as pessoas estavam em frente à empresa onde Lara trabalhava.

– Você está sentindo? – perguntou uma voz masculina.

– Sim – respondeu outra feminina.

– Tem algo estranho aqui, mas não consigo identificar.

– São duas energias – respondeu a mulher.

– Sim, são diferentes. Não parecem as mesmas e ao mesmo tempo são iguais.

– Sinto o mesmo. Se Marcel estivesse aqui agora, poderia ajudar, mas acho que parecem mais intensas e ao mesmo tempo difíceis de perceber.

– O que significa isso? – refletiu o homem.

– Magia.

Parei de escutar nesse momento e bem a tempo já que Giovani perguntava minha opinião. Por mais que eu tentasse, não conseguia fugir da loucura de minha mente. Não tinha certeza de ter mesmo ouvido aquela conversa ou imaginado. Há alguns minutos, enquanto ouvia Lara, estava tudo bem para mim.

Agora não podia admitir ouvir daquela distância e ainda por cima uma conversa sem pé nem cabeça onde havia magia inclusa. Impossível! Só podia estar mesmo enlouquecendo. Não havia outra explicação. Fiquei novamente cabisbaixo e desanimado. Aquele seria outro dia daqueles. Infundável.

Era injusto culpar o dia. O problema estava dentro de mim. Haveria ainda escapatória para minha mente? Conseguiria me recuperar da doença que destruiu a realidade dentro de mim? Estava fadado à fantasia? Quanto mais me perguntava, menos compreendia.

SEPARADOS

Entreolharam-se durante um tempo incontável. Absorviam em seus íntimos a nova sobre aquela força misteriosa que cercava Nicolas. Também era mutável. Os olhos ferozes do rapaz diziam à moça suas dúvidas e medos quanto a isso. Caíram em uma armadilha? Era provável, mas ainda assim Tamires pensava apenas que aquele era um ser tão poderoso que mesmo Alexandre o desconhecia. Fazia tanta força para se concentrar no que fazia, mas a tensão sexual pairava entre eles, insistente. Atrapalhava demais.

Por que, em sua consciência, topei vigiar Lara em companhia de Alexandre?, se perguntava a ruiva. Podia encontrar vários motivos. Não suportaria cinco minutos ao lado de Marcel enquanto ele ia atrás de Nicolas, por mais perto que quisesse ficar dele. Mainá e Lucca eram inseparáveis, então o que faria com eles enquanto vigiavam Michele? Ficar de vela? Já não estou muito carente, não!, afirmou para si mesma. Também sabia que não suportaria ficar longe de Alexandre por tanto tempo. Porém isso não admitiria nem em pensamento.

Viram quando Nicolas deixou Lara no trabalho e ainda permaneceu um tempo para conferir como ela estava. Tamires não precisava de poderes para saber que ele estava com medo e desconfiado. Por isso, Alexandre tomou todo o cuidado na direção do automóvel.

Nicolas passara por eles sem notá-los, o que espantou a ruiva. Ele nem ao menos lhes lançou um olhar rápido. Havia algo muito errado com o instinto dele, pensara enquanto prendia até mesmo a respiração durante sua passagem. Sabia que não poderiam ser vistos por causa dos vidros escuros, mas podiam ser sentidos.

Quando o rapaz se foi, ficaram duas forças. A pedra e a misteriosa, para o espanto de Alexandre. Acharam que a segunda seguiria o rapaz, mas permanecera como uma força estranha. Foi somente depois de um tempo que notaram uma terceira, muito sutil, porém indecifrável.

Havia um mistério muito maior do que previram. Mesmo estando presentes, em carne e osso, não encontravam o foco daquela energia nova. A magia era a única explicação que conheciam e até mesmo o experiente Alexandre não sabia dar respostas.

Tamires se frustrou com o silêncio do moreno, enquanto seus olhares permaneciam presos e confusos. Esperava algo mais dele e sentiu ímpeto de cobrar-lhe com firmeza, mas não o fez. Via sua nítida tentativa de ajudar. Fazia tudo que estava ao seu alcance. Não seria justo exigir mais do que ele podia oferecer.

Mas era frustrante e isso deixava a ruiva mais tensa e nervosa ainda. Havia uma energia represada que precisava liberar a ruiva mais tensa e nervosa ainda. Havia uma energia represada que precisava liberar o quanto antes. Em apenas dez segundos teve inúmeros impulsos.

Sair para a rua e gritar. Ou seria melhor só caminhar? Talvez uma volta no quarteirão.

Conteve-se. Em seguida, sentiu desejo de ouvir música para relaxar. Passou por todas as estações e não encontrou nenhuma rádio que lhe agradasse. Tamborilou os dedos no painel do automóvel por mais cinco segundos antes de se virar novamente para Alexandre.

E o maior de todos os desejos – ou seria loucura? – a pegou de jeito. Observou os braços másculos e bronzados de Alexandre tensos na direção do veículo – mesmo parado. Seu perfil duro e também sedutor. O desenho único e irresistível de sua boca apetitosa. Teria sossego naqueles braços?

Mordeu os lábios. O desejo pulsando em seu corpo. Aquilo era loucura demais. Como podia desejar tanto aquele homem? Como aquilo acontecera? Até ontem mal notava a sua presença, agora ela se fazia necessária, imperativa. Era bem simples, aliás. Precisava de Alexandre e ponto final.

Era errado pensar em beijar o moreno enquanto se preocupavam com um enigma? Tamires se achou idiota, mas a ideia simplesmente não a deixava. Havia lhe dito a explicação mais simples porque estava incapacitado de pensar mais. O óbvio sempre era mais seguro quando não estava preparada.

Sentiu-se ainda mais tola ao perceber que Alexandre estava visivelmente concentrado no que fazia, alheio ao seu batimento cardíaco acelerado e aos hormônios borbulhando em suas veias. Seu corpo estava todo pronto para tomar posse de seu objeto de desejo.

Feliz por não perder a cabeça, agradeceu por estar no controle de sua mente. Porém, seria tão fácil ceder, pensou. Ele estava tão perto, há dez centímetros de distância. Estavam totalmente sozinhos e sabia que não seriam interrompidos nas próximas horas. Tudo tão propício.

Nossa, como sua cabeça estava virada. Faltava só traçar um plano de sedução infalível e colocá-lo de fato em prática. Sorriu sozinha, nervosa, porém chamou a atenção do moreno para ela. A conexão entre seus olhares foi restabelecida, mexendo ainda mais com o corpo da ruiva.

Às vezes achava tolice não ceder. Fantasiar somente aumentava um desejo sobre algo que talvez nem valesse a pena. Depois de uma experiência mais profunda, provavelmente desencanasse e percebesse que fora apenas uma ilusão passageira. Mas como satisfazer aquela curiosidade sem remorso?

Desviou os olhos rubra desejando poder ler os pensamentos de Alexandre. Podia ver os sentimentos e de tão desnorteada, nem reparara neles enquanto o encarava. Imediatamente, voltou a olhar para o moreno. Ele imitou seu gesto. Permaneceram em silêncio, porém suas almas berravam.

Ou Alexandre podia perceber seu conflito interno, ou também o possuía. Viu em seus olhos o mesmo ardor. Seria fácil demais se inclinar para frente. Seria fácil demais estender a mão. Seria fácil demais roçar aqueles lábios. Seria fácil demais se entregar.

Só percebeu que tudo o que pensava provocava uma reação automática de seu corpo quando já estava nos braços de Alexandre. Assim como ela, ele se sentira puxado, atraído, incapaz de se deter mesmo depois da promessa que fizera. Hora de errar, meu caro, seu subconsciente debochava.

A sensação de tê-la novamente, pela própria vontade, o fez estremecer de prazer antecipado. Estava no paraíso. Não havia mais missão nem problemas. Muito menos um irmão. Também não estavam em um carro no meio de uma manhã clara e ensolarada, em frente a uma movimentada empresa.

Estavam na pele um do outro. Fervendo. As mãos buscando decorar as formas de seus corpos. Como ela era quente. Como era macia. Como era... Os pensamentos partiram para termos mais lascivos e Alexandre os permitiu. Estava fora de controle agora. Só havia aqueles lábios saborosos entre os seus.

Ao mesmo tempo em que deitava o banco do carro a puxava para cima de si. Ela se encaixou com perfeição. Parecia feita para estar ali. Como aguentara tanto tempo sem aquilo? Seu corpo se movia no mesmo ritmo e com o mesmo desejo sobre o dele. Tamires também o queria e isso o deixava ainda mais ansioso.

Suas mãos a apertaram urgentes. Como passara de uma promessa descumprida para uma cena de paixão ardente, tórrida, como aquela? Pouco importava agora. Ainda estava cumprindo sua parte. Estava fazendo somente o que ela queria. Ou o que seu corpo exigia de forma convincente.

O melhor era ela estar no controle da situação. Era ainda mais excitante. Ela se mostrou muito sexy e sedutora de forma natural e impulsiva, nada vulgar. Suas mãos buscavam sua pele morena sob o tecido das roupas e Alexandre esquentava cada vez mais. Logo pegaria fogo.

Não pararam de se beijar com desespero em nenhum segundo. A respiração de ambos estava pesada e sonora, mas tinham medo de parar e perder a oportunidade de saciar o desejo insano e impensado. As mãos se encarregavam do resto. Os corpos se aderiam um ao outro quase os transformando em um só.

Precisavam seguir em frente, tinham pressa, mas também não queriam que o momento findasse. O desejo era bom. Tinha um sabor inebriante, viciante. Era melhor que a concretização do sonho. O prelúdio da paixão intensa. A ponta do *iceberg*. O mapa do tesouro.

Ainda assim, as mãos de Alexandre partiram para os botões da blusa de Tamires. Não podia aguentar mais para tê-la. Abriu com cuidado suficiente para não errar e o mais depressa que pode. Por outro lado, ela arrancou quase a cabeça dele para tirar-lhe a camiseta.

Nesse momento, com suas bocas longes, puderam se olhar mais uma vez. Um segundo eterno. Tamires ficava ainda mais linda afogueada. A pele rosada. Os olhos brilhantes de prazer.

Alexandre estava ainda mais *sexy* e irresistível visto daquele ângulo. Seu peito nu e bronzeado cheio de gominhos rijos subindo e descendo conforme arfava.

Não haveria sofreguidão alguma em se entregar para ele. Ao contrário, seria a glória. E nem importava que fosse em um carro, no maior desconforto, no meio do distrito industrial de uma cidade desconhecida. Não importava que estivesse negligenciando sua missão.

Alexandre, por sua vez, não podia adiar mais um segundo sequer. Puxou-a de volta para senti-la por inteiro enquanto suas mãos continuavam a vasculhar incansavelmente sua pele desnuda, suas formas voluptuosas e sensuais. Toda a barreira que encontrou sobre sua pele conseguiu romper com facilidade.

Enquanto saboreava o gosto forte e deslumbrante dele, Tamires se sentia pronta. Nunca tivera tanta certeza de algo em sua vida como naquele momento. Ou seria agora, ou nunca. O moreno seria seu nem que por um momento furtivo e roubado, um tempo não permitido, mas ainda assim aproveitado.

Uma campanha começou a tocar insistentemente. Era irritante. Nada podia pará-los agora a não ser aquele toque maldito. Ainda assim, ignoraram. Estava tão distante. Porém de uma persistência perturbadora. Após a décima tentativa, cansaram e interromperam o beijo acabando com o clima.

Tamires pulou bufando para o banco do passageiro ao mesmo tempo em que ajeitava sua roupa. Alexandre achou o aparelho celular embaixo do banco do motorista. Atendeu com rispidez. Era Marcel avisando que Nicolas voltava para o prédio do trabalho de Lara.

Ao desligar, ficaram em silêncio. Tamires pensou em quanto havia sido providencial aquela ligação. Não queria ser pega no flagra por Marcel – ainda mais por quem! Alexandre se criticava por ter perdido o foco em um momento tão delicado. Mas como resistir àquela mulher?

Uma troca de olhares e souberam que haviam perdido uma grande e impulsiva oportunidade. Quando ela aconteceria novamente? Não sabiam e ainda assim não desejavam outra coisa. Seria apenas um momento adiado? Tamires tinha dúvidas. Com tempo para pensar, ficaria mais difícil ceder dali para frente.

Quanto mais provava dela, mais complicado ficava resistir à tentação de tomá-la em seus braços e amá-la. Quanto mais longe chegava e quanto mais receptividade recebia, mais certo ficava de que não pararia ali. Só não tinha tanta certeza quanto a ela. Seria também simples assim? Bastava querer, dissera e cumpriria essa promessa, até o último minuto.

A tarde transcorreu sem mais sobressaltos. Lucca permaneceu na cola de Michele, o que não foi difícil porque a patricinha fazia atividades bem descontraídas como academia e shopping. Prestando atenção em sua conversa com as pessoas que encontrava, não viu nada

suspeito.

Mainá permaneceu enlevada, relembando o sonho que tivera sobre o filho que esperava. O tempo passava lentamente para sua vontade de ver seu ventre crescer junto com a criança que traria ao mundo. Aquela criança amada e abençoada desde sua concepção.

Marcel perseguiu um perturbado Nicolas, inquieto, não conseguia se concentrar em nada. O loiro o percebeu distante e pensativo na maior parte do tempo, principalmente quando não estava com Lara. Como se estivesse concentrado em algo. Dessa vez, tomou cuidado redobrado para não ser visto.

Tamires vociferou contra sua própria mente em seu interior. Por que conseguia prestar atenção a Lara e ao mesmo tempo nos movimentos, inclusive respiratórios, de Alexandre? Por que seu cérebro ficara tão evoluído? Só para torturá-la? O restante do dia seguiu arrastado e silencioso no carro.

Alexandre estava atento também a cada gesto da ruiva, esperando um sinal de que quisesse continuar do ponto que pararam de manhã. Porém ela o evitou. O silêncio era denso e constrangedor, mas não sabia como quebrar o gelo. Algo havia se partido, talvez para sempre.

À noite, de volta ao hotel depois do dia de vigilância, o grupo sabia que não parava por ali. Haveria a balada de logo mais. Afinal, era sexta-feira. Dividiram-se a fim de se prontarem para sair após um jantar no qual trocaram ideias. Concordaram que algo estranho – mais do que o normal – estava no ar. Principalmente ao redor de Nicolas.

A distância que manteve de Alexandre chamou a atenção dos demais, mas ninguém comentou. Lucca percebeu que ela evitou seu olhar, talvez estivesse escondendo algum pensamento. Quando chegaram à boate, seguindo Nicolas e seu grupo de amigos, ela não ficou ao lado do moreno.

O grupo se dividiu pelo salão ao redor do vigiado de forma disforme e sem chamar nenhuma atenção. A distância ajudou muito a ruiva a colocar a cabeça no lugar. Não queria perdê-la de novo. Estava muito perto de cometer uma loucura. Uma loucura muito desejada, mas ainda não deixava de ser insanidade.

Para o casal separado, foi a noite mais enfadonha de suas vidas. Buscaram concentrar seus pensamentos e olhares em Nicolas e sua tropa de baladeiros em vez de buscarem um ao outro na multidão. Só era impossível não se encontrarem com facilidade. A presença um do outro era palpável entre tantos corpos humanos.

Nicolas não se afastava de Lara. Procurava ao redor por algo suspeito que temesse. Ela começava a ficar irritada com tamanha proteção. Sabia que não precisava daquilo. Não estava em perigo. Seu único temor era perder o rapaz. E não entendia porque já que fora morar com ele.

Michele estava entre o outro grupo e seu olhar furtivo buscava sempre o casal

apaixonado da roda. Quer dizer, o segundo, já que Giovani e Milene comemoravam a data próxima do tão esperado casamento. A garota assistia aquela melação com náusea, de tanta inveja e despeito.

A balada terminou cedo. O grupo que espionava até estranhou, mas logo entendeu que Nicolas e Lara tinham planos para o dia seguinte. Tamires percebeu como o rapaz estava mudando sua rotina por conta da mulata. Ficou satisfeita com sua sensibilidade e esperançosa também com a aproximação em breve.

Percebeu que o casal não incluía mais ninguém nesses planos. Deixaram os outros dizendo um até logo sorridente e foram direto para o apartamento. Marcel não precisava ficar para saber o que aconteceria. Apenas se certificou do horário que pretendia acordar antes de ir para o hotel.

Michele também resolveu ir embora cedo, libertando os vigilantes. Perceberam que seu ciúmes e despeito não desafiava a segurança de Nicolas, portanto a acompanharam até o apartamento e também foram descansar. No hotel, marcaram a hora de despertar e foram dormir. Estavam cansados, mas também ansiosos.

O dia seguinte amanheceu nublado. Nuvens cinzas, estranhas e baixas, entristeciam o céu sempre azul de Vitória. Lucca não apreciou aquele cenário nebuloso. Parecia um mau presságio. Ainda assim, guardou seus temores para si. Mainá, claro, percebeu e Tamires ainda evitava encará-lo.

Decidiram partir em dois carros, por garantia, caso precisassem se separar em Conceição da Barra. Alexandre teve apenas a companhia de Marcel no carro que dirigia. Os rapazes viajaram calados enquanto viam a nuvem escura acompanhá-los em todo o trajeto. Tamires foi deitada no banco de trás do carro, refletindo, enquanto o casal ia na frente falando muito pouco também. Literalmente havia algo no ar. Algo sinistro.

No sítio da família de Lara perceberam, de imediato, duas coisas. Primeiro que Nicolas relaxou visivelmente. Sua apreensão anterior deu lugar a uma vivacidade meio exagerada, quase dissimulada. Não entenderam o porquê. E segundo, o encontro de três forças distintas, porém estranhas – como sempre.

Aquela força dourada que perseguia Lara estava palpável no sítio, triplicada. Era um pouco mais fácil identificá-la. Não havia como terem dúvidas de sua presença no local, porém ainda era uma força no ar, sem origem ou motivação. Apenas presente. Marcel o comparou – afinal – como um escudo.

E qual seria seu objetivo? Impossível definir! Porém, imediatamente, largaram os carros a certa distância, fora do possível caminho que os moradores tomariam, e Marcel e Alexandre

partiram a pé para reconhecimento da área. Claro que Tamires ficou muito brava por ter sido excluída, mas não brigou. Preferia manter-se longe do moreno.

Os rapazes se moviam como sombra através da rica vegetação. Seus passos eram silenciosos e suaves. Jamais ouvidos comuns os perceberiam. Moveram-se rápido, tornando-se borrões invisíveis. A força física e os músculos salientes ajudavam a ganhar mais impulso e velocidade.

Marcel tinha que reconhecer que o treinamento de Alexandre surtira um efeito positivo e rápido em todas as habilidades que possuíam. Mesmo treinando muito pouco, porque era preguiçoso e orgulhoso, o loiro ainda percebia a nítida diferença que orientação e dedicação fizeram em seu corpo.

Prometeu a si mesmo que na volta se dedicaria mais. O pensamento o levou de volta para casa e fê-lo sentir novamente por Suzane e sua falta de forças. Sabia que ela jamais poderia treinar com eles. Não enquanto teimasse em se esforçar mais do que devia. Esperava que o dia de sua transformação chegasse logo e a revigorasse.

Alexandre buscou sua concentração fria e calculada para enfrentar aquele novo desafio. Andara distraído demais por conta daquela atração sem cabimento por Tamires. Censurou-se sem piedade ainda que soubesse que, bastava chegar perto dela de novo para que toda sua convicção esvaísse.

No centro do terreno vasto do sítio estava a casa. Modesta, porém uma construção antiga e grande, provavelmente da época colonial. Havia sido reformada há alguns anos, porém a ação do tempo fez as paredes descascarem e necessitava de uma nova obra.

Os dois não se aproximaram muito. Podiam ouvir tudo muito bem exatamente de onde estavam – cerca de cem metros de distância. Com medo que as forças os identificasse – se já não o tivessem feito – mantiveram cautela. A conversa estava animada na sala onde Lara e Nicolas eram recebidos pelos familiares da moça.

– Que bom revê-los tão cedo! – exclamou a voz de uma mulher.

– É, nem deu para sentir saudade – resmungou uma velha.

– Mamãe! – exclamou a primeira voz.

– É só modo de dizer. Estou feliz que meus netos estejam de volta tão rápido.

– Obrigado, dona Teresa. O sentimento é recíproco – respondeu Nicolas.

Sua voz estava sorridente. Podiam notar a satisfação no tom que falava.

Um cochicho veio de outro cômodo.

– Já esperei tempo demais, Eugênio.

– Papai, por favor, eu imploro.

– Você sabe o quanto isso é importante.

– Eu sei, eu sei.

– Então?

Um breve silêncio se fez.

– Tudo bem – bufou o segundo. – Prometo que vou cuidar disso.

A voz do primeiro se fez ouvir mais alta na sala da frente nos segundos seguintes.

– Minha neta querida! Sempre morro de saudades de você!

– Oi, vovô! Também sinto muito sua falta.

– Graças a Deus voltaram depressa. Estava ansioso em revê-los.

– Aconteceu alguma coisa? – preocupou-se Lara.

– Não, querida. Ainda não.

Alexandre e Marcel ouviram Eugênio bufar muito baixinho.

– Ainda não? – perguntou a neta.

– Não ligue, filha, você sabe como é seu avô – respondeu o pai. – Vem aqui dar um abraço apertado em seu velho. Até parece que não sente saudades de mim.

A manhã passou agradável em família e o almoço foi servido pontualmente ao meio-dia. Marcel caçou dessa pontualidade. Parecia superstição. Nesse meio tempo, havia voltado ao encontro dos outros e informado detalhes sobre tudo o que viram e ouviram. Ainda assim, só os dois chegavam perto da casa.

Após o almoço, os avós foram tirar uma sesta. Eugênio se apressou em arranjar alguma atividade na plantação e o filho Lorenzo aproveitou a deixa para se afastar. Odiava que sua irmã estivesse namorando aquele safado do Nicolas. Só Margarida tentou resistir mais um tempo, sendo vencida pela louça suja na pia.

Nicolas e Lara se viram sozinhos novamente. Haviam combinado não falar nada sobre estarem morando juntos, pelo menos por enquanto, até se acostumarem com a ideia do namoro. Os celulares de ambos tocaram ao mesmo tempo e riram enquanto atendiam.

Foi uma tremenda coincidência. Pietra, a melhor e mais antiga amiga de Lara, desejava vê-la. Já fazia um tempinho que se encontraram e estava acostumada a passarem juntas no final de semana. No telefone de Nicolas, Luis também ressurgia de seu passado. Ficou tão feliz que foi logo marcando de ir ao seu encontro.

O casal estava tão leve e despreocupado que não viu problema em se separar por algumas horas enquanto reencontravam seus amigos de infância. Também queriam manter suas particularidades e dividir suas impressões com pessoas em quem sempre confiaram.

Lara avisou a mãe e saiu com Nicolas no carro em que viajaram até Conceição. Correndo, Alexandre foi ao encontro do grupo que aguardava próximo aos automóveis e pediu para que fossem atrás do casal nos dois carros, já que se separariam. Marcel e ele ficariam no sítio, sondando um pouco mais.

Nicolas deixou Lara em frente à casa de Pietra e se despediu dela com a promessa de voltar para buscá-la mais tarde. Tamires se aproximou pouco depois que ele partiu, concentrando-se na mulata e seu encontro amigável e descontraído com a melhor amiga. Viu Lucca seguir o rastro de Nicolas.

Tamires prestava atenção a tudo que Lara dizia ou fazia dentro da casa de Pietra. Ficou contente com a empolgação da moça. Percebeu que a ligação da amiga fora providencial pois estava doida para dividir as últimas novidades com alguém, já que a família ainda não podia saber.

A ruiva sorriu. Os jovens – apesar de ela não ser tão mais velha que Lara – eram empolgados e impulsivos. Em seguida, se censurou pelo pensamento. E o que ela havia feito nos últimos tempos? Não era impulsivo o bastante quase transar com Alexandre – seu cunhado, obrigou-se a lembrar – em um automóvel em pleno dia?

Por que sempre voltava ao tema Alexandre? Sua mente lhe provocava peças estranhas e desconcertantes. Estava mais do que na hora de focar em seu objetivo principal ali. Lara. Nicolas. A energia desconhecida. O futuro incerto de sua missão. A proximidade do alinhamento. Não tinha porque pensar em paixão agora.

Lucca se mantinha no rastro sutil de Nicolas sem verdadeiramente vê-lo com seus olhos. Com cautela, com medo de ser percebido – ainda mais que o rapaz andava meio desconfiado – não usou dos sentidos comuns para se guiar. Até apreciou a chance já que pouco usara de suas habilidades desde que as descobrira.

Mainá estava silenciosa e tensa ao seu lado e procurou não se distrair com ela. Sabia que era apenas ansiedade normal pela perseguição, nada mais sério. Tinha que se manter focado. Ainda era novo nisso e a energia de Nicolas era bem leve e quase imperceptível. Parecia se misturar ao ar.

Esse pensamento fê-lo observar novamente o céu e reforçar o mau presságio. A nuvem escura se tornava ainda mais densa, anunciando uma tempestade. Como para confirmar seu mau agouro, um vento começou a soprar. Primeiro remexia de leve os objetos que encontrava. Mas por fim, fazia outros voarem velozmente.

Na curva seguinte, o vento tomou o caminho oposto, levando consigo o pouco que restava do rastro de Nicolas.

DESAPARECIDO

Lucca se apressou em virar a próxima esquina a fim de tentar alcançar Nicolas com os outros sentidos. Aguçou sua audição e sua visão e procurou vestígios do rapaz. O som do motor do seu automóvel. Uma canção tocando no rádio. Sua silhueta ao volante. Qualquer sinal que o ajudasse a identificá-lo.

Conceição da Barra não era uma cidade grande, não devia ser tão difícil. Parecia parada no tempo enquanto as nuvens agourentas se formavam e cresciam ao redor, tomando conta do céu e da paisagem – outrora verde, azul e branca –, agora cinza e escura.

– Lucca, não estou gostando nada disso – resmungou Mainá se agarrando aonde podia.

Sem responder, continuou dirigindo enlouquecido em busca de Nicolas, focando toda sua concentração na tarefa. Concordava com a índia. Também não gostava nada daquilo e se sentia responsável pela segurança do rapaz. Se algo acontecesse com ele agora, a culpa seria sua. Não podia tê-lo perdido de vista.

Um som de carro lhe chamou a atenção e o seguiu mesmo sem ter certeza de que era o que procurava. Percebeu que andavam em círculos e se deparou com o veículo no mesmo ponto em que perdera Nicolas. O vento persistia, para Mainá era sobrenatural. Lucca começou a desconfiar disso quando avistou o automóvel e constatou que não era o que procurava.

Tem algo muito errado aqui, pensou o ruivo. Pela segurança de Mainá e de seu filho procurou trafegar em uma rota contrária a daquele tempo maluco. A velocidade que os ventos ganhavam era assustadora. Logo começaria a destelhar casas e galpões, aterrorizou-se. Sentiu anseio de abandonar a missão, mas também se preocupava com o capixaba.

Diminuiu a velocidade e passou a procurar com a mesma cautela anterior. Tinha certeza de que, em algum momento, se depararia com o grande carro de Nicolas parado em frente à casa do tal amigo. Só precisava ter paciência e persistência nessa busca. Não era de desistir tão fácil.

A índia relaxou um pouco e diminuiu a pressão dos dedos contra os objetos fixos do carro. Sentia-se mais segura agora. Envolveu o abdômen como se embalasse o bebê, tranquilizando-o. *É, meu filho, o mundo da mamãe é meio louco. Espero que esteja mais calmo quando você chegar.*

Estendeu a mão e a pôs sobre a coxa de Lucca em apoio. O ruivo se virou para ela e sorriu, um sorriso tímido que buscou dentro de si em um cantinho menos tenso. O rapaz retribuiu o gesto e ouviu o coração da índia dar um pulo alegre. Logo abaixo do dela, conferiu o batimento cardíaco mais fraco e acelerado de seu filho.

Não conseguia conceber motivação maior para não desistir do que aquele pequeno ser que crescia e a mulher ao seu lado. Sabia também que tinha uma família para reunir ao seu redor. A felicidade estava ao lado. Bastava encontrar Nicolas novamente.

Quando olhou de novo para o para-brisa, o céu estava azul e ensolarado. Algumas nuvens brancas passeavam pelo firmamento. Olhou para o retrovisor e viu o cenário totalmente oposto. As nuvens escuras avançavam para a outra direção a uma velocidade assustadora. Deu graças a Deus por estarem seguros e se perguntou o que ficaria para aquele lado.

Focada nos gestos e nas palavras de Lara, Tamires vigiava a casa de Pietra. As amigas conversavam animadamente e com detalhes tudo sobre as duas semanas em que não se viram. Procurou por indícios de uma possível trama, mas não encontrou nada. Talvez não fosse boa nisso.

Quando seguia Lara até lá pensava que aquele seria o real momento de descobrir de que lado ela estaria, se realmente fosse um ser especial como eles – o que ainda não sabiam. Ainda que uma humana comum, Tamires sabia que podia ser usada por alguém mal-intencionado.

A mulata possuía todos os indícios contra ela. A energia dourada que sempre a acompanhava, a pedra em seu pescoço, a sedução e domínio sobre Nicolas, a moradia e os passeios em Conceição da Barra onde as outras duas forças também foram sentidas. Seria coincidência?

Só não encontrava uma coisa: o motivo. Lara parecia verdadeiramente feliz ao lado de Nicolas enquanto expunha todas essas emoções a amiga. Mas talvez fizesse parte da encenação, do jogo de vida e morte que aplicava nele, onde ele era o prêmio e ela a caçadora.

Tamires teve raiva. Não soube explicar de onde exatamente vinha aquele sentimento invasivo. Repassou seus pensamentos. Também não entendia o objetivo. Se Lara já estava com a pedra, por que seduziria e envolveria Nicolas em uma armadilha? A ordem seria a morte?

Não conseguiu evitar a comparação. Gustavo também dizia amá-la e, no entanto, depois de cometer muitas atrocidades, confessara que a enganara em prol de uma campanha contra a missão na qual estava no momento. Porém nunca atentara contra sua vida.

Raiva de novo. Esse fato não devia ser um apaziguador, ainda mais depois do ataque contra Carolina. E não era, afirmou a si mesma. Não importavam os motivos, concluiu, ele errara feio e perdera sua confiança e, conseqüentemente, seu amor. Era definitivo.

Estreitou os olhos canalizando aquela raiva enraizada contra Lara. Não importava o motivo, salientou em pensamento, importava sim as atitudes da moça. E havia muitos vestígios a incriminando. Torceu a direção do carro imaginando uma possível luta entre as duas.

Defenderia Nicolas com sua própria vida. Jamais permitiria que passasse pelo mesmo

que ela ao lado do inimigo. Sim, Gustavo era o inimigo. Lara também era uma adversária. Estava pronta e preparada para aquela luta e tinha certeza de que poderia ganhar facilmente.

Um vento forte e repentino entrou no automóvel pelo vidro aberto. Tamires se apressou em fechá-lo. Espantou-se com a força de seus sentimentos e com seu descontrole ao criar aquela tempestade. Acalmou-se, porém o vento não diminuiu. Estranhou.

Demorou apenas um segundo para entender que aquele tempo feio e cinza-escuro não era obra sua. O ar estava carregado de uma energia pesada e densa e não era elétrica. Tinha uma carga nova, diferente, proveniente de algo que não lhe era estranho, mas que não lhe ocorria no momento.

Enquanto tentava decifrar aquele enigma novo, viu a cabeça de Lara surgir em uma janela. Os olhos da jovem estavam temerosos enquanto conferia o céu. Sacou um aparelho celular e teclou apressada uma sequência numérica. A ruiva nem se tocou que o gesto havia sido rápido demais.

Ouviu a chamada ser atendida pela secretária eletrônica de Nicolas e a dúvida a tomou. O que significava aquela tempestade, ou a preocupação de Lara, ou o telefonema? Intrigada, pegou seu pré-pago e ligou para Lucca. Ele atendeu no primeiro toque.

– Está tudo bem com Nicolas?

– Tamires! – a voz do ruivo estava amedrontada – Não sei onde ele está!

– Como assim? – quase gritou.

– Aquele vento estranho carregou o rastro dele. Não consigo mais localizá-lo.

As palavras ar e magia fizeram todo o sentido para a ruiva. Estava começando, podia pressentir agora, mas o que estaria impedindo que conseguissem rastreá-lo? *Marcell*!, pensou de supetão. Com certeza o loiro conseguiria encontrá-lo a tempo. Como conseguiram perdê-lo estando a alguns passos apenas?

Alexandre havia seguido Eugênio até o cafezal. O pai de Lara resmungou o caminho todo sobre a loucura de Francisco. O velho estava ficando senil, gagá, pior do que sempre fora. Não podia contrariá-lo. Estava doente e precisava ter paciência, mas como era difícil!

O moreno ficou atento a cada palavra, completamente consciente da presença daquela nova e enigmática energia. Estava muito mais confuso e atento já que encontraram o foco da força no sítio. Era possível que a família de Lara estivesse diretamente envolvida.

Isso o assustava. Lara realmente era a preocupação maior. Podia sentir a energia dourada, mais firme do que na moça, cercando o pai dela. Era intrigante que as forças fossem iguais, porém de intensidades diferentes. Buscou na memória alguma informação antiga que o ajudasse a compreender.

O cafezal era pequeno. Isso explicava porque Eugênio conseguia cuidar do sítio sozinho. Na terra do café, Alexandre se espantou por não ver um plantio vasto e povoado por milhares de pés, enriquecendo aquela humilde família. O que teria dado errado?

Eugênio ocupou suas mãos com a colheita do fruto vermelho e redondo. Realizava o trabalho com cuidado exagerado, consumindo um tempo maior. Alexandre desconfiava que o senhor fugia da pressão do pai, mas não pode confirmar porque em vez de resmungar, começou a cantarolar.

Viu o humor do pai de Lara mudar drasticamente. Com certeza o trabalho deveria ser uma terapia para Eugênio Costa. Ele cantava uma música antiga e gostosa, harmoniosa com a vida no campo. Combinava com ele e sua atividade.

Alexandre esperou, porém o senhor não falou mais nada. Manteve uma distância considerável para que pudesse permanecer escondido e ainda vigiá-lo. Se ele tivesse poderes, poderia identificá-lo. Mas temeu em vão, nem lhe lançou um olhar de soslaio.

O moreno continuou sua busca na memória. Por que estava tão difícil? Sentia que era tão óbvio, mas a solução não lhe vinha à mente. Devia conhecer aquela energia, mas fazia tanto tempo. Por que faria diferença o tempo para ele? Não devia. Então, por que fazia? Seus questionamentos quase eram revoltosos.

Por mais preocupação que tivesse com o desconhecido, agora que estava ali diante do enigma, não temeu. Sentia que não precisava mesmo entender por quê. Algo lhe dizia que não havia perigo, mas a curiosidade por desvendar esse mistério era cada vez maior.

Não tiraria seus olhos de Eugênio naquele final de semana. Uma hora a solução lhe surgiria, contava com isso. Já estava a um passo dela, podia sentir, mas só falaria quando tivesse certeza. Sabia que os outros estavam bastante preocupados com esse assunto. Esperava poder tranquilizá-los.

Sua mente vagou sozinha até Tamires e a manhã anterior. O que havia sido aquilo? Era verdade mesmo que a ruiva estivera em seus braços por vontade própria pronta para se entregar totalmente para ele? Sabia que havia sido uma decisão impulsiva, porém não menos deliciosa.

Naquela tarde, a mesa virara. Desde que foram interrompidos por Marcel, Tamires o evitava deliberadamente. Alexandre sabia que aquilo talvez acontecesse pelo que conhecia dela. Mas como torcera para que não fugisse do que sentiam um pelo outro.

Ela havia escorregado entre seus dedos. Era frustrante e doloroso constatar que a oportunidade se fora. Sua fome por ela só aumentara e seu corpo estava ansioso por saciar seu desejo. Como conseguiria suportar aquele martírio? Como poderia suportar a sua ausência a alguns passos de tocá-la?

Uma sombra estava entre eles impedindo sua aproximação. Gustavo sempre estaria ali,

atrapalhando-a a retomar sua vida amorosa. Sua única esperança era que o irmão realmente ficasse aqui enquanto ele continuaria com ela do outro lado. Lá a sombra seria extirpada para sempre de seu coração.

Lembrou-se da promessa que havia feito a ela sobre Sofia. Era uma oportunidade de conferir Gustavo e seus planos. Tinha certeza de que ele não desistira de encontrá-la e depois do que faria, ele ficaria ainda mais louco. Não teve pena do irmão, ele cavara o próprio destino com suas más escolhas.

De repente, Eugênio parou de cantar e a energia dourada pareceu cintilar – se pudesse vê-la – chamando sua atenção de volta à realidade. O senhor olhava espantado em direção a casa. Alexandre se virou para observar o que o assustara a ponto de paralisá-lo.

O horizonte estava escuro e baixo, carregado de nuvens densas. Podia ver as folhas agitadas por um vento enfurecido a grande distância. Alexandre se lembrou que aquele tempo os havia acompanhado até ali e agora ameaçava despencar do céu em uma tempestade.

Eugênio começou a correr de volta e o moreno o seguiu. Sabia que tempestades não eram apreciadas por pessoas do campo, mas não entendia o horror em seu rosto. Partiu, mantendo certa distância, ao encontro das nuvens cinza-escuras. Talvez lá encontrasse a resposta para a última pergunta.

Enquanto vigiava, Marcel percebia o quanto Francisco Costa se remexia na cama. Estava inquieto e não conseguia dormir. O loiro se espantou com a concentração três vezes maior da energia dourada no quarto do idoso. Estremeceu ao pensamento que lhe veio à mente, porém era o mais lógico.

A chave de tudo era a genética. Marcel poderia ser debochado e distraído, mas fora o primeiro a matar aquela charada. Estava tão maravilhado que não se preocupou com o enigma maior: por quê? Afinal, o que um velhote gagá seria capaz de fazer, de bom ou ruim?

Ah, sim, o loiro também era ingênuo, erro que Alexandre nunca cometeria. Nunca subestimaria seu inimigo, como dizia o ditado. Marcel se esqueceu dessa lição e ficou se gabando para si mesmo sobre sua genialidade ao se deparar com a solução, clara e nítida, daquele enigma.

Francisco se levantou da cama e espiou pela janela. Marcel se apressou em se confundir na mata afastada a fim de não ser percebido, porém o idoso olhava firme em sua direção. O loiro bufou. Não era possível que ele o estivesse vendo àquela distância. Era?

Permaneceu imóvel. Não era uma tarefa difícil. Esperou que o idoso desviasse o olhar. Talvez estivesse sentindo sua presença mais do que enxergando. Ainda não conhecia um escudo, portanto, procurou apenas não emanar energia alguma além de seu corpo.

Para isso, teria que voltar a sua forma humana comum. Isso já não seria fácil. Primeiro,

anulou a visão aguçada, em seguida a audição. Foi o que fez mais falta. Era seu poder preferido. E, por fim, o rastreamento. Esse tentava encontrar saída e foi o mais complicado de conter.

Após alguns minutos de sucesso, sentiu-se orgulhoso do que conseguira. Queria que Susane estivesse ali para que pudesse dividir aquela vitória. Não ousou pegar o celular, talvez o velho o ouvisse. Para que arriscar? Estava exposto e sozinho, por que se complicar?

Porém, após muitos minutos, começou a se sentir deficiente sem seus poderes. Aquele não era mais ele, mas um antigo Marcel, limitado e desinteressante para quem ninguém olhava. O novo Marcel era vibrante, forte e muito melhor. Bem, era como se taxava.

Lutou mais um pouco para manter-se escondido no meio daquela mata, silencioso e solitário. Não forçou a visão nem para confirmar se o velho se fora da janela com medo de não deter a corrente de energia que o pequeno gesto desencadearia. Concentrou-se no que fazia, sem distração.

Um som começou a vir das copas das árvores sobre sua cabeça. Os galhos se agitavam. Pela primeira vez em muito tempo, se sentiu vulnerável. Teve medo. Agarrou as pernas e as apertou contra o peito, encolhendo-se ao máximo.

Aquele homenzarrão virara uma bola loira e clara no meio do verde e marrom. Chamaria a atenção de quem passasse por perto, mas não havia ninguém. Só o vento que aumentava sobre ele e que em algum momento o tocou.

O toque do celular em seu bolso o sobressaltou e na pressa de atendê-lo, todo seu esforço foi por água abaixo. Enquanto levava o aparelho à orelha em uma velocidade humanamente impossível, sua visão percebia a janela vazia do quarto de Francisco. Suspirou de alívio pouco antes de atender.

– Alô.

– Marcel, perdemos Nicolas. Acho que está começando. Você precisa encontrá-lo.

Focando todas suas forças represadas na conhecida energia de Nicolas, Marcel procurou. Era engraçado como sua energia batia em uma espécie de paredão e não se afastava. Estranho. Olhou para cima. Uma nuvem enorme e escura pairava exatamente sobre sua cabeça. Estava tão baixa e densa, carregada com uma energia diferente, que assustava. O vento forte cresceu desenfreadamente e Marcel viu um brilho distinto piscar entre as nuvens. Era dourado.

DESERTO

Não sabia como, mas havia corrido até o deserto. Um calor escaldante tomou conta de meu corpo. Transpirava. Minha cabeça fervia. Até podia ouvir o som das bolhas em ebulição, uma sonora constante e hipnótica. A areia sob meus pés – quando havia tirado os sapatos? – salpicava a cada passada. Suor escorria sobre meu corpo seminu. Também não sabia onde havia largado a camiseta.

Tentei me recordar o que aconteceu. Qual seria o último acontecimento de que me lembrava? Forcei o cérebro fervente ao máximo até que uma lembrança meio distorcida emergiu. Estava dirigindo. Aonde ia? A pontada de dor que me enlouqueceu me fez perder o equilíbrio e caí de joelhos, as mãos sustentando o tórax suspenso no ar. Fechei os dedos como se pudesse moer mais a areia fina.

A dor era a única coisa que conhecia agora. Como era meu nome? Dor. Onde estava? No deserto. Ou era o inferno? Para onde ia? Morrer. Era a única coisa clara ali e como desejava. Olhei ao redor. O reflexo da luz na areia branca me cegava. Tudo era branco e brilhante. Pareceu-me, por um segundo, um cenário conhecido, mas de onde? Não lembrava.

Virei o rosto para o alto. Era escuro e abafado como um forno, mas não totalmente. Em algum ponto uma luz teimava em incidir sobre mim. O som das bolhas em minha cabeça não parava. Era de enlouquecer. Tentei me movimentar. Meus músculos demoraram a me obedecer também acorrentados pela dor. Sem outra opção, me arrastei sobre a areia. Cada mínimo movimento fazia a onda de dor palpitar forte.

Minhas forças eram um resquício, um fio, um pavio que se consumia rapidamente enquanto lutava contra o desmaio. Por que continuar lutando?, pensei. A morte não era inevitável? Desanimado, me rendi ao cansaço. Meu corpo estatelou na areia que me feriu o peito nu, os braços e a face esquerda. Aquela era uma dor nula comparada a que me rendia.

O horizonte daquele lado era engraçado, estava cortado por dois tons distintos de azul. Gostava do azul. Por que me lembrei disso? O que importava meu gosto por cores que não veria mais? Estava morrendo! Por que importava quem eu era ou de onde vinha se meu destino já estava traçado? Meu fim se aproximava em câmera lenta, deixando a dor e a ansiedade cada vez mais intensas.

Aquela areia infinita, tão clara que reluzia, parecia saída de algum filme, ou de alguma lembrança que guardei, mas que não me recordava agora. Já estivera no deserto antes? Por que aquele cenário me era tão familiar?

Lágrimas escorreram de meus olhos e morreram entre meu rosto e o solo arenoso. De

onde vinha aquela nova dor que não era física, mas era tão intensa quanto a primeira? O que minha mente vazia precisava se lembrar, que meu coração já reconhecia pela emoção? Por que a dor é a primeira lembrança humana? Seria também a última?

Eu me encolhi feito uma bola para esperar pelo fim. O fim da dor, o fim do sufocamento no peito, o fim do meu sofrimento. Haveria ou só a morte aliviaría meu coração e mente? Não tinha por que viver. Mas também não sabia por que morria. A ausência de um pensamento limpo e eloquente não me ajudava. Não conseguia pensar direito. Não conseguia entender.

Foi uma nova dor que apagou as dúvidas e questionamentos de minha mente perturbada. Em uma velocidade espantosa, a dor física cresceu horivelmente, causando espasmos musculares. Como um verme sedento por meu sangue, a dor caminhou por meu corpo machucando, ferindo, destruindo partes minúsculas, porém deixando uma mancha de destruição por onde passava.

Era como se fosse devorado por dentro. Contive o ímpeto de gritar e o desabafo travou em minha língua. O que me serviria clamar agora? Quem viria em meu socorro? Ninguém. Meu sangue ferveu. Ouvia as bolhas, outrora em minha cabeça, estourarem e se multiplicarem com rapidez por minhas veias. Buscavam uma morada fixa e encontraram.

No interior de minha coxa esquerda, a sensação se acentuou enquanto todo o restante de meu corpo passava para inércia, torpor e embriaguez. Estava perdendo meu corpo. A anestesia era bem-vinda. Alguém tinha piedade de mim.

Antes que pudesse comemorar, a dor e as bolhas permaneceram naquela região de meu corpo, crescendo como se multiplicassem por mil. Só tive tempo de colocar minhas mãos sobre o ferimento antes que não existisse mais nada.

Não havia mais corpo, apenas aquela ferida aberta que sangrava, queimava, borbulhava, ardia, crescia por dentro, comendo as vísceras que havia em seu caminho. Eu me senti inflar, como se uma bomba de ar estivesse conectada ao meu corpo e o enchesse gradativamente. A anestesia me fazia perder a sensibilidade, mas ainda não anulava a dor.

Estava oco, vazio e, no entanto, cheio. O ar preenchia as entranhas vazadas pela dor mortal. A sensação era contraditória. Cheio e vazio. Torturante e satisfatória. Morte e vida. Os fluidos que compunham meu corpo – ou energia, sei lá que nome dar – ganhavam vida, sentiam-se livres para vagar inclusive para fora do limite físico estabelecido por minha massa corpórea.

Liberdade era algo natural para mim, percebia em algum lugar longínquo de minha mente, porém daquela forma era totalmente nova. Cada célula de meu corpo ganhava vida e uma energia extracorpórea, como se fossem independentes.

Cada parte de mim tinha vida própria. O sangue fluía na direção que bem queria. Meu pulmão borbulhava ao receber e expulsar o ar. Meu coração saltitava descoordenado em meu peito disposto a criar um novo ritmo para meu organismo. Era leve, agradável, inebriante.

A dor, por um instante feliz, se fez esquecida na minha perna. Talvez porque minha mente vagasse além de meu corpo, alheia a todos os sentidos que não estivessem ligados a boa sensação que aquela liberdade quase espiritual me proporcionava.

Podia me imaginar flutuando, cercado pelo ar, tocando as nuvens com as pontas dos meus dedos. O céu como um azul celeste infinito, perfeito para meu voo sem destino. Iria ao paraíso ou ao inferno se pudesse ser livre daquela maneira sempre.

Seria agradável. O pensamento foi tão forte que minha mente vagou pela possibilidade e me levou por uma viagem pelo espaço sem fim. Os pelos de meu corpo arrepiaram a passagem do vento. Ainda tinha um corpo, pensei.

Mantinha meus olhos fechados para preservar a sensação, mas era estranho. Às vezes, era lançado com força maior do que a leveza que ansiava. Mal sentia o ar a minha volta, como se ele se aderisse ao meu DNA e fizesse parte de meu corpo. Não sentia fome nem sede. Eu era o ar, necessitava só dele. Estar nele e ele em mim, sincronizando nossas essências e nossas vontades. Vagar sem rumo ou preocupações pelo firmamento para sempre.

Mas que preocupações tinha fora a dor? O que estava escondido até de mim mesmo? Não fiz nenhum esforço para lembrar. Para quê se aquele era o prelúdio da morte? Nela não podia haver pensamentos. Essa pachorra de um filme passar em sua mente, de se arrepender dos erros que cometera para ser aceito no céu, não importava sinceramente para mim.

Não importava para onde ia depois dali. Se estivesse no limbo, no purgatório, ou o que mais existisse. Importava a sensação de não dor, não sufocamento, não existência. Aquela sim seria uma morte saudável. Uma pontada no peito. Senti que precisava lembrar de algo, mas o quê? Seria quem? Fiquei confuso e a calma deu lugar a um novo tormento. Era importante sim saber como havia ido parar ali e por quê.

Meu corpo continuou ausente enquanto forçava minha mente a se recordar. Depois de algum tempo, retrocedi ao momento que dirigia. De onde vinha? Para onde ia? Voltei mais um pouco antes que a lembrança da dor me perdesse.

Aquele exercício maluco estava gastando minhas reservas de energia, mas não podia parar. Se fosse morrer, tinha que saber por que e o que estava deixando para trás. Minha viagem ao tempo me trouxe uma lembrança de mim mesmo muito jovem e um cenário semelhante àquele. O rosto de um homem maduro estava associado àquela imagem. Senti vontade de chorar.

Pulei para a próxima e outras faces surgiram. Uma bronzeada e marcada, uma mulher de cabelos caramelos. Essa me passou mágoa. Porém, um salto na lembrança me levou a uma beldade de pele de ébano e um sentimento violento acendeu em mim. Os rostos que se misturaram na lembrança já não tinham importância. Sabia minha motivação. Estava ali por ela, mas por que me perdera de minha deusa e estava agora à beira da morte?

Olhei ao redor aterrorizado. Em que tipo de pesadelo estava? Uma mistura de cores confundia minha visão. Um abafamento me fazia transpirar abundantemente. A claridade embaixo ardia meus olhos enquanto a escuridão me sombreava.

Parecia uma tempestade, mas era estranha. O tempo continuava claro, porém escuro também. Não compreendia. Quanto mais tentava entender, pior me sentia. Tontura e mal-estar me dominaram. Foi quando olhei e percebi...

Não!

Uma nova onda de sufocamento acometeu meu corpo. O ar que tanto precisava não entrava em meus pulmões. Agora a morte estava ainda mais iminente. O desespero tomou conta. Aquele seria meu adeus. O ar caçoava de mim. Enquanto lutava para colocá-lo para dentro, ele girava a minha volta, feroz e zombeteiro. Uma raiva insana turvou minhas vistas mais do que o vento já me atrapalhava.

Estreitei as pálpebras e pisquei várias vezes sufocando e tentando enxergar melhor talvez uma saída para aquele inferno. O que havia feito para merecer uma tortura tão intensa e ininterrupta? O deserto sem fim encolhera? Fechava-se sobre mim como um amontoado de areia. Demorei tempo demais – já pronto para me entregar à morte de uma vez – para entender o que acontecia. O espanto foi maior que o horror.

Literalmente flutuava!

Não bastava essa loucura, outras aconteciam ao mesmo tempo, transformando o cenário em um set de filmagem de ficção científica. O vento, um redemoinho medonho e bravo, canalizara-se a minha volta. A areia se agitava como se fosse revirada por uma mão gigante e invisível. Explodia do chão como um gêiser. O azul, no horizonte, ficou todo salpicado com os grãos dourados.

Entre a linha da areia e o céu uma espuma branca começou a avançar. Uma onda turbulenta invadia o deserto e corria ao encontro dos outros elementos da natureza. O que faltava agora? Estremeci ao pensamento. Faltava o mais terrível deles e temi a forma como surgiria. Meus sentidos buscaram freneticamente o possível local. Seria como um vulcão em erupção ou uma bola incandescente caída do espaço?

De repente, uma luz muito branca, que quase me cegava, surgiu na areia parada – milagrosamente estática, diria – e foquei minha atenção nela receoso. Parecia o reflexo de algum objeto. Meus olhos se estreitaram atentos. Vi quando uma fumaça clara e fina começou a subir do ponto luminoso. Eles estavam doloridos pela claridade penetrante, porém não os desviei.

A fumaça subia animada e despreocupada quando uma pequena combustão fez uma chama tremular sobre a areia. O fogo não era maior do que a de um isqueiro, porém se manifestara sozinha, bem diante de mim, e queimava. Queimava, mas não imaginava o quê. Aquele cena inacreditável me distraiu de tal maneira que fui pego totalmente de surpresa. A morte

me convocava para seus braços frios. Eu me encolhi enquanto via, como mágica, tudo desaparecer de minhas vistas. Era somente eu e a areia de novo, picando minha pele.

O ar a minha volta tornou-se ausente e esborrachei no chão. Mas aquele tombo não foi nada perto da dor que ousava voltar ao meu corpo com força redobrada. Seria possível? Agora percebia que sim. Convulsionei. Eu me debati semiconsciente buscando algo dentro de mim no qual prender minha sanidade. A dor engrossava minhas veias e sangrava meu organismo de dentro para fora.

Foi uma lembrança que me veio à mente como um raio que me permitiu suportar mais um pouco. Dirigia até a casa do Luis. Acabara de deixar Lara – que nome doce – na casa de sua amiga Pietra. Depois de virar uma esquina, uma dor estranha começou a latejar em minha perna. Eu a ignorei. Apenas passei a mão de leve sobre ela como para acalmá-la. Porém, em alguns minutos, ficou insuportável.

Suor abundante começou a escorrer pelo meu corpo e as primeiras crises de falta de ar me desmortearam. Minha perna não obedecia mais os comandos de meu cérebro para dirigir o automóvel. Mesmo com o ar condicionado do veículo no mais frio possível, a transpiração continuou escorrendo. Abri a porta do carro buscando respirar ar de verdade.

Não adiantou. Em total desespero, arranquei a camiseta e o tênis, e teria arrancado o restante da roupa se uma ideia maluca não se instalasse em minha mente. Precisava me mexer. Talvez a dor passasse. Comecei a correr sem rumo abandonando o carro. Ainda não conseguia me lembrar o ponto exato, já que minha mente estava confusa com as sensações lembradas e vividas. O cenário pouco importava.

Não vi por onde passava nem se existia mais alguém. Sentia uma solidão que me quebrava e o vazio tomou conta de mim até me deparar com o cenário triste do deserto. Ao mesmo tempo em que me acolhia, também redobrava a dor. Uma dor diferente que, associada à física, destruiu minha sanidade por um tempo que nem imagino. Quanto tempo havia passado?

A lembrança de nada me valeu. Continuava só, diante do conhecido cenário dourado, vendo – ou imaginando? – coisas que jamais poderiam existir e estava à beira da morte mais triste que alguém poderia ter.

A tristeza foi a última consciência que tive.

MIRAGEM

Onde ele está? Essa pergunta estava intrínseca em cada pessoa, porém seus pensamentos focavam alvos diferentes. Medo e desespero dominavam a todos, de maneira distinta. Cada qual em busca daquilo que lhe acalmasse o espírito.

Lucca ainda andava as voltas na cidade procurando pelo carro de Nicolas. Mainá estava faminta ao seu lado, mas se mantinha calada. Ainda bem que sempre carregava beliscos consigo. Adquirira o costume depois de descobrir que estava grávida.

Essa coisa de sentir pessoas como ele, estava ficando mais fácil para o ruivo, mas então por que não conseguia localizar Nicolas? Sentia-se frustrado e depois de tantas horas procurando sem parar, cansado também.

O telefonema de Tamires só o deixara pior. Falhara e os outros já sabiam. Envergonhado, queria compensar encontrando-o. Estava apostando toda sua energia e magia nisso. Não só sua imagem estava em jogo. Nicolas podia estar em perigo e ele deveria cuidar para que estivesse seguro. Era o que lhe preocupava mais. O capixaba poderia estar agora mesmo preso em uma armadilha ou então...

Interrompeu o pensamento. Não aconteceria nada com ele. Ficaria bem, onde quer que estivesse. Talvez até já tivesse na casa do amigo se divertindo e dando boas gargalhadas, falando de cerveja, mulher e futebol.

Sorriu por dentro ao pensamento. Apesar do próprio Lucca não ser esse tipo de homem, via Nicolas exatamente assim. Um cara oposto dele, mas de quem já se sentia próximo. Responsável.

Decorava os pontos de referência de Conceição da Barra de tanto dirigir pelas ruas da cidade. Sua memória fotográfica registrava e reconhecia cada lugar pelo qual passava ou já havia passado.

Onde ele estava, se perguntava constantemente. Sabia que nada poderia ter passado despercebido aos seus olhos aguçados, mas havia acontecido e não entendia como. Só pode ter sido rápido demais e quando seus olhos não estavam na direção correta.

Um segundo apenas e Nicolas sumira.

Mesmo sabendo que os outros também o procuravam, se chamava à responsabilidade. A obrigação maior era sua. Não devia tê-lo perdido, mas como já acontecera – e não podia mudar o passado – precisava encontrá-lo antes de todos.

Retomou o caminho para dar mais uma volta. Entrou em uma rua pela qual ainda não tinha passado, tinha certeza. Então se deparou com o automóvel escuro e grande que pertencia ao

capixaba.

O brilho de seus olhos refletiu a reluzente pintura do veículo tão bem cuidado. Porém, estava abandonado, quase no meio da rua e sua satisfação por tê-lo encontrado se foi, dando lugar a preocupação. A porta do motorista estava escancarada.

Abandonando o próprio carro com uma assustada Mainá, Lucca saltou em direção ao outro em busca de alguma pista do sumiço de Nicolas. Quando notou a camiseta e o tênis largados, seu coração disparou descompassado. Abaixou para verificar se havia vestígio de um possível ferimento, mas não encontrou nada. Nem um rasguinho. Tudo estava intocado.

Verificou dentro do veículo se não havia nada estragado, quebrado, manchado, rasgado denunciando um ataque surpresa. Nada outra vez. O lindo e caro veículo estava em perfeito estado. Procurou por rastros que indicassem por que ou como Nicolas havia sumido. Para onde? Teria sido levado inconsciente? Ferido, mas não mortalmente? O pensamento o fez estremecer.

Lucca estava tentando olhar através dos olhos humanos, mas sabia que seres que conheciam magia não precisavam de força física ou ferimentos expostos para destruir ou sequestrar alguém. Manteve a calma. Não adiantaria nada se desesperar. Havia encontrado o carro, agora precisa achar pistas de para onde ele havia ido. Vasculhou as roupas abandonadas com cuidado e também os porta-objeto do veículo.

A energia do rapaz estava em tudo, concentrada. Porém não havia rastro, não havia pedaço de alguma coisa nem bilhete. Estavam no escuro. E se tivesse mesmo começado, como Tamires dissera? Onde poderia estar? Qual seria seu refúgio?

Nicolas só pensava em uma pessoa. Somente ela poderia ter alguma ideia desse local especial. Pegou o celular e ligou de volta para a ruiva. Estava infeliz por não ter boas notícias, mas precisariam unir as informações para localizá-lo.

O caminho de volta à sede do sítio fora no mínimo estranho. Por mais invisível que Alexandre procurasse ficar, sempre parecia que Eugênio conseguia percebê-lo. Não importava a distância nem a camuflagem. Cuidou para que não confirmasse.

Conseguiu chegar a casa sem ser pego, porém no momento exato em que um bloqueio enorme – inacreditável – cobria toda a área. Imediatamente sentiu seus poderes presos. Ali não conseguiria expandi-los para fora.

Extraordinário, pensou. Que poder era aquele? Era muito novo. Nunca vira nada assim. Sentia-se um inútil por não saber. Afinal, estava ali porque era o maior conhecedor de seu mundo e dos seres que viviam lá.

Aquela novidade o deixava maravilhado e ao mesmo tempo preocupado. Haveria mais forças desconhecidas por aí? Provavelmente, respondeu a si mesmo. A pedra e os protetores

corriam mais perigo do que imaginara antes.

Eugênio foi direto para dentro da casa, impedindo Alexandre de segui-lo. Ficou do lado de fora procurando se esconder o máximo que podia, porém suspeitava que seria inútil sob aquele arco invisível. Estava exposto e vulnerável.

Lembrou-se de Marcel e procurou por ele no local onde o havia deixado ao partir atrás de Eugênio. Não o encontrou. Que estranho. Onde estaria? Procurou ao redor a energia característica do rapaz. Nada.

Preocupou-se que tivesse sido pego, mas o que um velhote como o Francisco poderia fazer com ele? Bem, contando com a força toda daquela barreira, poderia e muito, pensou. Se ele fosse o responsável por ela.

Mas só podia ser. A força dourada estava presente e pulsante. Viva e jovem, totalmente o oposto do idoso. Teria recebido reforços? Procurou por outras forças além dessa e não encontrou nada. Menos mal. Talvez aquela fosse a última manifestação do poder no avô de Lara antes que se extinguísse. Ou talvez não.

A dúvida era perigosa. Alexandre não gostava dela. Sentiu o desejo de invadir a casa e tirar tudo a limpo de uma vez. Se houvesse luta, lutaria. Estava bem preparado. Não tinha certeza se ganharia, mas com certeza usaria todo seu potencial.

Voltou a focar na casa quando ouviu uma discussão. As palavras saíram rápidas e sussurradas a ponto de não entender tudo. Apenas as palavras *magia, proibido, filhos, estranhos*. Alexandre leu as entrelinhas.

Haviam chegado perto demais. Enquanto mecanicamente se afastava, seu celular tocou e Tamires deu a notícia de que o carro havia sido encontrado abandonado. Resolveu partir ao encontro de Lucca.

Saiu sem procurar por Marcel. Ele que se virasse. Talvez até já tivesse partido também. Talvez aquele escudo fosse culpa dele. Enquanto se afastava, viu quando a barreira desapareceu repentinamente.

A dúvida que se instalara enquanto buscava antecipar o ataque se calou quando a energia dourada pousou sobre sua cabeça. Esqueceu como se respirava. O medo dominou cada partícula de seu ser. Estava cercado. Buscou identificar ao redor de onde viria o ataque. Onde estava ele? Onde estava? Covarde, resmungou para si mesmo. Com medo de um velhote? Um velhote muito poderoso, retorquiu.

Onde me meti, meu Deus? Agora estava sozinho, à mercê de uma força muito maior que a sua. Totalmente desconhecida e nova. Não treinara o suficiente para se sentir seguro sequer para se defender do ataque. Quem diria vencer!

Marcel queria ter olhos por todos os lados. Seus sentidos estavam aguçadíssimos. Pensava pelo menos prever um segundo antes. Seus pés andavam para trás a procura de um porto seguro.

Conteve a vontade de sair correndo. Não assumiria sua covardia publicamente. Onde estava o velhote? Onde estava Alexandre? Onde estava todo mundo? Não era justo ficar ali sozinho.

Seu telefone tocou o sobressaltando. Merda!, exclamou. Atendeu com a mão trêmula. Por que Tamires estava seguindo a pessoa mais fácil enquanto ele corria risco embaixo daquele arco dourado pavoroso?

Até que era bonito, acrescentou. Em seguida censurou o pensamento. Não devia elogiar o inimigo. Seria essa a magia? Sedução? A ruiva lhe informou sobre Nicolas e Lara. Ambas voltavam ao sítio.

Respirou mais aliviado, apesar de se sentir tolo. Não estaria mais sozinho em breve. Tamires era forte. Tinha o fogo do seu lado. Aquela mulher lhe dava medo, não daria em um velho enrugado?

Olhou ao redor e viu que havia se afastado demais. Onde estava a casa? Estaria em outra propriedade? Não reconheceu aquela plantação. Com certeza estava fora do sítio. Olhou para cima. O arco não estava lá. O céu estava limpo e azul.

Ufa. Havia se afastado suficiente para ficar fora da armadilha. Assim esperava. Procurou um canto para se esconder e se concentrou em Tamires. Precisava saber quando estivesse chegando. Viu que estava perto. Relaxou. *Que tal agora procurar por Nicolas?*, orientou a si mesmo.

Não havia mais barreira, mas também não existia mais força. Depois de algum esforço, encontrou o veículo abandonado que possuía uma grande concentração da energia do rapaz. E só. Estava no lugar certo, no momento certo. Era para encontrá-lo com facilidade. Onde estaria? Se estivesse mesmo passando pela transformação, sua força deveria estar emanando desenfreadamente.

Parecia calada, silenciosa, retida. A explosão de energia que detectara em Tamires e em Lucca não acontecia agora com Nicolas. Paralisou. Só havia uma explicação lógica ali. Aquela barreira impedia que o encontrasse.

E se a seguissem? Não encontrariam Nicolas no fim? A possibilidade o animou. Havia uma luz no final do túnel. Esperou apenas encontrar a ruiva para contar sobre a ideia que lhe ocorreria.

Desnorteada, Lara abandonara a amiga. Sem explicação nenhuma, partira a pé mesmo.

Tamires se sentiu tentada a lhe oferecer uma carona. Tolice. O que ela estaria sentindo, questionou a ruiva? Que força ou medo lhe abatera o espírito?

De todos os personagens desta nova realidade, a mulata era a que mais lhe intrigava. Depois de passado o momento de raiva que sentira por ela, refletira melhor. Afinal, seus sentimentos de preocupação e angústia eram transparentes.

Mas a incógnita ainda existia. Quem era Lara? O que ela queria? O que sua força significava? Em uma luta entre ambas, quem venceria? Os treinamentos de Alexandre aguçaram nela esse espírito de competição. Riu de seu pensamento.

Seguir Lara a pé em um veículo era uma tarefa chata. A ruiva se habituara à velocidade. Por isso seu pensamento vagou por onde quis enquanto seus sentidos não a perdiam de vista. Pensou em Nicolas e essa atração forte pela mulata. Tudo bem, ela era bonita. Está bem, era linda, mas Tamires sabia que havia algo mais. Podia sentir, só não identificava.

A pedra cintilava em seu peito distraidamente enquanto caminhava. Desconfiava que a mulata nem percebia de tão concentrada que estava em algum pensamento. Olhou para o horizonte. A nuvem escura caminhava lentamente para aquela direção. O que haveria ali? Seria ali o final da jornada em busca de Nicolas? Mas assim tão óbvio? Só podia estar enganada.

De repente, uma luz dourada cintilou entre as nuvens cinzas e Tamires viu Lara estacar. Algo acontecia mais a frente. A ruiva se segurou para não partir o mais rápido que pudesse ao encontro daquele tempo feio.

Queria entendê-la. Precisava compreender Lara. Esse mistério a enlouquecia. Fora sua ideia antecipar a chegada à Vitória, porém não fora de nenhuma utilidade. Ao contrário, tivera tempo de sobra para se complicar. Uma parte de seu pensamento vagou para Alexandre. E como se complicara! Havia chegado a uma situação insustentável. Agora agia com indiferença para tentar corrigir seu próprio impulso. O que o moreno estaria pensando dela agora? Que era uma maluca, com certeza.

Voltou o foco para Lara e a estranha nuvem mais adiante. Não queria pensar naquilo de novo. Já havia feito sua escolha. A mulata corria então voltou a colocar o carro em movimento, mesmo que muito devagar.

Prestou atenção à corrida da moça. Corria rápido. Suas suspeitas se confirmaram. Lara só podia ser uma deles. Mas ainda havia dúvidas? Sempre. Ainda não tinha acontecido nada que confirmasse e nem a energia dela foi identificada. Até agora.

Foi nesse momento que recebeu a ligação de Lucca sobre o carro e ligara para os outros dois. Primeiro para Alexandre, depois para Marcel. Estavam mais perto do sítio no momento dessa ligação. Só podiam ir para lá.

Percebeu que a nuvem se esparramava sobre a grande e velha casa no centro do terreno. Viu espantada quando o dourado se dissipou de repente e a nuvem seguiu seu trajeto pelo

céu, para além da propriedade.

Alexandre se encontrou com Lucca no local onde o carro de Nicolas estava abandonado. Enquanto ouviu o relato do ruivo, o moreno fazia suas próprias constatações. Seu olhar atento percebeu nas roupas mais do que o outro.

– Suor.

– Como? – perguntou o pantaneiro.

– A camiseta está molhada.

– Sim, eu tinha percebido, mas o que isso quer dizer?

– Você viu o ar condicionado deste carro? – retrucou Alexandre – Nicolas jamais transpiraria assim dentro dele.

– Verdade. Encontramos o carro e o ar condicionado ligados – refletiu. – Então, está mesmo acontecendo.

– Exato. Precisamos encontrá-lo o quanto antes – disse pegando o celular. – Há uma pessoa que pode nos ajudar com isso.

– Lara.

Alexandre já estava falando com Tamires. Havia seguido a mulata até o sítio onde ela estava com a família. Também havia encontrado Marcel. A ruiva relatou certa comoção no local, principalmente quando o irmão da mulata chegou.

– Quem? – perguntou o moreno.

– O irmão mais novo de Lara – respondeu Tamires. – Por quê... Ai, meu Deus!

– Estamos voltando para aí agora! Não os perca de vista.

Desligou e assumiu a direção do veículo de Lucca. Mainá foi para trás. Lucca se sentou sem entender. O que estava acontecendo ali? Chegaram rápido demais, para a preocupação do ruivo com Mainá, que se segurava como podia.

Foram ao encontro de Marcel e Tamires. Ambos tinham o mesmo olhar carregado de Alexandre, constatou Lucca. Por que só ele não havia entendido? Automaticamente verificou o local.

Percebeu que toda a família de Lara estava reunida na sala, em meio a uma discussão calorosa. As três forças estavam ali. Espera aí. Havia uma quarta. Era menos intensa que da mulata, mas estava presente. Nesse instante soube quem era o dono dela e qual o problema com os seus.

A discussão era sobre Nicolas. A voz mais alta do grupo era de um jovem que Lucca identificou como o irmão de Lara, já que era o único membro da família que ainda não conhecia. Parecia que o rapaz não gostava do namorado da irmã.

- Lorenzo, por favor, procure por ele na casa do Luis! – implorou Lara.
- Por que eu deveria? Não sei por que se importa com aquele canalha!
- Rapaz, o caso é sério! – exclamou o idoso.
- Pai, não se meta, por favor! Vá se deitar um pouco.
- Está me chamando de velho, Eugênio? Não viu o que eu...
- Já chega, pai, por favor!
- Não, Eugênio, já passou da hora de Lara e Lorenzo saberem.
- Saber o quê? – perguntaram juntos os jovens.
- Nada – apressou-se em cortar Eugênio.
- Toda a verdade sobre quem são! – retrucou bravo Francisco.
- Como assim?
- Pai, o senhor prometeu...

Falaram Lorenzo, Lara e Eugênio ao mesmo tempo. O idoso suspirou.

– Não há tempo para essa discussão agora. Precisamos encontrar Nicolas. Lorenzo, você vai até a casa do Luis, sem retrucar, menino, e veja que horas ele saiu de lá. Francisco, ajude a procurar pelas imediações. Lara, pense em algum lugar onde ele possa ter ido. Um lugar onde se sinta bem.

– Vovô, o que o senhor sabe? Afinal, estou com um pressentimento ruim, mas não tenho certeza de nada.

– Querida, no tempo certo saberá. Afaste o desespero e pense. Você provavelmente saberá onde encontrá-lo.

– Será que ele voltou para Vitória? Meu Deus, o que terá acontecido?

– Já está anoitecendo, Lara. Não temos tempo a perder. Vá!

Todos respeitaram o patriarca da família Costa e, mesmo resmungando, se separaram a fim de obedecerem a suas instruções. Eugênio até que pareceu aliviado, Lorenzo era o mais irritado e Lara muito mais preocupada e concentrada.

O grupo se dividiu para seguir os membros da perturbada família. Seria uma longa noite. Na casa do Luis descobriram que Nicolas nem havia aparecido. O amigo se juntou à busca e encontraram o carro abandonado do rapaz, a roupa jogada, o tênis largado. O desespero tomou conta de Luis e Eugênio, mais atento aos detalhes, deixou uma ruga se instalar em sua testa. Lorenzo ficou encarregado de levar o veículo de volta ao sítio enquanto os outros dois continuaram a procura.

Enquanto isso, Lara vagava de um ponto a outro da cidade, das praias, dos bares procurando encontrar em cada um deles seu namorado. Passou por todos os mais importantes, que sabia que Nicolas gostava de frequentar. Ninguém o havia visto. Também ligara para

Giovani informando-o do ocorrido e pedira para avisá-la caso aparecesse por lá.

A noite avançava e com ela a desesperança.

Chegara ao meu destino, mas não havia ninguém lá. Ficaram de me buscar, porém tive que ir sozinho. Procurei por alguém e não achei. Sentia como se tivesse desaparecido. Mas qual era o compromisso? Com quem? Onde? Sentia que realmente não importava, só aquela solidão me dava medo.

Eu que prezava tanto a liberdade, a tinha em todos os sentidos. Da mente, do corpo, de movimento, de vida, até de morte, mas de que me valia se não havia com quem compartilhar? Seria essa a minha morte? O fim, o desespero, a solidão, a derrota? Nem meu corpo me queria mais. Ausentara-se como para me punir.

O que ainda conservava minha existência? Meu pensamento livre e vazio? Ficaria a eternidade assim? Do purgatório direto para os braços da escuridão? Pelo menos ali não havia dor nem fome nem sede nem sentimento. Espera aí! Havia sentimento porque havia consciência.

A morte seria uma prisão mental? Uma solidão psíquica? Uma liberdade vazia? Um questionamento insistente? Nem ali haveria respostas definitivas? A solidão era como uma ilha perdida e isolada no meio da imensidão azul sem fim. O meu azul não era o oceano, era o céu. Então eu era uma ilha de ar.

Queria pelo menos batucar um dedo sobre um móvel, mas não havia nenhum nem som nem dedos. Tentei me debater com a esperança de que o gesto bruto trouxesse meu corpo de volta, mas foi em vão. A ausência do próprio tempo era de enlouquecer. Quanto havia passado? Um minuto, uma hora, um dia? Se a eternidade tivesse fluído na linha ininterrupta, não teria feito a menor diferença para mim.

Ficava impaciente. Achava melhor que o fim chegasse de uma vez do que continuar com a incerteza do que aconteceria depois. Para que continuar daquele jeito? Queria me mover, correr, voar. Sentir o vento no rosto, o calor do sol no corpo. O aroma de flores, o sabor de um fruto. A morte era insípida demais.

Sentia tanta falta do que era tangível. O abstrato era cansativo. A escuridão era vazia e meus pensamentos eram chatos. Faltava cor, faltava vida. A minha sempre fora agitada e movimentada, cercada de gente. Minha morte seria o oposto? Sobreviveria àquela solidão fria? Onde estaria meu corpo? Pelo menos com ele não sentiria minha mente no nada.

Por que tinha lembranças agora? Por que sentia falta daquilo que não poderia mais ter? Por que a inconsciência não me levava de vez? Vamos lá, mente, hora de desligar! Esperei que algo acontecesse, que a vida voltasse ou a morte apagasse minha mente. Esperei por um toque, um respiro, uma voz... qualquer coisa. O nada persistia.

Pensei em respirar, sentir o ar inflar meus pulmões. Lembrei tão bem da sensação que me

pareceu real. Concentrei-me por um tempo no exercício mental. Inspirar, expirar. Inspirar, expirar. Gostei da brincadeira. Tentei pensar em aromas do que me lembrava muito bem. O verde de um parque, a maresia, uma refeição, um perfume. Hum, era tão boa a lembrança que acendeu em mim outras emoções.

A corrida por uma mata alta, cercada por um céu claro e um sol firme. A praia e seu tom iluminado feito o dia. O sabor do arroz, do feijão, de uma carne, um legume e uma salada, um tempero bom e no ponto. O sedutor aroma de uma mulher com inúmeras nuances.

Uma nova sensação despertou em minha mente, uma fome física. Eu me deleitei com as lembranças das várias mulheres que havia passado por minha vida. Loira e morena, alta e baixa, gorda e magra, bonita e feia, inteligente e avoada, tagarela e calada, risonha e chorona, quente e fria, branca e negra, rica e pobre. Cada uma havia sido especial a sua maneira e deixou de nossa convivência algo positivo, um aprendizado de vida, de coexistência, de comportamento. Que saudade de uma mulher!

Na escuridão, uma luz dourada surgiu vagarosa. Sorri por dentro. A vida retornava aos meus olhos. Tentei buscar meu corpo. Senti meus dedos e membros. Meu peito se encheu de ar ruidosamente. Meu coração bateu compassado. Estava vivo. Senti a energia correr por minhas veias e ligar meus músculos. Podia me mover. Podia correr. Podia ver. A felicidade tomando conta de mim como uma parte vital, revivendo.

Meus ouvidos captaram o som do mar, das aves, do vento, de carros, de pessoas. Podia ouvir cada um deles com suas diferenças características, porém uma voz se destacou. Suave, sensual e doce, suas notas convergiam no meu nome.

Abri os olhos. A visão que tive foi a maior surpresa. Também era de uma beleza exótica e sexy, com pequenos defeitos que só a deixavam mais bonita. O rosto muito claro era marcado por algumas sardas, os olhos verdes-claros brilhavam, a boca semiaberta em um sorriso era pequena e sedutora, desenhando uma leve marca ao redor. Mas o que chamava mais a atenção era a cor extraordinária de seu cabelo. O reflexo do sol sobre os fios vermelhos era simplesmente inacreditável. Era a mulher mais linda que já vira. Uma miragem.

Naquele momento pensei que nunca havia saído com uma ruiva antes. Não uma ruiva tão bonita e com o cabelo tão afogueado. Decorei seus traços enquanto guardava o som de sua voz que me chamava novamente. Então respondi.

– Oi, gata!

TRANSTORNO

A madrugada fora longa e Tamires estava cansada de procurar sem sucesso. Volta e meia cobrava de Marcel alguma pista, rastro ou sinal de Nicolas, mas ainda não havia nada. O grande grupo vasculhou a pequena Conceição da Barra inteira.

O mau tempo se dissolvera quase que totalmente no horizonte quando Marcel sugeriu que seguissem em sua direção. Não havia ponto de energia, mas algo visual e estranho naquelas nuvens carregadas. Todos haviam visto a força dourada explodir em meio à tempestade.

Finalmente a própria Lara tivera uma nova ideia e seus olhos dourados brilharam de esperança.

– A Vila Itaúnas!

Logo convergiram os quase trinta quilômetros até lá para constatar com seus próprios olhos que o tempo feio estava parado sobre o lugar. Não seria difícil procurar ali, com seus poucos quarteirões. Seria mais difícil não se esbarrarem.

Para garantir que não se encontrariam, Tamires e seu grupo ficaram do lado de fora da vila, na margem direita do rio Itaúnas onde as dunas começavam enquanto Lara e seus familiares vasculhavam as quadras.

Nada de Nicolas. O Parque Estadual de Itaúnas era imenso, então cada um partiu para uma direção. Ali era o último lugar e tinham certeza de que o encontrariam.

A noite estava tão escura, mas não precisavam de lanternas. Mainá havia ficado no carro para descansar enquanto os quatro procuravam incansavelmente.

Perto do amanhecer, as nuvens pesadas se dissiparam por completo e nesse momento puderam sentir de novo a energia de Nicolas, sempre tão instável, porém estava constante e forte.

A pessoa mais próxima da localização exata do rapaz era Tamires que o encontrou primeiro. Estava apagado e seminu sobre a areia fina próximo a uma gruta. Ficou tão feliz em vê-lo que nem se preocupou com o que pensaria ao olhá-la, tentou logo acordá-lo chamando-o pelo nome.

– Nicolas, pode me ouvir? Acorde, por favor.

Viu um sorriso desenhar em seu rosto ainda adormecido. Estaria tendo um sonho bom? Ficou ainda mais feliz por encontrá-lo bem, o rosto pálido, corado e saudável. O peito nu inflando devagar. Estava tão natural em seu descanso que não causava maiores grandes preocupações. Mas preferia que acordasse. Precisava saber se já havia terminado, se estava mesmo bem. Por isso, chamou de novo com doçura e paciência, e viu seu sorriso aumentar.

Repentinamente, seus olhos, de um azul-turquesa inesquecível, se abriram e a encararam maravilhados. Viu seus sentimentos saltarem da alegria à admiração enquanto a examinava. Em seguida, para desejo envolto em curiosidade.

– Oi, gata – respondeu.

Tamires teve um sobressalto e se afastou. Só então notara o quão perto chegara. Para ela, Nicolas não era um estranho. Já para ele seria e muito bonita.

– Oi, você está bem?

Ficou aliviada ao sentir os outros vindo. Manteria Nicolas falando. O silêncio era mais arriscado.

– Melhor agora, linda. Como se chama?

– Tamires.

– Muito prazer, Tamires. Bem, você já sabe meu nome, não é? Aliás, de onde me conhece? Não me lembro de termos sido apresentados. Nunca a esqueceria.

Tamires revirou os olhos com as cantadas do rapaz. Que inoportuno.

– E não fomos mesmo. Meus amigos e eu viemos especialmente para conhecê-lo.

– De onde?

– Muito longe.

Nesse momento, Alexandre chegava por trás da ruiva com cara de poucos amigos. Ouvira toda a conversa e não parecia nada satisfeito.

– Nicolas, esse é Alexandre.

O moreno balançou a cabeça em um cumprimento seco.

– Olá, desculpe os trajés e o local de encontro – brincou e piscou um olho para a ruiva. –

Tive alguns problemas.

O casal se entreolhou. Que naturalidade estranha a dele. O que estava tentando fazer? Fingir que não estava quase nu e perdido nas dunas que tanto conhecia? Que não dormira ali mesmo e que se sentira na beira da morte o tempo todo? Tamires entendia bem pelo que ele tinha passado, mas por que aquele fingimento? Seria algum tipo de defesa?

– Nós sabemos... – começou a ruiva e foi interrompida por um cutucão do moreno.

– Sabem...? – questionou incrédulo erguendo as duas sobrancelhas.

Lucca e Marcel chegaram e Tamires fez as devidas apresentações. Nicolas pareceu espantado com o cabelo acobreado do ruivo. Olhava dele para a ruiva o tempo todo como para medir suas feições. As semelhanças físicas eram impressionantes. Viram quando uma ruga se instalou na testa de Nicolas e ele se sentou, afastando-se um pouco, os olhos presos desconfiados no loiro.

– O que está acontecendo aqui? Quem são vocês e o que querem comigo?

Tanta gente para falar e ninguém tomava a iniciativa. Olhando para Alexandre a fim de receber aprovação, Tamires resolveu ser a porta-voz de toda a história, porém Lucca começou a falar, espantando a ruiva. Orgulhava-se de sua participação ativa, apesar de sua relutância inicial.

– Estamos aqui por você, Nicolas. Nós sabemos de tudo que está acontecendo desde o carnaval.

– De tudo? – O rapaz arregalou os olhos e se recompôs em seguida. – Do que está falando?

– Sim, tudo – respondeu calmamente. – Entendo sua relutância. Quando aconteceu comigo, também foi muito difícil aceitar. Achei que estava enlouquecendo.

Tamires gostou da conversa entre eles. O tato que Lucca tinha na abordagem do assunto seria menos chocante. Ficou bem quieta, deixando que o ruivo no centro da roda conduzisse o relato da forma que achasse melhor. Em sinal de apoio, pousou uma mão sobre seu ombro por alguns segundos.

– A pedra, os sentidos aguçados, o dom de ler pensamentos, o domínio sobre os elementos, tudo foi uma descoberta nova e assustadora. Sentia-me uma aberração. Sabia que era diferente da família que me adotara e dos pantaneiros, porém nunca sonhara que viria de outro mundo e que minha família verdadeira estava à minha procura há muito tempo.

Lucca trocou um olhar carinhoso com Tamires e lhe afagou a mão com um sorriso terno. Nicolas achou bonito – e óbvio o parentesco. Sentia falta de uma família. Como seria bom, pensou, encontrar a sua verdadeira também. Será que ainda havia salvação para ele?

– Quando Tamires me encontrou, junto com seus amigos, não foi difícil acreditar nas explicações que ela me deu. Afinal, ela também havia passado pela mesma experiência, a única diferença era que buscou pela verdade o tempo todo até dar de encontro com ela. Eu me acomodei na minha vida como arqueólogo, noivo e filho. – Sorrindo, acrescentou. – Foi uma índia que me fez enxergar que a vida estava além de Corumbá e que meu destino era maior e muito distante dali. Você vai conhecê-la mais tarde. Está descansando agora.

Chegara o momento tão esperado e tão temido. Nicolas saberia toda a verdade. O que pensaria sobre ela? Ele parecia paralisado diante das palavras de Lucca. Tamires podia ler a dúvida em seus olhos e ao mesmo tempo o fascínio. Pelo menos estava disposto a ouvir até o fim. Sorriu satisfeita. Bastava isso, que escutasse.

– Tamires me contou sobre nossos pais, sua vida em um mundo encantado, longe do mundo real e cercado pela magia e poder dos elementais. Um mundo onde a natureza e sua essência criadora é preservada com o intuito de conservar a vida. Um mundo que foi brutalmente dominado por um mago mesquinho capaz de arrancar vidas em prol de sua ganância. Ele foi capaz de ceifar a vida de nossos avós e de nossa mãe. Apenas nosso pai

conseguiu fugir para este lado, porém se perdeu de nós. Você deve ter ouvido falar dele. Era o astrônomo Pedro Tosquini.

Nicolas deixou o queixo cair. Que história mais maluca. Mas por que fazia sentido? Aquela carícia em seu rosto lhe garantia teimosamente que era verdade. Teria mesmo pirado de vez? Estaria sonhando? Sentiu-se frustrado se fosse só sua imaginação porque a beleza de Tamires merecia existir. Lucca interrompeu seus pensamentos.

– Fomos salvos por uma amiga de nossa mãe, já que éramos importantes para a salvação do mundo do qual viemos e do resto do planeta. Uma profecia previra o levante do mago, porém também garantira protetores, quatro pessoas poderosas capazes de dominar os quatro elementos e de conhecer a verdade de alguma forma peculiar. Porém, os quatro irmãos, filhos da sacerdotisa mais amada e respeitada do Coração da Natureza, foram perdidos e quase mortos na passagem para cá.

Lucca viu os pensamentos de Nicolas em conflito. Ele engoliu em seco à menção dos elementos e da verdade. Prosseguiu sem dar tempo para que absorvesse a primeira parte.

– Caímos em lugares diferentes do país e fomos criados de formas distintas. Mas como saber quando estaríamos prontos para voltar e resgatar o coração congelado da natureza do poder do mago? O alinhamento planetário. Sua aproximação fez com que as pedras, que são a chave para o portal que nos levará de volta à nossa origem, despertassem a magia que existia dentro delas e, consequentemente, em cada um de nós. Esse evento está próximo, Nicolas, e você é o último elemento que falta. O ar. Você acaba de passar pela transformação final e está completamente apto para exercer seu papel. Integralmente um guardião-protetor. Um ser raro e poderoso.

Uma onda, que lhe causou náusea, quase o fez desmaiar. O ar rodopiava em sua cabeça como para confirmar as palavras amalucadas daquele estranho. *O que ele está querendo dizer? Que ele é meu irmão? Que tenho poderes? Que há uma missão suicida, predestinada para mim desde meu nascimento? Este cara é que deve estar louco, não eu!*

– Sou o elemento terra e minha pedra é o ônix. A Tamires é o fogo e sua pedra é a ametista. Suzane, a caçulinha, é a água e sua chave é a pedra-da-lua. Ela não pode vir porque anda muito fraca, mas se vier conosco, poderá conhecê-la. O portal se abrirá em breve e precisamos estar reunidos e prontos para cumprir nosso papel nesse importante evento. Sem você, nós nunca conseguiremos. Somos como uma unidade.

Nicolas não conseguiu mais se conter. Caiu em uma gargalhada gostosa e descontrolada. Os quatro ficaram olhando sem acreditar na reação do rapaz. Parecia mesmo desequilibrado emocionalmente. Talvez tivessem forçado demais. Muita informação de uma só vez. A mente dele estava frágil, pensou Tamires.

Ninguém falou nada enquanto o ataque de riso persistia por um tempo constrangedor. Ninguém sabia o que fazer ou dizer. Esperaram que passasse e que Nicolas se recompusesse a fim de dizer o que estava pensando, mesmo sendo extremamente claro.

Depois de muitos minutos, e ainda em meio e alguns risos soltos e histéricos, começou a falar, sua voz saía aguda e descontrolada. Forçava uma atitude que não condizia com sua mente, estava claro para Lucca e Tamires, principalmente, que conheciam o que se passava em sua alma naquele momento. Conflito.

– Vocês devem ser malucos se acham que vou acreditar nesse conto da carochinha. Magia não existe nem pedras poderosas nem controle sobre os elementos. Que lugar bizarro é esse que criaram? Coração da Natureza? Isso soa tão ONG. Salvem a natureza! – caçou o rapaz. – Olha, entendo a preocupação de vocês quanto a isso, também me importo, claro. Mas estão usando o discurso errado. Não é inventando uma ligação cósmica entre os astros e a natureza, com uma pitada de magia, que vocês vão conseguir convencer. Trabalho com ideias e posso lhes ajudar com algumas que darão muito mais resultado do que isso, podem confiar em mim.

Voltou a gargalhar alto enquanto o grupo se entreolhava incrédulo. Que resposta era aquela? Nicolas estava inevitavelmente fugindo da realidade. Tamires resolveu interromper aquele acesso do rapaz quando ele voltou a falar tentando recuperar o fôlego.

– Acho que o mais absurdo é usarem o fato de eu ser órfão para criar um parentesco entre a gente. Olhem para vocês! São ruivos! São parecidos, admito, provavelmente são mesmo irmãos. Mas não tenho nada a ver fisicamente com vocês. Tenho o cabelo escuro e os olhos azuis. E sou mais alto que você – apontou para Lucca. – Não dá para acreditar nisso.

– Você é muito parecido com Suzane – intrometeu-se tristonho o ruivo. – Que, aliás, é muito semelhante a nossa mãe, Luise. Você pode conferir com seus próprios olhos, *Tomé*, se não acredita em nós. Basta vir com a gente.

Tamires se surpreendeu com a última fala de Lucca. Esse tom não era normal, mas também não estava acostumado a duvidarem dele, de sua palavra. Era honesto demais para admitir uma ofensa desse tamanho, mesmo que Nicolas tivesse todos os motivos do mundo para não acreditar. Ficou ainda mais triste com o desfecho dessa história. Não acreditava mais que daria certo. Olhou na direção do irmão incrédulo, que ainda ria deles, e sentiu seu coração se partir. Seria duro ir embora sem ele. Deixaria para trás parte de seu coração.

Nicolas parou de rir na hora em que percebeu o olhar de Tamires. Mexeu tanto com ele, de uma forma diferente da primeira e inesperada vez em que a vira. Sentiu uma ternura fraterna, como se seu coração a reconhecesse como irmã, mas sua mente não fosse capaz do mesmo.

A ruiva tirou do bolso um pedaço de papel amassado e passou para ele. Demorou um

momento longo demais para explicar o que significava, então desdobrou-o e começou a ler quando a voz, sedosa e quente de Tamires, se fez ouvir e seu coração faltou saltar pela boca.

– Você corre perigo e a pedra também, por isso estamos vigiando você há algum tempo, de perto. A minha e a de Lucca desapareceram e temos receio de que aconteça o mesmo com a sua. Fique de olho nela. Ela é muito importante para que retornemos para casa. – Sua voz era tristonha e seu olhar choroso. – Vamos deixar você pensar sobre tudo o que te contamos, absorver a verdade e reconhecê-la. Não tente fazê-lo com sua mente porque desse modo nunca acreditará. Ouça seu coração. Ele lhe dirá o que fazer. Caso resolva rápido, estaremos por perto no primeiro endereço deste papel até o final da semana. Se não decidir vir conosco agora, poderá nos encontrar no segundo endereço. E se você – a ruiva quase engasgou ao dizer a próxima palavra – não quiser mesmo conhecer de onde veio, queime isto.

Nicolas sentiu um desejo insano de correr o espaço entre eles e estreitá-la nos braços, dizer-lhe que não queria que ficasse triste, que iria aonde quer que ela quisesse só para vê-la sorrir como antes, mas se conteve. Apenas balançou a cabeça, escondendo seus verdadeiros sentimentos atrás da incredulidade e do sarcasmo.

– Perda de tempo e de papel. Acho que desperdiçou uma árvore, *senhora ecologia*. Aconselho vocês a voltarem exatamente de onde vieram. Não gostei de me vigiarem. Gosto de minha privacidade. Por favor, a respeitem. – Levantou-se de um pulo. – Acho que é adeus, não é? Adoro fazer novos amigos, pena que a nossa amizade está separada por uma distância inacreditável.

Lara de repente surgiu no horizonte correndo rápido demais. Seu surgimento acompanhava o sol subindo no céu da manhã. Gritava por Nicolas em desespero e ao mesmo tempo em alegria por tê-lo encontrado. Jogou-se em seus braços em busca de ferimentos e constatou que seu físico continuava perfeito. Apenas alguns arranhões.

– O que aconteceu, amor? Fiquei tão preocupada!

– Desculpe, meu anjo, acho que perdi a noção. Podemos ir para casa? Preciso descansar um pouco.

– Claro, vamos para o sítio. Estou de carro.

Nicolas já a estava virando quando Lara finalmente notou o grupo paralisado e triste próximo.

– Quem são eles? – perguntou a Nicolas.

– Turistas.

– Ah. O que queriam?

– Sei lá. São um bando de malucos. Não vale a pena falarmos sobre isso. Preciso tanto de um banho.

E a puxou tão rápido para longe dali que a mulata nem notou o loiro que a perseguira.

Cheguei ao sítio da família de Lara com o coração pesado. Primeiro pela preocupação que causara a todos que se mobilizaram para me encontrar. Segundo, por aqueles estranhos por quem passei a ter sentimentos bons. Sabia que tinha facilidade com relacionamentos, mas a questão ali era diferente. Eles se diziam a minha verdadeira família. Meu coração se encheu de uma esperança que nunca esteve ali.

A solidão era contornável. Era uma passagem. Um momento que se findava. Podia deixar de ser uma ilha. Voltaria a fazer parte de um núcleo de pessoas do mesmo sangue, com o mesmo propósito, com o mesmo destino. Aquele sentido de pertencimento era divino. Sempre amaria meus pais adotivos, mas conhecer minha verdadeira família era um anseio que crescia enquanto me preparava para um banho quente e refletia sobre os acontecimentos.

Não podia negar que algo diferente havia acontecido comigo durante naquelas horas longas e solitárias, onde dor e morte eram minha única realidade. Mas como aceitar uma explicação tão improvável? Talvez nunca soubesse toda a verdade. Talvez não importasse. Só o fato de saber que havia mais de minha família real e que meus pais não me abandonaram propositalmente já era um conforto.

Algo se remexia dentro de mim querendo encontrar saída. O desejo de conhecer a tal Suzane, irmã que compararam comigo, me perturbou muito. O fato de me sentir atraído por Tamires também me embaraçou. Se fôssemos mesmo parentes, poderia ter cometido incesto. Que absurdo!

Ela era realmente linda, não havia como negar. Como seria a tal Suzane? Teria os cabelos escuros como os meus? Os olhos azuis? A tez branca e rosada? Pensei nos endereços que estavam no papel e que já havia decorado.

O pedaço amassado da folha com a letra rebuscada de Tamires – deduzi – havia descido descarga abaixo. Não queria que Lara o encontrasse e fizesse mais perguntas. Contornara todas muito bem.

Voltei a mente ao antes, a loucura de quase morte. A dor sem fim. A sensação de sufocamento. Eu me encolhi com a lembrança. Como era intensa! Automaticamente, toquei a parte de minha coxa onde a dor fora maior e mais concentrada. Não havia nada ali além de pele. O que estava esperando? Uma ferida aberta? Cicatrizada? Não fazia ideia. Ainda assim, resolvi conferir com os olhos. Era bem na parte interna da coxa esquerda.

Quase escorreguei e caí de susto. Onde não senti nada com os dedos havia uma marca estranha. Lembrava que ali havia uma marca de nascença que se assemelhava a uma forma geométrica. Mas o que significava aquele triângulo perfeito virado para cima com um traço o cortando pelo meio? A marca era vermelha como uma ferida recente, porém cuidada e tratada, e

que não causava mais dor. O que mais me espantou foi a forma perfeita do desenho. Estaria imaginando aquilo também?

Tomei banho o mais rápido possível, me enrolei na toalha e procurei pelo meu Iphone. Achei a internet e pesquisei no buscador o que significava aquele símbolo. Quase caí para trás quando, em vários sites, a resposta me fez perder o chão.

Ar. Esse era o símbolo universal desse elemento. Do elemento do qual me disseram que era regido. Outras perguntas povoaram minha mente. De que signo seria? Qual seria minha verdadeira data de nascimento? Perguntas que ficariam sem resposta se continuasse me recusando a procurar por aqueles estranhos.

Ou diria, por minha família?

Agf, isso era doido demais! Não queria mais pensar, talvez a inconsciência me ajudasse a me tranquilizar. Estava um pouco cansado, mas não o suficiente para apagar como queria.

Ainda assim deitei na cama sem me preocupar em me vestir. Procurei perceber se estariam me vigiando lá fora, como acreditavam que estava em perigo. Tentei ouvir alguma coisa e ao invés disso, simplesmente os senti. Não sei explicar bem, mas sabia que estavam lá. Como se minha energia tocasse e reconhecesse as deles sem que tivesse que ouvi-los ou vê-los com meus sentidos comuns. Percebi que estavam meio distantes. O que temiam?

Devia ter parecido um louco rindo deles daquele jeito, mas foi inevitável. A história toda era absurda demais para não me causar um acesso. Não costumava ser grosseiro com as pessoas, muito menos com estranhos, mas não consegui me conter.

Acho que devia um pedido de desculpas. Seria muito mais educado do que a maneira cretina com que me afastei mais cedo. Acho que tinha mesmo um quê de canalha. Lorenzo tinha razão quanto a isso. Podia entender a antipatia do irmão – mais novo, porém tão protetor quanto outro qualquer – de Lara por mim. Já a havia magoado antes. O rapaz também era homem e entendia bem a atração de uma mulher sobre o sexo oposto.

E minha fama não me ajudava muito a ganhar sua confiança. Se tivesse uma irmã, também não gostaria que um homem como eu chegasse perto dela. Ri diante do pensamento.

Pensei no presente que eu havia dado a Lara. Era a maior prova do que ela significava para mim. Sempre significou. A água-marinha era o presente dos céus no meu nascimento sobre as dunas. Era o elo com meu passado. Um passado que agora se deparava diante de mim com várias incógnitas. Um passado que não me explicava nada, só me confundia mais. E, no entanto, fazia um sentido absurdo!

Afinal, que lógica tinha a vida? Que sentido havia nos sentimentos? Que guia senão o destino traçava nosso futuro? Estava de acordo que a vida era incontrolável apesar de querer sempre ter o domínio sobre a minha.

Dei com a cara em uma parede de concreto chapiscado. Doe. Talvez essa fosse a maior lição que levaria de tudo isso. Também me lembraria que a solidão é dolorosa demais para desperdiçarmos nossa liberdade com ela. Voltaria para Vitória um homem melhor. Disso tinha certeza. Olharia para as pessoas e para a vida de outra maneira. Estava na hora de mudar de atitude, sem perder minhas características, apenas melhorá-las.

O resto, as experiências da loucura e da quase morte, trancaria em algum lugar recôncavo do meu ser. Seriam lembranças dolorosas demais para ficar remoendo. E sobre minha família, sonharia que ela vivia em alguma parte consciente de mim. Ergueria-me daquela cama um novo Nicolas. O passado ficaria exatamente onde deveria na linha do tempo e viveria o presente, seguindo para um futuro que construiria ao lado de Lara.

Como era fácil admitir isso agora. Natural. Sólido. Verdadeiro. Agora sabia que a amava e que passaria o restante de minha existência ao seu lado, sem arrependimentos. Seria um bom parceiro para ela. Respeitaria e a amaria como ela merecia e seríamos felizes. Por que não podia me dar esse direito? Um fim de conto de fadas para uma vida tumultuada pelo incerto? Merecia.

Os anos passariam. Ficariamos velhinhos e juntos, cercado de filhos, netos e bisnetos, passaríamos à nossa descendência todo o conhecimento adquirido em tantos anos. Passaríamos parte de nós mesmos e assim terminaria minha história.

“E viveram felizes para sempre.”

A maldita vida não era um conto de fadas. Minha audição aguçada e intrometida me lembrava disso enquanto espreitava a conversa alheia. Que ódio! Nunca mais teria sossego nem para ficar sozinho com meus próprios pensamentos?

Identifiquei as vozes enquanto ouvia a discussão acalorada, porém baixa suficiente para que outros – pessoas comuns, não malucos como eu – não pudessem ouvir. Mas podia entender cada palavra e não pude evitar o interesse quando meu nome escapou.

– Precisamos conversar com ele, Eugênio. Chega de teimosia. Ele está sendo vigiado. Se não fosse por mim, sabe-se lá o que teria acontecido.

– Pai, por favor, deixe Nicolas em paz. E se ele não quiser essa vida?

– Ele não tem escolha, filho. É seu destino. Todo o planeta depende disso.

– É claro que ele tem escolha, pai. Fiz a minha também, apesar de sua insistência em tentar incutir essa história maluca na cabeça de meus filhos.

– Mais respeito, Eugênio. Não renegue sua origem. Isso lhe será cobrado em algum momento da vida, assim como foi a mim.

– Que história é essa, vovô?

Lara? Como ela ouvira a conversa? Estaria atrás da porta vigiando os dois? Parecia mesmo se alteravam toda vez que eu aparecia. Seria melhor ir embora? Não queria causar briga em uma família tão unida.

– O que está fazendo aqui, filha?

– Chega de enrolação, papai. Quero saber o que está acontecendo agora.

– Não é nada, minha filha. Só as velhas histórias de seu avô.

– Vocês falaram de Nicolas, eu ouvi. O que tem meu namorado?

– Também ouvi.

Lorenzo! Ai, meu Deus! Agora eram dois inimigos contra dois aliados meus. Isso não ia prestar. E agora, o que fazer, Nicolas? Pense, pense. Mas nenhuma ideia me ocorreu a tempo de salvar o dia. O tempo fechou.

– Ah, não, você também? Já disse que não é nada. Voltem para seus afazeres. Lara, seu namorado não está precisando de nada?

– Cala a boca, Eugênio! – gritou Francisco. – Chega de enganar seus filhos e menosprezar a capacidade mental de seu pai. Isso é um abuso! Vou contar tudo, queridos, sentem-se.

Eugênio bufou e saiu do quarto com pisadas duras. Não concordava, mas não impediria.

Seu pai não havia deixado escolha. A curiosidade me queimava por dentro. O que ele contaria?

– Há muitos anos, muitos mesmo, antes de sonhar viver deste lado e ser pai, vivia em um lugar mágico, repleto de seres elementais, de uma natureza viva e constante, de feiticeiras, magos e portais encantados. Era uma criança feliz até descobrir, na adolescência, qual era a minha missão.

Eu me lembrava de alguma coisa dessa história. Lara já havia me contado uma vez. Era o início de um conto que ele narrava antes deles dormirem quando crianças. Espantou-me a semelhança com a narrativa de mais cedo, daqueles estranhos. Ah, quer saber? Quantos contos de fadas não começam iguais? Lorota!

– Era filho de um primeiro-guardião. Um ser elevado entre os humanos dotados daquela terra especial. O comandante, o líder, o guerreiro, o capitão. Como entrara na adolescência, começaria a ser treinado especificamente para substituir meu pai no futuro nessa função de grande responsabilidade. Até então tudo bem para um jovem buscando aventura.

O silêncio na sala e na casa era aterrador. Podia ouvir apenas o som dos corações batendo cadenciado como uma trilha sonora para a história que o avô de minha namorada contava. Também estava encantado com a narrativa, apesar do absurdo. Francisco era um ótimo contador de histórias.

– O que me fez temer foi a profecia. A profetisa mais antiga do lugar previu que algo muito ruim iria acontecer àquela terra, lugar que eu amava. Muitos morreriam tentando proteger os alvos do mago poderoso e sem escrúpulos que se ergueria. Estava sendo treinado para liderar os guardiões durante a posse do mago e proteger quantos pudesse, principalmente os escolhidos.

Meu coração bateu descompassado quando ouvi as últimas palavras. A tal da profecia estava sendo repetida para mim em menos de duas horas. Não merecia aquilo. Ainda assim, não consegui me conter e continuei escutando atentamente.

– Os escolhidos seriam os salvadores, pessoas poderosas ligadas aos quatro elementos, com suas respectivas pedras, que seriam os únicos capazes de derrotar o tal mago. Tinha muito medo de magos. Eles eram velhos e ranzinzas, com rugas infinitas e cabelos brancos longos e pontudos que lhe davam um ar etéreo. E conseguiam mesmo a façanha. Possuíam um conhecimento de magia como poucos e podiam fazer o que quisessem com ela caso resolvessem usá-la a seu bel prazer.

Quase ri, mas algo dentro de mim me impediu.

– A ideia de enfrentar um mago poderoso, que seria capaz de destruir uma sacerdotisa também poderosa, com uma adega de ouro e um pequeno exército limitado de poderes não me agradou em nada. Como um covarde e imaturo, decidi que aquela guerra não era minha. Que tinha que sobreviver de alguma forma, mesmo que a terra que tanto amava não suportasse as mudanças forçadas por magia. A natureza é sábia, meus netos, escolhe seu percurso com foco na

coletividade, nunca somente em sua sobrevivência.

Não pude evitar um solavanco de riso. O que era aquilo? Teria uma crise toda vez que ouvisse coisas bizarras? Por que não ria agora enquanto ouvia a conversa alheia com capacidades que não deveria ter. Fica quieto, Nicolas, me repreendi.

– Na primavera seguinte, o portal se abriu e parti sorrateiramente do mundo encantado onde vivia e caí nesta selva que é a Terra. Nunca havia saído de lá antes. As primeiras horas foram de grandes descobertas, que vocês considerariam parte de seu cotidiano. Esta terra fértil e agradável me apeteceu de cara e resolvi ficar até me estabelecer completamente. Primeiro me sustentei com bicos, depois empregos fixos, até conseguir comprar este sítio. Demorou muito tempo. Já conhecia sua avó e Eugênio já havia nascido. Porém, me sentia completo com a vida que levava aqui.

A sinceridade de Francisco me comoveu. Era um homem simples, simpático e honesto. Não parecia alguém com a sanidade abalada devido à idade senil. Suas palavras tinham o peso da sabedoria conquistada em muitos e muitos anos.

– Mesmo tentando ignorar minha origem, nunca deixei de pensar naquele lugar fantástico. Por isso, dividia com vocês durante a infância parte dessa história. Parei quando o pai de vocês começou a reclamar muito e a gente mais brigava do que conversava. Também contava tudo para ele desde pequeno, mas cresceu incrédulo, influenciado pela mãe que achava minhas histórias fantasiosas demais, mesmo sem ter noção do quanto eram verdadeiras.

O idoso riu saudoso. Podia imaginar até suas bochechas marcadas pelo sorriso maroto na cara enrugada. A memória de Francisco me impressionava. Depois de tanto tempo e de passar dificuldades humanas, como ainda se lembrava de tudo isso?

– Para mim eram mais lembranças. Nunca pensei que de fato teria um reencontro com esse passado. O primeiro sinal foi o alinhamento planetário. – Engoli em seco, outra coincidência? – Depois, a energia da pedra se manifestou e pude senti-la, mesmo sem querer. Você também sente, não é, Lara? – Imaginei minha namorada apertando a pedra entre as mãos e balançando a cabeça positivamente. – Sim, ela é poderosa e reacendeu em nós uma herança genética impossível de refrear. O segundo sinal foi a aproximação de Nicolas.

Nesse ponto gelei, era a hora da verdade. O que eu tinha a ver com tudo aquilo? Tinha medo de saber, apesar da desconfiança e ao mesmo tempo queria muito ouvir tudo. Que confusão dentro mim!

– Atraído pela pedra..., não me leve a mal, Lara, você é linda e não duvido do sentimento dele por você, mas a primeira coisa que o atraiu de volta foi a pedra..., a energia do elemento ar se manifestou nele e começou a tomar a forma de seu corpo e moldar seu novo ser. Vocês se lembram da nuvem de ontem? Aquela era a manifestação descontrolada da energia dele.

– E a dourada? – sussurrou Lara.

– É a nossa, mas a que estava na tempestade era minha. Criei um escudo para protegê-lo de seus perseguidores. Você também os pressentiu apesar de não conseguir identificá-los ainda. A energia de Nicolas estava descontrolada porque ele vivia uma passagem. Deixava de ser um homem comum para se tornar um protetor em sua essência. Um guardião da natureza com poderes sobre os quatro elementos, principalmente o ar. Existem outros três que não faço ideia de onde estão. Precisamos ajudá-los a se unirem e cumprirem sua missão. O alinhamento se aproxima.

– Vovô, mas o que tem o alinhamento além da energia? O que acontecerá nesse período?

– perguntou minha namorada.

Sabia a respostas e meu coração batia descontrolado enquanto aguardava ouvi-la novamente dos lábios do idoso.

– O evento permitirá que um grande portal, com um sinal que poderá ser visto por todos os guardiões do planeta, se abra para o mundo de onde vim. Vocês, meus netos, precisam se juntar a eles e ajudar nessa luta. Há trinta anos, podia ter ajudado se tivesse sido treinado antes, mas fugi de minha responsabilidade. Vocês não podem cometer o mesmo erro, por mais que seu pai seja contra. É algo muito maior, cada vida está em jogo. O destino colocou Nicolas no nosso caminho.

Para mim já estava mais do que bom. Aquele papo de novo estava causando contrações fortes no meu estômago. Precisava sair dali imediatamente. Voltar para minha vida, para minha rotina, para a normalidade e esquecer aquele dia, todas as palavras que ouvira, todos os acontecimentos estranhos que me levaram a elas.

Não esperei sair despercebido porque sabia que seria inútil, mas também não me despedi de ninguém. Joguei minha mala mal fechada no banco do passageiro e arranquei com meu carro rumo à Vitória. Seria muito pedir minha vida de volta?

Lara não teve tempo de absorver todas as palavras do avô. A saída repentina de Nicolas cantando pneus na terra seca do sítio a arrancou de seus pensamentos violentamente. Teria ouvido toda a conversa? Parecia que sim. O susto a manteve no lugar sem saber que decisão tomar. Deixá-lo ou segui-lo?

– Vá atrás dele, minha filha – decidiu Francisco pela neta. – Não saia de perto dele. Vai precisar de todo o apoio necessário para entender e seguir seu destino.

A mulata não pensava mais em si mesma e sua própria confusão. Nicolas era mais importante e ele estava muito mais fragilizado do que ela. Quando pudesse, pensaria sobre as novidades que seu avô lhe contara. Nunca imaginara que ela e o namorado viessem do mesmo lugar e que de alguma forma, tivessem seus destinos entrelaçados.

Será que esse mesmo destino os unira, como Francisco dissera? Será que tudo acontecera daquela maneira para que ela pudesse ser o porto seguro que Nicolas tanto precisava neste momento de transição entre uma vida e outra? Aquilo ainda era tão chocante e ao mesmo tempo tão bom.

Enquanto embolava as roupas na mala, refletia rapidamente sobre as sensações que aquela história causara nela. Não era exatamente novidade, porque a ouvira muitas vezes na infância. O fato de ser verdadeira tornava o conto de fadas real. Era como um sonho. Um sonho lindo.

Sou uma guardiã. Não, uma primeira-guardiã, corrigiu-se. Já tinha ouvido inúmeras histórias sobre esses defensores da natureza e seus elementos e sempre se imaginara no papel. Saber agora que conseguira realizar um sonho de menina a deixava nostálgica e contente. O avô entrou no quarto seguido pelo pai que estava mais carrancudo do que nunca.

– Você não precisa ir, filha – implorou Eugênio. – Não precisa arriscar sua vida por ele.

Encarou o pai por alguns segundos. Se pudesse ler sua alma, saberia a imensidão de dor que habitava em seu coração. O medo de perdê-la gritava na expressão dolorosa em seu rosto. A mulata sentiu o coração dar um pulo. Deu alguns passos na direção dele.

– Pai, eu te amo muito – murmurou. – O senhor sempre me ensinou a fazer o que é certo. Não posso abandoná-lo, primeiro porque sou responsável por ele. – O pai tentou cortá-la. – Por favor, deixe-me terminar. E segundo porque eu também o amo. Não suportaria deixá-lo agora sabendo que precisa de mim.

Abraçou e o beijou como se despedisse. Eugênio estava quase em prantos. Afastou-se da filha rápido, sem dizer palavra, e se refugiou em algum canto longínquo para não vê-la partir. Francisco se aproximou com um objeto entre as mãos. Estendeu a ela.

– Leve isso com você.

– O que é?

O tecido era de um material que não conhecia. Parecia artesanal e antigo, mas resistente. Não aparentava desgaste. Estava escurecido, provavelmente por causa do tempo. Envolvera um objeto pesado, longo e fino. Ela mediu tudo isso enquanto o descobria.

O espanto foi a expressão que se fixou em seu rosto ao vê-lo. Todo em ouro, não tinha mais do que vinte centímetros de comprimento e havia pedras preciosas incrustadas no cabo em formato de cruz. Lara se permitiu analisá-lo com um pouco mais de cuidado.

– Este punhal de ouro, com rubis e diamantes, é o símbolo do primeiro-guardião. Foi forjado pelas salamandras, elementais do fogo, e possui muita magia. Você precisará dele para onde vai.

Sem perder mais tempo, Lara envolveu o punhal novamente e o enfiou na mala antes de

fechá-la. Partiu prometendo dar notícias em breve. Durante a viagem de carro teria tempo suficiente para pensar sobre tudo aquilo e decidir qual a melhor atitude tomar quanto a Nicolas.

Percebera que o rapaz não aceitaria assim tão fácil esse destino, como ela o fez. Talvez até ela mesma se arrependesse. *Calma, Lara, nada de precipitações. Você tem tempo*, pensou. E esse tempo estaria a seu favor.

Dirigia concentrada. Seus sentidos aguçados ajudavam a dividir a atenção em todos os pontos daquela história. Estava aliviada por sentir a presença de Nicolas a alguma distância, porém com nitidez. Não entendia como, só sabia. Ele avançava rápido. Tinha pressa em sua fuga.

Compreendia seu desespero. Conhecia o rapaz bem suficiente para saber o quanto gostava das coisas como estavam. Nada de novidades. Pelo menos nada que não compreendesse. Aquela situação era rara e imprevisível. E por mais que ele próprio fosse assim, não gostava das coisas fora de seu curso natural.

A primeira decisão foi a mais fácil de tomar. Não sairia de perto dele, se resolvesse ficar ou partir. Porém não fingiria que nada aconteceu. No tempo certo, diria o que pensava e até mesmo sobre suas novas habilidades e o prazer de tê-las. Talvez assim se habituassem a elas mais facilmente.

Por um instante, temeu que a rejeitasse por isso. Será que não a amava o suficiente para compartilhar, por mais estranho que fosse, qualquer coisa que vivessem? Nicolas seria tão ignorante a ponto de renegá-la? Ou a obrigaria a nunca mais tocar no assunto? Por mais que tivesse alguma influência sobre ela, nunca se permitiria cabresto.

Pensou no avô e sua tristeza em ter fugido. Talvez o usasse como exemplo. Nicolas tinha sensibilidade e discernimento para entender. Uma vida inteira. Era tempo demais. Já seu pai, era melhor nem tocar nessa parte da história. Não era um bom exemplo.

Compreendia também a preocupação do pai, porém não concordava com ele. Jamais escolheria o caminho contrário por medo. Seu pai estava se saindo um belo covarde. Talvez Lara tivesse puxado mais ao avô do que a avó. Já Eugênio, tinha mais dela.

Pensou no punhal de ouro em sua mala no banco traseiro. Que objeto fantástico. Forjado com mágica. Estava encantada. E as pedras? Era simplesmente lindo. Duvidava que já tivesse sido usado como arma comum. Seu poder deveria ser muito maior do que um furo na carne. Do que seria capaz?

Associou-a imediatamente a água-marinha. A pedra tinha muito poder, podia sentir, mas o máximo que fazia era brilhar. Talvez com o punhal fosse semelhante. Ergueu a mão para tocá-la. Cedeu a necessidade de sentir aquela magia entre os dedos, mesmo sabendo que não precisava disso para pressenti-la.

Pressenti-la? Onde? Os dedos de Lara tocaram a própria pele e não encontraram nem corrente nem joia. Onde estava? Respirou fundo deixando o desespero de lado e se lembrou de que a deixou sobre o móvel porque pretendia tomar banho quando ouviu a briga entre o avô e o pai. Pegou o celular.

A mãe a atendeu e com paciência pediu que ela conferisse a pedra e a guardasse até a próxima semana. Ainda no telefone, Margarida caminhou com seus passos sem pressa até o quarto da filha e conferiu todos os móveis antes de responder na linha silenciosa onde Lara aguardava.

– Não tem nada aqui, filha.

– Procure direito, mamãe. Deixei em cima do criado-mudo.

– Tem certeza? Não está em parte alguma deste quarto. Vou olhar no banheiro.

– Não, mãe, não precisa. Não fui lá com o colar. Não vai encontrá-lo.

Ainda assim, a teimosa foi. Realmente não encontrou nada. Lara desistiu e desligou. Concentrou-se tanto nela que quase a podia sentir tamanha a lembrança que tinha de sua energia. Mas tinha total consciência de que não era real. Sem querer, sentiu-se na propriedade da família, vasculhando como um espectro invisível os lugares onde possivelmente a teria deixado.

Foi estranho, porém valioso.

Mas não havia nada nem rastro. Sua energia sempre ativa havia desaparecido. Tão ausente que chegava a fazer frio. Era como se nunca tivesse existido.

EPÍLOGO: PAPAI

Um mês havia passado desde aquele dia. Havia voltado a minha rotina quase totalmente. Ainda tinha que conviver com as anomalias físicas e psíquicas. Acabara me habituando a elas. Fora difícil, mas Lara me ajudara nisso. Voltara para Vitória logo atrás de mim. Pude senti-la o caminho todo e a satisfação disso quase me fez dar meia volta em vários momentos somente para encontrá-la e surpreendê-la.

Naquela noite, ela não tocara no assunto. Também não falara nada. Nosso encontro no apartamento fora carnal, quente e sem palavras. Somente gemidos, suspiros e beijos. Com a casa vazia, começamos na sala, fizemos uma parada na cozinha, demos uma passada pelo quarto e terminamos no chuveiro. Ainda estava longe da exaustão, mas a madrugada começava e nos convidava a quietude.

No dia seguinte, me contou sobre a pedra que até hoje não foi encontrada. Não precisei dizer, ela percebeu o quanto aquilo me perturbou e muito além do valor comercial, já que a ganhara de... Tudo bem, era difícil ainda admitir toda a história que aqueles estranhos haviam contado sobre meus pais. Mas era uma história bonita, apesar do final trágico. Bonita e irreal.

A falta que aquela pedra me fez ia além da importância familiar. Nas semanas daquela maluquice, criara uma espécie de dependência dela. Precisava muito que os familiares de Lara a encontrassem logo. Às vezes me ocorria as palavras fatídicas do ruivo e a relevância da água-marinha tomava proporções ainda maiores dentro de mim, mesmo sem querer. Era mais forte do que eu.

Depois de um tempinho, Lara me mostrara o punhal. Era lindo. Pude sentir a energia que emanava dele. Ela me admitiu que também sentia. Eu me calei apenas por um tempo. Afinal, ela foi se abrindo e era bom ser normal ao lado dela.

Por isso que minha vida voltara quase completamente ao normal, mas estava boa. Como sempre. Balada, amigos, trabalho – sim, voltara ao trabalho e andava mais inspirado do que nunca, não errava uma –, e lazer.

Lara me acompanhava em tudo – menos quando estávamos ambos envolvidos no trabalho. Fiquei feliz quando ela saltou pela primeira vez de parapente, vencendo o medo de altura. Depois não quis mais parar. Fazer exercícios físicos juntos também era agradável. Ainda me perdia em meus pensamentos enquanto corria, mas as impressões do final do caminho e do cenário paradisíaco agora tinha com quem dividir.

O casamento de Giovani e Milene fora ‘o evento’. A cerimônia, a festa de arromba, o show. Fora tudo do tamanho da felicidade do casal. Fiquei impressionado com a dimensão da festa

em tão pouco tempo.

Há algumas semanas o apartamento era só nosso. Após a retirada definitiva de Giovani para seu apartamento com Milene – só para constar, ele se mudara para o apartamento de baixo – Lara e eu fizemos muitas mudanças.

Desejávamos um cantinho com a nossa cara. Porque havia mudado e ela também. Não havia mais ‘eu’ e sim ‘nós’. Não foi difícil conciliar nossos desejos. Trocamos até os móveis. Era uma vida nova. E estava feliz. Volta e meia uma sombra pousava sobre meus olhos encobrindo essa alegria por alguns instantes. A dúvida se havia tomado a decisão certa ainda pairava sobre mim.

O verão findaria em alguns dias e o outono de 2012 se aproximava. Com ele, o alinhamento planetário, já aguardado pelo mundo todo, mesmo sem haver alguém para orientá-los sobre o que exatamente aconteceria durante o evento.

Muitos foram entrevistados por diversos canais de televisão a fim de dar seu palpite. Exotéricos, astrônomos, astrólogos, religiosos. As opiniões divergiam tanto que era impossível escolher uma como certa ou descartar qualquer delas.

Algumas batiam, em alguns pontos, com a história contada há quase um mês. Outras em nada. Ainda não tivera oportunidade – nem coragem – de tocar no assunto diretamente com Lara. Ela respeitara. Mas nos últimos dias temia que ela o fizesse. O tempo passava rápido demais e prometia mexer com minha tranquilidade. Sabia que ela não tinha ideia de minha verdadeira conversa com aqueles estranhos. No entanto, sabia o suficiente.

Eles – os estranhos – partiram de Vitória há quinze dias. Demoraram muito mais do que gostaria. Talvez esperassem que eu mudasse de ideia. Quando parei de senti-los, sabia que haviam partido. O alívio havia durado pouco tempo. Agora algo dentro de mim remexia sozinho. A ausência da pedra também me perturbava. Não havia paz na minha vidinha normal e pacata.

Hoje era domingo. Estávamos esparramados no sofá assistindo a um filme na TV de led gigante quando Giovani bateu na porta e nos interrompeu sem escrúpulos. Ficou bravo por não termos esperado eles para começar.

Tive que explicar que não era o filme combinado, que apenas estava passando na TV e começamos a assistir enquanto esperávamos os folgados chegarem. Ri. Sabia que se ofenderia.

O dia foi descontraído. Assistimos, depois almoçamos e por fim bebericamos uns aperitivos para fechar o dia junto com o entardecer. Giovani e Milene voltaram para seu apartamento e Lara foi tomar um banho.

Fiquei sozinho na sala. Era estranho aquele momento meio familiar, mas não deixava de ser agradável. O interfone tocou e fui ver o que o porteiro queria. O vídeo da portaria me deu a resposta antes da voz engasgada no aparelho.

– Nicolas, tem três malucas aqui embaixo dizendo que vieram falar com o pai dos filhos

delas e que só saem quando ele descer.

– Paulo, pelo amor de Deus, que maluquice é essa?

Na entrada havia três mulheres que nunca tinha visto em toda minha vida. Era muito bom fisionomista. Uma estava visivelmente grávida e as outras duas seguravam crianças de colo. Quem estava aprontando aquilo comigo? Não podia ser Giovani. Ele não estragaria minha felicidade.

Mas quem poderia querer meu mal inventando uma mentira daquelas? Três? Impossível! Primeiro porque sempre usava preservativo e tomava o maior cuidado com isso. E segundo que não as conhecia. Alguém queria mesmo acabar com minha credibilidade e para garantir, armara bem seu plano.

Não podia deixar que Lara as visse. Mesmo que lhe dissesse a verdade e ela acreditasse, a dívida instalada seria suficiente para destruir aos poucos a confiança conquistada. Não queria perdê-la. Ainda mais para uma mentira. Uma mentira em dose tripla.

– Paulo, não estou. Morri, viajei, não tenho previsão para voltar, estou de férias, não importa o que vai inventar. Diga que falou com o caseiro que está tomando conta do apartamento. Faça com que elas acreditem, saiam da frente do apartamento e não voltem tão cedo.

Meu coração martelava no peito quando soltei o botão que interrompia a comunicação com a portaria. Precisava descobrir o autor daquilo. Ele me pagaria caro por esse ultraje. Tudo bem que gostasse de sair com mulheres diversas, mas nunca fui irresponsável e isso estava me deixando maluco.

Quem se interessaria pela minha infelicidade? Tinha tantos amigos. Onde estavam os inimigos? Escondidos? Covardes. Por que não vieram mostrar a própria cara para sentar a mão nela? Que ódio! Bateria em alguém agora facilmente.

No segundo seguinte, me lembrei de um nome. Mas claro. Só podia ser. O ciúme a perturbava desde que escolhera Lara e não ela. Michele. Ela estava se vingando, tentando nos separar. Mas não permitiria que ela vencesse. Não com um golpe sujo desses.

Entrei no banheiro onde Lara ainda se lavava, me despi e vi seus olhos dourados brilharem ao se deparar com a surpresa. Entrei no chuveiro quente envolvendo seu corpo mulato em meus braços. Beije-a sorrindo, feliz só por senti-la tão perto de mim.

– Amor, o que acha de tirarmos umas férias? – perguntei.

Lara envolveu meu pescoço com seus braços abrindo um sorriso lindo e encantador. Eu me derreti naquele calor que era tão particularmente dela. Único.

– Adoraria! – respondeu.

O som de sua risada soava como música e me senti muito perto de meu objetivo. Aquela seria a decisão mais impulsiva de minha vida, porém a mais acertada também. Na verdade, não a tomara. Ela que se apresentara para mim como uma escapatória bem-vinda. Obrigado, Deus!

– Para onde vamos? – questionou ela curiosa.

Sorri de volta. A surpresa maior seria agora, tinha certeza, mas também sabia de sua vontade de conhecer aquele lugar único no planeta. Seria como uma lua de mel, sabia e estava encantado com a possibilidade. Seria a viagem mais feliz da minha vida, ao lado da mulher que escolhera. Ou fora o destino?

Respondi, afinal.

– Fernando de Noronha.

Uma espiada em UNIVERSO DE ÁGUA

o desfecho da saga OS QU4TRO ELEMENTOS.

A Lua:

*Sou um pequeno mundo;
Movo-me, rolo e danço
Por este céu profundo;
Por sorte Deus me deu
Mover-me sem descanso,
Em torno de outro mundo,
Que inda é maior do que eu.*

Olavo Bilac

PARTE I
UM ANO ANTES

2011

Difícil traduzir o que via. Era obscuro, borrado e sem sentido até que uma cena se destacava e me chocava com o horror que podia identificar nos flashes sequenciais, como quadros de filmes animados passados em câmera lenta. Ao final, os acelerava mentalmente e em um segundo compreendia sua essência.

Agora o cenário era cinza-escuro com flashes brancos que surgiam de quando em quando além da cortina embaçada. Senti que se movia sem necessariamente mexer os pés. Quando parou, uma porta se abriu e correu descalça. Doía. Era mais escuro ali, somente uma luz próxima iluminava ao redor, um pouco menos nebuloso como se o que mais obstruía sua visão tivesse sido removido.

Havia um som alto e forte de água. Havia água por todos os lados. E desespero. Um grito ecoou medonho. Um chamado que insistia, mas não recebia resposta. Água e o resto era silêncio. Solidão. Abandono. Loucura. Sensações que me sufocavam enquanto assistia àquela cena forçada.

Insano? Água abundante. Pressão. Escuro que se movia lentamente. Para a esquerda. Para a direita. Ir para cima? Não, para baixo e para frente. Luz e esperança. E água, muita água. A luz crescente. Estava quase claro suficiente para ver. A água, o escuro e o fogo. Fogo sob a água?

Escuridão novamente.

MARÇO

Desanuviada sua visão, o cenário a sua frente voltou a ser claro e ensolarado. O horizonte se recortava em cores vibrantes repleto de vida contrastando com o horror de morte que sua mente criara há pouco. O azul do céu com poucas nuvens, as rochas pretas de origem vulcânicas, o verde-azulado do mar e o amarelo-claro da areia fina.

De onde viera aquele pensamento macabro? Sua mente era assim, vagava sem controle. *Hoje não será um dia bom*, suspirou. *Mas quem fica feliz ao completar vinte e nove anos?* Repetiu o número cabalístico mentalmente. O que diria a numerologia? Não importava. Já era o fim de seu mundo chegar tão perto dos trinta, solteira e somente agora conquistando sua independência.

Ainda havia algo a se comemorar, então. Mas por que não tinha vontade? Não ennergava o lado bom? Talvez porque não existisse, simples assim. Morava em uma casa grande bem próxima a Praia do Cachorro no Arquipélago de Fernando de Noronha, em Pernambuco. Tinha à sua frente a imagem deslumbrante que tanto amava.

Quase no extremo norte da ilha principal, a praia ficava logo abaixo da Fortaleza dos Remédios – hoje de uso da Marinha –, nome que emprestara ao único bairro povoado. Outras edificações importantes, como a Igreja Nossa Senhora dos Remédios e o Palácio São Miguel, encontravam-se na vila.

Suzane Vieira tinha orgulho de morar e trabalhar como veterinária na Esmeralda do Atlântico, por sua história e importância ambiental. O arquipélago era composto por vinte e uma ilhas em uma área de vinte e seis quilômetros quadrados, sendo dezessete somente da ilha principal. Localizava-se há trezentos quilômetros da costa brasileira.

O clima quente do nordeste e a brisa constante da maresia eram seus companheiros dia e noite. Esse lado continental da ilha era denominado mar de dentro. Águas calmas era sua maior característica. Já o mar de fora, do lado oposto da ilha, recebia ventos do oceano aberto e as ondas altas e bravias tornavam as praias inapropriadas para banho.

Tudo bem, morava em um paraíso ecológico, em uma boa casa – não fazia um mês que se mudara –, tinha um emprego que amava, mas não estava feliz. Havia um vazio a ser preenchido em seu peito, risos a serem ouvidos, música a ser entoada, luz a refletir em seus olhos, pessoas com quem compartilhar. Por que dessa vez a ouviram?

Há um ano deixara muito claro que não queria mais festas, que não tinha porque comemorar a velhice – exagerada era seu nome do meio. Cada ano que passava sua neura piorava, mas nunca lhe deram ouvidos. Parecia que dessa vez haviam desistido de agradá-la quando ela se recusava à diversão tão veementemente.

Talvez fosse pela decisão de sair de casa. Tia Margarida não ficara nada feliz com a ideia. Na verdade ficara muito irritada. Chegaram a brigar, como na época em que Suzane era uma adolescente rebelde e queria conhecer um mundo proibido para ela. Lembrava-se muito bem dos motivos que a fizeram explodir em palavras de rancor.

– Por que não posso sair como as garotas da minha idade? – perguntara revoltada.

– Minha filha, se acalme, um dia você vai entender que tudo isso é para seu bem – respondera calmamente Margarida.

– Eu te odeio! – Virara-se pisando duro e prosseguira. – A senhora não é minha mãe!

Essa frase magoara muito a mãe adotiva que chorara a noite toda.

Era verdade, mas Margarida a criara com a dedicação e o carinho de uma mãe de verdade. Era genitora de seu irmão de criação, Marcel Vieira. Desde cedo ficara claro para Suzane que eles não podiam ser irmãos de sangue, mesmo não conhecendo o pai dele e não sabendo detalhes sobre sua paternidade.

Como Margarida, Marcel era loiro, branco rosado, olhos castanhos intensos, caramelados. Ambos eram grandes, corpanzis com rostos angelicais. Apesar de que a senhora estava acima do peso, o filho possuía estrutura óssea larga, robusta e músculos que se definiam e sobressaltavam sobre ela. Não tinha absolutamente nada de gordo, apenas tamanho.

Em contrapartida, Suzane era franzina, baixinha – não muito maior que um metro e meio –, mantinha os cabelos curtos em um chanel, sempre negros e brilhantes. Seus olhos eram de um azul tão claro que muitas vezes se apagavam. A pele branca e firme contrastava com seus lábios vermelhos que se destacavam no rosto de giz.

Era bonita, mas extremamente idealista e sonhadora. Por isso mesmo não se permitia fugir daquilo que tanto desejava, mas que não podia ter. De todas as coisas que queria, essa – a proibida – era a única que ainda não havia conquistado. E jamais poderia. Talvez por isso quisesse tanto.

Sabia que quanto maior o desafio, mais ansiava executá-lo. Superação também fazia parte de quem era. Porém conhecia seus limites e a decisão de sair da casa onde fora criada tinha a ver um pouco com isso. Não seria bem uma fuga – odiava pensar assim –, preferia ver como uma escolha, um sacrifício por um bem maior que o seu próprio.

Por mais colorido que aquele dia fosse, pintando tudo ali e além de seu campo de visão, Suzane via apenas cinza como a tristeza, o vazio e a saudade. Há quanto tempo não os via? E o que a impedia de procurá-los? Ela mesma e um orgulho besta em ter que admitir que não suportava viver sozinha. Não, jamais! Não era isso que queria? Afinal, eles estavam muito melhores sem ela e suas mudanças de humor.

Ninguém entendia sua instabilidade emocional porque não sabiam o que se passava em sua cabeça. Sonhos – há muito tempo deixara de acreditar que fossem mera ficção – a

atormetavam desde criança. Acontecimentos ruins que simplesmente povoavam sua mente com uma riqueza de detalhes espantosa.

Por mais apavorada que ficasse, só piorava quando aquilo que vira acontecia na vida real com alguém próximo ou um conhecido. A reclusão, nessas horas, era seu refúgio. Não para se isolar, mas para entender. Havia previsto o incidente, por que não pudera impedi-lo? Para que aquelas imagens confusas e desconexas lhe eram mostradas se não serviam para ajudar àquelas pessoas?

A culpa era sua maior companheira nesses momentos. Só mais tarde, quando o sofrimento se aplacava, refletia sobre sua paranormalidade – não encontrara outra palavra que definisse melhor o que se passava com ela. Havia herdado aquele dom ou fora designado por Deus? Seria um carma para pagar por seus erros de uma vida anterior?

Chegara a frequentar centro espírita, candomblé, igrejas católicas, evangélicas e outras seitas e filosofias e em nenhuma encontrara a resposta para sua anomalia. Seria uma entidade isolada e totalmente nova nesse mundo?

Encontrava algum conforto na expressão artística. Versos tentavam traduzir seus sentimentos mais angustiantes, sua dor mais profunda. E seus quadros retratavam o belo, a esperança, a vida e o amor. Dois mundos, um contraste e apenas uma mulher em busca da felicidade e do autoconhecimento.

Tia Margarida pouco falara sobre seus pais verdadeiros.

– Quanto mais você cresce, mais parecida com Luise você fica – salientou com olhar saudoso uma vez e Suzane ficara grata por conhecer pelo menos o nome de sua mãe e o achava lindo. – Mas o temperamento emotivo é do seu pai, Pedro.

Não sabia mais nada sobre eles e a tia nunca explicara o que lhes aconteceu. Por ter sido grande e íntima amiga de sua verdadeira mãe, Suzane sabia que as lembranças eram dolorosas para Margarida, mas achava – em algumas ocasiões – injusto ser privada da verdade por isso. Na adolescência fora sua maior obsessão. Agora não se importava mais. Atualmente apenas pensava no tema depois das visões, porém mantinha-se calada e fechada a respeito.

Domingo era um dia normalmente triste, preguiçoso e tedioso – odiava domingo. E hoje odiava duas vezes mais por ser também seu aniversário. Odiava aniversários ímpares desde os vinte e um anos. Odiava pensar que já havia vivido mais de duas décadas. E como havia visto acontecimentos históricos nacionais e mundiais!

Por exemplo, o plano real, a posse de Lula, o ataque às torres gêmeas em Nova Iorque – este vira ao vivo –, a Guerra do Iraque, a posse do primeiro presidente americano negro, a crise imobiliária, o avanço tecnológico – do cassete ao bluray, do preto e branco ao 3D –, e por aí sua lista prosseguia. Não tinha como não se sentir velha.

E como os últimos dez anos passaram depressa! Em um estalar de dedos saíra da faculdade – um mundo novo cheio de alternativas a explorar – para sua independência solitária bancada por um bom emprego como veterinária. Era funcionária pública no arquipélago e passara com louvor no concurso.

Muitos jovens poderiam dizer: que legal! Mas Suzane não pensava assim. Havia apenas uma alegria no momento que também trazia ansiedade – a exposição de seus quadros. Seu melhor amigo, Guilherme Rocha – desde a época da faculdade –, fascinado com o que vira, colocara pilha para que promovesse o evento.

Depois de muita relutância, Suzane fora convencida e a exposição aconteceria em setembro. A quantidade de telas que pintara era mais do que suficiente, mas a veterinária não gostava de todas e selecioná-las era seu trabalho atual, entre uma nova pintura e outra. Afinal, quando a inspiração a tocava não podia ignorá-la.

Sua casa se transformara em um imenso ateliê. Todas as paredes estavam tomadas por quadros e os cômodos inutilizados eram povoados com cavaletes, material para pintura como telas em branco, pincéis e tintas. Suzane preferia trabalhar na sala da frente, a maior, que ficava mais próxima à saída. Ali tinha visão privilegiada do cenário exuberante do arquipélago.

Será que Marcel e tia Margarida nem ligariam? Estariam muito magoados? Tão magoados a ponto de não a parabenizarem? *Droga, estraguei tudo de novo.* Por que nunca conseguia parar de errar? Principalmente com aqueles que amava? Por que era tão impulsiva e sincera? Por que não pensava antes de abrir a boca? *Maldita boca!*

Detestava fazer cena, mas havia horas em que perdia o controle sobre a raiva ou sobre as lágrimas. E a explosão de emoções afetava seu corpo todo, deixando-a muito agitada ou muito lenta; como se a raiva acelerasse seu organismo ou a tristeza o desanimasse.

Porém, ao extravasar seus sentimentos, sempre exagerados, sentia como se expulsasse aquele mal de seu corpo. E ao contrário, também havia grande comoção. Era uma mulher de extremos. Quando ficava triste, beirava à depressão; quando alegre, parecia possuída pela maior felicidade do mundo tamanha sua empolgação e tagarelice.

E como falava! Sua mente às vezes trabalhava a um milhão e seu físico tentava acompanhar a velocidade alucinante de seus pensamentos, ora geniais, ora incoerentes. Só ela os compreendia. Sua busca pelo entendimento humano não tinha base científica, apenas em convivência. E era bem-sucedida na maior parte do tempo em suas observações e conclusões.

Possuía uma capacidade incrível de adaptação em um curto período. Amava novidades, era ávida por novos desafios. Sentia necessidade de estar constantemente apaixonada. Não sabia fazer nada por fazer. Tinha que agir com paixão, senão não tinha prazer nenhum naquela atividade e, portanto, perdia logo o interesse.

A convivência com os outros começava complicada porque, na maior parte do tempo, não se fazia compreensível. As pessoas que a conheciam tinham duas reações: empatia ou aversão. Não compreendiam sua cabeça, tão casada com a emoção, que confundia onde uma terminava e a outra começava.

Porém, Suzane sabia provar seu valor exatamente como era por estar sempre disponível para ajudar os outros, para uma palavra de conforto ou incentivo – até mesmo um conselho –, para dividir informação e conhecimento ou para se doar sem pedir nada em troca, apenas pelo prazer de ajudar.

Sacrifício era outra palavra aliada a suas virtudes – ou seria um defeito? Suzane não se sacrificava para aparecer, talvez nem reconhecesse o ato dessa forma. Não media esforços quando algo dependia dela e tomava toda a responsabilidade – com seu temperamento sem limite sempre terminava em uma doação exagerada de si mesma ou de seu tempo, perdendo onde ela terminava e o projeto começava. Ela se fundia à causa. Eram um só.

E sua determinação, mesmo diante das dificuldades – que no máximo retardavam seu desfecho –, prosseguia até o fim. Era otimista e bem-humorada na maior parte do tempo. Seu astral para cima e seu entusiasmo normalmente contagiavam aos outros, sem querer. Era natural para ela se animar diante de um assunto que dominava ou que apreciava.

Tinha um quê de artista, psicóloga e mãe. Esse era um bom resumo da versatilidade de Suzane Vieira. Sua alma artística era sensível à beleza, à poesia, ao amor. Seu lado psicólogo era compreensivo e analítico. E seu lado materno era cuidadoso, generoso e nada egoísta.

Porém, ser uma pessoa tão cheia de amor para distribuir tinha seu ponto negativo. A falta de compreensão de outros – para alguém que não enxergava tanto quanto ela dentro de cada um – era frustrante e lhe causava muitos dissabores e má interpretação. Talvez fosse ingenuidade pura e esperança em um mundo melhor.

Fora os aproveitadores, Suzane sofria de muita carência afetiva. Como uma romântica incorrigível – no sentido real da palavra – ainda esperava pelo homem de sua vida. Apesar disso, já o havia escolhido, só não se preservou até hoje para ele. Jamais! Era uma mulher moderna, por mais idealista que fosse. Seu corpo possuía necessidades próprias e paralelas à sua mente e coração.

A descoberta dos prazeres da carne aconteceu meio tarde em sua vida. Quando cursou Medicina Veterinária na Universidade Federal Rural em Recife, conheceu Guilherme Rocha que estudava biomedicina na Universidade Federal de Pernambuco. Um leonino que mexeu com ela quase que imediatamente ao se conhecerem. Gentil, carinhoso, esperto, sedutor sutil, conquistou sua atenção e afeição.

Já nas primeiras conversas descobriram muito em comum como livros, músicas, lugares

e sonhos. Guilherme não era lindo, mas seu cabelo liso caramelo caindo sobre o olho era um charme; seu sorriso sincero e levemente torto era gracioso; seus olhos escuros tinham intensidade, tanto quanto suas palavras e atitudes.

Na cama, era um amante insaciável e criativo que ajudou Suzane a iniciar a vida sexual com segurança e sem traumas. Além da diversão em casal entre quatro paredes, Guilherme lhe mostrou o mundo, as festas – a diversão –, a dança, os drinques, as baladas e os passeios em turma que aliavam cenários e adrenalina.

Que saudade! Foram os melhores cinco anos de sua vida. Tantas descobertas, aventuras, paixões. Por mais que eles nunca tenham se tornado um casal duradouro, Suzane nutria por ele um sentimento único e inabalável, uma atração que jamais desaparecia, uma sintonia quase tão ininterrupta quanto o que sentia por...

Parou o pensamento aí. Como sua mente fora naquela direção? Não fazia ideia. Estava ficando cansada de tanto esperar e dar asas a imaginação amalucada de sua mente livre e fluída. Outro pensamento surgiu. Era a segunda vez naquele dia que pensava em Guilherme. Quanto tempo não o via? *Quase um ano*, refletiu.

Nossa, quanto tempo! Estava explicado porque voltava a pensar nele. Sempre que se sentia sozinha, carente e rejeitada, era dele que lembrava porque erguia seu astral e ego. Não era dada à vaidade, era mais simples, rápida e direta. Porém, meses sem um chamego não fazia bem a ninguém, inclusive a ela. Também tinha vontade de se sentir amada, querida e desejada. Porque, para ela, tudo estava interligado e tinha um mesmo objetivo.

Aquele mês havia se arrastado – assim como os anteriores. Quando entrara na casa, no início de março, esperara ansiosamente pelo finzinho e a chegada de seu aniversário. Tivera tempo de sobra para organizar os móveis e os cômodos para aquele dia. E ele finalmente chegara, porém igualmente como os outros: vazio.

Preferiu vagar por lembranças mais alegres, estava cheia de tantas recordações emotivas e confusas por um dia só. A solidão tinha esse poder sobre ela, a retalhava em pedaços de memórias tristes e saudosas. Como antes a vida era boa, fácil, simples. E uma cena, de sua infância, veio com tamanha nitidez à sua mente, que se viu assistindo ao passado.

Tia Margarida não estava em casa e Marcel chegaria da escola a qualquer momento para acompanhá-la – à época, o garoto já estudava cedo e ela, à tarde. Suzane estava infeliz, parada em frente ao espelho, contemplando seus longos cabelos pretos. Todas suas amiguinhas tinham cabelos curtos. Não gostava deles compridos daquele jeito.

A criança pegou uma tesoura nas coisas da tia e, parada diante de seu reflexo, pôs-se a cortar as madeixas, abandonando fios e mais fios no chão aos seus pés. Quando o irmão mais velho chegou e vagou pela casa à sua procura, já era tarde demais. A linda cabeleira de Su jazia ao

chão e o que sobrara em sua cabeça eram pontas picotadas e desengonçadas.

– O que você fez, Suzane? – exclamara assustado Marcel e tentara esconder aquela bagunça antes que Margarida chegasse em casa.

Depois que terminou a limpeza, olhou por muito tempo para a irmã, com os olhos claros arregalados, porém seus lábios estavam presos em um sorriso satisfeito.

– Ficou bonito assim – dissera ela.

– Não ficou, não – enraiveceu o irmão. – Você estava penteada. Agora se olhe no espelho direito!

A menina obedecera e enquanto agitava o cabelo na tentativa inútil de colocá-lo no lugar, mais fios soltos caíram ao chão arrancando um suspiro resignado de Marcel.

– A mãe vai ficar furiosa! Acho que vou comprar uma peruca com minha mesada.

– Não! – vociferara Suzane. – Não quero ter cabelo comprido de novo.

E emburrou em um canto com os braços cruzados. Não dera mais tempo para Marcel colocar alguma ordem no cabelo e no quarto da irmãzinha, Margarida entrava em casa naquele instante e foi a procura deles os encurralando no cômodo onde, silenciosos, os dois nem respiravam de expectativa.

– Suzane – suspirou espantada a tia. – O que aconteceu aqui, Marcel?

Por que será que o garoto tinha certeza de que levaria a culpa daquilo?

– Não fiz nada. Quando cheguei, ela já tinha cortado todo o cabelo.

– Ah, minha filha, por que fez isso? Seu cabelo era tão lindo!

Mesmo diante de suas lamentações, Margarida tivera que levá-la imediatamente a uma profissional para pelo menos deixar o cabelo apresentável. A partir daquele dia, Suzane continuou batendo o pé e nunca mais deixou o cabelo crescer. Usou todo tipo de Chanel que existia, com e sem franja.

O telefone tocou a arrancando das lembranças saudosas que ganharam rapidamente sua atenção. Como era fácil se distrair com o que era bom, agradável e prazeroso. Bem longe do mundo real cruel e doloroso ao seu redor, na casa grande de cômodos inabitados. Seus passos ecoando tristonhos através do vazio.

Conhecia bem aquele número. Meu coração disparou, minhas pernas ficaram bambas. A sintonia entre tempo e pensamento me espantou. Éramos, sem dúvida, uma espécie de almas gêmeas ligadas pela mente, por um mesmo propósito, por um mesmo caminho. Só o fato de ambos termos escolhido profissões na área médica já comprovava isso.

Não importava quanto tempo ficassemos sem nos ver ou falar. Sempre haveria uma comoção sincera e intensa dentro de mim, me levando diretamente para seus braços. Aqueles braços que estavam sempre prontos a me receber e aninhar. Aquele corpo que aquecia o meu em

dias frios e tristes. Aquela boca que me recebia com um sorriso e beijos ardentes.

A esperança acendeu em meu peito ao ver seu nome na bina. Aquele dia, que ameaçava se findar em breve no horizonte, não estava totalmente perdido. Uma alma – a melhor delas – se lembrara de mim. A alegria percorreu meu corpo enquanto me movia para atender a ligação. Cada segundo preenchido de grande expectativa e ansiedade.

Sua voz grave e forte do outro lado da linha quase me fez desfalecer de emoção.

— Feliz aniversário, Su, minha linda! Tem um presente tocando em sua porta agora.

Antes que pudesse responder, a campainha tocou e corri à sala da frente para atender. Quando me lembrei de agradecer, a linha estava muda. Abri a porta com a mão livre enquanto apertava o botão discar do celular. Paralisei com um sorriso bobo no rosto. Lá estava ele. Mais alto do que eu uns vinte centímetros, o cabelo liso sobre os olhos, o sorriso de orelha a orelha e uma fita vermelha ao redor do corpo fechada em um grande laço. Cai na gargalhada.

— Desculpe por não poder te dar algo melhor, mas é de coração – disse ele com a maior cara de piada e abriu os braços.

— Obrigada por se lembrar, Gui – respondi me perdendo no calor de seu corpo.

Guilherme passou a mão por meu cabelo curto e riu agradavelmente me sacudindo ao ritmo. O laço farfalhou.

— Sempre me lembro – sussurrou.

Era verdade. Ele sempre se manifestava de alguma forma na medida em que suas atividades pessoais e profissionais permitiam. Para mim não havia presente melhor do que sua presença naquele momento. Vê-lo coloriu meu aniversário. Convidei-o a entrar e lhe mostrei a casa. Logo percebeu que ninguém havia comparecido devido à louça limpa e empilhada sobre a mesa decorada.

— Seus convidados nem bagunçaram nada – brincou.

— Não convidei ninguém – ri como se não me importasse.

— Então isso tudo é só para mim?

Rimos juntos. Brincar com um fato sério e depressivo me fazia vê-lo de outra forma, mas ainda não era agradável admiti-lo, muito menos em voz alta.

— Sou telepata, esqueceu? – cutuquei-o.

— Ah, é! – e bateu com a palma da mão na testa.

Não havia escapatória e comecei a narrar minhas expectativas frustradas. Era fácil me abrir com ele e depois que começava a falar, dificilmente parava até terminar. Aberta e franca, narrei cada detalhe dos últimos meses assistindo a suas reações sérias e compenetradas. Ao final, ele falou:

— Você precisa parar de se lamentar, Su.

— Eu, me lamentar? — cortei espantada. — Todos me abandonaram!

— Su, pense direito. — Lá vinha o Guilherme sério e observador, tão analítico que me irritava. — Se não convidou ninguém, como esperava que viessem? E outra, em quantos aniversários presenciei suas reclamações? O que você queria? Você afastou todo mundo.

Enfatizou bem a palavra ‘você’ na última frase. Fiquei em choque. Odiava quando ele estava certo e me mostrava meus erros. Odiava me sentir desnuda daquele jeito. Era como se tivesse me despido até a alma, arrancando sem dó vestes, pele, músculos e ossos. Fiquei ali destruída encarando meus destroços de lamentações, erros e sofrimentos. Como era difícil me sentir feliz e completa.

— Su, desculpa — sua voz saiu de algum lugar ao meu lado na tentativa de me arrancar de meu devaneio básico de quem está ‘caindo na real’. — Não queria te magoar. Afinal, hoje é dia de festa!

— Está tudo bem, Gui. Você tem razão. Só preciso de um minuto para absorver o que disse.

— Ok — souu fraca e temerosa dessa vez. — Vou pegar bebida para nós e já volto.

Meus dedos coçavam de vontade de consertar a burrada que fizera. Queria ligar para todo mundo me desculpando pelo sumiço e convidá-los para virem à minha casa. Seria muito tarde? A escuridão do lado de fora da janela me disse que sim. Eu me senti tão mal. Não era uma boa filha nem amiga. Era um monstro egoísta que só sabia reclamar da vida sendo a única causadora de meu próprio sofrimento.

Não era bem assim. Não havia enxergado o óbvio. Talvez tivesse criado expectativas demais acreditando que se cumpririam com a força de meu pensamento. Às vezes mergulhava em um mundo imaginário que apenas eu tinha acesso e me perdia nele, misturando a realidade com a fantasia. Isso tinha que parar. Estava me privando de viver de verdade.

Ainda mais eu que sempre briguei por minha liberdade de ir e vir quando mais nova. Quem era essa Suzane triste, prisioneira de seus ideais? Onde estava aquela mulher de mente aberta, pronta para enfrentar medos, dificuldades e aprender algo novo? Estava na hora de voltar. Estendi a mão para pegar o aparelho de telefone quando ele começou a tocar e vibrar ao mesmo tempo, me sobressaltando.

A tela anunciava que várias mensagens de texto e uma ligação chegavam. Quando atendi, o aparelho não parou de virar um minuto sequer me avisando que continuava recebendo torpedos. Do outro lado da linha, tia Margarida desejou felicidades e avisou que estava a caminho com Marcel. Quase não consegui responder de emoção.

Ao findar a chamada, conferi a caixa de mensagens. Havia vinte SMS de amigos desejando felicidades. Enquanto lia, Guilherme voltou da cozinha com dois copos grandes e cheios

e me passou um. O líquido rosa-claro formava espuma na borda. Era bastante atraente.

— O que é isso? – perguntei ao pegar a bebida.

— Beba.

Sorvi uma bicada para provar meio receosa. Não estava acostumada a ingerir algo que desconhecia. Era doce, lembrava morango. Hum, era bom. Tomei um gole mais generoso e Guilherme rui alto.

— Sabia que ia gostar.

— Batida de morango com vodka? – arrisquei.

— Na mosca.

Estiquei as pernas e pousei os pés sobre a mesinha de centro. Sorri satisfeita. Aquela noite seria agradável ao ponto de me fazer esquecer o péssimo dia. Guilherme se acomodou ao meu lado com seu copo na mão.

— E aí? – puxei conversa e mudei o foco. – O que me conta de novo?

— Comprei um barco – respondeu à queima-roupa.

Quase engasguei com o gole da bebida que repunha naquele momento.

— O quê?

— Bem, não é um barco. É pequeno. Pode ser uma lancha.

— Ah tá! – retruquei incrédula. – Quantos metros tem?

— Não sei – esquivou-se.

— Você veio com ele?

— Sim – respondeu temeroso.

— Vamos ao porto. Quero vê-lo – anunciei me erguendo.

— Depois, Su. Agora vamos aproveitar a festa – esparramou-se ainda mais no sofá.

Coloquei as mãos na cintura diante de sua chacota.

— Que festa? Só estamos nós dois aqui!

A campainha tocou e me lembrei que tia Margarida e Marcel estavam vindo. Deveria ser eles. Pedi licença a Guilherme e me dirigi à entrada. Ao abrir a porta me espantei com o coro de “Feliz Aniversário!” que ouvi. Eram mais vozes do que esperava. Muito mais.

Minha mãe de criação estava à frente com um sorriso enorme no rosto redondo e infantil. Em sua mão, uma caixa de presente meticulosamente embrulhada chamava a atenção. Apesar do corpanzil, tia Margarida se moveu rápido e me apertou em seus braços em um abraço de urso.

— Parabéns, minha filha. Que Deus a abençoe.

Estendeu em seguida o presente para mim. Agradei feliz com seu cumprimento caloroso. Não vi mágoa nem tristeza em seu olhar. Foi um conforto.

— Deixe-me ver sua casa, minha filha. Está precisando de alguma coisa? Posso arranjar para você.

— Obrigada, tia, mas não preciso de nada. Não se preocupe...

Perdi a fala ao ser literalmente agarrada por Marcel, meu irmãozão de criação. Ele também me espremeu em um abraço sufocante que me ergueu do chão.

— Parabéns, irmãzinha.

Odiava que me tratasse assim, mas fui pega desprevenida. Tão rápido quanto me levantou, me baixou e foi entrando se sentindo em casa.

— Nossa, Suzane, que desperdício de espaço. Essa sala poderia ter um enorme home theater em vez desses cavaletes.

Ouvi seu comentário com desdém enquanto a família vizinha de tia Margarida – desde que me conhecia por gente convivi com eles e brinquei com os filhos – se aproximava. Antônio era pescador e tinha a pele bastante queimada pelo sol, parecia mais velho, mas era magro e bem-disposto. Ele me cumprimentou timidamente e logo deu lugar à sua mulher.

Regina era dona de casa, também estava queimada por aquele sol pesado, mas bem menos que o marido. E sua pele era esticada pelo excesso de peso. Seu abraço foi efusivo demonstrando o carinho que sentia por mim. Era uma mulher expansiva, porém seu cumprimento foi breve seguido da entrega do presente.

Os gêmeos Leandro e Leonardo – isso mesmo, receberam o nome da dupla sertaneja porque Regina era fã –, morenos e simpáticos vieram em seguida. Eram inseparáveis e o casamento em breve de Leandro estava apavorando Leonardo. Já planejavam tornarem-se vizinhos. A noiva, Vanessa, me cumprimentou depois dos irmãos. Era bem mais jovem do que eu, mas parecia feliz com sua escolha de se casar precocemente, sem estudo nem profissão. Os gêmeos eram técnicos ambientais e trabalhavam ali na ilha. Ganhei um presente em nome dos três.

Minhas mãos estavam cheias quando meus colegas de trabalho se aproximaram. A loira meio metida era Priscila. Ela havia pintado o cabelo há pouco tempo e ficou estranho por causa de sua pele bronzeada do trabalho na praia. Também era voluntária no projeto Tamar. Robson era o negro e seu trabalho como oceanólogo junto aos golfinhos era incrível. Luciano e Danila – morenos e atarracados – apesar de semelhantes em muitos aspectos não eram parentes. Trabalhavam como pesquisadores da fauna e da flora do arquipélago.

Alguém me ajudou com os pacotes quando reconheci André, Natália, Julianos e Talita, amigos da faculdade que haviam me enviado torpedos com felicitações, mas agora estavam bem na minha frente, sorrindo orgulhosos por terem me surpreendido. Não os via há muitos anos e quis saber tudo sobre eles enquanto entrávamos em casa. Moravam e trabalhavam ainda em Recife, em empresas privadas, como técnicos rurais.

Fiquei feliz ao ver os cômodos tomados por gente, vozes e risadas. O barulho dos copos e

dos pratos, as conversas animadas. Era exatamente assim que gostava que minha casa ficasse, sempre cheia, pulsante, alegre e divertida. Repleta de vida. Afinal, era para isso que alugara aquela casa.

Guilherme voltou ao meu lado.

— Como arranjou esse imóvel? — lá estava o lado negociador de meu amigo.

Outros, que estavam próximos, voltaram-se curiosos para meu grupo que estava no centro. Também haviam elogiado o tamanho e a localização da minha casa. O jardim no fundo com mata preservada era o meu xodó. Todos os imóveis pertenciam ao governo de Pernambuco sendo proibida sua comercialização. Isso evitava a construção de mansões particulares e ajudava a preservar a natureza.

— Pesquisei bastante. Sabem que não é fácil achar uma boa casa nessa ilha.

— A estrutura é ótima. E apesar de ser antiga, está em ótimo estado — acrescentou Guilherme.

— Mesmo sem reformas, não é — confirmei.

— O quintal é excelente e a vista nem tenho palavras.

— Você é uma privilegiada.

— Parabéns pela escolha.

Os comentários não pararam por aí nem os assuntos. Meus amigos de Recife deixaram escapar que haviam vindo de barco com Guilherme e me deram mais detalhes — ficaram escondidos lá. Era uma embarcação de passeio com aproximadamente vinte metros de comprimento e um convés superior. Fiquei doida de vontade de conhecê-lo. Então meu amigo havia prosperado mais do que quisera me contar.

Tia Margarida assumiu o papel de anfitriã ajudando a repor pratos e copos. A comida havia se multiplicado e demorei a entender que cada um trouxera algum prato entre doces e salgados. A bebida era variada. Marcel e Guilherme se revezavam como barman e por isso não tomei duas vezes o mesmo sabor de batida.

Meu irmão de criação dividia sua atenção entre os convidados me auxiliando. Cuidei para que todos pudessem trocar palavras comigo, conversando sobre assuntos que lhe agradassem. Respondia a todas as perguntas que me eram feitas e ouvia atentamente quando me contavam algo.

As horas passaram muito rápido. É sempre assim quando a gente se diverte. Ao contrário, se arrastam quando estamos tristes. Só percebi quando minha tia e a família vizinha se aproximaram para se despedir o quão tarde estava. Abri os presentes deles para agradecer devidamente e aproveitei para desvendar todos.

Após isso, meus colegas de trabalho também se foram. Acordariam cedo no outro dia. Marcel foi com eles. Pareceu relutar por um momento, mas se foi ao chamado insistente de

Priscila. Suspirei na porta vendo-os partir. Guilherme chegou por trás e me envolveu pela cintura. Mal percebi quando jipe arrancou depois disso.

— Quer ver o barco agora? – sussurrou em meu ouvido.

Concordei e deixamos os outros entretidos com minha tv e notebook. Caminhamos de mãos dadas até o porto enquanto conversávamos.

— Obrigada por tudo, Gui – cortei o assunto sem importância.

— Ainda nem te dei meu presente – piscou um olho para mim.

— Sei que você é responsável pela festa.

Ele não respondeu e parou a caminhada. Deu um tranco no meu braço me puxando contra seu corpo. Seus lábios encontraram os meus famintos, como me lembrava deles. Correspondi da mesma forma com um misto de desejo e gratidão. Seu presente sempre seria bom, muito bom.

— Vamos para o barco – murmurou em minha boca.

O porto era próximo, na baía de Santo Antônio, no extremo norte da ilha principal. Ancoradouro natural, um molhe de pedra foi construído para atracar navios de pequeno porte e se estendia a partir da encosta até o meio da baía em formato de L. Os maiores ficavam ancorados a cerca de quinhentos metros da praia porque uma embarcação grega afundara naquela área.

O Forte de Santo Antônio, que batizou toda a região, foi a primeira fortificação da ilha principal e já estava bastante arruinado. Restos do primeiro molhe construído durante a guerra para descarregar canhões ainda podiam ser avistados. Porém, atualmente abrigava somente embarcações de pesca e turismo. Ali nascia a BR 363 que, depois de atravessar toda a ilha em diagonal, terminava na Baía Sueste no lado do mar de fora.

Mas não foi o cenário nem as edificações histórias que vi naquele momento. O barco do meu amigo chamou minha atenção assim que avistamos o porto. Era diferente de todos que estava acostumada a ver ali, mais sofisticada apesar do tamanho semelhante a muitos que circulavam com turistas. Era mais novo também.

Guilherme me ajudou a embarcar e enquanto invadia vasculhando e fuçando em tudo, ele colocou o barco em movimento. Subi no convés superior e fiquei maravilhada observando o desenho das luzes que formavam as dimensões territoriais da ilha principal. Não nos afastamos muito e assim que parou, meu amigo se juntou a mim.

Deitamos calados contemplando o céu limpo e estrelado daquela noite fresca e pensei como havia sido boa a festa esperada, porém improvisada. A surpresa superou as expectativas. Guilherme fora incrível em cada detalhe. E até aquela oportunidade única de estar sobre o mar e sob as estrelas era obra dele.

— Obrigada de novo, Gui. Tudo está maravilhoso e seu barco é lindo.

— *Você é linda e merece tudo de bom.*

Eu me virei para ele com os olhos marejados. Não pensava o mesmo de mim mesma, mas fiquei emocionada com suas palavras que soaram tão sinceras. Engasgada, não consegui dizer mais nada e o envolvi em um abraço caloroso e um beijo apimentado. Acho que estava um pouco alterada pelo álcool, mas totalmente ciente de meus atos.

Minha pele queimava onde Guilherme tocava e beijava. Quanto tempo fazia que não vivia um momento como aquele? A ansiedade, o desejo e o tempo me confundiram entre a pressa e a degustação do prazer. Para que atrasar o fim? Para que alcançá-lo logo? Queria desfrutar com intensidade cada segundo e, ao mesmo tempo, que eles voassem e fizessem meu corpo chegar ao êxtase.

Pensei que a fome que me acometia era como um desejo inesperado por chocolate. Devorá-lo de uma vez para saciar logo a vontade ou saboreá-lo lentamente, prolongando o prazer que poderia me proporcionar? Comer de novo seria gula?

Meus pensamentos se perderam quando Guilherme, controlado por sua própria ânsia – que parecia semelhante a minha – entregou em meus braços seu corpo, reduto de prazeres carnavais infundáveis, que era meu primeiro e último presente daquele aniversário.

Nus, sob o céu azul-marinho pontilhado de cintilantes estrelas e sobre aquele mar plácido infinito que refletia a luz da lua e da civilização, nos entregamos um ao outro encerrando aquela noite de comemoração da melhor maneira que podia desejar: amando e sendo amada.

Algo remexeu em meu estômago naquele momento e não era fome. Sabia o que estava vindo. Apertei os olhos com força respirando fundo e compassado a fim de afastar aquela sensação que tentava me sufocar. A morte seria mais fácil do que enfrentar a dor que ameaçava me dilacerar.

Engoli ruidosamente e senti Guilherme se mexer. Abri os olhos e antes que ele pudesse me prender ou fazer perguntas que não queria responder, rolei para a beirada do convés. Precisei de um segundo apenas para me levantar e no instante seguinte estava voando. O impulso me levou mais longe do que imaginava ser capaz de alcançar.

O vento mais fresco do que meu corpo causou um arrepio sedoso enquanto o desconforto em meu estômago vibrava e crescia. Não demorou muito e a água escura e levemente gelada me encobriu totalmente. Não fechei os olhos enquanto afundava cada vez mais devido a força com que pulei. Era corajosa suficiente para encarar a escuridão de frente.

Seja bem-vinda!, cumprimentei-a enquanto meu corpo perdia a atração da gravidade e flutuava. Havia uma chance de que a dor fosse aplacada agora. Já estava acalmando, mas será que voltaria?

BIOGRAFIA

JOSY STOQ UE, também conhecida pelo pseudônimo Josy Tortaro, paulista, pisciana e sonhadora, é publicitária por formação e escritora por vocação. Marcada a Fogo foi indicado ao prêmio literário Codex de Ouro 2013.

Blog: <http://sagaosquatroelementos.blogspot.com.br>

FanPage: <http://www.facebook.com.br/sagaOsQuatroElementos>

Twitter: http://www.twitter.com/S_Os4Elementos

Outras obras:

ESTRELA – Em Busca do Brilho Eterno, conto de fadas (romance Young Adult):

Blog: <http://livroestrela.blogspot.com.br>

FanPage: <http://www.facebook.com.br/EstrelaLivro>

INSENSATEZ, romance hot (New Adult) escrito com **GISELE GALINDO**:

Blog: <http://livroinsensatez.blogspot.com.br>

FanPage: <http://www.facebook.com.br/LivroInsensatez>

PURO ÊXTASE, romance erótico, libertador, controverso (para maiores de 18 anos):

FanPage: <http://www.facebook.com.br/LivroPuroExtase>

LEVANTA, PRINCESA, A ABÓBORA VIROU CARRUAGEM, conto com o mesma pegada erótica de **Puro Êxtase**.

Fale com a autora:

Site: <http://www.josystoque.com.br>

FanPage: <http://www.facebook.com.br/JosyStoqueAutora>

Twitter: <http://www.twitter.com/JosyStoque>

E-mail: stoque.josy@gmail.com